

marc boulet

A história real de um jornalista
que viveu entre os intocáveis,
os homens mais discriminados da Índia

NA PELE DE UM DALIT



B
BERTRAND BRASIL



M A R C B O U L E T

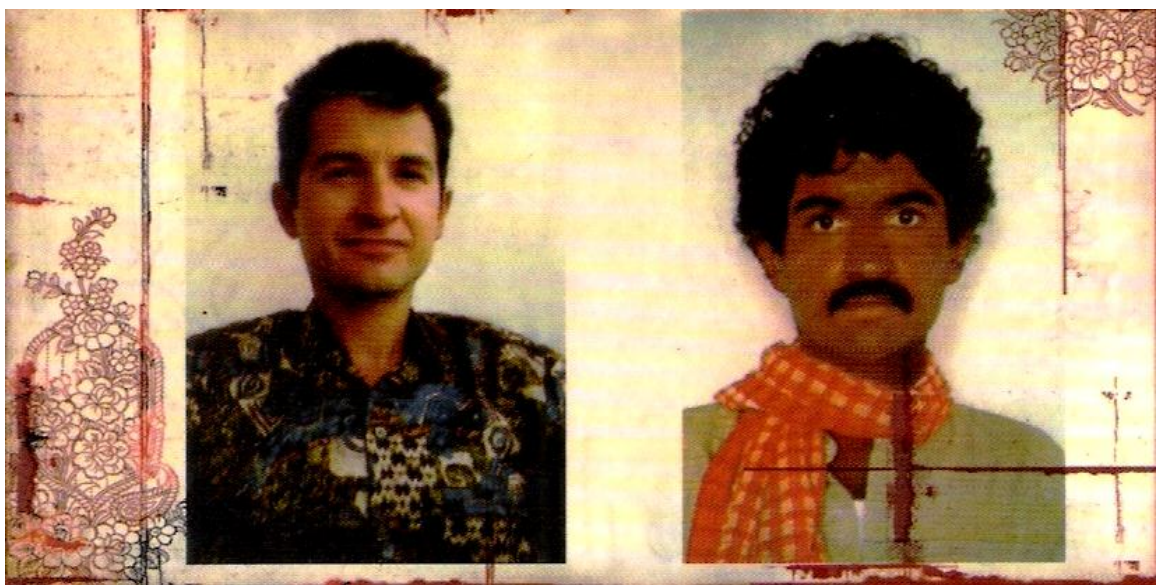
नमः प्रद्योत वेद प्रल
वेद्योऽत

Tradução

Ana Luísa Dantas Borges

2ª edição

B
BERTRAND BRASIL



Na Pele de um Dalit

A História Real de um Jornalista que Viveu entre os Intocáveis, os Homens mais Discriminados da Índia

Marc Boulet

7 de fevereiro de 1992

Acabo de assinar o contrato. Para um escritor, convencer um editor e receber um adiantamento dos direitos autorais é o mesmo que um desempregado encontrar trabalho.

E mais ainda.

Terei o que fazer durante um ano e dinheiro suficiente para viver. Além disso, escreverei um livro que será publicado e que talvez me proporcione riqueza e celebridade. Posso sonhar.

Eu me dispus a me metamorfosear em indiano intocável. Uma velha idéia que não me sai da cabeça há dois ou três anos. O que aconteceria se um francês bem alimentado, criado no conforto da sociedade ocidental, se

transformasse repentinamente em um dos seres mais indigentes do planeta: indiano e intocável? Como suportaria esse novo tipo de vida? Como veria o mundo? Experimentaria as mesmas alegrias, dores e sensações de antes? Descobriria a Índia, país fabuloso, com seus marajás, caçadas aos tigres em selvas impressionantes, habitadas por papagaios e elefantes, templos barrocos e sábios meditando sobre tábuas com pregos, vacas sagradas, os horríveis leprosos e o mendigo mirrado que morre diante do turista, sobre uma calçada em Calcutá. Tantas imagens de Épinal, visões exóticas que a metamorfose em intocável indiano sem dúvida destruiria.

Em primeiro lugar devo explicar brevemente quem são os intocáveis. Oitenta e três por cento dos indianos são hindus, divididos em duas a três mil castas - grupos hereditários, segregativos e endógamos, muitas vezes ligados a uma profissão, e hierarquizados segundo o grau de pureza higiênica e religiosa. Ao mesmo tempo, as castas se reúnem no sistema global dos quatro varna, ou ordens tradicionais: no alto, os brâmanes, depois os kshatriya, os vaishya e, ao pé da pirâmide, a massa dos shudra. Respectivamente: os sacerdotes, os guerreiros, os comerciantes e os servos, nascidos da boca, dos braços, das coxas e dos pés de Brahma, deus criador do universo.

As três primeiras ordens eram constituídas, em sua origem, pelos arianos, termo que significa "nobres", em sânscrito. Oriundo das estepes da Ásia Central, esse povo colonizou o Norte da Índia há três ou quatro mil anos. Impôs sua religião, que estabeleceu os fundamentos do hinduísmo. Essas três classes superiores são consideradas nascidas duas vezes, pois os meninos se submetem a uma iniciação ritual que simboliza um segundo nascimento, uma espécie de batismo hindu, no fim do qual a criança usa um janeu. Esse cordão de algodão penderá a tiracolo sobre o ombro esquerdo até sua morte.

Em contraste, os shudra, trabalhadores manuais, de origem supostamente pré-ariana, não podem usar esse cordão sagrado. Saídos dos pés do Criador, são inferiores. Abrangem os leiteiros, barbeiros, pescadores, ferreiros etc. Homens inferiores a serviço das três ordens superiores. Tradicionalmente, se

um shudra escutasse os textos sagrados hindus, seria preciso verter chumbo em seus ouvidos; se os recitasse, sua língua deveria ser cortada; se os recordasse, deveria ser desmembrado.

Existem castas ainda "mais inferiores", tão abjetas que não foram geradas pelo Criador. Situam-se fora do sistema dos quatro varna e constituem o lado indiano inútil. São os intocáveis, os chandal, os descendentes dos bastardos míticos gerados na união sexual de um shudra com uma brâmane. O pior dos híbridos, segundo a ideologia hindu, classificado no nível do cachorro e do porco. Na realidade, os intocáveis seriam shudra sujos. Isto é, aborígenes convertidos pelos arianos ao hinduísmo, mas cujos costumes e profissões, extremamente degradantes aos olhos dos brâmanes, excluem suas castas do sistema dos varna. Os garis, as lavadeiras, os que transportam os mortos até a sepultura, os sapateiros, os que extraem o sumo das palmeiras são intocáveis. São imundos. O sapateiro esfola os animais mortos, a lavadeira lava a roupa suja, o transportador de defuntos mexe com cadáveres... Suas atividades deixam nódoas impuras permanentes, que sujam aquele que os toca. Vivem em bairros específicos, separados dos outros.

Até mesmo sua sombra pode poluir. Antigamente, era-lhes proibido entrar na cidade de Puna antes das nove horas da manhã e depois das três horas da tarde, pois as sombras de seus corpos, muito longas sob o sol rasante, podiam cair sobre um membro de uma casta superior e sujá-lo. Em Maharashtra, um intocável não podia cuspir na rua porque arriscava poluir aquele que pisasse em seu cuspe, e devia carregar um pote de terra preso ao pescoço para escarrar dentro dele. Se um brâmane cruzasse seu caminho, devia se deitar no chão, para não criar sombra. No Punjab, quando um gari saía à rua, supostamente deveria levar uma vassoura sob o braço para indicar sua casta, e deveria gritar para advertir a população de sua presença poluente. Na costa de Malabar, os que extraíam o sumo das palmeiras eram tão indignos que não podiam usar nem guarda-chuva, nem sapatos, nem joias de ouro.

Isso foi antigamente. Após a independência da Índia, em 1947, a intocabilidade e a discriminação de casta foram abolidas pela Constituição.

Atualmente, os intocáveis são chamados pudicamente de "castas repertoriadas" ou "filhos de Deus" - termo gandhiano, que os intocáveis consideram condescendente. No papel, todos os templos, lojas, restaurantes, poços, escolas, estradas lhes são acessíveis sem restrições e o Estado lhes reserva cadeiras no Parlamento e empregos na administração para elevar sua condição. Com a modernização da sociedade, muitos deixaram de exercer sua atividade tradicional. São camponeses, operários, alfaiates, comerciantes, pequenos funcionários, mas, na realidade, isso não muda em nada sua intangibilidade. Pertencem à casta indigna de seus ancestrais e continuam a ocupar o patamar mais baixo da escala social.

Os intocáveis somam aproximadamente 130 milhões, ou seja, 15% da população indiana; a eles se acrescentam 65 milhões de aborígenes autênticos que vivem na selva e que são igualmente considerados intocáveis, por causa de seus costumes tribais, e conseqüentemente primitivos e impuros. Grosso modo, um em quatro indianos é intocável, o que representa uma em 28 pessoas no mundo.

Além disso, essa discriminação, fundamentada em uma impureza imaginária, é indelével, assim como a cor da pele. Um homem não pode mudar de casta durante sua existência presente. Só a reencarnação lhe permite renascer em uma condição melhor ou pior, em função de suas ações passadas, boas ou más. Todos sabem que os corvos são pretos e o mundo é injusto, mas o sistema de castas - ao contrário do sistema de classes, que recompensa o mérito na vida atual - aprisiona o indivíduo, impedindo qualquer ascensão social.

A intangibilidade parece uma discriminação tão monstruosa quanto o racismo e, para estudá-la, conhecer a verdade, devo me tornar um intocável.

Isso é discutível. Se eu fosse razoável, não teria assinado o contrato com a editora. Sem trabalho nem qualificação, eu poderia me inserir no RMI. Além disso, quero desempenhar o papel duplo de intocável e de mendigo. De acordo com o Ministério de Assuntos Sociais da Índia, o país possui um milhão e meio de mendigos. A maior parte dos intocáveis não mendiga, e os mendigos provêm de todas as castas. Esse papel duplo me permitiria tocar o

fundo da miséria humana.

Minha mulher, Gloire, e meus pais dizem que sou louco de planejar essa experiência, que posso perder a vida. As imagens de favelas, leprosos, mortos e crianças esqueléticas nas calçadas de Calcutá os confundem. Como contradizê-los? Claro que tenho medo de me deparar com essa miséria, mas, em Paris, fico girando em círculos como um peixinho em seu pequeno jarro redondo. Preciso do sol dos trópicos, dos rios gigantescos, das cidades distantes e das selvas exuberantes. Depois de viver Na pele de um chinês, nos anos 80, quero saborear uma nova aventura, existir a cem por hora. Que cada minuto dessa metamorfose fique gravado em minha memória até minha morte.

Refleti bastante sobre o método. Primeiro, aprenderei o hindi, a mais falada das 1.652 línguas arroladas na Índia. Permanecerei seis meses na França, mais três meses de prática na Índia, para dominar a linguagem coloquial e a gíria. Isso deverá bastar. O estudo de línguas me atrai. Já conheço seis, entre as quais o albanês, o chinês e o coreano; sou diplomado pela Escola de Línguas Orientais. É evidente que em tão pouco tempo meu hindi nunca será tão perfeito quanto o de um indiano nato.

Eis o meu plano. Serei indiano na planície do Ganges. Sem dúvida em Benares, a Meca dos hindus, no Estado de Uttar Pradesh. Essa província de 140 milhões de habitantes, a mais populosa da União indiana, corresponde à terra do bramismo. A população fala o hindi e, com 21% de intocáveis, percentagem superior à média nacional, seu sistema de castas ainda é rigoroso, principalmente no leste, isto é, em Benares. Como para Na pele de um chinês me metamorfosearei em membro de uma etnia rara, que possui sua própria língua. Isso justificará minha falta de fluência no hindi. Serei um membro dos Munda, tribo aborígine de 1.000.000 de indivíduos, 80% convertidos ao hinduísmo. Habitam as selvas do Bihar, no sul, a centenas de quilômetros de Benares. Assim, eu me tornarei intocável e reduzirei o risco de encontrar outro membro de minha casta, bastante minoritária, um Munda que talvez me desmascarasse.

Meu editor, cético, argumenta que os aborígenes indianos possuem traços mongolóides ou negróides, e que eu nunca conseguiria parecer com um

deles. Está enganado. Vi aborígenes do Deccan em uma reportagem sobre soldados aventureiros na televisão. Não informaram o nome de sua tribo, mas seus rostos pareciam arianos e devem existir tinturas para escurecer a cor da minha pele e do meu cabelo. Aliás, não pretendo parecer exatamente um aborígene, mas ser aceito como tal pelos indianos de Benares. Não deve ser difícil. Com certeza nunca viram um Munda verdadeiro. Da mesma maneira, a maioria dos franceses não reconheceria um verdadeiro taitiano, ignorando que dobra os "r", que pode ser polinésio, branco ou chinês. Não sabem com que se parece, mas ouviram falar dele, sua existência é plausível, e não é da natureza humana duvidar a priori da palavra de um desconhecido que reivindica uma identidade modesta.

Convenci meu editor.

12 de março de 1992

Aprendo hindi há um mês. Sigo o método inglês autodidata Teach Yourself Hindi (Aprenda o hindi sozinho).

Primeiro memorizei os caracteres devanágari (escrita usada para o sânscrito, o hindi e outras línguas indo-arianas). Levei uma semana recopiando esse alfabeto quatro horas por dia. É composto de 11 vogais, 40 consoantes simples e mais de 200 consoantes compostas.

Isso ocorre em todas as línguas sem alfabeto romano. Para o leigo, sua escrita se assemelha ao excremento de moscas ou à caligrafia, aos hieróglifos, à pintura. É bonita, e o hindi nos faz pensar em linhas de pequenas aletrias que se enroscam e se combinam em arabescos. Isso me faz lembrar de quando aprendia chinês e coreano, e achava a escrita muito bonita. Depois, repentinamente, sabemos decifrar a sujidade de moscas e a escrita perde o mistério. Não vemos mais as relações geométricas, nem a arquitetura dos caracteres, mas somente o som e o sentido. E passamos a construir uma palavra, uma frase, uma idéia.

Atualmente, trabalho o método quatro horas diárias. Aprendo a gramática, o vocabulário e também a pronúncia, escutando a fita que o acompanha. Quatro horas por dia, sem falta. A regularidade é necessária para a

assimilação eficaz de uma língua.

O que mais me surpreende no estudo - e, sem dúvida, é uma tolice - é que os indianos, mesmo com palavras diferentes, pensam como nós. Os sons são diferentes, mas as grandes idéias sobre a vida cotidiana coincidem. No entanto, há particularidades divertidas. Em hindi, ontem e amanhã se traduzem pela mesma palavra, kal, isto é, "um dia além" - para trás ou para a frente. Revela a indolência legendária dos indianos? Gosto desse tipo de indagação.

18 de maio

Parto em dois meses.

Tenho medo. Doenças, fome, miséria. Onde vou dormir? Em que calçada? O que vou comer? Nunca fiquei com o estômago vazio. Para enchê-lo, deverei fuçar as latas de lixo, os despejos de sujeiras que decoram as encruzilhadas das cidades indianas?

Quem serão meus amigos? Esta noite jantarei confortavelmente na França, e, no mesmo instante, em Benares, com a diferença do fuso horário, aqueles de quem me tornarei amigo, irmão, deverão estar procurando um canto onde passar a noite...

De uma viagem turística de cinco meses na Índia, em 1990-1991, guardo a lembrança de uma sociedade de indigência extrema, onde lavar a cabeça com um pouco de xampu é um luxo, onde o óleo comestível é vendido por centilitro, o açúcar por hectograma e cigarros por unidade. Na Índia, 40% da população vivem abaixo do limiar da pobreza. Os pobres são realmente pobres. Só possuem o corpo. Não ganham salário mínimo, nem são beneficiados com o RMI, que permite comprar carne, legumes e frutas todos os dias, pagar um aluguel com água corrente, eletricidade, geladeira e televisão.

Isso não significa que os indianos pobres vivam sem sentir nenhuma felicidade. Assim espero. Nessa aventura, farei novos amigos, descobrirei prazeres desconhecidos. Sem dúvida. Quero me convencer disso, esquecer as favelas e a imundície. Devo domar meu medo. Essa metamorfose

enriquecerá meu conhecimento sobre os outros e sobre mim mesmo. Eu me fortalecerei.

Estarei sendo ingênuo acreditando na virtude transformadora de uma aventura?

2 de junho

Bernard Levy-Klotz é um amigo dermatologista. É um médico aberto e competente. Posso lhe perguntar como escurecer a cor de minha pele; sei que não propalará meu projeto.

Não o vejo há três anos, mas ele não mudou. De 35 a 40 anos, baixinho, cabelos castanhos e sempre com um sorriso no canto dos lábios. Ele me aperta a mão e me introduz no consultório. Não inicia a consulta discutindo minha saúde ou a meteorologia. Ele diz:

- Está partindo para a China ou chegando de lá?

- Não, desta vez, vou para a Índia.

Serei sucinto. Eu lhe explico que tenho a intenção de me transformar em indiano. Mas minha pele é muito clara. Conhece algum método para escurecê-la? Existem medicamentos?

Ele reflete e consulta suas fichas. Depois, liga para um colega e pergunta que método utilizaria para escurecer a pele. O outro deve interrogá-lo sobre minha enfermidade, pois ele responde, lançando-me um sorriso, que esse paciente é um caso especial, que não pode explicar. Trocam nomes de substâncias e, em dois minutos, examinam o problema. Não existem muitas soluções.

- Bem, poderemos tatuá-lo, mas o resultado será definitivo. Sem dúvida, deve estar querendo algo reversível. Prescrevo metoxipsoraleno. É uma substância que aumenta a quantidade de melanina, o pigmento marrom que cobre a pele. Tomará um a três comprimidos por dia, antes de se expor ao sol.

- É eficaz?

- Bronzeia. Na clínica, com lâmpadas ultravioleta, nós o utilizamos para tratar de pessoas com vitiligo.

O vitiligo é uma doença que provoca a despigmentação da pele e deixa grandes placas brancas no rosto e no corpo. Suspeitava que o metoxipsoraleno era destinado aos aventureiros com minha índole.

- Se tomar um ou dois comprimidos e se expuser à luz do dia, irá se bronzear como se tivesse passado um fim de semana na neve.

- É perigoso para a pele?

- É cancerígeno.

Tranquilizador! Ele é mais preciso:

- É cancerígeno depois de muito tempo. Mas você só o tomará durante algumas semanas. Não há riscos. Deverá usar óculos escuros durante a exposição ao sol, para proteger os olhos...

- Quantos dias precisarei para me parecer com um indiano?

- Não sei. É a primeira vez que me confronto com uma experiência assim. Você devia se testar. Comece por um comprimido, depois dois, em seguida três, em cada sessão de exposição. Como sentirá o sol, prescreverei a pomada Biafine, e se a queimadura for mais grave, passará um creme de cortisona. Além disso, para obter o tom chocolate da pele dos indianos, talvez seja preciso se untar com uma solução de nitrato de prata. Sob a ação da luz, bronzeará sua pele. É como um filme para foto. Deixamos de utilizá-la para tratar de manchas causadas por despigmentação porque os sais de prata provocam um matiz muito escuro e fosco. Mas para se tornar um indiano, poderá ser útil. Só com o metoxipsoraleno, o bronzeado seria um dourado à moda européia. Deveria também tentar uma emulsão autobronzeadora como complemento.

- E a cor durará quantos dias?

- A epiderme se renova a cada três semanas. Durará esse tempo, eu acho...

Ele me pergunta que tipo de indiano pretendo imitar.

Eu temia essa pergunta. Deliberadamente, não lhe conto que me disfarçarei de intocável e mendigo. Divulgá-lo daria a imagem de um jornalista superficial que busca o sensacionalismo. E não quero me tornar um indiano e arriscar minha vida para realizar uma façanha, uma proeza. Essa aventura é um assunto entre mim e os pobres.

Balbucio qualquer coisa, ele repete a pergunta e confesso a verdade. Ele

responde:

- Eu já suspeitava!

Eu também imaginava que ele replicaria assim. A imagem do repórter Tintin, que corre atrás do sensacional fácil, me persegue desde meu livro *Dans la peau d'un Chinois*. Nunca li uma única revista de Tintin e, se nesse livro eu falo de drogas, prostitutas e meninos de rua, não é para chocar os leitores. Há quem se interesse pela poesia da dinastia Tang, pela acupuntura, pela caligrafia, pela Grande Muralha, pelo taijiquan (o boxe chinês). Na China, era o amor que me fascinava, e freqüentei os meninos de rua pelo prazer de sua companhia. Ao retornar a Paris, contei minhas experiências. É tudo. É verdade que os pássaros com a mesma plumagem voam juntos; isso eu admito, mas não busco o sensacionalismo. Quero apenas conhecer o mundo. Aos 27 anos, visitei os bordéis chineses. Hoje, aos 32, quero me tornar intocável e mendigo. O doutor Levy-Klotz me ouviu atentamente. Acrescento que a investigação não pretende se limitar à miserabilidade. Espero não sofrer muito e até mesmo apreciar os prazeres desconhecidos dos intocáveis. Se é que existem...

14 de junho

Na semana passada, testei, durante três dias, a emulsão autobronzeadora em meu braço esquerdo. Uma mentira. Nenhuma diferença de pigmentação entre os dois braços.

Ontem e hoje, experimentei o metoxipsoraleno. Tomei um comprimido e passei a manhã em uma cadeira ao sol, com uma venda sobre os olhos. Isso funciona, pois me bronzeei bem. À tarde, passei duas vezes a solução de nitrato de prata no braço esquerdo e o expus à luz durante meia hora. O resultado salta aos olhos. Cada camada de nitrato de prata tornou a pele da cor do tabaco, como uma película fina de fuligem, porém com mais cor de ferrugem, e resistente à água e ao sabonete. Em compensação, fiz a tolice de passar o nitrato sem luvas. Isso fez minha mão direita ficar nojenta: a palma marrom e os dedos e unhas de um amarelo baço, como os de um cara que fumasse 10 maços de cigarros por dia e limpasse motores em uma oficina.

Na Índia, para minha metamorfose, me untarei com luvas e, quando for pintar as mãos, será preciso contornar seu interior e as unhas, pois os indianos, assim como os negros, têm as palmas e as unhas claras.

Os indianos têm a pele cor de chocolate, com nuances que vão do chocolate branco ao chocolate preto, passando pelo chocolate com leite. Há os muito pálidos, principalmente no Norte, e não é indispensável ter a pele escura para passar por um deles. Mas a maior parte é de cor baça, de pele morena. Com o metoxipsoraleno e o nitrato de prata, mais uma tinta preta no cabelo, eu me incorporarei à massa.

O domínio do hindi também me ajudará. Terminei o estudo, segundo o método inglês, no começo de abril. Depois, li revistas populares e um romance policial: *Les Mains de la mort* (As mãos da morte). Não é nem de Peter Cheney, nem de Conan Doyle, mas literatura de metrô. É rico em diálogos e expressões correntes, o que devo aprofundar. Conheço todas as estruturas gramaticais e cerca de 2.000 palavras do vocabulário. Quando chegar à Índia, daqui a um mês, quero ser capaz de ler, sem dicionário, um jornal de grande público. Ali, só terei de praticar a língua, adquirir fluência e velocidade.

Acho que vou conseguir.

Todas as manhãs passo quatro horas traduzindo *Les Mains de La mort*. Ainda utilizo um dicionário, mas não tropeço mais nas dificuldades gramaticais, nem na linguagem coloquial dos diálogos. Eu me deparei com trechos surpreendentes.

Por exemplo, na página 13, um homem explica à amante por que ele odeia a esposa:

“Ela me causa repugnância. Seu corpo é coberto de pelos espessos. Quando os raspa, desabrocham como ganchos e me tiram a pele ao me roçar nela.”

“É uma mulher ou um urso?”

“É um gorila! Um gorila!”

Na página 24, a discussão entre duas mulheres jovens, belas e ricas sobre um gigolô:

“E como anda Gautam?”

“É o tipo de cachorro que está sempre pronto a lambe as cadelas, uma atrás da outra.”

“Por que ele age assim?”

Na página seguinte, ainda as duas garotas:

“Tara tomou Suman em seus braços e fez amor com ela, como faria com um homem.”

Essa literatura, publicada em livro de bolso e destinada ao grande público local, mostra os indianos como pessoas de carne e osso. Nossos semelhantes.

A mesma linguagem, os mesmos vícios. De fato, isso me tranqüiliza.

1º. de julho

Esta noite tive um pesadelo. Isso me acontece raramente. Foi horrível e acordei repentinamente, molhado de suor.

Eu morava na Índia. Em Benares. Eu era intocável. Usava sobre o corpo um pano sujo de terra e rasgado. Dormia na rua e comia o que encontrava em um monte de lixo. Era penoso, muito pior do que tinha imaginado. Sentia calor, estava sujo, pegajoso, e crostas amareladas de impetigo cobriam meu rosto. Sofria de úlcera no estômago e de tifo. Ninguém prestava atenção em mim. Não tinha remédios e ia morrer.

Amanhece. Na rua, os pardais cantam e fico feliz por estar vivo, na França, em uma cama com lençóis limpos.

Devo partir em 17 dias. Gostaria de cancelar o projeto, desfazer o contrato com o editor.

18 de julho

Finalmente parti. Gloire, minha mulher, me acompanha. Ela me fotografará e filmará durante a metamorfose.

Saber o que não se quer já ajuda. Eu sabia que não queria ficar na França. Isso me deu coragem de tomar o avião. Vôo 178 da Air France, destino:

Nova Délhi. Nosso Boeing 747 aterrissará amanhã, no começo da tarde. Neste momento, não me atormento com o porquê da minha existência ou desta viagem. As aeromoças oferecem bebidas aos passageiros e eu bebo Veuve Clicquot. É bom. A 10.000 metros de altitude, em pleno céu, não é melhor que em terra, mas é de graça. Meu vizinho da direita, um indiano de uns 40 anos, fica na Coca. Sem rum. Também não é ruim, mas prefiro o Veuve Clicquot. Ele não. Para os indianos religiosos, o álcool é uma bebida impura.

Conversamos em hindi. É a primeira vez que pratico o idioma. Tenho medo. Falo devagar, cometendo muitos erros de conjugações e declinações, mas meu interlocutor me compreende. Fico feliz.

Ele se chama Basi. Não é alto nem gordo, tem apenas uma ligeira barriga, não dissimulada, que sugere bom êxito social, bigode e cabelo pretos, cor de azeviche, untado de muito óleo. É um kshatriya do Punjab, isto é, pertence à nata da hierarquia hindu das castas. Naturalizado britânico, não retornava à Índia havia 17 anos. Ele usa um relógio, mas a cada 20 minutos pede que eu veja as horas no de minha mulher - eu não uso, porque me deixa tenso. Depois me pede para calcular quanto tempo falta para tornar a pisar o solo indiano. Está muito agitado e o compreendo. Foram 17 anos! Ele é cordial. Pergunto se é feliz na nova pátria, se gosta da Inglaterra.

- Tenho uma casa de doces e salgados perto de Londres – ele diz. - E ganho muito dinheiro. É bom.

- A Inglaterra'?

- Sim. Faço croissants, bisnagas francesas. Agrada e rende bem. Na Inglaterra, é possível ganhar muito dinheiro...

É isso. Ele se chama Basi. Um hindu da classe tradicional superior dos guerreiros que se tornou padeiro e doceiro em Londres. Não bebe álcool e ganha dinheiro. Foi meu primeiro contato em hindi com a Índia.

Na Índia

19 de julho

Délhi! Délhi!

Foi assim. Desembarcamos, passamos pela alfândega e subimos em um ônibus completamente desconjuntado. Direção: centro da cidade, estação ferroviária.

Época da monção. Um sol perverso castiga e o ar úmido que cola na pele parece muito respirado. Não é uma maneira de dizer: mais de 9.000.000 de indivíduos vivem aqui. Sem contar o milhão de vacas com os rabos sujos de merda que se arrastam pelo meio das ruas.

Aí está Délhi! E é a capital da Índia.

Depois dos bairros verdejantes do governo e das embaixadas da nova Délhi, caímos no coração da metrópole. É Connaught Place, considerado, nas províncias indianas, um dos lugares mais modernos do mundo.

Chegando de Paris, Connaught Place parece uma cidade em ruínas. Prédios tão rachados e tão sem reboco que é difícil saber sua idade; fachadas cobertas de velhos cartazes e bandeiras oscilantes. O comércio nas arcadas em torno da praça está deserto neste domingo e papéis engordurados, cascas de amendoim e de banana cobrem as calçadas.

Desço na estação e torno a subir na direção de Paharganj, procurando um hotel. Em setembro de 1990, um ônibus do aeroporto também me deixara aqui. Só que às quatro horas da manhã. Era meu primeiro dia na Índia e ignorava tudo a respeito do país. Foi um choque. As ruas não estavam iluminadas e uma chusma de homens vestidos de trapos sujos de terra dormia na calçada, entre as vacas. Cheiravam a esterco e pisei várias vezes neles. Délhi parecia uma fazenda. Porém inquietante, com centenas de desabrigados maltrapilhos vivendo como animais. Eu saltava por cima dos corpos. Prestava atenção para não chutar ninguém. Sentia medo. Medo de levar uma chifrada ou de ser assaltado. Em um cruzamento, caras pretas escolhiam trapos em sacos plásticos e caixas de papelão. Assobiaram para mim. Depois riram em uma língua incompreensível. Passei a mochila para a

frente, apertei-a contra o peito e segui meu caminho. A cada cinco minutos, uma sombra com um jinriquixá surgia não sei de onde e insistia em propor seus serviços. O homem usava uma camiseta e uma calça ou pareô rasgados. Causava pena, mas eu não queria ser detido e me recusava a subir em seu carrinho. Ele tentava durante dois ou três minutos, o que é muito tempo, e então surgia um outro.

Nesta tarde, o sol queima Délhi e a chusma de homens que dormem na rua ainda não ocupa a calçada. Mas estou bem na Índia. Enxames de moscas me seguem e a atmosfera fede como latrinas. Não estou exagerando. Os homens urinam em volta da estação, agachados ou em pé, onde lhes dá vontade, sem se ocultarem, e, geralmente, perto de uma parede. Alguns aproveitam para evacuar bastante. Sem a menor cerimônia. Ao terminarem, tornam a vestir a calça e bye-bye! As fezes ficam ali e enriquecem o perfume de urina. Com o calor, tudo isso fermenta.

Alugo um quarto no hotel Anoop. Não é nenhum palácio, mas, quando lá estive, em fevereiro de 1991, oferecia quartos limpos e espaçosos, considerando a tarifa. Esta gira sempre em torno de seis dólares por 24 horas em um quarto duplo, sem janelas. Voltarei a falar nisso.

Em 1991, esse pequeno prédio de três andares estava em obras. Somente a metade dos quartos estava pronta e as máquinas silenciavam à meia-noite para nos despertar antes do alvorecer. Às vezes, a água era cortada para consertarem o encanamento e alcançávamos nossos quartos por uma escada coberta de entulhos... Os quartos mediam uns 15 metros quadrados, com as paredes revestidas de mármore nos dois terços inferiores, com roupa de cama nova e um grande banheiro com acessórios niquelados.

Julho de 1992. O mármore continua lá.

Os quartos do hotel Anoop, em compensação, envelheceram no mínimo 20 anos. A luz do dia nunca penetra na maior parte, que possui apenas janelas pequenas que se abrem para corredores. Esses buracos de ratos dão a ilusão de noite eterna ao viajante estrangeiro, o que lhe facilita o sono para se adaptar à mudança de fuso horário. A iluminação provém de lâmpadas

fluorescentes, e não há nenhuma ventilação. As pás do enorme ventilador de teto agitam o ar abafado e úmido proveniente do banheiro. A água transpira ao longo das paredes, e a pintura creme do terço superior e do teto está totalmente mofada, dilatada, descascada, como se os quartos tivessem sido pintados antes da Independência, em 1947, e depois abandonados. Com essa umidade, a ferrugem corroeu os acessórios do banheiro. É preciso mencionar as torneiras que não abrem, o sifão sumido na pia, a água jorrando direto pelo cano em seus pés e o colchão que balança.

22 de julho

Cheguei ontem em Benares. É a mais sagrada das cidades hindus. Possui 800.000 habitantes, 2.000 templos e milhares de peregrinos chegam diariamente para se banhar nas águas purificadoras do Ganges, para lavarem suas faltas. Também vêm para morrer. Shiva, o deus destruidor, o terceiro da trindade hindu, é a divindade tutelar. Confia a todos que são incinerados a fórmula mágica que os liberta do ciclo das reencarnações. Segundo o Bhagavad-Gita, "o que nasceu deve morrer, o que morreu deve renascer", sem interrupção, em existências sucessivas. Morrer é mudar de pele, como se muda de roupa. Somente a interrupção desse mecanismo de nascimentos e mortes infinitos libera a dor de viver na Terra. A alma, então, se funde com a do universo: a visão hindu do paraíso. Uma cremação em Benares garante o acesso a ele, independente de seus méritos.

Fundada há 3.000 anos, contemporânea da Babilônia, Benares é, entre as ainda existentes, a cidade mais antiga do mundo. Mark Twain escreveu que "ela era mais velha que a história, as tradições, as lendas, e parecia duas vezes mais velha que as três reunidas". Também disse, a propósito do Ganges em Benares: "Acho que nenhum micróbio que se preze viveria em uma água dessas." O rio sagrado, na mitologia hindu, é personificado em uma deusa, mas tornou-se um esgoto, a céu aberto, de 2.600 quilômetros. Leva para o oceano todos os resíduos domésticos e industriais de sua bacia superpovoada, que representa um quarto da superfície da Índia. Há de tudo flutuando no Ganges: lixo, resíduos da destilação de petróleo, peixes

mortos, cadáveres de vacas...

Benares, Varanasi em hindi, se eleva na margem oeste do rio. A outra margem é maldita e deserta. No alto dos ghat, as largas escadas de pedra que dão no rio e formam suas ribanceiras, há vielas poeirentas, repletas de lixo, por onde as vacas vagueiam, e casas de muros espessos, coladas umas às outras, das quais algumas, muito gastas e rachadas, pendem perigosamente. Sente-se o cheiro de fritura, de leite, de latas de lixo e de suor. Fervilha de gente. A faixa de 500 metros de largura que margeia o rio lembra a Europa medieval. Em seguida, há a cidade moderna. Estende-se, como com tentáculos, sem originalidade, sem cor, sem tradição arquitetônica. É a Índia de depois da Independência. Prédios de dois ou três andares, quadrados, sem ornamentos, idênticos, ao longo de dezenas de quilômetros de ruas deterioradas, onde se atropelam carros, bicicletas, motos, jinriquixás, caminhões. Parecem datar dos anos 50. Nos documentários sobre essa época, vi tais tipos de veículos na França. Aqui, não são máquinas antigas, de coleção, mas máquinas novas.

Eu e minha mulher moramos na Ravindrapuri Colony. Hoje de manhã, alugamos o apartamento por um mês. Minha metamorfose seria difícil em um hotel.

Preciso de uma pousada calma, íntima, com uma entrada particular, por onde possa sair discretamente, quando me tornar indiano.

Ravindrapuri Colony é a avenida chique de Benares. Mede um quilômetro de comprimento por 20 metros de largura. Um canteiro central de cimento a divide em duas vias calçadas de pedras, às vezes asfaltadas, que provocam solavancos e cujos sulcos formados pelas rodas dos veículos estão sempre cheios de uma água escura. Aí, há 20 anos a selva e as palmeiras são abundantes. No verão, a casta intocável dos pasi sangra as inflorescências dessas árvores grandes para extrair um vinho espumante. Atualmente, existem na avenida centenas de mansões espaçosas e mais novas. Na Índia, é possível ser mais novo que o novo. Neste país, uma vez construídos os alicerces, as paredes e os tetos, a obra é considerada concluída. Há pouco ou nenhum acabamento e, com a poeira ambiente, as casas novas parecem gastas; dão a impressão de datarem de meados do século. Na Ravindrapuri,

as fachadas também são manchadas, mas caiadas, às vezes revestidas com mármore e sem rachaduras. Mesmo não sendo muito lógico, elas são mais novas.

Retorno ao meu apartamento. Como descrevê-lo? Há duas maneiras de ver o mundo: a positiva e a negativa.

De acordo com a primeira, eu me instalei no primeiro andar de uma bela casa amarela, de centenas de metros quadrados. Seu flanco direito recebe a sombra de uma enorme árvore verde, de raízes aéreas. Uns 50 macacos de traseiros vermelhos aninham-se e brincam nos galhos. Da varanda ensolarada estende-se a vista sobre a avenida Ravindrapuri. Tenho um quarto grande, uma grande sala de jantar, uma grande cozinha, uma entrada privada e um banheiro com ducha. Tenho espaço, e o apartamento, pintado de branco, respira luz e limpeza. Seteiras que varam a parte de cima permitem a renovação do ar.

Em compensação, posso resmungar e dizer que a casa, de arquitetura quadrada e de teto chato, parece um pequeno HLM (Habitation à loyer modéré: sistema habitacional promovido pelo Poder Público, destinado às famílias de baixa renda). Menos sólido. O primeiro andar foi acrescentado ao térreo no ano passado, e as paredes internas já começam a rachar. A varanda é gradeada para impedir que os macacos ali defequem e pilhem nossa roupa branca. Eu me sinto em uma jaula. A vista mergulha em um terreno coberto de lixo, e, mais adiante, na via calçada de pedras e deteriorada - Ravindrapuri. Todas as manhãs, os freqüentadores habituais tiram as calças em suas calçadas. Maldita varanda!

Dentro de casa, disponho de um apartamento de quarto e sala, cozinha e banheiro, em uns 50 metros quadrados. As paredes pintadas de qualquer jeito, de vários tons de branco, dão aos cômodos um aspecto grosseiro, e, pelas aberturas da ventilação, a monção faz chover dentro de casa. Depois, é preciso tirar a água. Também há teias de aranhas nos tetos, excrementos de ratos na escada, os cortes de água e eletricidade.

Esta é minha casa. E pago um aluguel de 1.400 rupias por mês. Menos de 60 dólares.

O proprietário mora no mesmo andar. Mas cada um de nós tem uma escada particular, o que me servirá para sair incógnito. Seu apartamento tem cinco cômodos e ele vive com o pai, a mãe, a mulher, um filho e uma filha. Tem cerca de 30 anos, pronuncia o z em vez do j ou do g e possui uma loja de medicamentos tradicionais por atacado. Chama-se S. N. Maurya, e, como o nome indica, pertence à casta dos Maurya. Segundo ele, inscreve-se na ordem dos kshatriya. É a ordem superior dos guerreiros, que se situa logo abaixo dos brâmanes.

Ao lado de nossa casa, a bela mansão de estilo californiano, coberta de telhas vermelhas, pertence a um rico farmacêutico brâmane. De fato, a maioria dos habitantes da Ravindrapuri é de castas superiores, a dos nascidos duas vezes. A sociedade indiana é dividida horizontal - em classes econômicas - e verticalmente - em castas religiosas -, mas elas coincidem, mesmo na cidade.

E os intocáveis?

Existem na Ravindrapuri. Uma verruga na face dessa Champs Élysées. Índia, terra dos contrastes. A 200 metros, no lado esquerdo da avenida, há centenas de casebres, uns colados aos outros, com telhas de plástico seguras por pedras. Ao longo da estrada, diante desse quarteirão isolado por um muro, queimam pequenos montes de lixo que exalam mau cheiro. Aí habitam os garis. O lugar se chama "bairro dos garis". Possuem varas de porcos que sulcam a avenida em busca do lixo que os moradores jogam ao lado da porta de suas casas. Também comem os excrementos que cobrem as calçadas. Observe um porco comer vorazmente! Escute o barulho da mastigação! Dá a impressão de acharem tudo delicioso. Esses porcos são ossudos, rolam nos sulcos lamacentos e fazem uma algazarra com a matilha de cães vira-latas. O porco é um animal impuro e, na Índia, entre os hindus, só os intocáveis comem sua carne.

26 de julho

Com que se parece um intocável?

Os varredores da Ravindrapuri não são mais trigueiros que os indianos

comuns, mas não percebo nenhum claro. Vestem-se como todos os hindus pobres da cidade. Ainda mais sujos. Andam descalços ou usam sandálias de dedo. Os homens usam camisa ou camiseta e um lungi - pano de algodão em torno da cintura, como uma saia masculina -, ou, às vezes, calças. Todas as roupas são rasgadas e manchadas de gordura. As mulheres se envolvem em um sari de algodão gasto e cinza de sujeira. O sari, tradicional vestimenta feminina hindu, é uma faixa de tecido de cinco metros de comprimento que cobre o corpo dos tornozelos à cabeça. Ele se enrola sobre uma anágua e sobe até a cabeça por cima de um corpete bem curto e justo, que molda o peito e deixa a cintura à mostra. As varredoras usam o sari sem elegância, fazendo-o subir à cabeça diretamente pelas costas, em vez de enrolá-lo em torno do busto, formando belas pregas, como a maioria das cidadãs. Os filhos dos varredores andam nus pelas ruas, ou então com uma sunga ou pano sujo de terra. Têm o rosto sujo, o nariz escorre, possuem remelas nos olhos e o cabelo desgrenhado. Incomoda-me dizer isso, mas acho-os repelentes.

Camas de corda são alinhadas diante das choupanas dos varredores. Anciãos mirrados, de pele escura como a de um búfalo, roncam, mulheres discutem e tagarelam, se penteiam e acariciam seus filhos. Melhor dizendo, elas catam os piolhos. Diariamente vejo-as catar piolhos na cabeça da filha, da irmã, da mãe. Esta parece ser uma das ocupações mais importantes das mulheres do bairro. Fazem isso em público. A cabeça apóia-se sobre os joelhos ou contra o peito da pessoa que cata os piolhos. Em seguida, os papéis são trocados. Eu cato seus piolhos, você cata os meus. Cultivar piolhos não é nenhuma vergonha. É natural, faz parte da vida comum, assim como limpar as unhas. Gostaria de visitar o bairro dos varredores. Estudar seus costumes para preparar minha metamorfose em intocável. Eles têm a reputação de beberem muito. Queria experimentar sua bebida e a carne de porco que preparam. Mas como fazer amizade com eles? Tenho medo. São tão sujos, tão numerosos e têm cara de brancos.

Essa favela deve abrigar criminosos. Lá deve-se vender de tudo. Basta saber aonde ir e quem procurar. O proprietário e os vizinhos me alertaram quando perguntei sobre a vida nesse bairro. Disseram que eu não devo ir lá. Isso

significa que é perigoso, que ali não tem nada para se ver ou que meu lugar não é entre os intocáveis? Eles não me responderam e mudaram de assunto, como se os varredores não lhes interessassem. Por enquanto, eu me contento em passear nas imediações.

É domingo de tarde. Uma dezena de jovens conversa ao longo da Ravindrapuri, diante de uma das cabanas que servem de pocilga. Um deles, alto e musculoso, tem certa distinção. Veste uma calça preta e uma camisa amarela larga e na moda. Usa mocassins engraxados, seus cabelos estão untados de óleo e penteados e está barbeado. Consegue ser chique habitando nessa favela, onde a lama cobre o chão dos pardieiros, não há água corrente e a única mobília consiste em camas de corda, onde os homens e os porcos vivem juntos no meio das imundícies que os trabalhadores encarregados da limpeza da lama acumulam diante de suas casas antes de fazer a triagem. Sua elegância é agradável. Considerado um intocável pela sociedade, rejeitado e isolado nesse quarteirão, continua querendo mostrar-se belo. Seu coquetismo é um hino à felicidade de viver. É formidável. Se eu cruzasse com ele no centro, não o distinguiria de um brâmane chique.

Observei as varredoras. Elas discutem sem parar, fumam e mascam tabaco e bétel, o que escurece seus dentes. Têm um certo charme, são até mesmo atraentes. Explicarei melhor. O que me interessa não é seu currículo, mas sua anatomia. Sem outra opção, depois de uma semana na Índia, eu as acho belas. Sob a camada de sujeira, os traços são finos, arianos; são altas e esbeltas, sem dúvida por varrerem tanto as ruas e empresas em Benares. Seu corpo esguio contrasta com o corpo redondo das mulheres de castas superiores, que são mais ricas, mais bem alimentadas e das quais mais de 80% não exercem nenhuma atividade profissional.

Esta foi minha primeira manhã em Benares. Ah, ia esquecendo: a geladeira queimou. Aconteceu à noite. O compressor aqueceu demais e, de madrugada, as chamas correram pelo fio da tomada.

Eu a comprei na sexta-feira; durou dois dias. Não me surpreendo. Os indianos são incapazes de fabricar um objeto perfeito. Daí as bacias de

plástico que vazam desde a compra, o tecido novo sempre desfiado, os cadeados que emperram depois de uma semana de uso, as solas dos sapatos que descolam depois de um dia de caminhada, o tripé para fotos cambeta, a Pepsi-Cola mal fechada e sem gás, os biscoitos mal empacotados e úmidos, as tomadas elétricas que têm de ser forçadas para combinar, as canetas que não escrevem, o despertador que não toca etc. Comprei tudo isso.

Os indianos sabem da mediocridade de seus produtos, mas esta lhes parece normal, como se avaliassem as necessidades humanas em um nível inferior ao estimado pelos ocidentais. Não posso julgar.

Amanhã, levarei a geladeira para consertar e espero que a garantia funcione. É válida por sete anos. Além disso, li uma cláusula impressionante no contrato de venda. É a seguinte: "Esta garantia não se aplica aos defeitos devidos ao fogo, às inundações e outros atos de Deus." São os estragos de Deus. Na Índia, Deus é uma entidade concreta e jurídica.

27 de julho

Todas as manhãs pratico o hindi na rua e, hoje, começo um curso intensivo de conversação, à tarde e à noite. Contratei dois indianos. Sanjay, o irmão mais novo de minha proprietária, virá à minha casa das 14 às 17 horas, e Ram Singh, professor de economia agrícola na Universidade Hindu de Benares, passará das 18 às 20 horas. Eu lhes disse que vim à Índia para aperfeiçoar meu hindi. Não conto a ninguém meu projeto.

Sanjay tem mais ou menos 25 anos. Digo mais ou menos porque ele não sabe o ano exato de seu nascimento. Seus pais terem esquecido é, segundo ele, muito freqüente na Índia. Ele tem a pele escura, é magro, usa um bigode fino, tem o nariz chato e cabelo ondulado. Ainda é solteiro e dirige a escola de estenodatilografia que ele mesmo fundou. Parece dinâmico.

Primeira aula. Eu o interrogo sobre o sistema de castas. Pago nossa conversação, tenho o direito de escolher os temas. Em três meses preciso assimilar os conhecimentos fundamentais sobre a Índia que o intocável comum não pode ignorar. Também tenho de compreender como as castas funcionam na vida cotidiana. Pergunto se pode tomar o chá oferecido por

um intocável. A pergunta o incomoda.

Ele me explica que não devo dizer "intocável", mas "filho de Deus" ou "casta repertoriada". Caso contrário, o intocável pode se sentir ofendido. Ok. Eu lhe disse que queria estudar os costumes hindus. Sua própria atitude só me interessa na medida em que é característica de um membro das castas superiores. Digo que conto com sua franqueza. Ele hesita e responde:

- Sou um Maurya, não posso aceitar nenhum alimento preparado por um filho de Deus.

- Por quê? - Ele se mantém calado, como surpreso com a minha pergunta. - Por que ele é impuro? Por que, ao tocar no alimento, ele o sujou?

Ele assente à maneira indiana, balançando a cabeça da esquerda para a direita. Eu pergunto o nome das "castas repertoriadas" em Benares.

São os chamar (sapateiros) - de longe os mais numerosos-, os dom (coveiros e varredores), os mehtar (outra casta de varredores), os musahar (primitivos coletores de folhas), os pasi (extratores do suco fermentado das palmeiras), os dhobi (tintureiros) e os sonkar (mercadores de legumes). Segundo Sanjay, os dom seriam os intocáveis mais impuros, seguidos pelos chamar e pelos dhobi.

Por que os sonkar pertencem às castas repertoriadas? Vender legumes não é uma glória, mas em um país onde o vegetarianismo é o regime puro e civilizado por excelência essa não poderia ser uma profissão intocável.

- É verdade - responde Sanjay. - Mas os sonkar adoram carne de porco. Esse animal se alimenta de sujeira e excrementos. Só são consumidos pelas castas repertoriadas. Você come carne de porco?

Será que ele conhece os costumes ocidentais? Não quero que me despreze. Minto:

- Claro que não!

Pergunto como reconheço um intocável. Ele sorri.

- Não está escrito em seu rosto "Sapateiro" ou "Tintureiro".

Eu me deleito com sua observação. Ele também. Prossegue:

- Em seu bairro, você conhece todo mundo. Sabe quem é brâmane, barbeiro, leiteiro, varredor... Mas se for à cidade não poderá adivinhar a casta de um desconhecido por seu rosto ou vestuário.

- Mas os filhos de Deus são mais escuros e malvestidos. E mais pobres.
- Sim, mas nem sempre. Há brâmanes negros e tenho um amigo rico que é sapateiro. Ele possui uma locadora de vídeo, um carro e um imóvel grande perto da ponte de Assi. Em minha escola, há uma aluna que é varredora. É mais clara que você. É muito bonita e se veste bem.

Na Índia, quanto mais clara, mais a pele é apreciada. Eu pergunto:

- Você gosta dela?
- Por que não?
- Tentou cortejá-la?
- Claro que não. Não é uma Maurya.
- E na casa de seu amigo sapateiro, aceitaria um chá?

Refletiu:

- Não; se puder evitar... Certa vez, éramos muitos amigos reunidos, ele ofereceu chá a todo mundo e tive de molhar os lábios no copo. Deve-se evoluir.

- Isso o incomodou?

- Sim. Mas esse tipo de situação quase não acontece. Os filhos de Deus sabem que não gostamos de consumir o que tocaram, e não nos convidam a fazê-lo. Isso evita sofrerem uma recusa humilhante. Eles não são idiotas.

Em geral, o nome da casta constitui o patronímico de um indivíduo. Sanjay explica que os intocáveis, freqüentemente, utilizam nomes neutros. Assim são Kumar, Prasad (alimento oferecido aos deuses), Bachan, Murat, Ram (deus) ou Singh (leão). Este último também é o patronímico dos siques e da elevada e célebre casta kshatriya dos rajaputros. O leão simboliza a força, o poder, e muitos hindus mudam seu patronímico para Singh. Isso não acarreta nenhum problema legal, pois, na Índia, não existem documentos de identidade. Nós nos chamamos como queremos.

Se for verdade, será prático para minha metamorfose. Não precisarei de documentos falsificados, como quando vivi na pele de um chinês, e não correrei o risco de ser detido pela polícia. Bastará minha palavra para provar que sou indiano.

Ram Singh, meu segundo professor, confirma que na Índia as pessoas não possuem carteira de identidade. Para viajar ou se registrar em um hotel,

declinam sua identidade sem fornecer provas. Para retirar dinheiro do banco, apresentam o movimento da caderneta de poupança e assinam. Para votar, os escrutinadores da zona eleitoral conhecem todos os habitantes do bairro e ninguém consegue, segundo ele, se fazer passar por outro.

Ram Singh chegou às 18 horas. Tem mais ou menos 45 anos, um grande nariz redondo, lábios carnudos, cabelo preto bastante untado, mas não usa bigode, o que é raro na Índia. Em suas orelhas, crescem tufo de pelo; é feio. Ele é alto, forte e de cor negra como o ébano, que ressalta o branco dos olhos esbugalhados. Fala com a voz rouca e engolindo as sílabas, mas em um tom calmo, como alguém que já viajou muito e sabe o que diz. Esta foi a primeira impressão que me deu e que se revelará falsa ao longo de alguns meses. Um dia, ele me afirmará que os seres abjetos são os vermes que parasitam o intestino das crianças. Ele tem certeza disso. É um defeito típico do indiano bancar o sabe-tudo, e Ram Singh me conta frequentemente fatos escandalosos. Não nos esqueçamos de que é professor de agricultura na Universidade Hindu de Benares, uma das mais prestigiadas do país. Parece achar que nunca encontrou um aluno tão inteligente quanto ele mesmo. Eu me pergunto se sua auto-satisfação lhe proporciona mais prazer que uma mulher que acaricia os seios.

Com o salário de professor universitário, Ram Singh pertence à classe média. Não é nem rico nem pobre.

É rajaputro e tem orgulho disso. Esta casta, da ordem superior dos kshatriya, é reputada por suas atitudes guerreiras e pela força física dos membros que levam o nome Singh (leão). Sua mulher é nepalesa e rajaputra, claro. A endogamia é um dos pilares do sistema de castas.

Os dois comem carne: de carneiro, de frango, de peixe e, às vezes, de caça. Ram Singh admite sem constrangimento.

Segundo a ideologia hindu, comer carne equivale a comer cadáver. É repugnante. Um costume das castas inferiores dos shudra e dos intocáveis. Porém me explica que os kshatriya, casta dos guerreiros e dos reis, se outorgaram o privilégio de consumir essa delícia impura sem perder sua posição no alto da hierarquia hindu.

Penso em meu proprietário. Maurya é kshatriya. Ele só come carne fora de

casa e sua mulher é vegetariana. Ram Singh sorri.

- Os Maurya não são kshatriya.

- Eles dizem o contrário. Dizem mesmo que descendem da família imperial Maurya.

- O nome da dinastia se escreve sem a no final; não tem nada a ver com os Maurya, que são uma casta de fazendeiros. São shudra ou vaishya. Mas tentam fazer com que sua casta seja admitida em uma ordem superior. Por isso são freqüentemente vegetarianos, para imitar os brâmanes e adquirir prestígio.

A hierarquia das castas intermediárias parece confusa. Faço a Ram Singh a pergunta do chá preparado por um intocável. Ele responde sem hesitar que não o beberia.

- E pode tocar em um filho de Deus?

- Não! Quem quer tocar uma coisa suja?

1º. de agosto

Na noite passada, sonhei com o tempo em que conheci minha mulher. Revi os primeiros dias que passamos juntos, em 1986. Foi maravilhoso. Maravilhoso quer dizer melhor que tudo que existe. Na época, eu jamais imaginaria que, seis anos depois, ela me acompanharia a Benares para ajudar a me transformar em um intocável. Ela é formidável. Inteligente e corajosa. Sem ela, jamais teria conseguido me metamorfosear em chinês. Ela nunca me abandonou e é minha melhor amiga.

Eu a amo mais que tudo. Nesta manhã eu me dou conta. Penso no que me espera daqui a três meses. Tenho medo. Medo de morrer. Medo de passar anos preso, longe dela, se os tiras me descobrirem. Temo deixar de existir perto dela e receio arriscar, apenas para satisfazer minhas ambições, alguns decênios de felicidade que nos restam juntos. Recordo a amizade entre Georges e Lennie, em Ratos e homens, o romance de Steinbeck:

"Na vida, temos um futuro e não estamos sós... Porque eu tenho você para cuidar de mim e você tem a mim para cuidar de você..."

6 de agosto

Meu vizinho de baixo, o doutor Agraval, me recomendou o filme Beta (O Filho). Para ele, é o melhor filme hindi do ano. Uma obra-prima. Ele assistiu três vezes. A história e os atores eram formidáveis.

O doutor Agrava pertence à casta dos Agraval, uma casta importante de comerciantes, classificados entre os vaishya, isto é, entre as castas nascidas duas vezes e, portanto, respeitáveis. Está na faixa dos 40 anos, possui o doutorado em física nuclear e ensina na Universidade Hindu de Benares. Não é nenhum estúpido, confio em seu gosto e esta noite verei Beta.

A Índia é o primeiro produtor mundial de longas-metragens, com uns 1.000 filmes por ano, realizados em hindi e em umas 20 línguas regionais. Vi cerca de uma dezena de filmes hindi, e todos saem, mais ou menos bem-sucedidos, do mesmo molde. O filme hindi é uma diarréia de imagens e de sons, articulados segundo o esquema "perdido-encontrado". Os temas são o amor e a injustiça.

"Perdido-encontrado" é o caso, por exemplo, de dois irmãos que se perdem de vista, levam vidas opostas e, depois, finalmente, se reencontram. Também pode ser um indivíduo desonrado, roubado, que depois de várias peripécias recupera sua honra, seus bens. Etcetera. Esse esquema arquissimples sempre define o roteiro de um filme hindi e, assim, o espectador mais idiota sabe, antecipadamente, como a trama se desenvolverá. Durante duas horas e meia, os planos se encadearão, sem pé nem cabeça, sem respeitar as regras cinematográficas mais elementares, como a continuidade das imagens, a unidade de tempo e de lugar. A película é freqüentemente super ou subexposta, e as cores, excessivamente carregadas de azul ou de vermelho. Não é um cinema experimental, é malfeito ou negligente.

As seqüências irreais de romance e de reparação de uma injustiça, apimentadas com cenas de tumultos, se sucedem e a cada 20 minutos, uma canção ou um balé. O filme pode durar o dobro ou a metade, ter mais ou menos canções, e é tudo. Aliás, os operadores suprimem um ou dois rolos quando a sessão começa com atraso. Isso não faz a menor diferença, contanto que a canção principal seja exibida.

O filme Beta foge desse esquema. É a história de um órfão de mãe, cuja madrasta pérfida tenta se apossar da fortuna da família, enlouquecendo o pai. O menino, ao se tornar adulto, casa-se e sua mulher descobre toda a trama. Ingênuo, ele se recusa a acreditar, e a madrasta prepara um veneno para se livrar da nora. Mas é o filho que o toma e se dá conta da verdade ao morrer. Finalmente, a mãe se arrepende, o filho ressuscita, encontra uma verdadeira mãe naquela que foi a madrasta, e o pai recupera a saúde mental. O círculo é fechado, e a intriga, destacada por uma montagem tão grosseira que todos os retardados de cinco a 80 anos podem assimilá-la. O filme agrada ao doutor Agravah e aos milhões de seus compatriotas, o que coloca sua bilheteria em primeiro lugar.

E a interpretação dos atores, tão elogiada por Agravah? O papel do filho, do Beta, é representado por Anil Kapur. É um super-herói, qualificativo dado na Índia a seus artistas famosos. É um Alain Delon local, considerado belo e sensual. A comparação com Delon para aí. Na verdade, Kapur interpreta papéis de tipos honrados, ingênuos, não muito perspicazes. Embora tenha as feições mais finas e seja mais claro que a média dos indianos, é gordo e peludo como um gorila no peito e nas costas, com um bigode espesso e um corte de cabelo que lhe dá a aparência do cunhado ideal: um pouco tolo e limitado. Um verdadeiro beta, um papel sob medida! Mais uma vez, é Madhuri Dikshit, a super-heroína, que desempenha o papel de sua esposa. Ela é bonita, interpreta sem exagerar e é a atriz mais popular e a melhor dançarina do cinema hindi. Possui seu próprio estilo de dança, dinâmico e rápido. Tem cerca de 25 anos, um rosto redondo de boneca, a tez clara, evidentemente, e seios generosos. Todo mundo conhece sua maneira de dançar erguendo os quadris e balançando os seios para o céu. Sua dança sempre provocou assovios entusiasmados dos espectadores. Madhuri é única, mas não consegue salvar esse Beta fraco, pois não há uma coreografia à altura de seu talento.

15 de agosto

Esta manhã descobri que existem lojas de drogas do Estado em Benares. Ao

dar uma volta, me deparei por acaso com a de Sonarpura. O alpendre fica na beira da estrada, com uma vitrina engradada, atrás da qual um sujeito vende umas bolinhas marrons de bhang, espécie de haxixe que se come. Meia rupia cada uma. Em cima da loja, lê-se "Loja governamental de bhang", e na frente, na calçada, outra vende maconha, sempre às claras. Doze gramas, 35 rupias. Os clientes se sucedem, sem interrupção, dos bem-vestidos aos esfarrapados; compram sua dose e vão embora. Ninguém presta atenção neles.

À noite, em uma festa a que fui convidado pelo doutor Agraval, fico sabendo que há outras lojas de drogas do Estado no bairro de Kotwali - o comissariado central - e na Luxa Road. O bhang e a maconha estão associados à religião hindu, como o vinho à eucaristia católica, e nesta cidade santa são muito consumidos. Não é um vício, é como beber vinho na França, para ficar alegre.

Essa festa foi organizada pelos dois cunhados do doutor Agraval. Comemoram os 12 anos do filho do caçula. Seu aniversário coincide com o Dia da Independência, 15 de agosto. São pessoas muito ricas e não representam o indiano médio. R. S. Agraval, o mais velho, na faixa dos 40 anos, alto e forte, possui uma loja de material elétrico e uma oficina de fabricação de tubos plásticos. É também secretário da ala regional do Lions Club. O segundo cunhado, U. S. Agraval, alguns anos mais novo, mas também alto e forte, e dono de uma grande loja de motos, foi deputado pelo BJP (partido extremista hindu) na Assembléia Legislativa, há quatro anos, e conselheiro do ministro do Turismo, no governo de Chandra Shekhar, o que lhe permitiu correr o mundo. Perdeu a cadeira nas últimas eleições e fala com amargura da política e da corrupção na Índia.

Os dois irmãos moram, segundo a tradição, com os pais, suas esposas e filhos na casa da família. Essa construção que, segundo R. S. Agraval, contém 200 cômodos está em mau estado de conservação. As paredes estão descoloradas, sem reboco e manchadas, embaixo, do vermelho dos escarros dos mascadores de bétela. Nos cantos do grande pátio central onde ocorre a festa estão dispersas caixas de papelão e pedaços de madeira.

Somos uns 40 convidados agrupados em volta de um bolo de creme, do tipo ocidental, com 12 velas. Um menino as assopra e cada um de nós recebe um pedaço. Comemos em pé, um prato na mão, girando no pátio, como se estivéssemos em cena. Os convidados usam roupas adequadas, de bom corte, e sapatos, em vez de sandálias de dedo como a maioria das pessoas. Falam da chuva, do bom tempo, como se fosse uma idéia revolucionária.

O doutor Agraval quer chocar a audiência e fala de sua viagem a Israel, no ano passado. Lá, durante cinco meses, estudou física nuclear.

- Não gosto dos judeus, eles são avarentos - confessa.

Os convidados se divertem com seus exemplos. Constrangido, eu digo:

- Muitos franceses pensam como você. Isso é racismo.

- Não, para os judeus, é a verdade.

Falo do racismo sofrido pelos indianos na Inglaterra, onde são considerados sujos e barulhentos, e comparo a seu anti-semitismo.

Ele não me compreende e repete:

- É diferente, os judeus são realmente avarentos.

Deixo pra lá e alguns convidados abordam um tema cultural:

- Quem viu Beta?

- É uma obra-prima! Fascinante!

Tudo os fascina, e R. S. Agraval se diz "estupefato" por eu falar hindi. Diverte-se fazendo-me perguntas idiotas e óbvias às quais respondo. Sim, o Estado de Uttar Pradesh é um Estado. Sim, os bengaleses vivem em Bengala etc. A cada resposta, exclama que sou genial. Estaria me gozando? Acharia que sou um imbecil? Imaginem uma noite toda no Lions Club de Benares trocando palavras vazias sem parar de se maravilhar!

Depois do bolo, todos se servem de um bufê. O cardápio: purê de espinafre com queijo, curry de abóbora, rodela de pepino, risoto com castanha-de-caju, bolinhos de trigo fritos, iogurte doce, chutneys e, como sobremesa, bolinhas de farinha maceradas em um xarope de açúcar. Para beber, água da bica. É isso! O mesmo que tenho em minha casa em Benares, só que em menor quantidade e sem uma bebida digna. Devia ter comido antes de vir.

Adoro esses pratos, mas esperava que uma refeição na casa de indianos ricos, mesmo vegetarianos, fosse repleta de cumes e bolinhos fritos de

legumes, acompanhados de soda e sucos de frutas, na falta de álcool - bebida impura.

Sanjay me explicou que a Pepsi, a sete rupias meio litro, é cara até mesmo para as pessoas como os Agraval. Em compensação, eu que sou pobre e não pago imposto na França, posso oferecer Pepsi a meus amigos sem me arruinar.

Sou mais rico que os Agraval com meus 1.000 dólares de salário? Não. Eles possuem um palácio e uma dezena de criados. Possuir homens, esta é a verdadeira riqueza. Depois da refeição, R. S. Agraval me dá uma pequena demonstração do poder que ela confere. Acaba de me perguntar se acho minha mulher bela, e eu respondo que sim, no momento exato em que um menino de 10 anos, escuro como carvão, como um intocável, recolhia os copos sujos.

- E ele? É bonito? - R. S. Agraval pergunta em tom gozador, sem sequer olhar para o menino, que não dizia nada.

O que responder ao desprezo que sente pelos outros sem melindrá-lo?

- Por que não?

- Claro que é belo! - respondeu satisfeito, com a mesma entonação utilizada antes para falar de seu cãozinho.

Seu cachorro é belo, seu intocável também. Tenho vergonha de ser um convidado dos Agraval.

5 de setembro

Progredi no hindi, já compreendo até o dialeto de Benares e posso discutir os problemas da vida cotidiana e da política. Sanjay também me ensinou os palavrões usados em Benares. Isso é útil, pois as pessoas desta cidade costumam pontuar sua linguagem com obscenidades.

Apreendi tudo que os indianos dizem em hindi aos europeus, sabendo que esses não entenderão. Isso dá náusea. Esta noite, cinco jovens, usando calças, camisas e sapatos limpos, me cumprimentaram diante do templo Tulsi Manas. Isso não foi nada extraordinário. Durante o dia, os indianos interpelam os estrangeiros na rua. Os jovens me dizem sorrindo: "Olá,

bosharivala!" Pensam que não sei hindi.

Bosharivala é a pior das ofensas. Significa "nascido de uma vagina".

Por que me insultam? Minha cara de branco não lhes agrada? É inútil pedir explicações; eles são cinco, eu sou um só. Os indianos que passavam perto entenderam o que eles disseram, mas ninguém parece surpreso. Sigo meu caminho. Por 50 dias, enquanto espero me tornar um indiano, devo deixar que me insultem, sem reagir. Não quero brigar, pois correria o risco de criar problemas com a polícia e comprometer minha aventura.

Na semana passada, notei slogans xenófobos nos muros da avenida principal da Universidade Hindu de Benares. Espalham o refrão demagógico referente aos imigrantes, que alimenta a crença, aqui como na França, de que os estrangeiros pilham a pátria. Dizem em hindi: "A nós o que é nacional!" ou "Sociedades estrangeiras, saiam da Índia!", ou "Não precisamos, em toda a Índia, de produtos estrangeiros!" Nada de assombroso, a não ser que, em cada frase, noto um ou dois erros ortográficos. Quase sempre são erros muito graves, mesmo levando-se em conta que a Índia é um país em que 48% da população são analfabetos. No último slogan, as palavras "toda" e "Índia" estão mal escritas, o que resulta em algo um pouco ridículo, como se disséssemos "em todda Fransa...". Os militantes que borram os muros da universidade são nacionalistas, mas não sabem escrever o nome de seu país. Grotesco. Assim acontece também em um artigo no jornal diário Patrika, em que um professor universitário culpa o Ocidente pela introdução do uso da droga na Índia. Não nos esqueçamos de que a maconha e o bhang são produtos indígenas extraídos do cânhamo INDIANO.

Os indianos se acham superiores, e não são originais. Os chineses, os franceses, os japoneses, os árabes, os alemães etc., cada povo se considera sempre o mais civilizado e rebaixa os outros. No caso dos indianos, a diferença está em que seu racismo não é rancoroso. Sentem apenas desprezo pelo bárbaro, o mleccha sânscrito que se tornou mliccha, o "repugnante" no hindi atual. O bárbaro é o estrangeiro. Ele não pratica o hinduísmo, não é civilizado e vive de acordo com costumes mais impuros ainda que os dos intocáveis. Por exemplo, comem carne de vaca, isto é, o cadáver de um

animal sagrado. Há oito dias, Sanjay me citou mais duas razões para que o povo de Benares considere o estrangeiro um mliccha, um repugnante. Hesitou em me contar, mas insisti. Para ele também, a diferença entre as culturas indiana e ocidental começa no banheiro: "Os ingleses, quando defecam, se limpam com papel, não se lavam com água. Ficam sujos."

Sanjay não se refere apenas aos ingleses. Na Índia, esta nacionalidade designa, em geral, todos os estrangeiros. Para um indiano, só existem dois mundos: a Índia, ou Hindustan, em hindi "país dos hindus", e a Inglaterra, isto é, todo o resto. Como se os ingleses controlassem nosso planeta e tivessem inventado tudo que é estrangeiro. Daí que o uísque, o vermute e o rum são bebidas inglesas. Os remédios do tipo ocidental são batizados com nomes ingleses, mesmo que o fabricante seja francês ou alemão. As pessoas se surpreendem quando digo que na França não falamos inglês, mas francês. Concordo com Sanjay quanto à história do uso da privada. Uso a técnica indiana, sei que a água limpa mais que o papel. Peço que prossiga.

- Além do mais, os ingleses assoam o nariz em um pano que tornam a guardar no bolso, até a próxima utilização. Isso é realmente nojento.

Sanjay faz uma careta sincera de nojo. Os indianos não usam lenço. Usam o nariz como uma arma automática. Apertam as narinas, uma depois da outra, com o polegar e o indicador, e expulsam o muco do nariz. Fazem isso em público, na rua, quando sentem vontade, e projetam o muco a um metro e meio, no chão. Em seguida, os micróbios se propagam na atmosfera e contaminam os que passam. Mas o indiano ou ignora esse fato ou não se importa com ele. Não quer ter o trabalho de envolver o muco em um lenço. O mesmo ocorre em relação ao lixo. Ele o joga na calçada ou diante da porta do vizinho. Faz o mesmo com os excrementos. Quando sai e tem vontade de urinar ou defecar, não se controla. Conservar matérias impuras no interior do corpo seria uma loucura. E assim baixa a calça na rua.

Neste país, a noção de higiene pública é estranha. Para me tornar um indiano, tenho de me livrar dessa idéia. Só devo pensar em minha limpeza pessoal. Preciso aprender a assoar o nariz com os dedos, pois usar um lenço trairia minha identidade.

15 de setembro

Eu me tornarei um indiano no final de outubro. Até lá, tentarei encontrar intocáveis. Quero conhecer seus costumes para não cometer inconveniências. Vou aproveitar para adquirir mais fluência no hindi. Quero estar bem preparado para o dia D.

Ainda falta o mais importante: escurecer a pele. Não está evidente. Todas as manhãs, de sete às nove horas, desde meados de agosto, eu me estendo ao sol, na varanda, e me bronzeio. Depois, vou andar pela margem do Ganges. Ali, a luz é mais forte e tomo cuidado para não me expor depois das 11 horas, senão o sol do zênite me queimará, descascarei e terei de recomeçar do zero. Até o momento, não exagerei e obtive um belo bronzeado. Mas ainda é rosado, o que gerou o apelido de "macacos vermelhos", dado pelos indianos aos estrangeiros.

Essa história de nuances de rosa me aborrece. O que fazer? As pílulas para bronzear serão eficazes? Para verificar seu poder, engoli uma ontem e outra hoje. Em uma manhã, me tornei mais escuro que a minha mulher, que é chinesa e bastante morena. Com a tinta de nitrato de prata devo ficar da cor de chocolate.

Tudo se desenvolve como previsto. Exceto que há alguns dias os jornais falam de epidemias de cólera e encefalites fulminantes no Estado de Uttar Pradesh. Não existem nem vacinas eficazes nem tratamentos; houve mortos. A população afetada é a das favelas e dos desabrigados. Na pele de um intocável mendigo, corro o risco de ser contaminado, e minha mulher se preocupa com a minha saúde. Eu a tranquilizo. Em duas ou três semanas, a estação das chuvas terá passado e as epidemias desaparecerão. É o que espero. Foi também por isso que decidi aguardar até o fim de outubro para me metamorfosear.

17 de setembro

Gandhi dizia a respeito dos intocáveis: “O varredor faz pela sociedade o que uma mãe faz por seu bebê. A mãe lava a sujeira do filho e garante sua saúde.

Do mesmo modo, o varredor protege a saúde de toda a comunidade conservando a higiene pública. O dever do brâmane (o sacerdote) consiste em cuidar da higiene da alma, e o varredor, da higiene do corpo social.”

Sanjay me deu o nome de um varredor que ele conhece e que mora no bairro dos varredores da Ravindrapuri. Contratou-o muitas vezes para limpar suas latrinas. Ele se chama Raja Ram, conhecido como “Gappi”, ou seja, “Boa Lábia”. Faz a faxina no Hotel Manas, perto do templo da deusa Durga. Procurei-o à tarde. Ele havia ido à cidade para desentupir uma canalização. Deixei um recado e retornei por volta das 20 horas.

Raja Ram estava lá. Aguardava no hotel. Ele confirma que é quem chamam de "Boa Lábia". Esse homenzinho de meia-idade me aperta a mão, o que é excepcional na Índia, onde se evita o contato físico para não se sujar. Raja Ram é um intocável, o que talvez explique seu gesto. Sua tez é morena, ele é robusto e mede cerca de 1,55m. Tem o rosto comprido, faces encovadas, um espesso bigode negro, nariz redondo e olhos saltados, com sobrancelhas cerradas. O cabelo é bem aparado e no todo parece um sujeito honrado, com uma vida despreocupada. Usa um lungi xadrez e uma camisa branca bordada e limpa.

Digo-lhe que estudo a civilização indiana e que gostaria de ouvir sobre os costumes dos varredores. Ele aceita sem perguntar maiores detalhes, como se meu pedido fosse comum. Tiro do bolso da calça um saquinho plástico contendo 20 centilitros do álcool sintético que os indianos pobres consomem. Eu o levei porque sei que os intocáveis gostam de beber. Ele sorriu.

- Vamos bebê-lo - eu disse. - Onde?

- Vamos à minha casa.

E lá estamos caminhando na direção do bairro dos varredores da Ravindrapuri, a 500 metros daqui. Nesta estação de calor úmido, a noite é a melhor hora do dia. O ar se torna respirável, quase fresco. O tempo está agradável. Raja Ram parece feliz com nosso encontro e me conta sua vida com prazer:

- Trabalho meio expediente no hotel Manas e em um escritório ao lado. Faço faxina. Isso me dá 750 rupias por mês (30 dólares, meio salário médio

aproximadamente). Também faço trabalhos por fora. Sempre há quem precise que limpe privadas ou desentupa encanamentos e eles me procuram. Pagam o que quiserem, 100 ou 200 rupias, às vezes 1.000 rupias. Sou um artesão muito bom. De primeira classe.

Surpreendo-me um pouco com sua auto-definição de artesão em hindi, um termo respeitável -, pois Sanjay sempre me falou dele como de um limpalastrinas desprezível. Mas consciencioso e honesto, é verdade, o que é raro entre os varredores. A propósito de suas tarifas, diz a quem quiser ouvir que ganha muitíssimo bem. Segundo Sanjay, que lhe paga 10 rupias para limpar uma latrina, isto é conversa fiada, daí o apelido de "Boa Lábria". Pergunto sua idade. Tem 37 anos. Frequentou a escola por dois anos e sabe ler caracteres impressos em hindi. Mais ou menos como eu.

Caminhamos ao longo do bairro dos varredores. Raja Ram me manda andar atrás dele, afastado do muro que o cerca, pois está cheio de excrementos. Deslizamos para dentro da favela por uma abertura de três metros e mergulhamos em um universo no qual não existe nenhuma iluminação. Sigo meu amigo, às cegas, por uns 50 metros, sobre um solo lodoso e escorregadio. Sua superfície é desigual e cheia de sulcos. Nas bordas adivinho os casebres de terra com o telhado de plástico que brilha ao luar. Há sombras cinzentas de quadrúpedes que se erguem à nossa passagem. Latem ou rosnam, parecem cães e porcos.

O pardieiro de Raja Ram, o último daquela viela, está instalado na orla oeste da favela. À noite, não consigo ver direito como é. Não é grande, um só cômodo de cerca de dois por três metros, sem janelas. Diante da porta de madeira há duas camas de corda trançada. Uma mulher e duas meninas estão sentadas em uma delas, no escuro. Raja Ram me convida a sentar como ele, à maneira do Buda, na outra cama. Os pés ficam curvos, o colchão mole é desconfortável e me sinto incomodado por me sentar nessa cama em que varredores se deitaram. Mas não deixo transparecer. Meus olhos se habituem à escuridão. Consigo distinguir às minhas costas um monte de lixo empilhado contra um dos lados do casebre, em um canto cercado, mas não coberto.

A mulher é sua "senhora", como ele diz, e as meninas são suas filhas:

Radha, de sete anos, e Mira, de quatro. Radha usa um vestido azul rasgado, e Mira, calcinha e uma camisa suja desabotoada. Tiveram mais dois filhos: uma menina, que morreu de tétano aos sete meses, e um menino, que morreu de disenteria 15 dias depois de nascido.

Sua mulher espera outro bebê; deve dar à luz em algumas semanas. Ela é alta e muito magra, apesar da gravidez avançada. A escuridão acentua o cinza encardido do sari gasto que a envolve. Seu rosto comprido e enrugado em volta dos olhos e sua boca com dentes escuros cariados fazem pensar que deva ter uns 40 anos. Mais tarde, ficarei sabendo que só tem 29 anos. Sua voz é rouca, masculina, com um sotaque vulgar, cansado, como se resmungasse. Raja Ham, ao contrário, usa uma linguagem cortês e me chama de Sir. Casaram-se em 1979. Pergunto se ela pertence à sua casta.

- A senhora era muçulmana. Sua família vivia no bairro muçulmano atrás de Chowk (parte central da cidade). Seu pai enrolava biri. Era muito pobre e já morreu. Sua mãe vendeu a casa e se instalou com os filhos aqui, no bairro dos varredores. Mantém perto da porta da frente uma tenda que vende biri e bombons. Foi assim que nos conhecemos e nos casamos.

Como ela se chama? Ele responde: "Lakshmi." Lakshmi é a deusa hindu da riqueza. Nasceu da espuma do oceano agitado pelos deuses e demônios. Sua beleza é perfeita. Lakshmi não é um nome muçulmano. Não entendi nada. Ela me conta sem constrangimento e com um sorriso:

- Kesar (açafraão) era meu nome muçulmano. Ao me casar, tornei-me Lakshmi. Era o nome da primeira mulher de Raja Ram.

- Um momento, Sir, vou explicar. - Ele diz isso com tal ênfase que soou como se fosse revelar a origem do mundo. - Antes desta mulher, tive outra, que morreu pouco depois de nosso casamento. Ela se chamava Lakshmi e guardei seu nome para a segunda esposa.

Evitei fazer qualquer comentário. Tirei o saquinho de álcool do bolso, e Raja Ram, chamado "Boa Lábia", se levantou para buscar os copos.

Lakshmi é uma muçulmana que se tornou uma intocável hindu. Hoje, ela come carne de porco; no tempo de seu pai, a família não a consumia. Ela fala friamente, sem demonstrar arrependimento. Lembra-se da vida no bairro muçulmano? Responde que sim, sem dar detalhes. Pergunto qual era

sua idade quando seu pai morreu. Ela não se lembra, era pequena. Pergunto de outra maneira:

- Há quanto tempo seu pai morreu?

Ela reflete e diz:

- Faz 100 anos que ele morreu.

Tenho vontade de rir, mas me contenho. Raja Ram voltou com dois copos. Escuta impassível. - Cem anos! É impossível. Raja Ram diz que você tem 29 anos!

- É mesmo? Em todo caso, faz muito tempo que morreu. E era um bom pai!

Raja Ram acrescenta:

- Ela não sabe contar. Não frequentou escola.

Ao dizer isso, rasgou com os dedos um canto do saquinho de álcool. Aperta em cima e verte em cada copo uma boa dose. Brindamos, e ele esvazia seu copo com um só trago e uma ligeira careta. Eu dou um gole. Não para degustar, mas porque esta bebida incolor de 25 graus é repugnante. Tenho a impressão de engolir água com um aroma repelente de álcool queimado. Pego um biri para refrescar o céu da boca e ofereço outros a Raja Ram e a Lakshmi. Ele impede que ela aceite. Por quê? Na Índia, as mulheres "normais", as das castas "decentes", não consomem nem tabaco nem álcool, mas eu tinha visto varredoras fumando na rua.

- Ela está grávida, então não a deixo beber nem fumar - explicou Raja Ram,

- Em épocas normais, ela tem o direito. Como eu.

Ele me diz que é o mesmo para todas as mulheres de sua casta. Elas são mais livres que as das castas "tocáveis" e gozam de uma posição mais elevada no interior de sua comunidade.

Raja Ram pertence à casta dos dom. Os dom são famosos por exercerem a função de coveiros e são classificados como os mais impuros dos intocáveis, no último escalão da hierarquia social. Também se ocupam de varrer o lixo, e tradicionalmente a subcasta de Raja Ram trança cestos, confecciona leques de bambu e fabrica colchões de penas. Os dom que moram nessa favela em Ravindrapuri são varredores. Formam um grupo endógamo distinto dos coveiros que incineram os cadáveres às margens do Ganges. O bairro dos varredores mede uns 4.000 m². Segundo Raja Ram, abriga cerca de 110

casebres. Setenta pertencem aos dom, e 40 aos mehtar, outra casta intocável de varredores, o que significa um total de 800 pessoas, ou seja, cinco metros quadrados por habitante. A favela se desenvolveu sobre o local de um lago aterrado pela prefeitura há 15 anos. Os pobres, dom e mehtar, ali construíram seus casebres. Não compraram a terra, mas hoje ela lhes pertence e podem vender o sítio que ocupam. Um vizinho de Raja Ram acaba de pagar 1.000 rupias (40 dólares) por cerca de 10 metros quadrados, onde construiu quatro paredes com um teto. Não é caro, mas na Índia o sistema de castas prescreve viver, comer e se casar entre os seus. Só um varredor, e alguém em desgraça, como a mãe de Lakshmi, pode aceitar viver entre os varredores.

Pergunto a Raja Ram sobre sua dieta alimentar.

Todos os domingos, ele come porco, e às quartas-feiras, cabra. É a norma. Os sábados e terças são dias sem carne, dedicados à oração. Come carne de vaca? Minha pergunta o choca.

- Meu Deus! Não fale assim! A vaca é como se fosse nossa mãe. É impossível comê-la!

Raja Ram pertence aos dom, a casta mais abjeta, e ainda assim, para ele, existem tabus, coisas indignas e impuras. Pergunto se a condição de intocável ainda subsiste, se ele pode entrar em todos os templos.

- Isso acabou. Hoje entramos em todos os templos... Mas as outras castas continuam a nos considerar intocáveis.

Peço mais detalhes.

- Se vou beber um chá em uma taberna e quem atende sabe que sou um filho de Deus, me serve em um vaso de barro descartável e não em um copo. Pois um recipiente no qual eu bebo não pode ser lavado, tem de ser jogado fora.

Antigamente, um brâmane que bebesse água no copo de um intocável devia se purificar absorvendo apenas urina de vaca - animal sagrado - durante vários dias. Nenhuma mudança significativa. Raja Ram prossegue:

- É a mesma coisa quando compro um pan. O vendedor que conhece minha casta não me dá na mão. Embrulha com uma folha de papel e o joga no

balcão. Para pagar, não devo estender o dinheiro. Eu o coloco diante dele e ele faz o mesmo ao dar o troco. Assim não toca em mim. Porco! Claro que fora deste bairro ninguém me conhece, e me servem como a todo mundo.

Fala-me detalhadamente dos comerciantes da Ravindrapuri, de como praticam o sistema de castas. A loja de grãos é a mais procurada pelos varredores, que representam a metade de sua freguesia. Todos os dias, vejo duas ou três varredoras esperarem à sua porta, em pé ou sentadas, mas sempre recuadas do balcão. Não têm o direito de se demorarem ali. O vendedor as trata por "você" e, se há muita gente, as atende por último. Não lhes dá o embrulho de farinha, de arroz ou de condimentos; ele o joga no balcão ou no chão, onde estão sentadas. Para encher o recipiente de óleo que está sujo, Já que elas tocaram nele, não o leva para o fundo da loja, como para os outros fregueses, perto do tonel com óleo de mostarda a granel. Tira um pouco com um recipiente medidor de dosagem, volta ao balcão e enche o frasco, sem encostar nele. Às vezes, o óleo escorre por fora do gargalo, mas ele não o limpa. Manda que ela o faça.

Na hora de pegar o dinheiro, se a intocável não o colocar sobre o balcão, ele o apanha com as pontas dos dedos, sem tocar nela. Depois, coloca o troco no balcão ou o deixa cair, a uns cinco centímetros, na palma da mão dela, evitando assim qualquer contato físico. Enquanto Raja Ram me contava isso, cenas me vinham à memória. Diariamente, eu as via se repetirem, mas não prestava atenção. O mais surpreendente é que os mercadores de grãos pertencem à casta dos pastores, uma casta baixa, situada logo acima dos intocáveis.

Raja Ram é um hindu religioso - o que não é nada excepcional - e acredita na reencarnação de um indivíduo nesta ou naquela casta em função de seu carma, o balanço de suas boas e más ações. Quem reencarna como brâmane teve uma conduta exemplar nas existências anteriores. Em compensação, quem cometeu erros graves reencarna como intocável. Pergunto que faltas ele teria cometido para ter nascido varredor.

- Não sei. Não nos lembramos de nossas vidas anteriores. Esta foi sua resposta. Ele está convencido de que a reencarnação existe. Eu não

compreendo. Ele se queixa da injustiça do sistema de castas e, dali a cinco minutos, considera a desigualdade de nascimentos como um sistema de recompensa e de punição, isto é, um sistema justo. Digo-lhe que é contraditório. Ele, por sua vez, não entende. Deixo pra lá. Existe um templo hindu no bairro dos varredores?

- Há dois. Um para os dom e outro para os mehtar. Todos os dois devotados ao deus Shiva. O nosso é aquele ali. - Ele aponta para uma construção branca e quadrada do tamanho de um homem, 10 metros à nossa frente, sob uma amargoseira. Uma lâmpada elétrica, presa sobre essa árvore, da qual os indianos utilizam os ramos para escovar os dentes, fornece um pouco de luz. No interior, como em todos os templos de Shiva, há um lingam, o falo de Shiva, uma espécie de mastro de pedra sobre a qual os devotos vertem as oferendas de leite, manteiga clarificada, água do Ganges, pétalas de flores, bhang. Quem cuida do templo? O sacerdote é um brâmane?

- Não, é um dom. É meu vizinho, aquele que está bebendo na frente do templo. Ele o construiu este ano e é ele que celebra o culto... Venha ver uma coisa! - Raja Ram lhe grita.

O vizinho traz uma rede de dormir e se instala com seu copo, depois de apertar minha mão. Os dom têm mania de me tocar.

Ele se chama Vijay Kumar. Alto e musculoso, na faixa dos 40, trabalha há 18 anos fazendo serviços gerais na base militar de Benares. Serve café e cigarros aos oficiais, e faz a faxina. Sei que os intocáveis que exercem funções administrativas são geralmente designados às tarefas inferiores. Ele ganha 2.000 rupias por mês salário superior à média. Teve nove filhos, dos quais sete estão vivos.

- Celebro o culto de Shiva duas vezes por dia. Ao nascer e ao pôr do sol. É indispensável.

Como sacerdote, não se incomoda em beber álcool? Para um hindu, é um ato impuro.

- Esta noite bebo rum. Isso não incomoda a Deus. É preciso escutar a consciência, é isso que conta para Deus. E eu gosto de beber. Todas as noites.

Seu argumento não me convence. Mudamos de assunto.

O templo e a casa de Vijay Kumar têm luz elétrica. Por que Raja Ham não?

- Todas as famílias do bairro que têm eletricidade não a pagam. Elas a roubam.

Vijay concorda com a cabeça. Peço mais detalhes.

- Um momento, Sir - Raja Ram interrompe, como um "boa lábia" que sabe tudo. - Vou explicar. Efetuam "gatos" nos postes elétricos e puxam os cabos até suas casas.
- Por que você não faz o mesmo?
- Não quero roubar. Quero ser correto.
- Cada um vive a seu modo - suspira Vijay Kumar.

Conversamos por mais de duas horas, esvaziamos meu saco de álcool e outro que Raja Ram ofereceu. Uma questão a respeito dos intocáveis continua a me atormentar. Daqui a 10 semanas vou me metamorfosear em aborígine e quero saber se os dom classificam as populações tribais no grupo dos "filhos de Deus", isto é, dos intocáveis. Raja Ram e o sacerdote respondem sem hesitar:

- Os aborígines são como nós, filhos de Deus.

23 de setembro

Desde nosso primeiro encontro, em 17 de setembro, visitei Raja Ram duas vezes. Ficamos amigos.

É quarta-feira de tarde, dia de carne. Raja Ram não trabalha e anteontem decidimos organizar um banquete. Levo uma garrafa de uísque indiano e um frango. Lakshmi o preparará ao curry, de "primeira classe", como ele diz, com especiarias moídas na hora. É assim que deve ser. Enquanto esperamos, beberemos e conversaremos.

Cheguei por volta das 14 horas, com Gloire. Já descrevi a favela de Raja Ram, mas, como era de noite, não foi uma descrição exata. Agora, de dia, vejo os detalhes.

O bairro dos varredores da Ravindrapuri é uma rede de caminhos lamacentos que serpenteiam entre uns 100 casebres de tijolos, por vezes apenas empilhados, sem argamassa. No meio dos caminhos, um rego de

água suja brilha sob o sol. Esses esgotos se juntam nas entradas da favela e formam mares de matérias fecais, onde porcos rosados, de todos os tamanhos, se exibem. Faz muito calor. Talvez 40 graus. A cobertura dos casebres, constituída de vigas e ramagens, sobre as quais o telhado de plástico em patchwork é mantido fixo por pedras, não oferece nenhum tipo de isolamento. Nesta estação, os varredores sufocam sob seus telhados e passam dia e noite fora, nas camas de corda instaladas à sombra da casa.

Quando nós passamos, eles se endireitam. Sabem que sou amigo de Raja Ram e não perguntam mais aonde vou. Mas continuam a rir ao nos ver andar desajeitadamente na lama e afastar os cães e porcos que atravessam nosso caminho. As crianças, imundas, nos seguem e puxam nossas roupas para pedir uma rupia ou um bombom, nos tratando de "você".

A favela é uma entidade geográfica bem delimitada. Um quadrado guarnecido de três ruas e um parque, com um muro que traça o limite ao norte e a oeste. O conjunto é dividido em duas partes distintas: os dois terços ao norte, habitados pelos dom, e o terço sul, pelos mehtar. Cada um em seu canto.

Não existem canos de esgoto, água corrente, nem latrinas nas casas. O governo instalou uma bica em cada uma das três principais entradas do bairro, e os varredores ali se lavam e buscam água com baldes. Na fronteira com o setor dos mehtar também há uma fileira de latrinas públicas, sob um abrigo de cimento. Nunca as usei, mas devem ser imundas. O odor agride os que passam, chegando até a Ravindrapuri. Seu perímetro está repleto de cagalhões, pura a alegria dos porcos que ali vivem 24 horas por dia. A família de Raja Ram e de vários varredores prefere se aliviar atrás da casa, no solo; tudo é rapidamente limpo pelos cães e porcos que erram pela favela em busca de comida. Já os vi esperando pacientemente atrás de um homem que tirava a calça.

De dia, o casebre de Raja Ram parece ainda mais miserável. É um único cômodo de seis metros quadrados. O telhado consiste em um toldo preto fixado com pedras grandes. A construção não possui janelas. A fachada apresenta duas seteiras minúsculas, que só noto agora.

Entro. A penumbra domina. No primeiro instante, diante da porta, distingo uma despensa empoeirada e, no chão de terra batida, utensílios de cozinha enegrecidos pela fuligem. Atrás do móvel, um grande pôster amarelecido de Ganesh, o deus com cabeça de elefante que afasta os obstáculos situados no caminho da existência. O outro lado da peça é ocupado por uma cama submersa em um monte de colchões de penas sujos e, de viés, um colchão de espuma, impregnado de urina. Na extremidade da cama, estão empilhadas vasilhas enferrujadas. Há trapos espalhados por toda parte e, em cima desse bricabraque, tábuas fixadas sob a metade do telhado. Uma mixórdia de farrapos e pedaços de papelão está sobre esse mezanino. É isso. Ah, me esqueci de mencionar o vigamento da fachada da casa. Sacos plásticos rasgados e roupa branca encardida ficam ali pendurados.

Lakshmi prepara o frango. Sua barriga intumescida indica que logo dará à luz, mas Raja Ram insiste:

- Vamos, rápido! Cozinhe o mais rápido possível! Rápido!

No sábado, à noite, ela levou uma surra do vizinho. Batera no cachorro dele porque rondava sua casa. Raja Ram não estava em casa, quando chegou, encontrou-a no chão gemendo. Ninguém havia tentado protegê-la.

- É assim, irmão. Cada um por si. Por aqui, sempre há tumultos. E roubos. Ontem mesmo roubaram um corpete de minha senhora que secava na frente da casa.

Raja Ram me chama de irmão. Um sinal de afeto em hindi. Embora goste de contar vantagens e mude a versão dos fatos a cada dois dias, não é mal-intencionado e sempre é correto comigo. Proíbe as filhas de me pedirem dinheiro, como as crianças do bairro, e, se levo uma bebida, em seguida ele oferece a sua.

Seus vizinhos são diferentes. Sentam-se diante de sua casa para me filar biri e se convidam para brindar com nossa bebida. Quando se tornam muito inconvenientes, Raja Ram ou Lakshmi os manda embora. Trocam palavras ríspidas...

Os varredores discutem sem parar e conversam usando gíria. Em compensação, tratam-me de "senhor", o que nem sempre é o caso quando alguém de uma casta elevada se dirige a mim. Gosto dos dom.

Descobri que os comerciantes de pan da Ravindrapuri, que servem Raja Ram sem tocá-lo, também são intocáveis. Pertencem à casta dos sapateiros. Observei como trabalham. Raja Ram disse a verdade: eles jogam o tabaco e o troco no balcão, se o freguês é um varredor. Mas tocam os fregueses de outras castas, inclusive da sua. A intocabilidade entre intocáveis existe como se as impurezas de origem diferente fossem distintas, como se o sapateiro, que tradicionalmente esfola cadáveres de vacas sagradas, pudesse ser poluído pelo limpador de lama.

Ontem, conversei com os varredores mehtar e eles me disseram que não podiam beber a água oferecida pelos vizinhos dom. A pergunta "X aceita a água servida por Y?" funciona como teste para medir a hierarquia entre as castas. A resposta mostra sem ambigüidades se X considera Y impuro. Fiz essa pergunta aos mehtar:

- E os dom bebem sua água?

- Sim;

- Mas vocês não bebem a deles?

- Exato. Nossa saúde não suportaria... Eles são muito sujos explicou um senhor idoso, fazendo uma cara de nojo.

Preciso perguntar aos dom sobre isso, para saber o que pensam da hierarquia das castas de varredores. Nessa tarde, falei com Raja Ham e ele me disse sem hesitar:

- Nós, os dom, não bebemos a água dos mehtar. Eles são muito sujos.

Então, perguntei se ele bebe a água oferecida pelos coveiros. A resposta foi não.

Que história maluca! Os intocáveis sofrem com o sistema de castas e se discriminam entre si, à imagem de seus opressores.

Na verdade, as castas se excluem e interagem em um sistema complexo. O ofício de parteira é tradicionalmente exercido pelas mulheres da casta dos sapateiros. Atualmente, nas favelas, as mães continuam a parir em casa, pois o hospital é muito caro. Elas alugam o serviço dessas parteiras-sapateiras.

O parto de Lakshmi será assim. Em alguns dias. O sol acaba de se pôr e, como toda noite, a parteira passa para examiná-la. Na faixa dos 50 anos, gorducha, usando um sari sujo de terra, com a bainha desfiada, é típica da

casta dos sapateiros. Entra no casebre com Lakshmi, para apalpar seu ventre. É um paradoxo. Seu marido, seu filho, seu primo jogam o tabaco para Lakshmi, para não ter que encostar nela; no entanto, vai fazer seu parto com as próprias mãos. Não me peçam para explicar essa noção de intocabilidade que varia segundo as circunstâncias. Os indianos a quem pedi um esclarecimento não me deram nenhuma explicação racional.

Falo com Raja Ram. Na Índia, existe um exame que permite conhecer o sexo do bebê antes do nascimento? Não digo que tipo de exame. Penso na ultrassonografia, mas não sei como dizer em hindi.

- Sim - ele responde. - A parteira prediz o sexo dos bebês. Minha senhora está esperando um menino.

A parteira sai do casebre e ouviu nossa conversa. Ela me explica, séria, que sente o sexo do bebê apalpando o ventre da mãe. Quero mais detalhes e digo:

- Como pode senti-lo?

- Estou acostumada - ela afirma, serena.

Resposta engraçada. Os indianos são muito puritanos e não quero ser indelicado falando da anatomia feminina. Calo-me. Em alguns dias, depois do parto, ficarei sabendo se a parteira se aproveita ou não da credulidade das pessoas. Ela nós cumprimenta, e meu irmão Raja Ram se aproxima.

- Depois desse filho, minha senhora será esterilizada.

- E se for menina?

- Então, não se operará.

- Por quê?

- Quando eu morrer, um filho deve acender minha pira. – Ele pega um biri. - Vou contar uma coisa que não disse a ninguém: Se for um menino, organizarei uma grande festa. Se for menina, ficarei decepcionado e não farei nada.

- Desejo que seja um menino.

- Obrigado.

É verdade que Raja Ram está em apuros com duas filhas para casar. Isso significa dois dotes.

Esse costume é comum a todas as castas, assim como a endogamia, o que

torna geral o casamento de conveniência na sociedade hindu. Se Raja Ram tivesse dois filhos, os dotes que receberiam ao se casarem compensariam os que seriam desembolsados para Radha e Mira. Além disso, na Índia, as meninas passam a morar na casa dos pais do marido. É a grande família tradicional. O casal sem filho homem envelhece só; a aposentadoria e o auxílio social não existem para a maioria dos indianos. Na China, é a mesma coisa: as meninas deixam a casa dos pais ao se casarem. Todavia, na China, é a família do marido que paga o dote. Ela compra a esposa, reembolsa seus pais pelo que gastaram para educá-la.

Na Índia, uma garota custa caro. Estudos sociológicos revelam que os pais prestam menos atenção à alimentação e à saúde dos filhos do sexo feminino. Sua taxa de mortalidade é mais elevada, o que se traduz na população pela relação de nove mulheres para 10 homens.

Nessa tarde, enquanto Raja Ram ajudava Lakshmi a acender o fogo para cozinhar nosso jantar, Muktar, 27 anos, um vizinho dom que é varredor na Universidade Hindu de Benares, me fala do casamento de sua filha, Sangita. É uma bonita menina de 12 anos, com uma longa trança, que vai até a cintura. Ela não tem seios e, sem dúvida, não é púbere. Muktar negociará seu casamento em dois anos, mas ela só irá viver na casa do marido e se deitar com ele quando completar 18 anos, idade legal para uma menina se casar. Então, qual é o interesse de firmar a união de duas crianças com antecedência? O interesse é duplo. Primeiro, os dois pais, ao encontrarem um cônjuge para os filhos, se livram do dever paternal que deve ser cumprido por todo hindu antes de morrer. Segundo, o pai do menino recebe o dote mais cedo e, para o pai da menina, o montante pago hoje é menor que daqui a quatro anos, devido à inflação galopante. O dote, que varia em função da casta e do meio social, é sempre muito elevado e endivida a família. Mesmo os dom devem oferecer 10.000 rupias mais 5.000 para a festa do casamento. Isso representa quase o salário anual de Muktar.

- Em 10 anos, casar uma menina talvez custe 50.000 rupias. Preciso acertar o casamento de Sangita o mais cedo possível, senão nunca conseguirei economizar o suficiente.

25 de setembro

O grupo de casinhas situado entre o bairro dos varredores e a mansão californiana do vizinho brâmane é habitado por intocáveis sapateiros. A maioria não exerce mais essa profissão; o nome significa apenas sua casta e o ofício de seus antepassados. Hoje são alfaiates, funcionários, comerciantes, condutores de liteiras puxadas por bicicletas... Alguns são meus amigos.

Sita Ram, na faixa dos 30 anos, minúsculo e zarolho, é um deles. No entanto, usa um janeu - o cordão sagrado reservado às castas superiores - e afirma ser um brâmane que conduz jinriquixás e vive nesse bairro por falta de opção. Diz ser vegetariano e não beber álcool. Acredito, e seu caso mostra que existem brâmanes pobres. Tenho outro amigo brâmane que é miserável. Chama-se Jagdish e aluga uma tenda feita com uma chapa enferrujada, à margem do Ganges, em Assi. Vende tabaco, cigarros, bombons e sabonetes aos devotos que vão se banhar no rio sagrado. É muito religioso, lê textos sagrados durante várias horas por dia e, ao amanhecer e na hora do crepúsculo, faz as oferendas e abluções necessárias ao culto. Não consome carne nem bebida alcoólica. Se um intocável lhe compra alguma coisa, ele lhe joga a mercadoria e o troco, para preservar sua pureza. Que vida! Prefiro a de Raja Ram, que pelo menos gasta um quarto de seu rendimento com bebida e carne, se banqueteia, se diverte e aproveita a vida.

Não me esqueço de Sita Ram. Hoje de manhã, ao visitar meus amigos mehtar no bairro dos varredores, fui seguido por ele. Fico surpreso por um brâmane entrar nesse bairro. Sita Ram, com um só olho, manchas de despigmentação no rosto encaroçado, a voz nasalada e do tamanho do Pequeno Polegar, tem uma aparência que nos faz rir. Zombo dele sempre que nos cruzamos na Ravindrapuri e ele responde com uma descortesia. Quero apresentá-lo aos mehtar. Digo, gozando sua nobre identidade de brâmane:

- Este é Sita Ram. Ele também é um varredor.

Ele cora e balbucia algo incompreensível. Talvez eu tenha exagerado,

tratando-o como intocável. Para reparar o erro, digo:

- Estava brincando. Sita Ram é um brâmane. Vejam, ele usa o cordão sagrado!

Os mehtar presentes caem na risada:

- Ele não é um brâmane, é um sapateiro!

Sita Ram não protesta; com o rosto escarlate, foge. Os mehtar me confirmam que ele é um filho de Deus e que seu cordão sagrado é um blefe. Reparei que os sapateiros, ao contrário dos varredores e dos sonhar - os intocáveis comerciantes de legumes -, têm vergonha de confessar sua casta. À pergunta "A que casta pertence?", respondem ou "Sou hindu" ou "Sou como fulano". Nunca dizem francamente "Sou sapateiro". Em hindi, o nome dessa casta soa mal, pois significa "trabalhador de couros", e designa a casta intocável mais numerosa.

Uma hora depois, ao sair do bairro dos varredores, Sita Ram me chama à parte, na rua.

- Por que disse que eu era varredor?

- Foi uma brincadeira! Qual é sua casta verdadeira?

- Sou brâmane. Uso o cordão sagrado.

Ele o mostra por baixo da camisa de gola encardida e mangas rasgadas. Mostra-me mais uma vez. Parece sentir prazer nisso. Ele me olha orgulhoso.

- Os varredores dizem que você é sapateiro.

- São varredores! Dizem qualquer coisa!

Ele mente, e eu não insisto. Para agradar, continuarei a chamá-lo de Pandit. Não me incomodo. Esse título honorífico é destinado aos brâmanes. Significa "o sábio, o erudito, o que estudou os textos sagrados".

Todos os meus amigos sapateiros que vivem no bairro e os comerciantes da Ravindrapuri me confirmarão que Sita Ram é um impostor. Não há mais dúvidas. Usa o cordão sagrado para enganar os otários como eu e poder sair pela cidade. No centro, ninguém o conhece. O cordão que pendura sobre o ombro esquerdo indica que pertence a uma casta elevada. Diz que é brâmane e as pessoas o tratam com o respeito reservado a um Pandit. Tanto melhor para ele.

Hoje à tarde, durante minha aula de hindi, Sanjay contou que conhece um sapateiro na vizinhança que também usa um cordão sagrado. Não só para ser considerado um brâmane, mas também porque acredita que todos os hindus religiosos merecem esse direito. No entanto, para os hindus ortodoxos, isso é um sacrilégio, pois somente as castas brâmanes, kshatriya e vaishya, podem ser "iniciadas ou "batizadas".

A grande maioria dos indianos não dissimula o nome de sua casta. Contudo, os trapaceiros não são raros e, evidentemente, dizem pertencer a um grupo superior ao deles. Sanjay estudou na Universidade Hindu de Benares, onde o sistema de castas é forte entre os brâmanes e os rajaputros. Esses dois grupos, que ocupam o topo da hierarquia hindu, disputam o controle do campus. Frequentemente há tumultos entre os estudantes, que lançam bombas uns contra os outros, como em 31 de agosto e 10 de setembro de 1992. Um amigo de Sanjay acrescentou o patronímico Singh a seu nome, para se fazer passar por um estudante rajaputro e se beneficiar da proteção do poderoso grupo.

É difícil desmascarar um indivíduo que mente sobre sua casta. Atualmente, sua casa e seu endereço não significam que pertence a esta ou àquela casta. Em Nariya, onde mora Sanjay, as casas dos sapateiros se agrupam em um quarteirão que não faz uma fronteira visível com as residências dos Maurya, dos brâmanes, dos sikhs, dos leiteiros etc. Nada os distingue. Eu fui ver. Há grandes e pequenas, todas misturadas, em cada setor. Rajendr Kumar, o rico proprietário da serraria e da loja à beira da estrada, é um sapateiro e sua casa é uma das mais bonitas. Eu o conheci. Vestia uma calça e uma camisa passadas, e não falava gíria. Não tem nenhum ponto em comum com Raja Ram nem com Sita Ram, a não ser sua intocabilidade. Indelével, revoltante. Uma mancha de breu sobre o pano branco da existência, escreveu Swami Ramdas.

De fato, essa história de trapaceiros vem a calhar.

Vou me transformar em indiano e fingir ser intocável. Como os indianos sempre dizem pertencer a uma casta superior à que pertencem, ninguém pensará que estou mentindo. Por que alguém de casta superior reivindicaria

a posição de intocável? Talvez apenas para disputar um emprego ou uma missão reservada a um intocável. Não será meu caso...

Isso tudo só vale para as cidades e deverei me isolar. Sanjay, Ram Singh e Raja Ram assim me afirmaram. No campo, é impossível enganar. Todo mundo se conhece e as aldeias ainda são divididas geograficamente por castas, segundo a tradição, para evitar a mistura e a poluição. Os leiteiros com os leiteiros, os sapateiros com os sapateiros, os brâmanes com os brâmanes etc. Não haveria lugar para um recém-chegado. Na cidade, ao contrário, com a mistura da população por causa do êxodo rural, poderei me confundir com a massa.

11 de outubro

Chakradharpur, cidade ao sul de Bihar, na direção de Calcutá. Cheguei ontem, após 18 horas de trem. Os Munda, tribo à qual vou pertencer, vivem aqui, nas florestas do planalto de Chota Nagpur, mais conhecido pelo nome histórico de Jharkhand. Seus aborígenes - todas as tribos juntas, inclusive os Munda - reivindicam a separação do Estado de Bihar.

Vim para ver como é um Munda, onde mora, como se veste, que língua fala... Mesmo que eu não pretenda parecer exatamente com um Munda, para conseguir minha metamorfose tenho de inventar um passado e contá-lo. Criar imagens plausíveis sobre a região, a casa, minha suposta família. Talvez cruze com pessoas que já estiveram em Jharkhand e, para não me trair, vou dar uma volta e tentar ser capaz de lembrar um mínimo da cor local.

Chakradharpur. Mil casas de um andar, de tijolos e madeira, se alinham sobre um eixo perpendicular à via férrea. Um cenário de western, com sua grande rua e suas lojas de bebidas. Os aborígenes desempenham o papel dos peles-vermelhas, e os colonos arianos, civilizados e adoradores das vacas, o dos caubóis.

É uma cidade de crescimento demográfico acelerado, construída no coração da selva tropical. A farmácia na entrada da grande avenida foi a primeira loja. Lá se vendem todos os tipos de medicamentos: antibióticos, pomadas,

antidiarréicos, e também uísque, rum e cerveja. Um negócio de família. Um bengalês corajoso, bisavô do proprietário atual, a construiu em 1886. Na época, era cercada por uma densa floresta habitada por aborígenes. Sua fachada em arcadas, os móveis e o balcão de madeira acima de uma balaustrada datam dessa época.

Para além deste monumento histórico, no lado direito da passagem de nível, onde o tráfego é intenso, destaca-se um grande painel publicitário. O rosto da bela Madhuri Dikshit, pintado com um halo de luz difusa, exalta os méritos do sabonete Lux, o das estrelas, mesmo em Jharkhand.

Em Chakradharpur, a maioria dos habitantes é ariana, e os aborígenes que aí vivem são todos parecidos. Os Munda verdadeiros vivem nas montanhas e na selva ao redor. A maior parte não conhece nem o hindi nem o inglês. Contrato um condutor de jinriquixá que é da tribo dos Ho e conhece o hindi e a língua Munda. Será meu intérprete e me conduzirá a Vulugutu Beka, a oito quilômetros.

Essa aldeia é habitada por hindus Munda que cultivam arroz e criam gado. Um lago marca a entrada da aldeia ao pé de uma montanha coberta de árvores gigantescas. Um caminho lodoso serpenteia entre casas de barro cercadas de pátios limpos, sem lixo, o que é raro na Índia. As habitações são separadas umas das outras por bosquetes de bambu, mangueiras, figueiras, pipal - árvore sagrada hindu. Sua sombra oferece um frescor delicioso.

Os Munda são australóides, primos afastados dos aborígenes australianos. Segundo o célebre sociólogo indiano Govinda Sadashiv Ghurye, eles teriam vindo da península malaia na idade neolítica. Sua língua, incompreensível para um indoeuropeu, pertence à família das línguas mon-khmer. De fato, os Munda que encontro em Vulugutu Beka apresentam aos meus olhos profanos os finos traços arianos. Talvez o mais freqüente seja a tez morena, o cabelo crespo, o nariz grosso, os lábios carnudos. Mas de um modo menos pronunciado que nos negróides. E isso me convém, pois tenho cabelo crespo e um nariz tão grosso que parece um focinho de porco. Conclusão: é impossível reconhecer um Munda em uma multidão de indianos arianos, e poderei passar facilmente por um.

Os homens se vestem como os arianos pobres: lungi e camisa ou camiseta. As mulheres usam saris, como toda a população, só que os seus têm dois ou três metros de comprimento, em vez de cinco. Enrolam pano em volta da cintura, sobem-no pelo busto, sem o enrolarem, e deixam o resto do tecido cair nas costas. Muitas não usam corpete, e o sari curto, mal colocado, não dissimula os seios. Infelizmente, as mulheres sem corpete com que cruzei depois de alguns partos têm os seios flácidos, como se esvaziados de sua polpa. Vi uma jovem aborígine de torso nu em plena Chakradharpur. Tinha os seios firmes e lisos, mas era uma mendiga. Seu cabelo formava uma massa compacta com o acúmulo de sujeira e os braços e rosto estavam cobertos por crostas pretas.

Entramos nos pátios e conversamos com os habitantes. Frequentemente usam como patronímico o nome Munda precedido de um prenome indígena ou hindu. Os Munda correspondem a uma casta endógama, exatamente como os Maurya, Agraval, Sonkar etc. Ao lhes perguntarmos a que casta pertencem, respondem com o nome da tribo e admitem ser do grupo dos "filhos de Deus". São carnívoros e bebem muito. Assim como todos os aborígenes neste planalto.

Em Benares, cidade santa, o álcool é uma bebida impura e cara, e os devotos se drogam com a maconha. Em Jharkhand, ao contrário, o álcool é barato e não é uma infâmia bebê-lo. Parecido com a França.

Na estrada de Chakradharpur, a cada quilômetro há uma espécie de botequim, sempre muito cheio de gente. Meu guia visitou todos. Uma vez, matou a sede com uma espécie de cerveja de arroz e, na próxima seguinte, se recompôs com aguardente. E foi assim até chegarmos a Vulugutu Beka. Ele entorna bem. E sem problemas. Eu o acho simpático e me sinto próximo desses aborígenes.

Os Munda comem cobra, porco, búfalo, peixe. Como hindus, evitam a carne de vaca. Veneram Shiva, Rama, Krishna, Durga etc. Encontro dois homens que usam o cordão sagrado. Pergunto se são brâmanes.

O primeiro não entende o que digo, e o segundo responde: "Não, sou Munda. O cordão indica que sou religioso." Isso me confirma o que li sobre os aborígenes do Jharkhand. Seu hinduísmo ainda carrega vestígios das

religiões primitivas que os influenciaram de início. Eu não aprofundo. Sem dúvida, os Munda praticam um hinduísmo diferente em alguns detalhes, mas isso não importa para minha metamorfose. Em Benares, as pessoas ignoram a verdadeira aparência de um Munda.

Para reforçar a credibilidade, será útil conhecer algumas palavras Munda, e aprendo a dizer “obrigado”, “bom-dia”...

12 de outubro

Esta noite, outro sonho mórbido. Eu o resumo:

"Visito minha avó no hospital. Ela treme na cama, não consegue mais falar. De repente, leva as mãos aos olhos para dizer que não enxerga mais. Seu corpo se curva e depois se acalma. Acabou, está morta."

O choque me desperta. Fim do pesadelo. Minha avó morreu há 10 meses e eu a amava como se fosse minha mãe.

Estou hospedado no hotel Diamant, de Chakradharpur, o melhor num raio de 25 quilômetros. As paredes do quarto estão mofadas; a água corrente e os banheiros ficam fora, no final da varanda. Conforto mínimo, preço mínimo: dois dólares a diária, incluindo o enxame de mosquitos que me devoram do crepúsculo ao amanhecer. Estou deitado em uma cama quebrada, ao lado de Gloire. Ela dormita e seu hálito quente acaricia minha face.

Minha avó está fria, no fundo de sua sepultura. Eu também, um dia, ficarei frio. Talvez Gloire me veja dar o último suspiro sobre uma cama. E depois seremos separados. Isso acontecerá com certeza. Um desespero imenso me invade. Sinto medo. Medo de desaparecer.

Não é o fim da vida em si que me angustia, mas a certeza absoluta de deixar minha mulher, em um futuro mais ou menos distante. O projeto de metamorfose em intocável pode adiantar essa data. A aventura me excita, claro, mas valerá a pena arriscar a vida, correr o risco de me afastar de Gloire? Algumas lágrimas umedecem meus olhos e me enroscam nela. Quero aproveitar ao máximo sua presença, antes de me tornar um indiano.

Tenho 32 anos e nunca tive salário regular. Sem rendimentos fixos, realizei todos os tipos de reportagens para sobreviver. Sou a escória do jornalismo,

um aventureiro. Percorri todos os continentes, ri e amei em todas as longitudes. Esta foi a minha vida. Sou feliz. Não lamento nada. Que isso fique bem claro.

16 de outubro

Retomei a Benares no dia 14, quarta-feira, e retomei ontem as sessões de bronzeamento. Tenho 10 dias para ficar moreno. De manhã, acordo antes da aurora e tomo dois comprimidos de metoxipsoraleno. Duas horas depois, unto o corpo com óleo de coco e me exponho ao sol, na varanda, durante três ou quatro horas. Uso uma sunga e ponho uma faixa preta sobre os olhos. Apesar disso, depois de cada sessão, sinto fisgadas nos olhos até a noite. Incompetência do metoxipsoraleno! Deve atacar minhas íris. Essa membrana ocular é rica em pigmentos e sensível aos raios ultravioleta. Espero que não seja nada grave.

Após dois dias de tratamento, não consigo prever qual será a minha cor final. Enfim, me bronzeio, consigo um tom caramelo, um pouco alaranjado, mas conto com o nitrato de prata para escurecê-lo no último momento.

Aborrecem-me, principalmente, os pelos dos braços e pernas, que clareiam ao sol. Os pelos dos indianos escuros ou claros são sempre pretos. Não posso ficar com essa penugem dourada sobre o corpo. Devo raspá-los e escurecê-los como fiz com o cabelo. Pintar o corpo todo? Com uma tintura capilar? É possível?

Resolvo fazer um teste e unto meus antebraços com uma tintura preta de marca diferente. A penugem loura é particularmente espessa nesta parte de meu corpo. Deixo a tintura por 20 minutos e enxáguo. O resultado me tira o ar.

Meus pelos se tornaram pretos e a epiderme também. Eu me lavo com sabão e a tintura não sai. Fiquei com uma faixa preta de cinco por 10 centímetros em cada pulso. Toco e me certifico de que é minha pele mesmo. Minha pele preta. Ela me dá as mesmas sensações que a minha pele branca vizinha. Em parte, sou preto. Não acredito no que vejo. É fantástico. Quem sou eu? Um homem bicolor? Esta tintura é reversível? Começo a gargalhar e minha

angústia se acalma.

Não posso sair com essas placas no braço. Tenho de apagá-las. Eu me lavo com sabão e água quente. A tintura não sai. E agora? Decido me esfregar com uma bucha embebida em água sanitária até ficar em carne viva para conseguir apagar a mancha. Meus pelos continuam pretos.

As tinturas capilares indianas tingem a pele ao mesmo tempo que o cabelo. Felizmente, para escurecer meu cabelo, tive a idéia de trazer uma caixa da tintura francesa que conheço bem. Os produtos indianos me coloririam o crânio, deixando vestígios no contorno do couro cabeludo. Em compensação, talvez possa usá-los para escurecer a pele. Recomeçarei o teste em uma parte do corpo que fique escondida pelas roupas. Assim, não precisarei apagar as placas para poder sair sem chamar atenção. Verei por quanto tempo essas tinturas resistem. Depois, no dia da metamorfose, pincelarei o corpo bronzeado com a marca mais resistente e, por cima, passarei uma camada de nitrato de prata. Isso me dará a cor chocolate, perfeita.

Não percamos tempo. Agora, pinto a parte de cima das coxas. Passo uma tintura diferente em cada uma e deixo fazer efeito. Enxágua e vejo dois retângulos de pele preta no alto das coxas. Só falta observar quantos dias vão durar.

Vi nas revistas outros dois ou três tipos de tintura para cabelo. Marrons e pretas. Vou comprá-las e amanhã experimentarei nas coxas. Quero saber qual a que mais dura e dá à pele a cor mais escura e, ao mesmo tempo, natural.

Mas ainda há coisas que me preocupam. Primeiro, esses produtos são destinados ao cabelo, e a cor obtida talvez seja permanente. Para voltar a ser branco, não poderei me lavar inteiro com água sanitária. Seria perigoso, principalmente para o rosto. Devo usar um descolorante apropriado. Será que existe? Também não sei se esses produtos são nocivos para a pele. Se passo no corpo todo, fecharão meus poros? O que acontecerá? Além do mais, podem provocar uma alergia, eczema, câncer? Quantas perguntas sem respostas. Não posso me aconselhar com um dermatologista local, explicar-

lhe meu projeto; ele poderia contar à polícia que quero usurpar a identidade de um indiano. Só tenho Gloire ao meu lado e ela é tão leiga quanto eu em medicina.

Estou só. As duas partes que pinteí começam a coçar. A da marca Helena Curtis mais que a Godrej, que não leva água oxigenada. Estou inquieto, mas fazer o quê?

Ontem, consegui as roupas e os acessórios necessários à minha metamorfose. Limitei-me às coisas que um mendigo médio possui. Para que minha experiência tenha valor, devo viver como ele, nas mesmas condições. Sem pensar em meu conforto, escolhi para cada artigo o modelo mais barato e mais comum.

Dormirei na rua. Comprei um pano de algodão cru sobre o qual me deitar e uma manta de lã áspera. Desde o começo do mês, as noites têm sido frescas e os que dormem ao ar livre recorrem a cobertas e até mesmo a um pequeno travesseiro de trapos. Também comprei um prato de alumínio para pedir esmolas e um saco de cânhamo grosso e marrom para guardar minhas coisas, como fazem os outros mendigos.

Como vestimenta, usarei sandálias de dedo, um lungi xadrez azul e marrom, uma camisa de material sintético com listras marrons, uma camiseta branca e um fular vermelho. A roupa comum do hindu pobre.

Os lungi em xadrez miúdo geralmente são usados pelos muçulmanos. Aqueles com estampa xadrez maior, de uma só cor ou não, são preferidos pelos hindus. Existem também várias maneiras de enrolar esse pano, de dois metros de comprimento, em torno da bacia. Elas indicam a casta, a profissão, a classe social. Decidi usá-lo como os leiteiros, isto é, cruzando as duas extremidades superiores na frente, sem formar pregas. Depois, giro-as sobre os quadris e as prendo na orla do pano. É simples, fica bem preso, pode-se agachar-se para ordenhar uma vaca ou correr sem prender as pernas no pano. As pessoas que se mexem muito, os trabalhadores manuais, os pobres etc., freqüentemente adotam essa maneira de usar o lungi. Outros métodos franzem o tecido antes de fixá-lo. É mais sofisticado e atrapalha o movimento das pernas, como uma saia apertada.

Meu fular também é xadrez. Em estampa pequena.

Mas isso pouco importa. O que conta é possuir um fular, em geral de estamemha barata, como o meu, que mede 1,50m de comprimento. Para se proteger do sol, da poeira, do frio, os pobres cobrem a cabeça, dia e noite, com esse lenço, como se temessem constantemente ficar doentes. Não usam uma técnica particular. Simplesmente os colocam sobre a cabeça e deixam as pontas caírem sobre os ombros. Às vezes, envolvem o pescoço com uma das pontas e a deixam cair nas costas. Outras vezes o enrolam no alto da cabeça como um cordame. Também o usam para enxugar o suor.

O xadrez e as listras da camisa não têm nenhum significado. Comprei a minha no mercado de coisas usadas de Nai Sarak. É perfeita. Bem ao gosto indiano. É semelhante às que vejo aos milhares pelas ruas: em tecido sintético desagradável e escorregadio ao ser tocado, cor de coco de ganso, listrada, corte reto, sem forma. Como um brinde, está manchada de marrom na frente. Isso não me incomoda. Pelo contrário, continua muito limpa para pertencer a um mendigo.

As roupas dos indianos, assim como seu país, são sujas de terra, de lama, gordurosas, viscosas, gastas, rasgadas. E não me refiro às dos mendigos, que ainda são mais sujas, mais gastas, mais esburacadas. Em todo caso, meu traje de pobre, novinho, não condirá com o cenário local.

Desde ontem, sujo o lungi, a camisa, a camiseta e o fular. Não é fácil obter uma sujeira uniforme, natural. Evito fazer manchas grandes que tornem as roupas parecidas com uma palheta de pintor. Começo mexendo nas cores e fibras, imergindo-as em água sanitária por várias horas. Depois, esfrego o chão sujo de terra da varanda e a escada cheia de excremento de ratos. Continuam parecendo muito limpas. Deixo-as secar ao sol para fixar a sujeira que já foi retida pelas fibras, depois as molho e torno a esfregar o chão. E assim sucessivamente. Repito essa operação três vezes. Na última vez, derramo um pouco de óleo no chão antes de esfregá-lo. Perfeito, as fibras retêm melhor a gordura.

O resultado me satisfaz. Minhas roupas se parecem com as vestidas pelos varredores intocáveis. Estão amareladas e com manchas marrons, como as de sebo e de molhos ao curry. Meu traje está pronto, só falta sujar a camiseta, o pano de dormir e a manta.

Esqueci de falar do bigode, sinal de virilidade na Índia. Como a imensa maioria dos indianos, devo usar bigode, e há uma semana o deixo crescer. É o único elemento dessa metamorfose que não me preocupa. Ele cresce bem, sei que conseguirei.

Por quê? Várias vezes deixei-o crescer para realizar reportagens. Para me tornar chinês, para bancar um muçulmano na França e no Marrocos durante o ramadã de 1991. Também para parecer mais velho e fingir ser um milionário francês em Cantão, em setembro de 1991.

17 de outubro

Lakshmi, a mulher de Raja Ram, o “Boa Lábia”, deu à luz no dia 5 de outubro. Hoje, ela vai apresentar o bebê à família e aos amigos. É um acontecimento.

Segundo a religião hindu, o parto, assim como a menstruação, suja a mulher e a torna temporariamente impura. No caso do parto, a impureza dura 12 dias. Durante esse período, ela é intocável para sua própria comunidade e fica isolada. Não tem o direito de cozinhar, nem de tocar no alimento do outro, deve dormir sozinha. Esse costume não é especial da família de Raja Ram, mas é seguido por todos os hindus, por todas as castas, exceto alguns intelectuais ocidentalizados. Os hindus estão profundamente convencidos da fundamentação dessa intocabilidade. Assim, Sanjay, o jovem professor que estudou na universidade, me explicou:

- Uma mulher que menstrua ou acaba de dar à luz está suja. A prova é que se ela toca em uma vasilha com legumes mergulhados em salmoura, ela mofará embaixo.

Hoje, Lakshmi deixou de ser impura. Pela primeira vez desde o parto, ela saiu de casa. Ela mostra seu bebê - amamenta e não o larga. Raja Ram oferece um grande banquete para a família, amigos e vizinhos. Fui convidado. Estou contente por Raja Ram ter pensado em mim. Verei como é uma festa de intocáveis.

Chego por volta das 17 horas na casa de Raja Ram.

Lakshmi está sentada na soleira e apresenta o bebê aos aproximadamente 30 convidados já acorados no pátio. Cada um lhe dá um pequeno presente - uma roupa ou umas 10 rupias. Sou um estrangeiro e acho que devo oferecer um pouco mais. Ponho na mão do bebê uma nota de 50 rupias e outra de uma rupia. Na Índia, as cifras não-redondas trazem felicidade. Lakshmi e Raja Ram sorriem para mim.

Está na hora de revelar o sexo do bebê. Devem estar lembrados de que Raja Ram queria um menino, e que a parteira lhe garantiu que o teria.

Pois bem, ela se enganou.

Nasceu uma menina. Chama-se Madhu, que significa "mel".

Raja Ram me conta que convidou 250 pessoas para comer e que isso lhe custará 2.600 rupias, ou seja, dois meses de trabalho. Não lhe lembro que me havia confidenciado, há três semanas, que não celebraria se o bebê fosse menina. Seria indelicado.

Ele comprou um porco e um leitão para o banquete. Seu cunhado matou o porco no começo da tarde, e agora, diante dos convidados, Raja Ram vai sacrificar o leitão. Trata-se de uma oferenda ritual. Ele o tira de um saco de juta e o coloca no chão de terra. Rasga com os dentes um saquinho de álcool branco sintético e molha o focinho do bacorinho, que berra desesperado e se debate com suas patinhas de bebê. É horrível. O cunhado imobiliza a cabeça do animal, Raja Ram pega um facão e, com um gesto rápido e potente, corta-a. A cabeça se separa do corpo, que treme, e um filete de sangue escorre, formando uma poça vermelha. Não acabou.

Já vi na China degolarem porcos, mas hoje assisto a uma das cenas mais marcantes da minha existência; outra foi quando surpreendi um velho chinês enrabando um cachorro em uma favela de Hong Kong. Raja Ram endireita a cabeça do leitão, invoca a floresta dos deuses hindus, salpica de álcool o pescoço sanguinolento e grita:

- Fale! Fale!

Torna a salpicar de álcool a ferida aberta e a cabeça do leitão abre a boca como se falasse. Mas não emite som. O espetáculo é impressionante. Raja Ram está radiante e me diz:

- Ele falou! Foi Deus que o fez falar!

Na verdade é o efeito do álcool sobre os nervos seccionados que fez a boca do leitão se abrir. Neste bairro de varredores, eu me sinto em plena Antiguidade, na época em que os homens imploravam a Deus com sacrifícios de seres vivos. Para Raja Ram, esse oráculo divino significa que Deus protegerá sua filha. Para mim, ele sempre será o homem que sabe fazer os cadáveres falarem. E isso não é nada.

Os intocáveis, assim como os franceses, não desperdiçam nada do porco. Cada pedaço tem um preparo apropriado. A carne, os músculos, a cabeça e o toucinho são cozidos ao curry; o fígado, o coração e o estômago são fritos, o intestino grosso é grelhado e o sangue é cozido com o intestino delgado cortado em rodela. Também há o porco cru. As crianças adoram. O cunhado corta a carne fresca em cubos e de vez em quando dá um pedaço às crianças que giram à sua volta. E hop! Mais uma criança que come toucinho cru. O grande dado esbranquiçado incha suas bochechas como se ela tivesse a boca cheia de alteia. Mastiga durante um minuto. Um minuto é muito e, pelo sorriso encantado do garoto, parece delicioso. Raja Ram me estende um cubo de toucinho cru, como oferecemos amêndoas em um batizado na França. Recuso, não quero pegar solitária. Ele diz:

- Está enganado, Sir. O leitão cru é bom para a saúde. Tem muitas vitaminas e é delicioso.

Os varredores sentados perto de nós concordam. Sempre achei que só os imbecis recusam experimentar o que não conhecem. Essa noite sou um deles. Devia provar toucinho cru, não vai me matar. Na China, comi macaco, cachorro, gato, serpente, tartaruga, bicho-da-seda, escaravelhos etc. Mas porco cru me dá frio na espinha e recuso. Para alguém que se diz aventureiro, sou um fracasso.

São 20 horas e a refeição ainda não está pronta. O cunhado, a irmã de Raja Ram e outros dois adultos preparam a comida. Já há uns 50 convidados. Começam a ficar impacientes. Cada família trouxe um saco de álcool sintético e o bebemos. Homens e mulheres. Uma dose de álcool é vertida, a intervalos regulares, na boca dos cozinheiros, que estão com as mãos sujas. Eles a abrem bem para o amigo que pressiona o saquinho. Essa técnica evita

o contato dos lábios com o saquinho que é dividido entre muitas pessoas. Beber no gargalo seria porcaria. Para um hindu, mesmo intocável, é importante preservar a pureza.

Esta noite não bebi. Não me atrain, com toda essa carne fresca e sangue na minha frente. Além disso, não gosto desse álcool sintético. Digo a Raja Ram que estou com dor de barriga e que não beberei.

A comida fica pronta por volta das 22 horas. Somos cerca de 100 convidados - e não 250, como dito por Raja Ram - acorados no chão, diante de seu casebre e dos casebres dos vizinhos. Aos nossos pés um prato de folhas secas, no qual o cunhado serve uma colher de curry de porco e arroz branco.

Quando terminei o cun, o cunhado se dirige a mim com uma concha cheia. Não tenho mais fome. Mas Raja Ram insiste. Está bem! Está bem! Aceito alguns pedaços de porco. Como não quero que me sirva com as unhas pretas de sujeira, eu mesmo cato dois cubos de carne ao curry. O cunhado, satisfeito, despeja o resto da concha na panela. De repente, um convidado se levanta e grita:

- Pare! O que está fazendo? Recolocou a concha que o inglês tocou na panela! Está maluco?

O cunhado pega imediatamente alguns pedaços de porco na superfície da panela e os joga em um balde que estava ao lado. - Eu os peguei. Não tem mais problema.

Cometi um erro grave.

Na Índia, come-se sem talher, com os dedos da mão direita. A mão esquerda serve para lavar o ânus. É o costume e eu obedço. Como minha mão direita estava cheia de molho e arroz, mexi, sem querer, na concha com a mão esquerda. O cunhado, atordoado, poluiu toda a panela ao despejar nela o que restava na concha em que eu havia metido meus dedos impuros. O curry não pôde mais ser comido.

Outros convidados discutem. Grita-se muito e o sacerdote Vijay Kumar, que estava sentado atrás, se aproxima. Explicam-lhe a situação e ele, por sua vez, começa a acusar o cunhado, usando uma linguagem que não é

apropriada a um religioso. O cunhado, humilhado, mostra o fundo do balde em que jogou a parte do curry que supostamente sujei.

Raja Ram, constrangido, diz:

- Não sejam ridículos! Não tem problema! Acalmem-se! - depois, murmura à parte: - Beberam demais, não conseguem se controlar.

Sinto medo e fico mudo. Chego a pensar se os convidados não vão jogar a panela de curry em Raja Ram. O banquete estaria terminado. Por minha culpa. Arrependo-me do que fiz. Ao mesmo tempo, ouvindo essa discussão, fico amargo. De fato, não se trata da mão esquerda ou da direita. Vi os que cozinhavam manipulando a comida com as duas mãos, e os indianos se servem da mão esquerda para ajudar a comer.

Sou estrangeiro, o que chamam de inglês. Este é o verdadeiro problema. Sou inferior a eles, sou sujo e não podem consumir o que toco. Mal acredito; esses varredores intocáveis, cobertos de piolhos, me consideram um intocável. Eles me dão nojo, a cólera cresce em mim. Quero insultá-los, gritar que são uns coitados e canalhas por infligirem aos outros o tratamento discriminatório que se queixam de sofrer. Como podem me desprezar dessa maneira? Acham-se tão puros? É a primeira vez que experimento a intocabilidade, e isso se dá na minha pele de francês que se acha mais limpo que esses miseráveis varredores, os intocáveis mais inferiores. Eles são repelentes, analfabetos e moram em favelas cheias de cagalhões.

Sei que a impureza não se restringe a uma noção de higiene, mas também se refere à limpeza religiosa. Não sou hindu, por isso vivo conforme costumes impuros. Um sentimento de vergonha me domina. Que humilhação ser acusado em público de homem sujo! Se isso acontecesse depois de minha metamorfose em intocável, sem dúvida aceitaria melhor. Estaria preparado para ser uma vítima do sistema de castas, eu já esperaria por isso e me consolaria pensando em minha verdadeira identidade de francês. Mas esta noite é impossível. Minha intocabilidade é autêntica. Queria ir embora e nunca mais ver essa gente que me considera um homem inferior. Mas permaneço ali, por amizade a Raja Ram. Ele tenta acalmar os espíritos. Algumas palavras ríspidas ainda são trocadas, depois o sacerdote torna a se sentar e a refeição é retomada.

Os convidados discutem o tempo todo. Durante a preparação dos pratos e durante a refeição. Por quê? Porque a comida não ficou pronta logo, porque um homem se recusa a ceder seu lugar em um sofá rasgado a uma mulher doente, porque o garoto de um vizinho furta um cubo de toucinho cru etc. Todos berram, de lado a lado, sem moderação. Essas discussões são normais no bairro dos varredores. Sempre que visito Raja Ram, ouço um vizinho ou outro discutindo. Esta noite foi sem parar e ele tem de bancar o juiz o tempo todo. Cansado, me diz:

- Bebem muito. Isso vira a cabeça deles.

Não são escusáveis? Esquecem sua intocabilidade, o papel sujo no banquete, o consumo bárbaro de vinho e carne. Esse é o privilégio dos homens impuros! Possuir o direito de mergulhar nos prazeres terrenos.

Há outra análise da intocabilidade. Há dois ou três mil anos, os costumes hedonistas, primitivos, de determinadas castas marginalizaram seus membros, forçando-os a exercerem ofícios impuros para sobreviver. É a questão do ovo e da galinha. Quem existiu primeiro? Pouco importa. A intocabilidade permanece sendo uma injustiça escandalosa, igual ao racismo. É indelével, fundamentada na intolerância, e suas vítimas não são responsáveis pelos vícios que lhes são atribuídos.

24 de outubro

Está decidido. Daqui a três dias vou me metamorfosear.

O bronzeamento com o metoxipsoraleno me deu uma bela cor moreno-clara. Estou menos escuro do que esperava, mas acho que será o suficiente para passar por indiano. Existem indianos mais claros que eu, até brancos como leite. Representam uma minoria e, entre os intocáveis, eles são raríssimos. A questão é que tenho medo de chamar a atenção como intocável claro. Um provérbio hindi diz: "Nunca suba em um barco com um brâmane preto e um sapateiro branco." Significa que se deve desconfiar das pessoas que fogem da norma.

Quero me confundir com a massa, tornar-me um intocável qualquer, por isso vou escurecer mais a pele com uma tintura para cabelo e, depois, nitrato

de prata. Pelo menos as partes visíveis de meu corpo. Isto é, o rosto, o pescoço, os braços, as pernas e os pés. A roupa esconderá o tronco. Ficando bicolor, não poderei me despir em público, mas acho que na pele de um mendigo, neste começo de inverno, não precisarei disso. Evidentemente, existe o risco de ser despido à força por uma razão qualquer. Um risco mínimo, acho. Eu o aceito. Não quero me pintar por inteiro, principalmente os órgãos genitais. É, sem dúvida, nocivo e seria um trabalho cansativo.

Experimentei cinco tinturas diferentes. Três pretas e duas marrons. A Bigen A deu à minha pele um tom sépia, denso e natural, e depois de sete dias ainda subsiste em minha coxa. A Godrej e a True-Tone, da Helena Curtis, também resistem bem, mas a primeira é muito azulada e a segunda, à base de água oxigenada, provoca uma comichão. A Bigen A não causou nenhuma irritação e decido usá-la para me escurecer na segunda e na terça-feira. Isto é, em cima da hora, para aproveitar a duração máxima da tintura. Ela se apaga aos poucos, a partir do quinto dia. Quando estiver bem tênue, talvez no fim de 10 dias, voltarei a casa e tornarei a passar uma camada. De qualquer maneira, o nitrato de prata só resistirá o tempo que minha epiderme leva para se renovar, ou seja, duas a três semanas. Será preciso repassá-lo regularmente.

Escolhi meu nome indiano. Eu me chamarei Ram Munda. Munda é o patronímico mais simples dos membros da tribo Munda, e Ram é um prenome muito comum, que passa despercebido e indica claramente que sou hindu. Rama é um deus cuja existência mitológica simboliza a vitória da luz sobre as trevas. Encarna a coragem, a honestidade, a justiça, e os hindus o consideram a personificação do homem ideal. Não pretendo ser como Rama, mas tenho vontade de usar seu nome.

Direi que esse Ram Munda é originário de Jharkhand, da aldeia de Bandgav, que significa "Aldeia Fechada". É um vilarejo onde parei ao deixar Chakradharpur. Situado ao longo de uma grande estrada, é um lugar desconhecido e pouco povoado, mas, apesar disso, figura nos mapas geográficos, o que lhe confere uma realidade que pode ser confirmada. Também elimina o risco de encontrar em Benares alguém que tenha vivido

lá, o que poderia acontecer se eu escolhesse uma comunidade maior, como Chakradharpur. A paisagem de Bandgav é fácil de descrever. Uma floresta impenetrável, com árvores gigantescas e cipós, cerca a aldeia. A uns 10 quilômetros, há uma cachoeira fantástica de cerca de 100 metros. Assim, tenho do que me orgulhar em minha região natal. O vilarejo se estende por vários quilômetros quadrados. As casas de tijolos, cobertas de telhas redondas, são agrupadas em quatro ou cinco, com pátios e caminhos próprios, sem detritos. Entre esses agrupamentos há campos de arroz e prados onde pastam vacas, cabras e carneiros. Além disso, há dois templos hindus: o primeiro na entrada do lugarejo, dedicado a Shiva, e o segundo perto da delegacia, dedicado a Durga, esposa de Shiva. Essa deusa, ao mesmo tempo cruel e generosa, criadora e destruidora do mundo, é considerada a mãe divina. Ela também protege os aborígenes que vivem da caça, e seu culto exige sacrifícios sangrentos. A existência desses dois templos me permitirá engendrar histórias plausíveis, como Ram Munda e os seus fazem as oferendas rituais. A propósito de minha idade, não serei preciso, assim como muitos indianos pobres que ignoram a data de nascimento. Tenho 32 anos, mas direi "20 a 25", pois os indianos parecem mais velhos que os ocidentais.

Para minha metamorfose ser bem-sucedida, estudei o comportamento dos indianos. Observei que não pronunciam três expressões: "Desculpe", "Obrigado" e "Por favor". Elas existem em hindi, mas nunca as ouvi da boca de indianos de nenhuma casta. Em inglês, eles as usam automaticamente, sem compreender o sentido verdadeiro. Se digo "Krpaya" ("Por favor"), pareço um marciano e devo repetir uma ou duas vezes, antes que o outro entenda o que acabo de dizer. Abandonar essas cortesias que decoram a linguagem ocidental não é fácil. Ao passar por chinês, só consegui deixar de dizê-las depois de várias semanas. Hoje, em Benares, recriei na mente o estado de espírito rústico no qual vivia como chinês, e isso me ajuda a renunciar às cortesias ocidentais mecânicas. Aliás, acho que é mais importante na Índia do que na China, pois os indianos ignoram mais a cortesia. O chinês não é muito polido, mas percebe a própria falta de civilidade. Ele cora se lhe aviso que deveria ter dito "Desculpe" antes de me

abordar ou me interrogar na rua. Ao contrário, o indiano não se melindra como o chinês, ele não compreende por que deveria se desculpar. Ele não se pergunta se está me incomodando, isso não tem a menor importância para ele. O hinduísmo, ao contrário do cristianismo, do islamismo ou do comunismo, insiste nos deveres do indivíduo em relação a si mesmo; torna os homens egoístas. Além disso, na Índia, 48% da população são analfabetos, isto é, muito rudes. O indiano não é pouco cortês, ele é descortês. Ao me tornar Ram Munda, uma fórmula de cortesia pareceria falsa em minha boca e trairia minhas origens ocidentais.

Devo comer com a mão direita e não me esquecer de só usar a esquerda quando for ao banheiro. Aliás, estou treinando baixar a cueca vestindo um lungi. Esta saia comprida pende sobre os tornozelos e não é fácil me acocorar para urinar ou defecar sem levantá-la. Baixar a cueca até os joelhos e deixar o traseiro e as coxas expostos é uma técnica ocidental. A propósito, quero assinalar outro comportamento sino-indiano. Os dois povos se acocoram a todo instante em público e da mesma maneira: com a planta dos pés no chão e não com os dedos, como fazem os europeus. Tente, não é muito fácil, mas, quando nos habituamos, conseguimos ficar nessa posição por uma hora, sem nos cansarmos. Eu a aprendi ao passar por chinês e será útil agora.

Os indianos andam como patos, com os pés abertos, e para dizer "sim" balançam a cabeça da esquerda para a direita, e não de cima para baixo, como na França. Adotei esses dois hábitos locais e pratiquei assoar o nariz entre os dedos. Aperto, alternadamente, cada narina, com o polegar e o indicador, e projeto o muco no chão, graças a uma violenta expiração nasal. Funciona, só que sempre fica um pouco de muco grudado nas narinas. Como meus futuros compatriotas, eu o tiro com as pontas dos dedos, depois sacudo no vazio ou o esfrego na parede, para me livrar dessa substância viscosa. Está feito. Assoei e não carrego no bolso um lenço pegajoso. Os indianos têm razão, usar o nariz como uma arma automática é mais limpo. Para si mesmo.

Reparei mais três pontos em comum entre os chineses e os indianos. Eles simplificam minha aprendizagem do código de conduta indiana: os

camponeses dos dois povos arrotam, escarram e limpam o nariz em público, sem o menor constrangimento. Na pele de Ram Munda, agirei assim; isso me dará mais um toque de cor local. Também precisarei coçar os testículos publicamente, o que é específico da Índia. Os indianos de todas as castas coçam o saco e o ajeitam na calça o tempo todo. Na rua, em uma loja, e até mesmo na frente das mulheres. Claro que há o calor, e a transpiração gruda os órgãos genitais, mas essa falta de constrangimento para se pôr à vontade em público também revela o desejo e o prazer de afirmar, nessa sociedade falocêntrica, que se é macho e que se tem o órgão.

Em seu livro *Nós, os indianos*, Khushwant Singh, escritor contemporâneo, analisa por que seus compatriotas coçam os órgãos genitais, escarram, urinam, defecam e jogam o lixo na rua. Segundo ele, os maus modos dos indianos provêm do egoísmo exacerbado de seus compatriotas, da falta de sentido cívico e de consideração pelo outro.

25 de outubro

Esta noite é Divali, a festa das luzes. Celebra o retorno do deus Rama à Índia, depois da vitória no Ceilão (Sri Lanka) sobre o demônio Ravana. É uma das festas hindus mais importantes, uma espécie de Ano-novo. As pessoas se preparam lavando suas casas e usando roupa nova. Os comerciantes abrem novos livros contábeis. Depois do crepúsculo, milhares de lampiões são acesos de Caxemira ao cabo Comorim, nas janelas e telhados das casas hindus, para indicar a Rama o caminho de seu reino. É noite de festa. Durante 24 horas, as crianças e os adultos soltam bombas e fogos de artifício.

São 22 horas. Os fogos estalam, detonam sem parar. Um inferno sonoro. De minha varanda, observo os indianos na Ravindrapuri. Acendem o pavio das bombas, lançam-nas e bang! Riem e recomeçam. Rang! Um clarão intenso, depois uma nuvem de fumaça branca se eleva na noite. Os hindus estão felizes. Daqui a 48 horas, serei um deles. Viverei como eles, compartilharei de seus prazeres, terei a pele escura. Isso me aterroriza. Tenho medo de não me reconhecer mais, de perder meu rosto, minha aparência física, e também

minha personalidade, meus gostos. O que me tornarei depois de amanhã? Quais serão os desejos desse novo homem? Ele será mais belo ou mais feio? Na Índia, depois de milênios, a brancura da pele é a primeira regra de beleza. Escurecendo a pele, ficarei mais feio, me depreciarei. Posso aceitar isso?

Em 1985, em Kashgar, quando me disfarcei pela primeira vez como chinês, apenas deixei crescer o bigode e vesti roupas chinesas.

Não era mais Marc Boulet, mas podia me reconhecer no espelho. Desta vez, meu corpo preto será o de um desconhecido total? Mergulharei na sociedade sob esse aspecto, o de um estrangeiro para mim mesmo. Como vou reagir?

Tenho medo. Vou me parecer com um desses homens escuros e sujos que sentem prazer em lançar bombas e acendem lampiões para assinalar, a um pretenso deus Rama, o caminho de volta a seu reino. É aterrador.

Não achem que sou corajoso. Sou tímido e medroso. Mas não se engole de novo o que se esgarra, diz um provérbio indiano. É uma questão de honra e não de coragem. Depois de amanhã me tornarei um intocável. E que se danem as consequências. Não tenho outra escolha.

Esta tarde comecei minha metamorfose. Pinte o cabelo, as sobrancelhas e o bigode. O resultado me satisfez. Todos os pelos ficaram negros e brilhantes. Mas isso não me surpreende, pois há uns 12 anos eu me divertia pintando o cabelo de louro e preto. Vivi um ano com o cabelo de cada cor e sei como fico com as duas.

27 de outubro

Ontem passei tintura capilar nos braços, nas pernas e no rosto. Levei a manhã e a tarde fazendo isso. Foi mais complicado do que imaginara, pois é preciso aplicar a tintura de modo uniforme e não deixar riscos na pele. Para o rosto, Gloire me ajudou. Sozinho não teria conseguido pintar as pálpebras, a nuca e as orelhas. Estou bem bronzeado e nesta manhã vou escurecer e tornar mais espessa minha tez com uma solução de nitrato de prata, concentrada o dobro do que prescrevera meu amigo dermatologista. Acabo

de prepará-la com sais que trouxe da França, pois, uma vez dissolvido na água, o produto não resiste à luz e dura pouco.

Fecho as venezianas da sala de jantar e, na penumbra, passo o nitrato de prata. Isso me deixa tempo para me untar minuciosamente, antes que a reação fotoquímica seja desencadeada. Minha mulher me ajuda no rosto e nos dedos. É difícil não borrar as unhas. Depois me exponho ao sol, na varanda, e, dentro de cinco minutos, vejo meus braços e pernas começarem a escurecer. É fascinante. Esta metamorfose se realiza na minha frente e dura cerca de meia hora.

Trinta minutos de estupor, durante os quais meus membros adquirem a cor chocolate.

Não sei o que dizer. Fico boquiaberto e, para preservar o suspense, decido não me olhar no espelho antes de estar vestido como indiano. Gloire afirma que estou preto. Espero que esteja dizendo a verdade, pois é preciso que a metamorfose seja perfeita.

Assim como os indianos, unto cuidadosamente o cabelo e ponho as roupas de mendigo. Estou pronto e me dirijo ao grande espelho que fixei na parede da sala de jantar, para controlar minha metamorfose. Não ousa olhar, tremo. Então, decido relaxar, encontrar Ram Munda. Olho.

Um indiano de pele cor de chocolate preto, vestido com um lungi e uma camisa suja, com um fular cheirando a urina em torno do pescoço e cabelo cor de ébano me encara. Não sorri, parece triste e cansado. Não o reconheço. Como acreditar que sou eu?

Toco em meu rosto. Sinto os dedos acariciá-lo, mas no espelho os vejo deslizarem sobre uma pele morena. É a minha. Quem sou eu? Esse indiano preto me encara com olhos imóveis, engastado em um branco brilhante. Não parece cordial e não o acho feio nem bonito. É esquisito e não experimento nenhuma afinidade com ele. Estou confuso. Nada resta de Marc Boulet.

Eu me pergunto se vou transpirar da mesma maneira em um corpo indiano, se conservarei meu cheiro, se meu paladar vai mudar, se continuarei a gostar das mesmas músicas e dos mesmos filmes. Este indivíduo que me olha no espelho, este Ram Munda, parece sempre ter sido indiano. É tão sombrio,

sujo, e suas orelhas estão cheias de pelos pretos. É tão feio. A tintura revelou a penugem invisível que cobria meu corpo. Quem era Marc Boulet? De repente, tenho a sensação de ter perdido meu passado. Ninguém acreditará se eu contar que fui criado em Paris, como um branco, com uma educação europeia. A metamorfose é muito perfeita e uma grande tristeza me invade, como se Marc Boulet estivesse morto. Como se suas ações, sofrimentos, amores não vivessem mais, a não ser na lembrança de sua família e de seus amigos. Eles não me reconheceriam na pele de Ram Munda.

Eu não existo mais. Aos 32 anos acabo de renascer como um ser virtual. Sem dúvida precisarei de muitos dias para organizar uma vida, uma memória, uma personalidade que me propiciarão a percepção de uma identidade real.

Como penetrar na sociedade? Decidi arriscar uma primeira saída esta noite. Aproveitando a escuridão, escaparei para fora de casa sem que os vizinhos percebam. Darei uma volta, durante algumas horas, pelo centro, pelos lugares a que já fui várias vezes, depois voltarei para dormir em casa. Antes de entrar totalmente na pele de um intocável mendigo, quero verificar se minha nova aparência é digna de crédito. Tenho medo de chamar atenção ou de ser reconhecido por amigos ou comerciantes. Devo ir aos lugares que freqüentei na pele de Marc Boulet.

Fiquei nervoso durante a tarde toda. Tentei dormir esperando o crepúsculo e então arriscar tudo. Não consegui. Tenho de me descontrair e tomo uma dose grande de uísque indiano com gelo. Na cama, dou alguns goles, fumando um cigarro atrás do outro. É impossível me acalmar, volto à minha angústia. O disfarce está perfeito? Estou irreconhecível? Como vou dormir, comer, na pele de Ram Munda? As perguntas me dão um nó no estômago. Não exagero. Realmente estou apavorado. A espera do crepúsculo é penosa demais e tomo um sonífero.

Desperto por volta das 18:30. Está de noite. Não posso voltar atrás. Sinto um gosto execrável na boca, talvez seja do medo que me domina. Fumo um último cigarro, amarro o lungi, visto a camiseta e a camisa de mendigo, jogo

o fular em torno do pescoço. Esta noite não preciso levar o saco nem o material para dormir. Ponho no bolso da camisa umas 30 rupias (meio salário diário médio) e, para o caso de ocorrer um problema grave, oculto 1.000 rupias em um bolso secreto que Gloire costurou em minha cueca. Em compensação, não levo o passaporte; seria muito comprometedor se alguém me revistasse. Estou pronto. Não quero mais refletir sobre a metamorfose nem recalcular os riscos. Quero sair à rua o mais rápido possível. Mergulhar.

São 19 horas. Desço a escada e, com o rosto oculto pelo fular, passo correndo pelo apartamento dos Agraval e empurro o portão de nossa casa. Ninguém me viu.

Estou na Ravindrapuri. Nenhum lampadário funciona. Perfeito. Noite e silêncio. A avenida parece deserta.

Gloire me acompanhou. Temos de nos separar, não posso andar por aqui. Se um vizinho passar e perceber minha mulher com um indiano preto com um lungi, é provável que se aproxime para ver melhor. Não posso beijá-la, isso chamaria a atenção. Com o coração apertado, aceno com a mão e parto.

Mantenho o fular sobre o cabelo para dissimular um pouco minha cabeça e não tomo o caminho habitual ao subir a Ravindrapuri. Não quero correr o risco de cruzar com Raja Ram, Sita Ram ou outros amigos. Viro à direita, em uma rede de vielas e de casebres que margeiam um cemitério muçulmano, e saio perto do templo Tulsi Manas, na grande "rua da Bacia de Durga".

Não há nenhuma iluminação. Nem pública nem privada. Mas distinguem-se as silhuetas e os rostos na obscuridade. E se alguém me reconhecer? E daí? Não posso fazer mais nada. Penetro no labirinto. Na entrada, diante de seus casebres, três mulheres preparam o jantar sobre um braseiro de barro, onde queimam esterco seco. Fede a fritura rançosa e pimentão queimando. Passo e as mulheres nem me notam. Mais adiante, cruço com um grupo de homens que discutem. Tampouco eles me olham. Sou invisível? A partir do final de julho atravessei esse bairro várias vezes por semana e seus habitantes sempre me encaravam. Mesmo à noite. Quando eu passava, as cabeças se voltavam e as conversas se interrompiam por alguns segundos. Esta noite,

nada. Isso me tranqüiliza e o nó no estômago relaxa.

Desemboco na rua da Bacia de Durga. Mergulho em muita luz e em um tráfego incessante de jinriquixás puxados por bicicletas, de carros, de lambretas e bicicletas. Centenas de pedestres de um lado para outro. Deixo-me levar pela corrente para o centro da cidade. Ergo um pouco o fular, até a altura do queixo, para me ocultar mais. Os indianos fazem isso para se proteger do frio. Meu coração bate 50 pulsações por minuto. No mínimo. Minhas mãos estão úmidas.

Os outros indianos vão e vêm à minha volta, ninguém me olha. Quando atravesso a rua, os veículos se lançam sobre mim. Cabe a mim parar e aguardar. Anteontem, quando passei por aqui, como ocidental, vestido de short e camiseta, diminuía a marcha ao me verem. Meu short - somente os ocidentais o usam em público servia de sinal vermelho.

Esta noite, pela primeira vez na Índia, sou anônimo. Confundo-me com o cenário. Nada em minhas roupas e em minha tez me diferencia do formigueiro humano que fervilha nesta rua. Sou um homem sem rosto.

Normalmente, os condutores dos jinriquixás correm atrás de mim, mas hoje sou eu que devo procurá-los. Quero deixar esse setor o mais rápido possível, pois Raja Ram e outros amigos trabalham perto. Um condutor estacionado diante do templo de Durga se estende, como um contorcionista, sobre seu carrinho. Recusa-se a me conduzir ao centro da cidade.

Dez metros adiante, um outro está apoiado sobre o guidom. Aceita me conduzir por oito rupias. A tarifa normal é de cinco a seis rupias. Eu achava que só roubavam os estrangeiros. É evidente que, vestido assim, pareço indiano e pobre. Faço cara feia e ele diz:

- Seis rupias e pronto!

- Está bem.

Subo na carroça, e ele dá a partida. Tem uns 20 anos e usa um lungi tão sujo quanto o meu. Ele pedala rápido, mas a corrente da roda traseira solta três vezes. Ele para e a recoloca. Isso leva dois a três minutos e me parece demorado, pois estou à espreita de qualquer olhar que se dirija a mim. Não reclamo, não pergunto se quer ajuda, não mando que conserte mais rápido. Ignoro o que um indiano diria nessa situação e prefiro ficar calado.

Na verdade, estou inquieto sem razão, pois ninguém me olha. É tão estranho. Eu escruto os outros e eles não me vêem.

O percurso dura 20 minutos. Atravessamos um bairro muçulmano depois da encruzilhada de Bhelupur. Uma procissão de umas 50 pessoas, precedida de tambores, bloqueia a estrada por alguns instantes. Depois, ela se precipita em uma viela iluminada sob um caramanchão de lâmpadas fluorescentes. Será um casamento?

Hindu ou muçulmano? Sem dúvida, é tolice, mas não me sinto à vontade nesse bairro. Os muçulmanos, em maior número aqui, podem aproveitar a interrupção da circulação para agredir os viajantes hindus presos na estrada. Nos bairros pobres, um muçulmano e um hindu se distinguem freqüentemente pelo lungi e pela barba. É inútil verificar se o homem é circuncidado para saber se ele acredita em Maomé ou em Shiva. Regularmente há conflitos entre hindus e muçulmanos nessa zona de Benares. É um campo de guerra religiosa, várias vezes por ano sob toque de recolher. Estou vestido de hindu. Se houver tumulto, serei considerado hindu. Cuidado com minha pele! Pela primeira vez, tenho a sensação de pertencer à comunidade hindu, e me acalma um pouco saber que ela conta com 700 milhões de indivíduos.

O carrinho me deixa no centro, no cruzamento com Godhaulia. Eu pago e, como o condutor demora a estacionar na calçada, um policial lhe golpeia os rins com o cassetete, xingando-o de bicha. Ele não espera o resto e parte. Quero esquecer essa cena revoltante. Decido descer até o Ganges.

Então, aqui está Godhaulia e a cidade antiga! Um labirinto de vielas e becos sem saída, rachados pela rua Dashashvamedh. Este eixo de 15 metros de largura por 500 de comprimento conduz ao ghat mais sagrado do Ganges. Os ghats são as grandiosas escadarias de pedra que mergulham no rio e formam suas margens. Todos os dias, milhares de peregrinos e devotos convergem para o ghat Dashashvamedh a fim de tomar o banho purificador. Godhaulia! Preferia não mencionar esse lugar. Muito comércio, centenas de hotéis a preço e conforto mínimos e dezenas de templos atraem os turistas, e com eles a fauna mais viscosa do Norte da Índia. O estrangeiro não pode

passar sem ser parado a cada 50 metros por um mendigo, um traficante, um fedelho, um vendedor ambulante, um louco, um bajulador de mulheres, um verdadeiro pintor, um sábio hindu, um cachorro ou uma vaca... É o zoo. O zoo urbano. Um pântano infestado de sanguessugas.

Você é abordado em inglês, francês, italiano, com um sorriso largo, como se estivessem propondo sua amizade. Políglotas e simpáticos. Eles o amam e vendem tudo, a um preço de amigo, especial para você, na loja do irmão. Não somos todos irmãos? Oferecem: quarto de hotel, seda, patchuli, tapetes, droga, cítaras etc. E calculam o dólar no câmbio negro. Não está interessado? Então, têm um outro irmão que fabrica estátuas em mármore. Quer incenso, jóias ou schmilblick? Podem levá-lo à usina de um primo. "Não é obrigado a comprar!"

Mais distante, próximo ao Ganges, outros homens querem levá-lo a um passeio de barco, barbeá-lo, massageá-lo, ler sua sina. Nas margens, os sacerdotes hindus se oferecem até para benzê-lo. É impossível ficar sozinho nesse bairro. Se estou exagerando, que me arranquem a língua e os testículos. Não tenho medo.

Só falei dos homens chatos. E as mulheres nesse circo? Aqui, como em Benares, as ruas são invadidas pelos homens. A maior parte das mulheres fica fechada em casa. Isso dá a impressão de uma cidade de homens.

Todos esses agiotas me importunaram todas as vezes que Marc Boulet passou por Godhaulia. Esta noite, como Ram Munda, como eu seria acolhido?

Na entrada da rua Dashashvamedh, reconheço o indiano de cerca de 40 anos, cabelo ondulado e vestindo uma calça marrom de acrílico. Ele tem uma cara que dá medo, ossuda e pálida, com o focinho de fuinha fixado sob os olhos cintilantes. Ele se vira em inglês e anda todos os dias pela zona, oferecendo aos estrangeiros seus serviços de corretor de qualquer coisa. Eu o repeli três vezes em hindi e ele se lembra do rosto de Marc Boulet, pois chegamos a trocar palavras que não ousei traduzir aqui. É um sanguessuga particularmente tenaz, pegajoso e suscetível. Hoje ele provoca duas turistas ocidentais na faixa dos 20 anos. Uma loura e outra morena. Têm rosto de

boneca, seios generosos, nada desagradáveis de se imaginar por baixo da camiseta, e percebo seu sotaque britânico ao responderem ao sanguessuga. Uma multidão de indianos cerca os três protagonistas. Eu me aproximo. Reflexo de curioso. E além disso quero saber se o sanguessuga me reconhecerá, se os outros indianos me encararão. Ninguém me nota. Fico na frente do sanguessuga. Nada acontece, ele não me reconhece. Devo realmente ser como todo mundo. Um indiano qualquer.

Eu me sinto indiano. Digo isso não apenas porque os outros me vêem assim, mas também porque a sorte dessas estrangeiras me diverte. Sinto-me mais próximo do sanguessuga, eu o compreendo. Se ele alicia os turistas, se os importuna e os rouba, não é para se divertir. É seu ganha-pão, e esses estrangeiros são ricos. Como lamentá-los se se deixam roubar algumas rupias?

A jovem morena grita: "É minha primeira viagem à Índia... não voltarei mais. Deixe-nos em paz! Não me toque!... Não precisamos de você. É surdo?..." Et cetera, et cetera. As jovens se livram da multidão e o sanguessuga as segue. Ajustamos o passo. Em desespero, as moças se queixam a três policiais que tagarelam na frente de uma farmácia. O medo do uniforme é grande, pois a multidão se dispersa sem demora. Eu também me afasto e continuo a descida ao Ganges. Não tenho mais medo. Eu me sinto bem.

Ninguém se acerca. É inacreditável. Antigamente, já teriam me importunado umas 20 vezes. Sou invisível. Um elemento de Godhulia que os turistas fotografam para se lembrarem, ao retornarem a seu país, de como era Benares e seus habitantes. Não sinto mais o nó no estômago.

Ainda vou tentar a verossimilhança de meu disfarce em uma birosca onde costumava comprar cigarros. Esta noite comprarei um saquinho de caroços de areca perfumados. Gosto de mascá-los. São mais amargos que a fuligem e a bÍlis misturadas, mas soltam o ventre e o espírito. Mais uma vez, não sou reconhecido. Falo com ele em dialeto e ele me responde igual. Não me fala em hindi padrão e não tenta discutir como das outras vezes, intrigado pelo estrangeiro que falava sua língua.

Ele me dá a mercadoria e o troco na mão. Ele me tocou! Estarei ainda muito

limpo? Como ele adivinharia minha identidade de intocável? Como indicá-la? O escuro de minha pele não é o suficiente.

Desço o ghat Dashashvamedh. Os leprosos, os mendigos, os barqueiros, os barbeiros interpelam todos os estrangeiros. Esta noite me ignoram e percorro sozinho essa margem do Ganges. Que impressão estranha.

Dezenas de estrados de madeira com guarda-sóis de ramos de palmeiras trançados se alinham à margem do rio. De dia, sacerdotes brâmanes abençoam os banhistas em troca de algumas rupias, e os tolos repousam naqueles que os religiosos não estão ocupando.

A esta hora da noite, a maior parte dos estrados está livre, mas eu me sento, justamente para quebrar minha solidão, ao lado de quatro indianos. Atrás de nós, sobre outro estrado, um casal de jovens alemães discute o hinduísmo com um indiano do tipo burguês, com camisa pólo, calça limpa, um pouco folgada, e tênis de couro. Um indiano chique, no estilo Anil Kapur, o super-herói do cinema hindi.

Os quatro indianos sentados ao meu lado observam como eu o vaivém de uns 50 pedestres; algumas vacas e cachorros também percorrem o ghat. Entre nós cinco, fixos nesses estrados de quatro metros quadrados, nenhuma comunicação. Silêncio. Cada qual passa a noite em seu canto, em sua cabeça.

Estipulei como regra não iniciar uma conversa e imitar o comportamento dos indianos que encontrar. O objetivo da metamorfose é ser um indiano comum e não me sobressair, nem suscitar reações ou amizades. Se meus vizinhos não são de falar é porque isso faz parte de seu temperamento, e não sou eu que vou alegrá-los.

Pego um pouco de areca e masco, sozinho. Sinto-me muito só. Os indianos me deixam tranqüilo e os estrangeiros já não me olham. Na Índia, os estrangeiros trocam sorrisos ao se cruzarem nas ruas. Como se dissessem: "Olá, irmão! É um prazer vê-lo. Sei bem o que este lugar obriga a suportar. Roubo, calor, mosquitos, diarreia, comida condimentada, quartos imundos... Eu também sofro. Somos iguais, viemos de fora, somos diferentes desses indianos miseráveis..." Muitas vezes, uma bonita estrangeira me lança um

olhar. Eu respondo e isso nos dá prazer, eu acho.

Esta noite há muitas européias no ghat, e seu balé parece ser uma atração apreciada, a julgar pela maneira como os indígenas curiosos fazem piruetas à sua frente. Eu também as olho. Em vão. Essas belas de pele leitosa nunca cruzam meu olhar. É como se não me vissem ou evitassem meu olhar de autóctone machista e inconveniente, ou então as duas coisas. Sou pardo. Pardo indiano. A multidão. A massa.

Penso em Gloire. Ela me espera em casa e se preocupa com seu homem escuro que erra por Benares. Ela imagina mil perigos e sente ciúme. Eu me lembro de que, toda vez que eu trocava um olhar com outra mulher, ela dizia: "O que estava fazendo? Vi você olhar para aquela garota. Não gosto nada disso!" Que fique tranqüila esta noite, as indianas estão enclausuradas e as estrangeiras não vêem Ram Munda. Sinto falta de seus olhares. Não que deseje sexualmente todas essas criaturas, mas porque o sorriso de uma garota bonita sempre é agradável. Minha nova identidade me priva desses raios de sol.

Estou só. Invisível. Para os indianos e para os estrangeiros. Vou ver se as pessoas em outro lugar são mais comunicativas. Sento-me em outros estrados, compro biri, amendoim torrado. Ninguém inicia uma conversa comigo. Não interessa a ninguém. Em certo momento, me deparo com um amigo, o vendedor de flautas. Sinto medo. Mas ele também me olha sem me ver. Não me sorri, não me reconhece. Como sempre, está importunando os estrangeiros, tentando lhes vender suas flautas de bambu. É um sujeito tenaz, capaz de nos seguir por 500 metros. Com a cara de gárgula achatada e as costas tortas, sua presença exasperava Marc Boulet. No começo do mês, eu me livrei dele definitivamente. Após 10 recusas polidas, eu disse:

- Não preciso de suas flautas. Já tenho uma entre as coxas. Sua música me basta.

Isso lhe cortou a respiração. Depois, replicou com um olhar de desprezo que substituiu o tom habitual de súplica:

- Eu também tenho uma entre as coxas.

Em seguida ele foi embora, e eu fiquei contente. Depois, toda vez que cruzava com ele, ele se lembrava de que eu já tinha uma flauta e,

envergonhado, me lançava apenas um sorriso. Não lhe respondi que minha flauta era mais grossa ou mais jovem que a dele. Seria me gabar em hora errada. Sem dúvida, sou vulgar e gozador, mas não sou cruel e não gosto de humilhar os outros.

Deixo o ghat Dashashvamedh por volta das 22 horas e caminho um pouco pela margem do Ganges. Com o flanco estendido na margem de pedra, uma vaca agoniza. Ela não se mexe, um filete de baba escorre de sua boca e seus grandes olhos imóveis choram. Dois indianos lhe dão água com a mão em concha e colocam em sua boca pedaços de pão. Eu pergunto:

- O que há?

- Ela está doente.

Parecem aborrecidos, o animal rejeita tudo, e um deles suspira:

- Vamos rezar por ela.

E vão embora. Passa um barqueiro. Eu o chamo:

- Veja! Esta vaca está doente. O que fazer?

- Sim, está doente - responde.

Para um instante, dá uma olhada e vai embora. O que fazer? Não sou veterinário. Também me retiro e decido comer alguma coisa. No começo da rua Dashashvamedh, o hotel Kumar está aberto. Na Índia, a palavra "hotel", pronunciada "hoteul", também designa taberna. O "restaurante" é um estabelecimento mais sofisticado, de classe social mais elevada. Peço a refeição comum de 10 rupias. Inclui curry de batatas e de berinjelas, arroz, pão e purê de lentilhas - prato indispensável do indiano pobre. Também ali ninguém presta atenção em mim.

Faço uma última tentativa de não ficar só e me sento na rua, no balcão de uma tenda já fechada. Sobre essa tábua de 1,50m de comprimento, somos três homens e ali ficaremos, durante 45 minutos, sem nos falarmos. Estou no meio e tento encontrar o olhar de meus vizinhos. Nada adianta, eles só têm olhos para o movimento da rua Dashashvamedh. Sempre olhando sem ver. Permanecem mudos, balançam as pernas no vazio e nada no mundo os faria virar a cabeça na minha direção. Embora próximos uns dos outros, 15.000 anos-luz nos separam. Finalmente, eles se levantam, e decido voltar a pé

para casa. Poderia ter ficado nesse balcão a noite toda que ninguém falaria comigo.

Nem, pelo menos, para me importunar.

28 de outubro

Esta noite, dormi bem.

Ao despertar, reparo que meu rosto está menos moreno. O rosto transpira mais que os braços e as pernas e a tintura fica menos firme. Não é grave, continuo sépia e, para sair à noite, não há problema. Em compensação, eu me pergunto se a cor resistirá durante uma semana, como previsto.

Ao cair da tarde, irei andar de novo em Godhaulia e depois voltarei para casa. Seria perigoso dormir fora; se a tintura se suavizar ainda mais em meu rosto durante a noite, acordarei amanhã, em público, mais claro. Isso me trairia.

Esta noite, Gloire me seguirá de longe, como se não nos conhecêssemos. Observará minha aparência em comparação com os outros indianos. Também me fotografará e me filmará para guardar a lembrança de minha metamorfose. Trabalhará como uma turista que filma a rua, a multidão, as lojas. Combinamos alguns lugares em que estarei quando ela filmar.

Saio de casa por volta das 18 horas e procuro um carrinho diante do templo de Durga. O primeiro recusa me conduzir e me olha com desprezo. Chamo outro, que vai na direção de Gpdhaulia. Diminui a marcha e me diz que custará cinco rupias. É a primeira vez que me dizem a tarifa diretamente sem que eu pergunte nada. Estará querendo me prevenir de que será muito caro para mim? Será por isso que não parou para falar comigo, convencido de que não o tomaria? Ele se engana. Cinco rupias (20 centavos de dólar) é um preço justo e que convém aos critérios europeus segundo os quais raciocino. Não demonstro, desempenho meu papel de pobre, corro atrás dele e digo:

- Cinco rupias! Paciência, aceito. Tenho de chegar logo em Godhaulial

Ali estou eu! Nada mudou em comparação a ontem. Ninguém me nota. Estou invisível, insignificante. Gloire me segue. Ela filma a rua e o ghat Dashashvamedh quando eu passo. Em uma tenda onde compro pan, Gloire fotografa a mim, a loja e uma dezena de fregueses, para não chamar a atenção sobre mim. O vendedor passa manteiga no pan e põe em minha mão. Um amigo do vendedor, que reparou que Gloire queria uma foto de um indiano mascando, me diz em dialeto: "Vá, coloque o pan na boca!" Obedeço, Gloire me fotografa, e nós, os indianos, nos divertimos porque uma estrangeira tirou fotos de um de nós mascando.

Um pouco mais tarde, Gloire filma, à margem do Ganges, seis franceses que negociam o preço de um passeio de barco. Uns 10 indianos os observam. Eu sou um deles. Dois rapazes, ao meu lado, falam dos franceses e, para designá-los, utilizam a palavra bhosharivala, que, como já comentei, significa "bicha". Eles comentam: "Esses bichas fazem isso, dizem aquilo....."

Esta noite não me incomodo que chamem os franceses de bichas. Não sinto nenhuma ligação, nenhuma semelhança com eles. Essa gente, homens e mulheres, usam apenas um short e uma camiseta. Parecem semi-despidos e têm o desplante de saírem assim. Não têm respeito por si mesmos?

Há apenas três dias, eu também passeava usando short. Essa roupa me parece distante, como um erro cometido na juventude, que remontaria a uma existência anterior, em um mundo já desaparecido. Lembro-me de que achava os indianos ridículos em suas saias-lungi. Além disso, suas camisas, trapos sujos e furados, os tornavam repelentes. Eu estava errado. O lungi que uso hoje compõe mais que um short curtinho. Envolve o corpo e me sinto à vontade nele.

A propósito da higiene, sinto-me limpo como estou, e me situo na média dos indianos. Não me pergunto se os trajes dos estrangeiros com quem cruzo são menos manchados ou menos esfarrapados. Isso é secundário. O que salta aos olhos, como uma mosca em uma tigela de leite, é que esses bárbaros usam roupas internas, sub-roupas, para saírem à rua. Como crianças. Além disso, alguns têm a cara esquisita, uma cara que fascinaria um antropólogo. Vemos estrangeiros com olhos azuis, olhos verdes, cabelos amarelos,

cabelos vermelhos, a pele rosa leitosa, às vezes quase vermelho-clara e salpicada de sardas. Esses são os mais feios e merecem o apelido de "macacos vermelhos", dado aos europeus pelos indianos, que os relacionam aos antigos colonos ingleses, em geral ruivos. Um detalhe divertido: o conceito europeu de olhos puxados e pele amarela em relação aos asiáticos mongólicos não existe na Índia, e Gloire, minha mulher, chinesa, também é tratada por "macaco vermelho" nas ruas de Benares.

De fato, não devemos nos ressentir dos indianos por insultarem os estrangeiros. Vocês são muito engraçados e, além do mais, seus hábitos alimentares e higiênicos causam repugnância aos indianos. Ram Singh, meu professor de hindi, me contou que jogava fora, ou separava, a louça que servia ao receber um estrangeiro para jantar. Vocês tornam impuro aquilo que tocam. Não justifico Ram Singh. O racismo e o "castismo" são inadmissíveis. Mas hoje percebo a feiura dos europeus e me desagrada pensar que pertenço a esse grupo bárbaro. Ignoro quem sou neste momento, mas sei que não tenho vontade de voltar a ser Marc Boulet.

Deixo o ghat por volta das 20 horas. Torno a subir a rua Dashashvamedh e me deparo com uma procissão de umas 100 pessoas. Em grande algazarra, dançam atrás de um carrinho que transporta uma estátua, do tamanho de um homem, representando a deusa negra Kali, outra representação de Durga, esposa de Shiva e Mãe Divina. A procissão desce na direção do Ganges para lançar a estátua no rio sagrado e invocar Kali.

Vou ser franco. Ao ver esse frenesi religioso, não me sinto hindu e me distancio de novo dos indianos.

Por ocasião da festa de Divali, associações religiosas fabricam estátuas de Kali ou de Lakshmi e durante vários dias fazem-lhes súplicas e as celebram com oferendas, em uma orgia de música e luz. Esta noite, despedem-se delas e as imergem no Ganges, em Dashashvamedh, o ghat central. Li no jornal.

Entendo por que esquadrões de policiais e milicianos civis armados de cassetetes ocupam o cruzamento de Godhulia com a rua Mandapur. Esse

caminho atravessa um bairro muçulmano, e a procissão da estátua de Kali da associação Nava Sangh deve passar por ele para chegar ao Dashashvamedh. Metade dos policiais carrega fuzis, usa colete à prova de bala e se dispõe em grupos bem cerrados, uns contra os outros. É impressionante. Terão medo?

As procissões religiosas são ocasiões em que os hindus e os muçulmanos se enfrentam. Uma pedra, uma bombinha lançada por um fanático ou um provocador na comunidade adversária é o suficiente para gerar um tumulto violento. Em 1991, a procissão da associação Nava Sangh transformou-se em carnificina e 20 pessoas morreram em confrontos hindus-muçulmanos nos dias 7 e 14 de novembro.

Decido voltar para casa a pé, como ontem, pela rua Mandapur. É o caminho mais curto e quero ver a atmosfera que reina no bairro muçulmano.

Esta noite, a polícia proibiu a circulação de veículos na rua Mandapur, e uma multidão compacta de pedestres invadiu esse quilômetro de macadame. Milhares de pessoas esperam a procissão. Ver uma estátua de Kali traz a bênção da deusa.

A 300 metros, penetro no setor muçulmano. As venezianas das lojas e das casas estão fechadas, e a entrada das vielas que partem da Mandapur está bloqueada por um cordão de policiais. Por trás das venezianas não se vê nem sinal de luz. Bairro fantasma. Ontem, por volta da meia-noite, o lugar estava muito animado. Uns 50 muçulmanos, com seus barretes brancos, suas barbas de bode e seus lungi de xadrez pequeno estavam sentados em bancos, à beira da calçada. Bebiam chá ou saboreavam omeletes preparadas por dois taberneiros ambulantes.

Esta noite, o passeio de milhares de hindus no meio da calçada contrasta com a desolação do cenário, as calçadas ocupadas por policiais com coletes à prova de balas e os prédios sem vida, mergulhados na penumbra, e de onde pode partir um disparo anônimo. Vestido como estou, servirei de alvo fácil para um extremista muçulmano. Esta sensação de risco fatal me torna solidário aos outros passantes. Sinto-me novamente hindu, um elemento dessa comunidade. Sei que, se um muçulmano me atacar, todos os hindus da

rua reagirão. Isso me entusiasma. Ser hindu não é uma questão de fé, mas antes de tudo uma questão de aceitação por um grupo social. No meio da rua, preto e de lungi xadrez grande, estou em meu lugar.

Quem sou eu?

Certamente, não Marc Boulet. Disso não há dúvida. Na Ravindrapuri, cruzo com Ranjit Kumar, meu melhor amigo em Benares. É um intocável da casta dos sapateiros. Ele trabalha em uma das duas oficinas de alfaiates no cruzamento com a Ravindrapuri. Gosto de seu humor e sempre o via, quando era francês. Esta noite, a Ravindrapuri está deserta e ele me roça ao passar. Ele me vê, é claro, mas não me identifica e prossegue seu caminho. Respiro aliviado.

Gloire me espera em casa e fico contente quando ela me diz que pareço exatamente como um indiano, indistinguível na multidão de Godhaulia. Ela tinha de me procurar para me reconhecer.

Olho-me no espelho. Sim, Ram Munda me encara.

Mas uma coisa não está direito. Sob a luz, vestígios de gordura e de suor, enegrecidos pela tintura, aparecem em meu rosto. Decido lavá-lo com sabão para tornar a tez uniforme. E paciência se tirar toda a tinta. Ela é muito frágil com este calor. Torna-se inútil. Esta noite, mendigos no ghat de Dashashvamedh e um adolescente intocável, que juntava papéis velhos e plásticos na rua, tinham a pele clara. Em compensação, estavam muito sujos e vestiam farrapos. De fato, estou muito limpo para encarnar um mendigo intocável. É este o problema!

Ensabôo o rosto com uma luva. Subsiste uma tez morena, cor de caramelo. Não tenho mais riscos pretos e vermelhos nas bochechas, na testa e no nariz. Amanhã, estragarei mais minhas roupas e mergulharei definitivamente em minha nova vida.

29 de outubro

Passo a manhã sujando minhas roupas.

Besunto-as de gordura, de rímel, depois as mancho de placas de nitrato de

prata para que pareçam manchas mais densas de sebo e molhos. Agora se parecem com panos nos quais um mecânico teria limpado as mãos durante um mês. Preparo o lungi e a camisa. Faço buracos em ambos com a ponta de um cigarro aceso e desfaço a costura da camisa na altura do ombro e dos punhos. Com a tesoura faço dois rasgões na frente, corto e desfio a parte interna e o colarinho. Está perfeito! Verdadeiros farrapos.

Sairei de casa por volta das 22 horas, na tranqüilidade da noite, e tentarei a chance na estação. Deve ser um lugar incrível para se pedir esmola, pois, juntamente com o ghat de Dashashvamedh, abriga a concentração mais forte de mendigos em Benares. À primeira vista, são dezenas, talvez uma centena em cada lugar.

Será meu último dia com Gloire? Ela não diz nada, mas insistiu em me preparar um banquete: um enorme frango marengo (no óleo, com champignons) com pasta de basilic (planta de folhas aromáticas, usada como condimento). Eu adoro esse prato. Será que um dia o comerei de novo?

À tarde, tento fazer a sesta. A angústia me corta o ventre, e um gosto ácido me vem à boca. Espero a hora da partida. Sem retorno? Conto as horas que me restam para passar nesta cama, deitado ao lado de minha mulher. Se tudo correr bem, em alguns meses minha metamorfose estará terminada e nos encontraremos em Paris. E se der errado? Tomo um sonífero para dormir e me esquecer de tudo até a noite.

Vinte horas e tenho muito medo. Esta prova é a mais difícil de minha vida? E dizer que viajo há 12 anos pelo mundo... Tento me lembrar se tive uma sensação idêntica antes de minha primeira metamorfose em chinês, há sete anos. Naquela manhã de outubro de 1985, no fundo de Xinjiang, peguei a jardineira de Kashgar a Makitt, disfarçado de chinês branco muçulmano. Faria uma enquete sobre drogas em uma região proibida aos estrangeiros.

O medo é como a dor: difícil recordar sua intensidade quando acaba. Lembro-me de que o trajeto de 200 quilômetros, em terra batida, era

percorrido em dois dias através do deserto. Além disso, sem falar a língua turca local, fingia ser surdo-mudo. Arrisquei muito com a polícia comunista chinesa, eu devia estar com o maior medo.

Eu me lembro. No primeiro dia, por volta das 16 horas, a jardineira parou de repente em Shache, a uns 60 quilômetros de Makitt, e o chofer anunciou que tornaríamos a partir no dia seguinte, ao amanhecer. Que azar. Esperava chegar logo em Makitt. Cada parada multiplicava os riscos de eu ser desmascarado. Estava preso. Sem abrir a boca, comprei o bilhete para uma cama no dormitório da estação e, como não queria ficar na companhia de outros viajantes, fui dar uma volta até a hora do crepúsculo. Descobri atrás da estação uma plantação de maconha. Às claras. Isso me aliviou: não tinha vindo por nada. Certamente teria matéria para uma reportagem.

Depois, jantei no único restaurante do lugar. Uma taberna de terra batida, mantida por chineses hans, colonos de olhos puxados. Um menu sujo, pendurado na parede, relacionava os pratos servidos. Com a boca fechada, fiz o pedido apontando as palavras "arroz branco" e "carne", incapaz de compreender os outros ideogramas rabiscados com uma grafia descuidada. Que idiota! Passado o arrebatamento, eu me lembrei de que os hans comem principalmente carne de porco, e esse restaurante certamente a servia. Sim, toucinho com pedaços de carne magra. E eu que bancava o muçulmano! O que fazer? Recusar o prato dizendo, com gestos, que perdi a fome ou passar por um muçulmano que come carne de porco?

Resolvi comer, isso atrairia menos atenção e, além do mais, estava com muita fome. Jantei rapidamente, o nariz na tigela de arroz, e retomei ao dormitório. O sol se punha. Logo me meti na cama e ocultei os pés sob um edredom que fedia como se todo o cantão o tivesse utilizado antes de mim. Mas, afinal, que importância tinha isso? Minha cabeça ficou a mil. Era impossível dormir tão cedo; meus companheiros de quarto me chamavam para conversar, para perguntar as horas, para matar o tempo etc. Eu, o surdo-mudo, não podia demonstrar que os escutava me chamar, muito menos mandá-los me deixar em paz. Uma hora depois, meus vizinhos deixaram de me importunar e pude sossegar.

Meu avô materno dizia que “a vida é um prato de merda e que a comemos

todos os dias". Não era uma pessoa alegre, e acho que não devia ter falado assim com um garoto travesso como eu, pois isso me afastava dele. Quinze anos depois, na estrada de Makitt, recordei sua filosofia. Nessa manhã, a comida foi abundante. No mapa, o percurso Shache - Makitt era de 60 quilômetros, mas já viajávamos há cinco horas e nem sinal de Makiu. Estava na jardineira certa? Para onde estava indo? A estrada produzia solavancos e serpenteava, de oásis em oásis, entre campos de algodão e de milho. O sol nos assava como em um forno seco, e a jardineira prosseguia, aos solavancos, levantando nuvens de areia que nos faziam tossir. Os outros passageiros, depois de 30 horas de viagem, me olhavam com dureza. De fato, esta era a impressão que me davam seus olhares cansados, e uma angústia incontável me petrificou. E se um deles descobrisse minha impostura? Eu me imaginava pronto para o gulag chinês. Para onde esse carro me conduzia?

Finalmente, quase ao meio-dia, entramos em Makitt. Uma espécie de acampamento com casas baixas, alinhadas em um quadrilátero de ruas. Makitt, cidade de cor castanho-clara, fosca, sem rosto, sem alma. A cidade estava deserta. Talvez por causa do sol no zênite que a bombardeava, os homens se trancavam em casa. Nos cruzamentos, alto-falantes instalados em postes transmitiam os programas da Rádio do Povo. Lavagem cerebral. A propaganda ressoava nas ruas vazias e intensificava a sensação de perseguição da população. Ela me impelia a sair da cidade. Clandestino, sem possibilidade de alugar um quarto, sem nenhum contato local e tendo como objetivo primordial passar despercebido, não ser detido por policiais, passei minha primeira tarde em Makitt passeando pelos campos.

Quando a tarde caiu, eu continuava na mesma. Onde dormir? O frio mordaz das noites do deserto dispersava sem transição a canícula. Decidi voltar à cidade. Então aconteceu um milagre. Os problemas sempre se resolvem - aprendi isso em minhas viagens - e tive a sorte incrível de encontrar Mehmet, um camponês turco que me hospedou durante 15 dias e me mostrou a produção do haxixe...

A história continua em meu livro Na pele de um chinês. Minha única dúvida é se a metamorfose em indiano é mais perigosa.

Vinte e duas horas. Vesti as roupas sujas de mendigo. Em meu saco, o material para dormir, o prato para pedir esmola, um espelho pequeno, uma lâmina de barbear, lápis e papel para anotar as informações essenciais. Estou pronto e sairei quando a Ravindrapuri estiver deserta. Espio pela varanda. O doutor Agraval, meu vizinho, passeia com seu cão diante da casa. O animal urina e pula. Isso dura 10 minutos. Demora.

Sinto um nó no estômago; esta noite, não consegui engolir nada sólido. Queria partir com o estômago cheio, ficar tranquilo até amanhã à noite, pois não sabia como acharia o que comer mendigando na estação. Azar o meu! Só bebi meio litro de chocolate frio.

Gostaria de estar lá fora, agindo. Esta espera me tortura. Agraval entra em casa com seu cachorro, e dois transeuntes discutem em frente ao nosso pórtico. Espero mais cinco minutos, depois beijo minha mulher pela última vez, desço a escada e me dirijo à Ravindrapuri escura e vazia.

A estação se localiza a cinco quilômetros, mas não se trata mais de pegar um dos raros carrinhos que passam a esta hora. Tenho de viver como um mendigo. Ando: o esporte dos pobres. Passo por Bhelupur, o popular Kerala Coffee House baixa a porta de ferro, e as duas lojas inglesas de bebidas já estão fechadas. Apenas algumas tendas que servem de cabines telefônicas permanecem abertas. As ruas estão desertas. Só encontro matilhas de cães sarnentos que latem quando eu passo. Eu os incomodo. À noite, Benares lhes pertence. Nas encruzilhadas, vacas magras cavam o lixo com o focinho. Ruminam papéis velhos e sacos plásticos rasgados. Por ali, nenhuma iluminação pública e a rua está mergulhada em uma obscuridade total. Avanço às apalpadelas. Um suor frio me causa calafrios; se piso em um cachorro, ele saltará sobre mim, se um homem me atacar com uma faca, não o enxergarei e não poderei me esquivar antes de ele enfiar a lâmina em meu ventre... É um absurdo: quem vai querer atacar um maltrapilho como eu?

A fisionomia de Benares muda a cada quilômetro. Depois do velho bairro de Bhelupur com suas casas baixas, rachadas, depois do território muçulmano, atravesso Sagra. A rua deixa de ser sinuosa. Ela se alarga e se torna uma estrada de quatro vias. Passo por um posto de gasolina, uma igreja cristã e grandes lojas de motos, em forma de hangares cúbicos. Uma cidade

moderna. Caminho ao longo do mercado de legumes por atacado de Chandua Shatti. Ninguém. Mas os talos, os restos de legumes atraem dezenas de vacas. A horda sagrada limpa essa esplanada e, defronte desse monte de lixo vegetal, o amplo templo da Mãe Índia se delineia na penumbra. Hare Krishna! Krishna, deus dos leiteiros, é nossa salvação. Estou farto. A poeira cola sob as tiras das sandálias de dedo. Ela me esfola a pele dos pés e eu manco. Só chegarei à estação por volta da meia-noite.

A vida humana reaparece. De início algumas bodegas nas ruas ao redor que servem chá ou omeletes, depois as luzes da estação e uma turba de pobres deitados lado a lado, sobre o asfalto do átrio de vários hectares.

A estação ferroviária de Benares é o centro do mundo. Não se trata de uma figura de retórica. Pelo menos para os hindus. Essa construção comprida, de cor creme, flanqueada por duas torres cônicas, que lembram o domo do famoso templo dourado atrás de Godhulia, é o posto alfandegário para o paraíso de todos os peregrinos que desembarcam de trem em Benares.

No centro do átrio, umas 50 pessoas escutam três músicos que tocam odes a Krishna. Estão sentados no chão, sob um toldo estendido sobre estacas de bambu, ao lado de um pequeno santuário dedicado a Hanuman, o rei dos macacos. Escuto um pouco os cânticos e então decido procurar um local tranquilo onde dormir. Ninguém presta atenção em mim e vagueio incógnito.

Sob o vestíbulo da estação, logo à frente, estão deitados cerca de 200 seres humanos. A iluminação forte sobre eles deve perturbar o sono. Na verdade essas pessoas com valises e trouxas parecem ser viajantes aguardando seus trens. Muitos estão mais bem-vestidos que eu, e me dou conta de que meu lugar não é entre eles. Não são verdadeiros desabrigados, muito menos mendigos.

Saio da estação e me dirijo à hoste de miseráveis que acampam permanentemente no lado direito do átrio. Todas as vezes que vim à estação, eu os via com suas tigelas de alumínio amassadas, sua comida, papelões e madeira, todo um bricabraque empilhado no asfalto. As placas de sujeira que cobrem seus rostos, mãos e pés me causam repugnância e evito esse

setor do átrio, como se eles sofressem de uma doença contagiosa.

Esta noite distingo dois grupos nesta hoste. O primeiro, composto de cerca de 50 indivíduos juntos em uma extensão da calçada, com seus colchões de penas, caixas e até mesmo alguns toldos que servem de tenda. O segundo, de 100 ou 200 pessoas, ocupa sem nenhuma proteção o vasto estacionamento que começa ao pé da calçada. Escolho me alojar neste último: há mais espaço. Sobre a calçada, os corpos se enroscam uns nos outros e é um lugar elevado, delimitado, exclusivo. Tenho medo de ser empurrado se tentar me acomodar aí.

Passa da meia-noite. Dois lampadários de sódio iluminam tenuamente o estacionamento. Ao me aproximar, descubro que esse segundo grupo não está dormindo. É constituído de famílias de quatro ou cinco membros. Eles se agitam em torno de montes de folhas de mahua. Estas folhas verdes, brilhantes e mais largas que uma mão, são utilizadas como pratos descartáveis ou para embalar pan ou outros canapés. Cada monte mede um metro cúbico e deve conter milhares de folhas. As famílias as selecionam, as juntam em maços de 15 centímetros de espessura e amarram com uma palha. Um trabalho maluco em plena noite, na penumbra.

O trabalho revela sem ambigüidades a origem dessa gente. São colhedores de folhas de mahua, isto é, são musahar, uma casta muito desprezada de intocáveis de linhagem aborígine. O nome significa "caçador de ratos", e fico surpreso de encontrá-los em um átrio de estação. Os musahar vivem na selva e se alimentam de tudo que encontram. Um artigo publicado na revista India Today, de outubro, explicava como essa comunidade miserável, por causa da fome no Estado de Bihar, tenta fazer os ratos saírem dos buracos com fumaça, para capturá-los e consumi-los assados. Em Benares, os musahar têm a reputação de comer rãs e moluscos, o que os torna repugnantes e intocáveis para os outros hindus, porém simpáticos para mim, que gosto muito desses animais.

Atrás do campus da Universidade Hindu de Benares, a aldeia de Chittupur abriga um quarteirão musahar de cerca de 20 choupanas de um metro de altura e cobertas de palha. Eu a visitei em agosto, mas, ao perceber a miséria extrema de tais habitações, não ousei me aproximar.

Esta noite não senti nem medo nem vergonha de penetrar em território musahar. Sinto-me próximo deles, e, se me perguntarem o que vim fazer neste estacionamento, responderei: "Sou Ram Munda. Um aborígene. Um irmão. Gostaria de dormir perto de vocês, porque os costumes de minha casta são semelhantes aos seus." Em seguida, contarei que faço uma peregrinação em Benares - o que é anódino - e que vivo de esmola.

Preocupação inútil! Eu me introduzo no grupo dos musahar e ninguém me nota. Continuo invisível.

Cada família conta com, no mínimo, dois adultos e duas crianças seminuas, que, desde a idade de três ou quatro anos, já começam a selecionar as folhas. Os homens se vestem como eu: um lungi e uma camisa suja e esfarrapada. As mulheres usam sáris também esfarrapados e pardacentos. Elas fumam como os homens, o que sempre choca na índia e indica serem intocáveis ou pertencerem à elite ocidentalizada. Atrás do monte de folhas, as chamas da fogueira se extinguem, e ao lado se espalham as panelas vazias de alumínio enegrecidas de fuligem. O jantar terminou, e ignoro se comeram ratos ou rãs. De fato, pouco me importa. Não estou com disposição de gracejar. Quero descansar e fazer amigos.

No meio do estacionamento, percebo um espaço livre e tiro meu oleado, minha manta e meu mini-travesseiro. O asfalto está coberto de cascalhos. Há também restos de comida, um pouco de farinha e cinzas. Azar o meu! Não posso ter frescuras e limpar um lugar para mim. Isso chamaria atenção. Paro de pensar e me deito. O oleado embaixo, a manta por cima e o travesseiro sob a cabeça. Ninguém me olhou, ninguém me perguntou nada. Estou deitado de costas e é desconfortável.. Na rua, os indianos dormem assim ou com os joelhos dobrados. Raramente de bruços. Eu gosto de dormir de bruços, mas não é prudente: ficamos sem defesa contra um agressor eventual e, aos 32 anos, tenho de aprender a dormir de costas. Esta posição faz parte de minha nova existência.

Não estou à vontade e os cascalhos me arranham as costas. No entanto, os musahar suportam bem e não são faquires. Eu também devo me habituar aos cascalhos. O que realmente me inquieta são as doenças, os parasitas, as pulgas, a sarna, as aranhas, os escorpiões... Certamente há muito disso tudo

por aqui. Mas de novo o azar é meu!

Aos meus pés, à minha direita, e na minha cabeça, três famílias estão selecionando três montes de folhas. À minha esquerda, um casal ronca, abraçado, sob um edredom rasgado que deixa à mostra a crina cinza de algodão cru. Eu os invejo, queria pegar no sono.

Observo as famílias aos meus pés e à direita. Cada uma tem cerca de 10 membros. As mulheres e as meninas selecionam as folhas, os homens observam e conversam. Não em voz baixa. Como os varredores, discutem alto e o tumulto de seu falatório se mistura à música dos devotos de Krishna e às buzinas dos carros e caminhões que penetram no átrio a partir da estrada Délhi - Calcutá. Hare Krishna! Bi-bi! Vrum! Vrum! É impossível fechar os olhos. Nunca tinha pensado em como o barulho pode ser enervante.

Mergulho o olhar na noite. Ela está magnífica. Milhares de estrelas cintilam no céu. Parece lugar-comum, mas todos esses pontos luminosos que testemunham a imensidão do universo me confortam o coração. Preciso disso.

O relógio da estação marca uma e meia; as famílias se deitaram, a música de Krishna e o trânsito na estrada finalmente cessaram. Não é uma trégua, pois a conversa de alguns musahar, que continuam acordados, torna-se, no silêncio, mais estridente. Gritam, discutem por causa de 10 rupias (40 centavos de dólar). Nenhuma preocupação com a massa que procura dormir. São apenas três: um sujeito de uns 30 anos, claro, com um lungi azul desbotado e uma camisa creme abotoada de modo errado, um rapaz pequeno e escuro de uns 20 anos, medindo 1,50 m, e um barbudo imenso vestindo uma camisa e uma calça branca. Circulam entre os que dormem. O baixinho e o barbudo andam atrás do de cara pálida, que agora acorda os homens das famílias, um por um. Fala com uma voz arrastada:

"Há um sujeito entre vocês que tomou meus remédios. Bando de imbecis! Acordem! Estou com sede. Que sede! (Sacode um dos que dormem.) Ei, você, fique em pé! Tem algo para beber?... Você vai me dar dinheiro para comprar um saquinho (de álcool) e depois o beberemos juntos. Ouviu?... (Nenhuma resposta. Ele acorda outro sujeito.) Você eu não conheço. Vou

logo avisando, o chefe aqui sou eu. De todo esse pedaço. Entendeu? Você tem de me obedecer. Vai me dar um maço de folhas e, então, eu o protegerei. (O sujeito se endireita, sem dúvida para não criar caso, pega um maço sob o toldo e o entrega.) Bem, se tiver algum problema, me chame. Certo?.. Ei, você não tem nada para beber? (O cara diz não e o “chefe” recomeça a brigar com o estacionamento inteiro.) É incrível, ninguém tem uma bebida. Imbecis!”

À esquerda, meus vizinhos se mexem sob o edredom, e um homem suspira: “Mais um caso de álcool!” O chefe e seus dois acólitos se aproximam de meu setor e continuam acordando os homens. Sinto medo e escondo o rosto sob a manta. Fiz bem, pois me esquecem e se afastam. De repente, ouço um grunhido abafado perto de minha cabeça. Afasto a manta e me deparo com um leitão rosa que funga em meu ombro esquerdo. Ao sentir a manta se mexer, solta um grito e foge. Um porco me cheirava! Só interesse a um porco!

30 de outubro

O grande relógio da estação marcava três horas quando o olhei pela última vez. Depois, consegui adormecer.

Meu sono foi breve.

Às três e meia, o frio me despertou. Na entrada do estacionamento, o chefe e seus dois esbirros continuavam pedindo bebida; às quatro horas, o chefe berrou de repente, passando entre os que dormiam: “Quatro horas! Levantem! Levantem!”

Está escuro. Mas três quartos dos musahar se levantam e, na estrada Délhi-Calcutá, ouço os caminhões zunirem e buzinares novamente. Permaneço deitado, é melhor para vigiar o movimento no estacionamento, e, além disso, não tenho vontade de passear pela cidade às quatro da manhã. Não estou habituado. Os musahar recomeçam a organizar as folhas. Os que acabaram embrulham os maços - uns 50 por família - em um pedaço de pano. Depois, chamam um carrinho - sempre há alguns no átrio da estação. Eles jogam a enorme trouxa de vários metros cúbicos no assento e três ou

quatro pessoas trepam por cima. O carrinho, carregado como um burro, parte. Vamos, acelere a bicicleta! Só falta o chicote. Vá, pedale! Na direção de Nai Sarak, os mercados situados antes de Godhaulia, a três quilômetros. Pela conversa dos musahar fico sabendo que é ali que vendem suas folhas. O frio cortante que anuncia o alvorecer me gela as costelas. Meus vizinhos foram recolher madeira, papelão e plásticos e acendem o fogo com o que acham. Suas famílias se juntam ao redor e aquecem as mãos. Os adultos fumam hiri ou mascam uma pitada de tabaco. Começa um novo dia e parecem achar tudo delicioso. Eles me dão vontade de fumar, mas não tenho hiri.

Comerciantes de chá percorrem o estacionamento com suas chaleiras fumegantes e suas xícaras descartáveis. Alguns musahar compram chá. Eu congelo. Preciso que o sol nasça logo. Isso se dará um pouco antes das seis horas. Ainda uma hora e meia para suportar a noite fria e depois vou embora. O plástico que arde na fogueira empesta a atmosfera, mas isso não parece incomodar. Exceto a mim. Só aproveito o cheiro e não o calor. Gostaria de me juntar a uma dessas fogueiras, de me aquecer. Mas como me apresentar a uma família? Então, olho de longe. Miserável. Quem? Eu!

Droga! "Realmente estou com vontade de fumar e de beber um pouco de chá! Isso aqueceria meu corpo e ocuparia meu espírito durante cinco minutos. Mas não trouxe hiri e seria razoável começar meu primeiro dia de mendigo intocável comprando chá? Um mendigo de verdade pode se dar a este luxo? Quero guardar as 1.000 rupias (40 dólares) que escondi na cueca e as 30 rupias no bolso da camisa para o caso de uma emergência. Tentarei viver com a esmola que receber. No momento ainda não ganhei nada, portanto não tenho direito a nada. Não sou masoquista, mas devo obedecer a essa norma se quero descobrir o que sente um mendigo indiano.

Quinze para as seis. À leste do átrio, na direção do Ganges, um luar metálico, brilhante e rosado ilumina o céu. Em um instante, o potente sol tropical explodirá com todo seu calor. A maior parte dos musahar já foi embora. Com seus maços de folhas, painéis e mantas. Algumas mulheres ficaram e continuam a selecionar as folhas ou sovam a massa de pão. Eu me

levanto. Arrumo a manta e o oleado no saco, oculto um pouco o rosto com o fular e me olho no pequeno espelho que trouxe para me barbear e verificar minha cor. Está um pouco apagada, mas, com a poeira que aderiu à pele quando eu dormia no chão, o rosto adquiriu o tom pardo do átrio. Nunca tive uma aparência tão triste, esta expressão lúgubre, ociosa e fatigada, característica dos indianos em geral. Não podia estar mais parecido com eles e não gosto deste rosto.

Ao lado do estacionamento, há mictórios públicos. São simples, três paredes finas sem teto e completamente abertos para a calçada. Estou com muita vontade, vou até lá. O lugar é imundo. O chão está coberto de coco e esta matéria também entope a fossa. Dez centímetros de altura de urina amarelodourada estagnada. Além do mais, mictório é "casa da urina" em hindi. O que não significa "casa do coco", e os musahar que deixaram sua grande contribuição aqui devem estar pouco se importando. É repugnante. Urino como todo mundo, da parte externa, e o jato de urina no solo imundo enlameia meus pés descalços. Isso me dá náuseas. Olho para meus pés. Enegrecidos pela poeira e agora molhados de urina. Se os lavo, ficarei muito limpo e a tintura pode ser um pouco apagada. Não há saída! A não ser deixar como está.

Não defeco nesses mictórios, pois não conseguiria usar essas privadas. Inquietação. Será que existem, fora das calçadas, banheiros públicos menos sujos para os desabrigados como eu? Nunca mais aliviar as necessidades em um local decente e privado fará parte de minha nova existência?

Passo para a estação. A mesma coisa. Uma água lodosa inunda os mictórios e compartimentos individuais adjacentes à sala de espera. Seria preciso usar botas para entrar ali. Além disso, para defecar tem-se de pagar uma rupia ao encarregado. Tudo isso me corta a vontade e eu deixo pra lá.

Nos dois vestíbulos da entrada, onde se vendem os tíquetes, os que dormiam na véspera se retiraram. Passo pela plataforma.

A iluminação difusa do sol rasante envolve as quatro plataformas da estação. Duas passarelas metálicas fazem a ligação entre elas. Passo de uma para outra. Não há trem e não vejo nenhum mendigo nem nas plataformas nem nas passarelas. Será muito cedo? Antes, quando eu vinha à estação

durante o dia, sempre via garotos, velhos esfarrapados, um ou dois leprosos e um pernetas mendigando. Suplicam aos viajantes repetindo: "Babu! Babu!" Babu quer dizer, literalmente, "senhor".

Alguns viajantes percorrem as plataformas diante das malas, das trouxas. Os vendedores ambulantes de cigarros, maçãs e jornais os interpelam. A temperatura está amena e um odor agradável de húmus se mistura à fumaça das locomotivas a vapor que esquentam na garagem. A atmosfera da estação cheira bem. Partida, uma nova existência em que todas as esperanças são permitidas. Deliro! No dia 16 de julho, dois dias antes de eu deixar Paris, conversei com Jean-Claude Guillebaud, meu editor. Ele me perguntou se estava com medo de partir e eu respondi:

"Sim, mas uma nova vida me aguarda. Não somente para escrever um livro. Vou recomeçar do zero, como indiano intocável. E a sorte talvez me sorria sob essa nova identidade. Quem sabe não me torno ministro, como Jagjivan Ram?" Disse isso brincando, mas também sonhava e me convencia de que nada é impossível.

Não acredito mais nas virtudes transformadoras desta viagem. Na pele de Marc Boulet ou de Ram Munda, continuo sendo um homem comum, sem talento, sem idéias para obter êxito na sociedade humana. Isso não tem nada a ver com a minha nacionalidade. E, além do mais, os intocáveis que encontrei até agora permanecem mais indigentes que a média da população, apesar da abolição constitucional da intocabilidade, há quase meio século. Nesse 19 de agosto, o Parlamento elegeu Kocheril Raman Narayanan, um intocável, membro de uma casta meridional de colhedores de cocos, para o posto de vice-presidente da Índia. Finalmente! A Índia nunca teve um presidente, um vice-presidente ou um primeiro-ministro intocável, apesar de um em quatro indianos pertencer a esta casta. Mas a nomeação de K. R. Narayanan não significa que o sistema de castas esteja morto. É apenas um disfarce.

Consultem a lista de altos funcionários, de chefes dos partidos políticos, investiguem seus nomes! O poder central sempre pertence às altas castas. Uma aristocracia. Sei que teria muito mais chances de brilhar na pele de um brâmane (de um Dikshit ou de um Sharma, por exemplo) que na de um

Munda que nasceu em um átrio de estação, entre os musahar.

Eu me sento em um banco no final da plataforma número três e me deleito com a calma. Estou sozinho. O sol me acaricia, retardo o momento em que começarei a mendigar sobre uma plataforma ou uma passarela. De repente, me lembro das 30 rupias que estufam o bolso de minha camisa e as coloco no saco. Ninguém deve saber que tenho algum dinheiro. Sinto medo.

Dois jovens me tiram do estado de angústia. Falam comigo. Devem ter achado que sou um habitante da estação, pois me perguntam onde fica o banheiro. Respondo:

- Não sei.
- Não mora aqui?
- Sim.
- E não sabe nada?

Tive vontade de responder que poderiam urinar no final da plataforma, pois tinha visto viajantes fazerem isso agora mesmo.

Eu me calo. Não sei se os indianos trocam este tipo de informação entre si. Nossa conversa não é empolgante e eles me tratam de "você", sem cerimônia. Mas é a primeira vez, desde que me tornei um indiano, que me dirigem a palavra. Gostaria de beijar esses meus irmãos. Eu pergunto: "Aonde vão?" Eles respondem Sultanpur - cidade da qual ignoro tudo. E isso não tem importância, não tentam continuar conversando.

Um comboio de uns 10 vagões se forma na plataforma número um. Vou para lá. Na Índia, as janelas dos trens têm grades de ferro, os vidros em geral ficam abertos e as plataformas são elevadas, um pouco como o metrô parisiense, o que possibilita que os mendigos estendam a mão para o interior de cada compartimento, de vagão em vagão. Vou mendigar dessa maneira - ao longo do trem.

Por que esperar?

A ação se encadeia muito rápido, e é melhor assim. Se refletisse, recuaria. O que sinto de repente? Meu coração dispara, minha pulsação dilacera minhas têmporas. Isso não é bom. Sinto vergonha e o medo me comprime a garganta. Mas sou louco. Estendo a mão direita diante de uma janela na

metade do comboio. Murmuro com os olhos parados, imóveis, a um viajante de uns 50 anos: "Babu, me dá dinheiro!" Ouvi os mendigos esmolarem assim. Sem olhar para mim, o homem balança a cabeça, indicando com desprezo para eu me afastar.

Apresento-me diante da janela ao lado. E das cinco seguintes. Nenhum sucesso. Os viajantes me ignoram, e me movo automaticamente ou eles me fazem sinal com a mão ou a cabeça para que eu vá esmolar em outro lugar. Um deles acrescenta: "Afaste-se para longe!" Sei, obrigado. Estou decepcionado, mas não surpreso com o fato de ninguém me dar nada. Há um milhão e meio de mendigos na Índia. Já não despertam piedade. Ainda assim, vivem de esmolas, senão teriam mudado de profissão. Será que não peço direito?

Não reflito muito sobre essa pergunta. Continuo a pedir esmola, passo para outro vagão. Os viajantes que incomodei achariam estranho se eu parasse. Resolvo insistir diante de um homem de 45 anos, asseado, usando camisa pólo preta e óculos finos, e que parece à vontade. Fico parado diante de sua janela, a mão estendida, o olhar suplicante, quase úmido, repetindo em um tom cansado: "Babu!" Que comédia! O passageiro me encara com olhos de peixe morto. Todos já viram um peixe morto. Ele não sorri. A cena dura um minuto. Estou farto e continuo a dizer em voz baixa: "Tenho fome." O que suscita a resposta: "Vá pedir em outro lugar. Não tenho nada para você."

Mentiroso!

O passageiro da janela do lado me diz:

- O que quer?
- Dinheiro. (Eu já lhe havia pedido.)
- O quê?
- Dinheiro.
- Para quê?
- Para comer. Estou com fome. - Coloco a mão esquerda sobre o estômago.

O sujeito responde:

- Você é jovem. Trabalhe!

Não sei o que responder e, sem esperança, peço na janela seguinte.

Surpresa. Nem bem estendo a mão, um sujeito grande de uns 40 anos mexe

no bolso. Estou sonhando! Está procurando dinheiro para me dar? Sim, está. Tira uma moeda de 20 centavos e a põe em minha mão. Levo o dinheiro à testa em sinal de respeito, como se fosse uma doação divina. Estou tão feliz que nem podem imaginar.

Mendigar funciona. Essa primeira moeda equivale a apenas quatro centavos do franco francês, mas me proporciona uma sensação de bem-aventurança comparável à plenitude do prazer durante um orgasmo. Não estou exagerando. De repente, descubro que posso viver na pele de Ram Munda.

Continuo a pedir esmola até o final do trem. Faltam dois vagões. Sofro recusas, sorrisos zombeteiros, e depois um homem, também de uns 40 anos, vestido como um cidadão de classe média, de camisa e calça, me dá duas moedas de 10 centavos. Ganhei 40 centavos por meio trem. Isso significa oito hiri ou meia xícara de chá. Nada mau. Vou correndo comprar um hiri em outra plataforma. Não quero que aqueles que me deram esmolas me vejam esbanjar suas doações. Eu ficaria constrangido.

Não tenho sorte. Na estação, os ambulantes se recusam a me vender hiri por unidade. Os dois de quem me aproximei me responderam com o mesmo tom de desprezo: "Aqui, só se vende o maço! Uma rupia e meia." Não tenho o dinheiro. Tanto melhor. Vou esperar e atacar os trens seguintes.

Lá por volta das 8:30 já tenho o suficiente para comprar os hiri. Percorri dois trens. O primeiro, muito comprido, ia a Calcutá, acho, e me rendeu uma rupia em três esmolas. O segundo, metade vazio, com vagões desconjuntados, me rendeu 60 centavos também em três esmolas. Meu ganho total foi de duas rupias, desde de manhã, e compro o maço de hiri e uma caixa de fósforos. Depois, subo para a passarela norte e me sento no chão, encostado contra o parapeito, na sombra. Acendo um cigarro e dou uma tragada. A fumaça da folha de eucalipto que queima é agradável.

Tirei o prato da sacola e o pus a meus pés com duas moedas de 10 centavos dentro. Alimentei a esperança de que os transeuntes aí jogassem moedas. Já vi mendigos velhos trabalharem assim nesta passarela. Eles interpelavam cada pessoa que passava. Depois da noite em claro entre os musahar, não tenho forças, quero respirar um pouco. A estação continua deserta. Apenas

alguns passageiros vão e vêm seguidos de cules vestidos de grená. Transportam as malas empilhadas, equilibradas sobre a cabeça. Um número de circo.

Ninguém me joga moedas. Os viajantes me ignoram e, quando baixam o olhar sobre mim, me fuzilam com olhos frios, duros. Por quê? Não lhes estendo o prato. Respiro um pouco e me mostro publicamente. Minha presença os incomoda?

Descanso cerca de uma hora na passarela, depois um varredor da estação me desaloja. Ele levanta poeira com sua vassoura e me lança o pó em plena cara ao passar por mim, como se eu não existisse. Em seguida, derrama dois baldes de água no chão e torna a varrer. Dessa vez, chegando perto de mim, diz: "Sai daí!" Ele bem que podia ser menos rude, mas tem razão. Eu atrapalho. Obedeço sem falar nada e desço para pedir esmolas ao longo dos trens.

A estação despertou. Uma dezena de intocáveis engraxates - profissão exercida pela casta dos sapateiros - percorre as plataformas, oferecendo seus serviços às raras pessoas calçadas com sapatos de couro. Finalmente, cruzo com outros mendigos: um velho mais bem-vestido que eu, um cego de meia-idade com o rosto bexigoso, uma mulher de uns 30 anos, usando um sári duro de sujeira e em farrapos. Toda vez sinto medo. Vão me proibir de mendigar aqui? Talvez seja seu território. Sou novato e li artigos sobre a máfia de mendigos na Índia. A estação de Benares é controlada por uma gangue? Não sei. Esses três mendigos me ignoram. Eles passam por mim apenas prestando atenção para não mendigar onde eu estou. Não dizem nada, não sorriem, nem fazem caretas. É isso. Eles estendem a mão ou um prato onde eu estive antes, e eu faço o mesmo na direção de onde vieram. Penso que talvez tenha sorte ali onde eles não tiveram e também onde tiveram. É isso que acontece. Nas partes dos trens em que já pediram esmolas, eu recebo mais esmolas.

A partir de agora, trabalho com meu prato e esmolo ao longo de cinco trens, depois dou uma pausa. Um comboio completo é composto de cerca de 15 vagões, o que mede meio quilômetro. Mendigar é demorado e cansativo, e

os trens se sucedem, um atrás do outro, em plataformas diferentes. Enfim, não me queixo. Ganhei quatro rupias. Ou seja, quase uma rupia, isto é, quatro centavos de dólares, por trem.

Nada mau.

Quase meio-dia. Sinto um pouco de fome e muita sede. Há várias fontes em cada plataforma e paro diante de uma para beber. É a primeira vez, na Índia, que bebo água da torneira, sem ser fervida nem desinfetada. A água da torneira está repleta de germes, mas, na pele de um mendigo, não posso comprar água mineral a 10 rupias o litro, no botequim da estação. Tenho medo de pegar amebas, hepatite ou tifo. Aqui essas doenças, e muitas outras, são endêmicas.

O que beber?

Tenho de imitar os indianos: em sua maioria consomem água da torneira como essa. E se sentir uma cólica violenta - a diarreia é comum em toda a Ásia continental - fará parte de minha nova existência.

Bebo, no mínimo, um litro com a mão. A torneira da fonte escapa e me borrifa um pouco com a pressão. Não me importo, a água é tão agradável. Gosto dessa ducha. Em seguida, volto à passarela norte, para descansar. Vou fumar um biri, e isso acalmará minha fome.

À vontade, apoiado na balaustrada, sento-me no chão, de frente para outro mendigo. Talvez para fazer amizade. Ele é alto, com os traços finos e a tez clara. Cerca de 30 anos, com os cabelos pretos longos, despenteados, barba irregular e a roupa branca manchada que serve de pareô e uma camisa ocre esfarrapada. Parece um Jesus Cristo. Não pede esmolas. Ele me olha. Eu o olho. Nem ódio nem bondade nesses olhos imóveis. Gostaria de trocar um sorriso, conhecê-lo, mas ele acaba de virar a cabeça e olha os transeuntes que vão e vêm.

Coloquei meu prato diante de mim, bem à vista. Ninguém joga uma moeda. Só me lançam os olhares duros de sempre. Não estendo o prato, sem dúvida isso me ajudaria, mas seria exaustivo, a essa hora há muita gente na passarela. Estou no chão e milhares de pernas me roçam como se eu não existisse. E não são de mulheres jovens de minissaia. Só faltam passar por

cima de mim. Eu sufoco e fumo um hiri. Isso manterá ocupada minha cabeça, que está vazia como um coco rançoso. Acendo o cigarro, riscando o fósforo para fora e não em minha direção, como fazia na França, e dou uma longa tragada. Talvez isso surpreenda, mas me permitiu respirar. Jesus Cristo, ao me ver fumar, tira um hiri do bolso. É importante, pois isso significa: os verdadeiros desabrigados indianos comprem o próprio hiri. Além do mais, Jesus Cristo também possui uma caixa de fósforos. Estou dentro da norma.

Vou mijar na "casa da urina" no final da plataforma número um e depois volto ao meu lugar na passarela. Jesus Cristo foi embora.

Espero Gloire. Combinamos nos encontrar na passarela por volta das 13, 14 horas. Ela me vigiará de longe, sem se aproximar, como anteontem em Godhaulia. Preocupada, ela quer se certificar de que está tudo correndo bem e aproveitará para me filmar na estação. Depois, farei mais um ou dois trens, o que deve me render cinco ou seis rupias, o suficiente para o almoço. A idéia de uma refeição me anima.

Gloire chega por volta das 13 horas. Passa na minha frente sem me ver. Não posso chamá-la nem falar com ela. Isso atrairia a atenção para mim. Ela continua a andar e se reclina no final da passarela, como que para ver quando chego. Mas, querida, estou aqui! A 30 metros de você, sentado no chão, apoiado no parapeito direito. Sozinho e em evidência. Mais 10 minutos e ela torna a passar por mim sem me reconhecer. Isso me exaspera. Sou um mendigo indiano, em uma estação indiana, e minha mulher não me distingue. O que me tornei? Sou tão anônimo, tão insignificante a ponto de seu olhar varar o espaço e não se deter sobre mim? Quando ela me verá? Eu me odeio. Não por causa da cor da pele ou da sujeira, mas por causa da solidão em que me mergulha a identidade de mendigo. Tenho vontade de chorar.

"Gloire, volte! Olhe para mim! Mostre que eu existo! Pelo menos para você!" Quinze minutos depois, ela percorre novamente a passarela. Dessa vez, ela olha fixamente cada indiano. Pronto, ela me identificou. Sei que sim. Ela não me faz nenhum sinal, mas tira a câmera e filma em minha

direção.

Peço esmolas ao longo dos trens, ganho uma rupia e setenta, depois bebo um pouco de água na plataforma número seis e saio para almoçar.

Do lado oposto ao Ganges, no prédio principal do centro distribuidor de tíquetes e no átrio dos musahar, a estação dá para o antigo acampamento das tropas britânicas. Um bairro calmo e verde, com suas mansões coloniais isoladas no meio de parques imensos, seus hotéis de luxo e suas igrejas cristãs. Próximo ao final da última via férrea, se alinham tabernas. São miseráveis: um forno de barro, algumas mesas e bancos de tábuas de madeira instalados sob um toldo rasgado. Mas o pão e os condimentos que cozinham a fogo brando exalam um odor agradável.

Eu me sento sozinho em uma das cinco mesas da segunda taberna. Três bacias enormes de alumínio e cheias de ensopado de legumes, de purê de lentilhas e de arroz branco estão dispostas em uma das mesas na entrada do estabelecimento, ao lado do forno de barro. Um cara sem camisa e suando, com um pano engordurado servindo para ocultar as partes íntimas, assa pão sobre uma chapa. A comida parece fresca e isso me atrai.

Nas outras mesas, três sujeitos comem vorazmente. Um verdadeiro prazer para a boca e os dedos. Eles os molham em um pires de curry vegetariano e amassam demoradamente o molho e os legumes com um pedaço de pão. Então, abaixam a cabeça. E zupt! Engolem o pão escorrendo molho amarelo, chupam os dedos e recomeçam. Parece delicioso.

A superfície de minha mesa está coberta de pó, e o chão úmido, repleto de detritos e grãos de arroz. Um jovem dinâmico, de camisa e calça brancas, se aproxima para anotar meu pedido. Como fazê-lo? Habitado às refeições indianas ricas, preparadas para os ocidentais, aos pratos com nomes elegantes, não sei como os indianos pobres escolhem nas tabernas que só oferecem um ou dois guisados. Imagino que não tenham um menu e não posso perguntar o que servem. É limitado e, sem dúvida, evidente para um indiano. Minha pergunta pareceria esquisita. No Norte da Índia, legumes e carne são um luxo, e o menu cotidiano é composto de purê de lentilhas, acompanhado de arroz ou pão. Sei que, para indicar uma refeição correta,

apenas dizem: "Hoje comi legumes e arroz." Ou então: "Legumes e pão." Não detalham o nome dos legumes, como se isso não importasse. Nem o tipo de curry.

Digo ao garçom: "Traga legumes e pão."

Ele concorda com um movimento da cabeça. Serve duas fatias grandes de pão quente e, em um pires, duas batatas e três favas boiando no molho amarelo e picante do curry padrão. Cheira bem. E é delicioso. Como com os dedos da mão direita, cortando o pão em pedaços que utilizo como colheres para pegar o ensopado. Desde que cheguei na Índia, em julho, eu me exercitei e me alimento, sem dificuldade, com a mão direita. Eu me delicio e peço mais pão. Ele é servido com mais curry. Muito fluido. O pão serve de esponja para absorvê-lo.

Tenho de aproveitar bem, pois talvez não possa pagar um jantar à noite. Antes, em Godhulia, nas tabernas para turistas, eu sempre pedia dois ou três pratos consistentes com apenas um pouco de pão e recusava o molho suplementar. Hoje é o contrário: muito pão e pouco molho.

Insisto: eu me delicio. O que é uma boa refeição? É aquela que satisfaz o estômago e a cabeça. Esta é uma. Descubro que, quando temos fome e não sabemos quando poderemos voltar a sentar a uma mesa, o alimento mais simples pode fazer um homem feliz, mergulhar o ser em uma doce beatitude. E para conseguir esse almoço eu mendiguei, fui humilhado, desprezado. Não estou dizendo que o mereci. Afinal, isso não tem muita importância. Para mim, essa refeição é exatamente como uma garota bonita que se leva um mês paquerando, até que se consegue estar com ela. Eu tinha muita vontade disso. E estou satisfeito.

Lavo os dedos atrás da taberna, com um copo de água, e pago. Três pães são três rupias, o ensopado é gratuito. O inverso dos restaurantes franceses, onde o pão é o acompanhamento e não o prato principal. Retorno à estação e esmolo até a hora do crepúsculo. Eu me permito um gole de água e uma pausa para o biri, na plataforma número um.

Dezessete e trinta, a tarde cai. Desde a manhã, ganhei 10 rupias e 60 centavos. Nada mau. Um trabalhador braçal ou um condutor de carrinhos a

bicicleta ganha cerca de 30 rupias por dia. Ainda me restam seis rupias mais ou menos e tenho como jantar, mas posso resistir à fome. Prefiro economizar como precaução - o dia seguinte talvez não seja tão generoso - e compro duas bananas por uma rupia. Isso me sustentará até o meio-dia de amanhã. Em seguida, vou dar uma volta pelo átrio. Os musahar retornaram, mas não são os mesmos da noite passada. Exausto por causa da noite em claro e o dia mendigando, resolvo me sentar para observá-los e depois dormir. Retomo o lugar da véspera, no centro do estacionamento. Ainda é cedo e talvez hoje faça amigos.

As famílias ao redor organizam montes de folhas, e panelas fumegam sobre um braseiro de lenha. Meninas catam lentilhas ou sovam a massa de pão. Um pouco recuados, à minha direita, um homem e uma mulher que amamenta um bebê comem arroz branco salpicado de rodela vermelhas, certamente cenouras. O arroz é feito papa. Enrolam com a mão direita, fazem uma bola do tamanho de um ovo de galinha e a colocam na boca. Mastigam lentamente com um largo sorriso, enquanto fazem outra bola.

Acendo um biri. Na minha frente, há um casal de uns 20 anos, com um bebê de um ano e pouco que aprende a andar. O homem, com a tez cor de ébano, me faz sinal para que eu jogue a caixa de fósforos. Eu a levo, contente por ter sido notado. Ele põe fogo no bico de uma câmara de ar velha e a desliza para baixo de um monte de galhos. Fede, mas o fogo pega. Aqueço um pouco as mãos e digo:

- Faz frio!
- Sim... De onde você é? - ele pergunta.
- Bihar. Sou aborígine. Um Munda.
- Ah? Nós também somos aborígenes - disse, indiferente, e acendeu um biri antes de me devolver os fósforos.
- Neste estacionamento todos são musahar?
- Sim. Somos umas 30 famílias musahar.
- E os outros na calçada?
- Eles são muçulmanos. Não são dos nossos. Você é hindu? Hesito antes de responder. Depois me lembro da história que tinha forjado:
- Sim, nós, os Munda, acreditamos em Shiva, Durga e Rama.

- Nós também.
- Seu bebê é bonito. Como se chama?
- Sushila.

Então é uma menina. O rapaz se chama Sukhu. Conto que não sou casado, o que na Índia implica dizer que não tem filhos, e Sukhu me confia que os filhos proporcionam aos pais as grandes alegrias da vida. Pergunto há quanto tempo está casado. Ele reflete e depois responde enrugando os olhos, como se estivesse calculando: "Já faz muitos dias!" (sic). Ele se vira para a mulher, que confirma: "Sim, faz muitos dias."

Não sabem contar os meses e os anos. Incrível! O bebê tem mais de um ano, logo são casados há pelo menos dois anos, já que o contexto indiano proíbe relações sexuais pré-maritais.

Mudamos de assunto. Explico que vim em peregrinação a Benares, e Sukhu me diz que colhe as folhas na selva de Rae Baroli, a mais de 200 quilômetros.

Como ele, os outros musahar do estacionamento fazem o percurso de trem entre Benares e Rae Baroli a cada três dias, ou entre Benares e outro distrito de selva. Sua mulher e sua filha o acompanham. Peço-lhe que dê mais detalhes.

"Chegamos hoje de Rae Baroli. Cataremos as folhas nesta noite e amanhã as venderemos em Nai Sarak. Depois partiremos às 14 horas pelo expresso de Délhi. Em seguida colheremos folhas e dois dias depois voltaremos a Benares."

O expresso de Délhi leva seis horas e meia para chegar a Rae Baroli, em vagões abarrotados e bancos duros. Sukhu recolhe, a cada viagem, quantidade para uns 50 maços de folhas, que vende a duas rupias e meia a unidade. Ou seja, consegue o total de 125 rupias (aproximadamente cinco dólares). Ele possui uma choupana em Lohta, subúrbio de Benares onde vivem seus pais, e o jovem casal só vai para casa de vez em quando. Se não vão, dormem ao ar livre o ano inteiro, e vivem com uma renda de menos de 1.000 rupias por mês - a estimativa é minha, não quero forçar Sukhu a fazer novos cálculos -, metade de um salário mensal médio, ou 40 dólares. Percorrem, todos os meses, milhares de quilômetros para ganhar essa razão

diária. O preço do transporte até Rae Baroli deve consumir grande parte. Pergunto a Sukhu quanto custa a passagem.

- Não compramos passagens!
- E não há problemas com o funcionário que verifica os bilhetes?
- Não.
- Dá certo agir assim?
- Sim, é assim que funciona!

Não insisto. Talvez na Índia não seja tão excepcional viajar sem passagem. Conversamos mais um pouco e então volto ao meu lugar e me deito. Sukhu não me retém para jantar ou consolidar uma verdadeira amizade, e nunca mais o verei. Não passou de alguém a quem emprestei os fósforos. Estou tão sozinho, e o barulho no átrio continua infernal. A música de Krishna, os caminhões, as discussões dos musahar... O cansaço me faz cair no sono. Como em um buraco.

31 de outubro

O frio, a noite, o barulho.

Quatro horas da manhã; não durmo. O chefe dos musahar berra. Eu o escuto um pouco. Sempre o mesmo refrão. Algo para beber! Sempre a mesma coisa. E ninguém para calar seu bico. Certamente, isso não adiantaria muito. Não se pode impedir os asnos de zurrar ou os corvos de grasnar. É a natureza deles. Sinto que o dia de hoje será longo e desinteressante. Decido descer a pé até o Ganges. Isso me arejará as idéias.

A cidade está deserta, nada a assinalar. Ao amanhecer, chego ao ghat da Dashashvamedh. Sento-me no alto da escadaria e fumo meu primeiro biri, olhando o sol se erguer à minha frente, na margem desabitada do Ganges. A multidão ainda não ocupou o ghat. Uma rampa de ferro acompanha a escada de pedra em direção ao rio e uns 20 mendigos ali se alinham. Lembro que sou um deles e também me sento na rampa, em uma plataforma livre.

Sempre vi mendigos nesse lugar. Os peregrinos que chegam para se banhar os atraem. A caridade é um dever hindu e os devotos gostam de cumpri-lo

nesse ghat sagrado. Atenção! A piedade não os motiva. Tentam se conformar à ordem universal em que o rico dá aos pobres; realizam um ato generoso que aperfeiçoará seu carma e, conseqüentemente, sua próxima reencarnação.

Um velho interrompe minhas reflexões grandiosas sobre a metempsicose e a bondade do homem. De camisa e calça sem estarem rasgadas, está muito bem-vestido para ser um mendigo. De onde saiu? Pretende me impedir de esmolar aqui porque os outros mendigos reservaram esse lugar e os outros degraus desocupados ao longo da rampa. Eles vão chegar... Não crio caso. Restam-me cinco rupias do que mendiguei ontem e é o suficiente para o almoço. Eu me levanto, calmo e livre. Quando a tempestade se anuncia, é preciso saber ficar tranqüilo e matar o tempo. Outro dia tentarei de novo mendigar aqui. Vou embora, para me deleitar com o sol no alto do ghat vizinho, o do doutor Rajendr Prasad. É largo e tem duas mães-d'água. Fumo um segundo biri e espero até as oito, nove horas. Não penso em nada. Há momentos na vida, como esse, em que simplesmente nos deixamos ser, como um legume, e nada resta.

De repente, sinto fome. Fico inquieto.

E se não conseguir mendigar na estação?

Bah! Encontrarei outra solução e o que comer. Porque é necessário, porque quero viver. Estou confiante e, além do mais, uma lenda conta que ninguém sofre de fome em Benares. É o paraíso sobre a Terra. Shiva, sua divindade tutelar, para aqui enviou sua mulher, Annapurna, a deusa da alimentação abundante, para proteger seus habitantes. Eu me lembro de que já ouvi falar que na rua Dashashvamedh existe um pequeno templo de Baba Khichari, em frente à entrada da viela que conduz ao Templo Dourado. De manhã ali se distribuiria alimentação gratuita aos pobres. Eu me levanto e vou ver se hoje conseguirei comida.

Baba é um termo honorífico para os santos e anciãos. Eu já havia visto, ao passar por Codhaulia, no interior desse templo, por trás das grades vermelhas, uma estátua de pedra branca. Ela representa Baba Khichari. Contaram-me que era o deus do khichari. Sua existência me surpreende,

mas como reconhecê-lo entre todos os deuses hindus? No subúrbio sul de Benares, o Baba Culla e o Baba Detra são os deuses da maconha.

Vou explicar melhor. Em hindi, a palavra khichari significa "mistura". Também designa uma papa de lentilhas e arroz. É cozinhada com açafrão-da-Índia e sal. Pode-se acrescentar espinafre, tomates, couve-flor, abóbora... Como seu nome indica, consiste em uma mistura e é o prato tradicional aos sábados em Benares. É saboroso e muito popular, mas não é servido em restaurantes nem a convidados, pois é muito barato. É uma refeição completa, com seus cereais e legumes. Por isso é servida aos pobres, como me contou o professor Sanjay. Isso evita que tenham de preparar menus complicados. O khichari tem tudo e é deificado por Baba Khichari.

Chego ao templo de Baba Khichari. Do lado de fora, na beira da calçada atravancada de carrinhos e vacas, um enorme caldeirão cheio de khichari fuma sobre um fogão de barro. Um homenzinho musculoso, de uns 40 anos, mexe a papa amarela com uma espátula de ferro de um metro de comprimento. Ele faz esforço para misturar a pasta viscosa e transpira muito. Usa uma camiseta amarela manchada de fuligem e suor e um lungi verde arregaçado como uma minissaia. Ele é repugnante. A comida não está pronta. Com um movimento de cabeça desdenhoso, manda que eu me afaste. Seu desdém me é indiferente: estou contente, daqui a pouco ele me dará o que comer.

Eu me sento por trás, na calçada, e acendo um hiri. Não como nada desde ontem e estou ansioso para que o khichari seja servido. A papa amarela é extremamente apetitosa e a idéia de que em menos de uma hora vou poder me regalar me parece doce, muito doce. Uma dezena de homens de 20 a 30 anos, com as roupas sujas de terra, duas crianças seminuas e algumas mulheres intocáveis, com seus sáris sujos e a vassoura sob o braço, aguardam ao meu lado. Nós não nos falamos, não trocamos olhares. Como se nós, os pobres, não tivéssemos nada a expressar. É apenas uma ilusão. É a fome, o tédio, a falta de dormir que tiram a vontade de nos comunicarmos. Cansados demais para confraternizar. Mas não para discutir... Quando o cozinheiro toca o sino avisando que está pronto, nós nos precipitamos e nos

empurramos diante do caldeirão. Antes de tudo, ele apresentou uma gamela de papa à estátua de Baba Khichari, depois verteu o conteúdo no caldeirão. Esse rito abençoou o khichari, alimento divino, e nós nos empurramos para recebê-lo. No entanto, há no mínimo uns 50 quilos, mais do que o suficiente para todos.

Os dois ajudantes do cozinheiro, um jovem e o outro velho, mandam que nos sentemos em fila na calçada, de costas para a circulação de automóveis e de vacas, que é intensa nessa encruzilhada. Nós nos acocoramos sem pensar no perigo de sermos esmagados ou chifrados e o ajudante jovem nos joga pratos de folhas de mahua.

Repito: ele os joga. Assim, evita nos tocar, pois nossas roupas indicam que a maioria pertence às castas baixas. Portanto, uma folha diante de cada conviva, que a pega, limpa e a coloca à frente dos pés, no chão de terra.

Incrível! Meu vizinho surrupia minha folha e a coloca sob a sua. Canalha! Tem razão, ficará mais estanque e sua comida menos em contato com a calçada. Replico:

- A folha é minha.
- Peça outra!
- Devolve a folha!
- Não!
- É minha!
- Não!

Imaginem a cena: dois esfarrapados acocorados na poeira de uma rua movimentada, disputando um prato de folha.

O ajudante jovem chega com um balde de lata cheio de papa e serve cada conviva usando uma panela como concha. Logo chega minha vez. Não quero brigar, mas tenho de comer e grito com meu vizinho. Ele me devolve a folha. Eu a limpo e a ponho diante de meus pés.

O ajudante despeja a porção de papa. Ao cair, faz schplaf! Uma panela constitui uma dose individual. E hop! ao seguinte. Outra porção na folha de meu vizinho. Schplaf! Ao seguinte!

Está muito quente e, para comer rápido, esfriamos a porção espalhando-a com a mão direita. Está tão quente que queima as pontas de meus dedos.

Com os outros acontece o mesmo, e eles os sacodem como para aliviar a sensação de picada. Estamos com muita fome: como resistir e não começar logo a comer? Então me queimo mais ainda ao levar um pouco da papa à boca.

Na França, uso talheres e experimento a temperatura dos alimentos e sua textura com a língua. Na Índia, sinto o alimento com os dedos, antes de senti-lo com a boca; e como Ram Munda está faminto, são os dedos e não a boca que queimam na precipitação, e isso dói. Então penso que devo esperar que esfrie. Aguardo. Quinze segundos. Mas vejo os outros comerem e pego um pouco de papa. Torno a queimar os dedos. Finalmente, alguma coisa na boca. É agradável.

Delicioso? Esse khichari não é tão bom quanto sua cor de açafrão prometia. Está muito salgado, excessivamente pastoso e deixa um gosto de queimado na boca. Durante o cozimento, o cara deve ter deixado queimar o fundo do caldeirão. Alguns pratos franceses, como o creme caramelado, pedem esse gostinho de queimado. Mas, no caso do khichari, isso fica ruim. Ainda assim o acho saboroso. Pelo menos no começo. Eu estava com muita fome. Minha porção deve pesar um quilo. Parece uma montanha de arroz e lentilhas em minha folha. Paro na metade do caminho. Se fosse pão ou purê, desceria naturalmente, mas não uma papa de arroz e lentilhas, sem carne nem legumes. Engulo quase meio quilo; a partir daí, não consigo mais. Sem dúvida é uma questão de hábito, pois os outros convivas continuam se regalando. Alguns limpam o prato e pedem mais ao cozinheiro. Para eles, esse khichari é um brioche.

Estranho. Meu estômago não está cheio e não tenho mais fome. Não é como na França, onde, quando satisfazia o apetite, me sentia pesado.

Antes, eu gostava muito de khichari. Minha mulher o preparava com espinafre e despejava por cima algumas colheres de manteiga derretida antes de servi-lo. Seu khichari me enchia. O de hoje de manhã só contém um pouco de abóbora. É insípido.

Tenho de comer toda a porção, pois ninguém se levanta antes de acabar. Certamente seria inconveniente desperdiçar a comida que Deus oferece aos pobres. Como tudo, forçado. E observo meu vizinho comer vorazmente

também a porção suplementar, como se fizesse reservas para o inverno. Pergunto:

- À noite também servirão comida aos pobres?

- Não.

- E em outro lugar?

- Não.

Compreendo. Se não termino minha parte, vou sentir muita fome à noite. Principalmente porque a papa é logo absorvida.

Ser pobre é assim: é preciso ter um estômago de boi. Quando se encontra o que comer, é preciso aproveitar. Deve-se engolir o bastante para fazer o motor girar durante, no mínimo, 24 horas.

Repito isso para mim mesmo, o que me ajuda a acabar o prato. Em seguida, bebo um pouco de água na fonte ao lado e volto a Godhulia.

Andar. Andar. Detesto andar nesta cidade. Quando a moção não transforma as ruas em torrentes de lama, uma poeira espessa me queima a garganta e os olhos, e o sol inclemente dos trópicos esquentando. Não se trata do sol gentil da Europa, que bronzeia e desperta a vontade de passear. O daqui curte a pele e provoca transpiração excessiva. "Queima a terra, absorve a matéria cerebral dos homens, impede os cachorros de latir", escreveu Albert Londres em Terre d'ébene. Isso é mais verdadeiro em Benares do que em qualquer outro lugar por onde andei. Caminhar, caminhar sempre, é penoso, mas um carrinho custa muito caro.

Dirijo-me ao nordeste, ao ghat Raj, perto da grande ponte de ferro que passa por cima do Ganges. Raja Ram me contou que ali existe um templo imenso para os intocáveis. Um templo dedicado a Ravidas, seu santo padroeiro. Tenho vontade de visitá-lo, de me sentir em casa, no meio de intocáveis. Sinto-me tão sozinho e, sinceramente, sei que fui, sou e serei até morrer um intocável. Na pele de Ram Munda ou de Marc Boulet.

Ravidas é um santo intocável e originário de Benares. Nasceu há cerca de cinco séculos em uma família de sapateiros. No subúrbio de Sir, na orla do campus da Universidade Hindu de Benares, foi edificando um templo no

local de seu nascimento. Visitei-o em setembro. O templo mede uns 10 metros de altura. É um edifício de tijolos sem personalidade e uma de suas duas torres permanece inacabada. Ao lado, cresce um descendente do tamarindeiro que teria dado sombra à choupana da família dos Ravidas. Esse é o monumento que celebra o nascimento do deus de um quarto da população indiana! Não vi nem peregrinos, nem turistas, nem lojas de lembranças nos arredores. O local destila a miséria e o tédio de uma aldeia indiana comum. Camponeses esfarrapados, casebres de barro, vacas esqueléticas que defecam no caminho e cachorros pelados que latem ao passarmos.

Ravidas é um personagem interessante. No século 15, combateu as superstições, as tradições e as injustiças sociais perpetradas em nome da religião hindu. Apesar de intocável, tornou-se o guru de milhares de homens e mulheres, entre os quais a célebre princesa e poeta Mira Bai. Sua mensagem igualitária, fundamentada na fraternidade e no direito de todos os indivíduos de serem respeitados, fez com que fosse considerado um revolucionário por seus seguidores. Ele se opunha à intocabilidade e declarava, a propósito do sistema de castas:

"Não pergunte a que casta pertence alguém!
Quer seja a casta de Deus ou a de Ravidas,
não existe casta ruim!"

É a primeira vez que vou aos bairros do nordeste de Benares; me informo sobre o caminho. Só interrogo transeuntes tão mal-vestidos quanto eu. Não sou maluco. Não vou me arriscar me aproximando de membros das castas superiores. Ficaria constrangido de lhes dizer que procuro o templo de Ravidas, o que indica que sou intocável. Não tenho vergonha disso, mas não quero ficar propalando minha condição para pessoas que me desprezam. Por que correr o risco de ser tratado mal?

O caminho é simples. Basta seguir reto; fica a três quilômetros. O templo está aos pés da grande ponte metálica, à margem do Ganges. Surge no meio das orlas arborizadas desse subúrbio tranqüilo; salta aos olhos, mas mesmo

assim nada li a seu respeito nos guias turísticos. Por quê?

É gigantesco. Mede cerca de 30 metros de altura e sua fachada de mármore branco domina as águas do rio sagrado. O edifício, se estivesse concluído e se os andaimes não o desfigurassem, seria magnífico.

É curiosamente ornado por diferentes tipos de torres: um campanário Cristão, um minarete muçulmano, um campanário sikh, uma stupa budista em cada ângulo do telhado e, no centro, mais alta e mais larga, a torre hindu. Ravidas pregava a igualdade de todos os homens e todas as religiões. Foi sensato fixar no alto do templo o símbolo das principais religiões, mas a imponente e a localização no centro da torre hindu também significa a superioridade do hinduísmo. Essa disposição me incomoda e me parece deslocada. Também me faz lembrar que inúmeros grupos de intocáveis se converteram, ao longo dos séculos, ao islamismo, ao cristianismo ou ao budismo, para escapar do sistema de escravidão hindu. Afirmar a supremacia do hinduísmo quando se é intocável e expô-la no alto de seu santo padroeiro é o mesmo que aceitar o sistema de castas e a intocabilidade. É cavar sua própria sepultura. E pior ainda, pedindo para ser enterrado vivo. Isso me deixa triste. Percebo que ninguém passeia diante desse grandioso palácio de Ravidas. Parece deserto, talvez esteja fechado. Empurro o portão e subo os degraus que conduzem à entrada do templo. Um jovem, pequeno e usando uma camisa branca e calça preta bem passadas, se aproxima. Trata-me de senhor. É a primeira vez desde minha metamorfose que me tratam com cerimônia e respeito.

- O que o senhor deseja?

- Rezar. Está aberto?

- Entre!

Tiro as sandálias de borracha e sigo o jovem. Atravessamos uma sala imensa. Ela está deserta e mobiliada apenas com uma mesa no centro e quatro cadeiras. O local cheira a canteiro de obras, a cal fresca. O santuário está instalado no fundo, em uma espécie de gabinete branco hexagonal. Com um gesto de mão, o jovem diz para eu entrar.

Estou constrangido. Observei muitas vezes os hindus rezarem nos templos, juntando as mãos, se prostrarem e fazerem oferendas diante do santuário,

mas nunca fiz isso. Tenho medo de fazer um gesto incorreto que me trairia. Mas não posso recuar, isso pareceria muito estranho. Vim rezar, devo fazê-lo. Sempre me meto em situações extravagantes. Acho que gosto do que faz meu coração bater mais forte. É bom.

Então me ajoelho, apoio a testa no umbral do santuário, em sinal de respeito, e entro. Na penumbra, sobre uma mesa coberta por uma toalha vermelha, um pôster representa Ravidas idoso, meditando sob uma árvore. Usa barba e o longo cabelo branco dos sábios. Esse pôs ter constitui a imagem do templo. Acima, pende um colar de cravos-da-Índia. As pétalas das flores e as bolinhas de açúcar habituais que os devotos oferecem aos deuses hindus estão dispersas na frente. Há uma grande desordem, e as varetas de incenso queimando tornam ainda mais forte o mau cheiro de lata de lixo. O que não é específico deste santuário. É simplesmente o cheiro das oferendas que estão mofando. À esquerda da mesa, uma maleta de metal serve de mealheiro e espera as esmolas em dinheiro.

Ajoelho-me diante do pôs ter e rezo, as duas mãos juntas. Rezo para que minha existência na pele de um intocável não me faça sofrer muito. Não creio em nenhum deus e sei que a minha prece não adianta nada. Eu a faço para ocupar minha cabeça, mostrar convicção em minha comédia, pois meu guia me vigia. Penso no impostor que sou. Sinto vergonha de simular a fé dos intocáveis.

Posso agir de outra maneira? Não. E, além do mais, trapaceio para me tornar irmão deles. E não um inimigo. Esta idéia me tira a culpa.

Eu me aprumo. Tiro de minha reserva de dinheiro uma nota de 10 rupias e a introduzo no mealheiro. Eu queria dar alguma coisa.

Saio do santuário e o jovem zelador me convida a sentar a uma mesa perdida no meio desse templo imenso. Abre o livro de registro dos visitantes.

- Seu nome? Seu endereço?

- Meu nome é Ram Munda. - Existem dois tipos de d em hindi, e ele comete um erro ortográfico como se ignorasse tudo a respeito de minha casta. Eu o corrijo: - Munda se escreve com este d... Moro em Bihar, em Bandgav. Bandgav se escreve como "cidade fechada". Sou aborígine, sou um filho de

Deus.

- Eu também sou um filho de Deus. O senhor é bem-vindo. - Pertencço à casta dos Munda. E o senhor?

- Sou da casta dos Ravidas. Sou um sapateiro.

Finalmente um sapateiro que diz francamente sua casta. Na pele de Ram Munda inspiro mais confiança aos outros intocáveis. Ele prossegue:

- O que faz em Benares?

- Vim em peregrinação... E, além disso, eu tinha ouvido falar do guru Ravidas e queria conhecer seu templo.

Entra outro jovem. Sua roupa está manchada de gesso e parece também trabalhar ali. Junta-se a nós sem se sentar.

- Vem de Bihar?... Lá o sistema de castas é muito forte. Os jornais publicam constantemente que os brâmanes e os rajaputros queimam as casas dos filhos de Deus e violam suas mulheres.

Meu primeiro interlocutor, mais bem-vestido e, sem dúvida, encarregado do templo, pergunta:

- É pior que aqui?

O que responder? Digo, com cautela:

- Não sei. Cheguei anteontem em Benares.

- Ah! Então fique com os olhos bem abertos! Em Benares, na cidade, ninguém se conhece, e a segregação entre as castas permanece sutil. É preciso abrir bem os olhos para percebê-la.

Conto-lhes do almoço gratuito em Godhulia e do prato que o ajudante do cozinheiro me jogou, evitando me tocar.

- Sim, na cidade é assim - diz o encarregado. - E nas aldeias é como em sua região, em Bihar. - Ouvi-lo dizer "sua" região me soou engraçado. - As castas vivem cada uma em um bairro e não se passa uma semana sem que um filho de Deus apanhe, seja queimado ou violado. Li que há mais de 20.000 crimes por ano cometidos contra os filhos de Deus em nosso país. E esse número aumenta a cada ano. É abominável!

Sei que ele não exagera. Eu também li tais informações. Pergunto:

- O que podemos fazer?

- Temos de nos defender.

Defender? Como? As castas intocáveis não são unidas. Queria comentar a intocabilidade inadmissível entre os intocáveis e falei dos Munda:

- Nós, os aborígenes, consideramos todos os homens iguais. Mas ouvi falar que os outros filhos de Deus, os sapateiros, os coveiros, os varredores, os tintureiros, se consideram intocáveis entre eles.

- Sei. Nos dilaceramos entre nós mesmos, não faz sentido. É preciso suprimir todas as distinções de casta, todos os sistemas de segregação e de escravidão. É preciso criar uma sociedade justa em que cada indivíduo tenha direito ao respeito e às mesmas oportunidades de obter êxito. A mensagem do guru Ravidas continua atual, deve nos orientar. Está escrito ali, veja!

Ele me mostra uma brochura em que o pensamento do santo é comparado à estrela polar. Ele prossegue:

- Sem a participação de todas as forças sociais, a edificação de uma Índia moderna é impossível. Para perpetuar os ensinamentos do guru Ravidas, o bem-amado Jagjivan Ram iniciou, em 1979, a construção deste imenso templo. Aqui, em Benares, cidade natal do guru Ravidas.

Sem dúvida ele tem razão. Mas não insisto na conversa, pois me pareceu que ele recitava uma lição e não falava com o coração. O que realmente me interessa saber é se ele beberia de meu copo e o que pensa da predominância, no alto da construção, da torre hindu. Não ousei fazer estas duas perguntas, soariam estranhas na boca de um hindu. Aprovo delicadamente seu discurso e saio do templo.

Atrás do ghat Raj, no final da ponte de ferro, há uma pequena estação ferroviária. Atravesso o cais e bebo bastante água de uma fonte. Sinto-me bem. Não me trataram de "você" no templo de Ravidas, não me olharam de lado, e, no entanto, estou vestido com os mesmos trapos sujos. Nunca pensei que daria tanta importância ao fato de ser tratado de "senhor". Na França, como antes na Índia, minha família, meus amigos e estranhos às vezes me tratam de "você" por familiaridade; mas hoje, na pele de Ram Munda, as pessoas me tratam assim para demonstrar desprezo. Não suporto isso. A visita ao templo dos intocáveis me revigorou. Sinto-me novamente uma pessoa, um homem digno de respeito, e digo a mim mesmo que tenho

direito a um lugar na sociedade. Não estou mais sozinho, sou tratado como um irmão pelos fiéis de Ravidas.

Saindo da estação, decido tomar um chá na taberna em frente. Também acenderei um hiri. Será perfeito. Gosto de me permitir um prazer quando estou feliz. Isso multiplica minha felicidade.

A taberna está instalada sob um toldo e um menino de uns 10 anos atiza o grande fogão de barro, onde fuma uma chaleira manchada do leite que derramou. Peço um chá e me sento sozinho sobre um banco de madeira. O menino serve primeiro dois homens mais bem-vestidos que eu, que acabam de se sentar, e depois me diz, colocando o chá na beira do fogão:

- Está pronto. Venha pegá-lo!

Fico pasmo. Ele colocou o chá em um recipiente de barro descartável, enquanto serve aos outros em copos. Considerou-me um intocável. Além disso, não me traz o chá e me trata de você. Detesto esse garoto. Tão jovem e tão malvado. Bebo rápido, sem fumar um hiri, pago e vou embora. Estou farto.

2 de novembro

A estação de Benares. Sinto-me quase como se estivesse em casa.

Voltei depois da visita ao templo de Ravidas e não saí mais.

Anteontem de manhã, caminhei no mínimo 10 quilômetros. Estava cheio de barro e crostas pretas de poeira e suor misturados cobriam meus pés e rosto. Minha garganta estava tão seca que sentia dor nos ouvidos ao tentar salivar. Sentia vontade de um banho quente, depois molhar os lábios na espuma de uma cerveja gelada e descansar na cama com minha mulher, durante 24 horas. Tinha muita vontade de fazer isso.

Impossível. Até mesmo a cerveja. Em Benares, uma garrafa custa 30 rupias, o que equivale a três ou quatro dias de esmolas.

Ao retomar à estação, lavei os pés em uma fonte, bebi grandes goles de água morna e fiquei deitado, sozinho, em uma plataforma, durante uma hora. Em seguida, esmolei ao longo dos trens, até a hora do crepúsculo, e ontem, domingo, trabalhei a tarde toda.

Não fiz nenhuma amizade. Mergulho na solidão e, muitas vezes, tenho vontade de chorar. Eu me contenho, penso que amanhã ou depois de amanhã minha nova existência se organizará, eu me habituarei.

À noite, continuo dormindo entre os musahar. No átrio, o barulho de sempre não me deixa pegar no sono. Estou exausto. Por isso esmolo por períodos de duas horas. Em seguida, faço uma pausa para o biri e uma sesta de mais duas horas, depois recomeço a esmolar. É o meu ritmo e, de qualquer maneira, não conseguiria percorrer todos os trens. Há quase 100, que param diariamente na estação de Benares durante 24 horas. A estação nunca fecha. Não mendigo depois do cair da tarde, seria desperdiçar energia. Ontem à noite, tentei o trem que vinha do Punjab. Na penumbra dos compartimentos, os passageiros pareciam adormecidos e ninguém me deu esmola. Também resolvi não mais mendigar na passarela. Reparei que um leproso, com o rosto e membros encarquilhados, consegue se virar bem à tarde, mas para mim não dão nada, certamente porque meu corpo é normal.

Em relação ao dinheiro, estou bem. Ganhei umas 10 rupias e almocei ontem em uma taberna na estrada Délhi - Calcutá. Não passo fome.

No entanto, estou esgotado.

Esta manhã de segunda-feira começo meu quarto dia como mendigo. A impressão é de já estar aqui há um mês. Conheço cada canto da estação e aprendi as manhas do ofício. Até mesmo me acostumei a não fazer minhas necessidades em locais decentes, limpos e privados. Quando sinto vontade, saio da estação, me acocoro e esvazio o intestino. Isso já não me constrange, pois ninguém me olha, e, além do mais, não tenho outra saída. A curiosidade, a atração exercida por esta nova existência, já passou. Só resta estagnar na rotina e sobreviver. Ou melhor, subviver. Não tenho mais prazer em nada.

Vou contar a única coisa boa desta aventura.

Para minha surpresa, os outros mendigos me ignoram. Não há contato entre nós. Revejo sempre as mesmas pessoas: o velho muito asseado, o cego de

cara bexiguenta, a mulher esfarrapada. E cruzo com outras: uma leprosa sem mãos, um homem forte e jovem, isto é, como eu, outro mais jovem, de tez sépia, cabelo amarelo de poeira e viscoso, vestido apenas com uma tanga rude de cânhamo. Os mendigos vão e vêm, e cada um vive sua própria vida. Os ferroviários também não me perturbam. Quando chega um comboio, forma-se uma multidão na plataforma e os carregadores de malas e os condutores dos carrinhos se precipitam em todos os sentidos. Gritam "Saia da frente!", avisando sua presença, e, se não os vejo, dão um tapinha em minhas costas, pedindo que me afaste. Nenhuma animosidade em sua atitude. Para eles, tenho o direito de trabalhar na plataforma.

Esmolo ao longo de uns 12 trens por dia e cada um me rende de 50 centavos a uma rupia. Não é o paraíso, mas com quatro ou cinco trens posso almoçar e aprendi como fazer render meu ganho.

Peço esmolas com o prato de alumínio já com uma ou duas moedas. Estas atraem o olhar das pessoas a quem o estendo e significam que alguém, antes delas, já deu qualquer coisa. Acho que algumas sentem culpa, porque freqüentemente consigo uma rupia por trem usando este artifício.

Há passageiros que me dão uma moeda de valor alto ou uma nota de uma rupia, mas tiram o troco do pratinho. Assim nunca deixo mais de 50 centavos à mostra. Isso acontece geralmente quando estão comprando jornal ou cigarro de um vendedor ambulante que não tem troco. Sirvo de escritório de câmbio, o que me rende 30, 40, 60 centavos de lucro. É válido. Também existem pessoas que calculam. Desejam me dar algo, mas não demais. Talvez queiram ter moedas suficientes para outros mendigos.

Um trem permanece de 15 a 30 minutos na estação, e durante este tempo somos dois ou três a pedir esmolas. Compreendo que o desfile de pedintes irrite os passageiros e não fico com raiva. Enfim, não excessivamente. Lembro-me de que antes também sentia essa exasperação. A manobra dos mendigos se repete ao longo das paradas dos trens, o que leva os passageiros a contemplar com indiferença os piores esfarrapados, leprosos e monstros humanos com membros disformes, os homens-elefantes que esmolam no universo dos trens.

É difícil comover.

Ao me aproximar da janela, três em quatro passageiros não me olham ou fingem ignorar minha presença. Começo batendo o prato duas ou três vezes no parapeito. O ruído seco, metálico, faz com que virem os olhos na minha direção, e nesse momento eu apenas repito: "Babu! Me dá dinheiro! Babu!" É claro que nunca digo "por favor", pois não é usado. Por conseguinte, bater o prato evita ter de repetir demais as súplicas para obter sua atenção. Em seguida, ou o passageiro me manda pastar ou - uma em 10 vezes aproximadamente - me dá alguma coisa.

No primeiro caso, ocorrem quatro situações antes de o passageiro, farto de minha presença, me afastar com um movimento da mão ou da cabeça. Primo, ele me olha impassível e fica mudo. Secundo, leva a mão direita à testa, como se me abençoasse. Tertio, em um tom hipócrita ou agressivo, me manda mendigar mais adiante, como se lá estivesse cheio de gente de dinheiro e generosa. Finalmente, quarto, 10 ou 20% dos avaros me pregam uma lição de moral. Agora sei como tirar leite de pedra. Todos recitam a mesma ladainha:

- Por que quer dinheiro?
- Para comer.
- Você é jovem. Trabalhe!

Encontrei a resposta ideal a esse conselho. Sua eficácia surpreende até a mim mesmo. Não fico envergonhado e chego a me emocionar. Para persuadi-lo, começo insistindo:

- Não tenho dinheiro. Estou com fome, Babu!

Então o sujeito replica:

- Se trabalhar, terá dinheiro.
- Mas sou aborígine. Não encontro trabalho.

Todos os indianos sabem que as populações tribais constituem a classe social mais miserável e mais desprezada da Índia. Ao ouvir que sou aborígine, os passageiros apertam os olhos, me examinam da cabeça aos pés, como se eu fosse um animal raro, e desistem de dar lição de moral. Então, uma em cada duas vezes, me dão uma moeda. Ou, desconcertado e muito pão-duro, o passageiro dá com os ombros e pede, com um sorriso

meloso, que vá mendigar mais adiante.

Essas lições de moral me lembram as que são ditas aos mendigos no metrô parisiense. Paris e Benares. O comportamento humano é universal. Na época, eu não percebia como é humilhante para um mendigo ouvir, ao longo do dia, que se trabalhasse teria dinheiro. É humilhante porque as pessoas que dizem isso nos consideram idiotas, retardados. Claro que nós, os mendigos, sabemos disso. As lições só conseguem nos irritar, nos separar da sociedade.

Os passageiros que dão esmolas são homens bem-vestidos, de 30 a 50 anos. As mulheres, os jovens, os velhos e os pobres, os que viajam de lungi ou calça gasta, não me dão nada. Quanto aos ricos, a ínfima minoria dos milionários, ocultam-se em compartimentos refrigerados, com janelas de vidro fumê fechadas. Não posso lhes estender o prato, e o inspetor do trem impede que as pessoas indesejadas subam em seus vagões.

Alguns viajantes me dão comida. Lembro-me de um, ontem de manhã. Cerca de 40 anos, de kurta gasto e com traços fortes e enérgicos de um camponês. Está sentado como Buda sobre o banco de madeira e come um bolo pouco apetitoso em forma de uma bola ocre e que se desfaz facilmente. Fala comigo em tom de gozação. Um riso amarelo.

- Por que lhe daria dinheiro? Por quê?

- Tenho fome.

- Tem fome? Então aqui está! Se manda!

E hop! Joga no prato o resto do bolo que comia. Ele me toma por uma lata de lixo. Calo minha vergonha e desgosto; não quero me queixar e desencadear uma discussão. Coloco o bolo em minha sacola e mendigo na janela seguinte. Quando o trem parte, jogo aquele resto de bolo nos trilhos.

Vi outros mendigos jogarem restos fora. Há pessoas que nos dão esse tipo de esmola. Livram-se de nossa presença e ficam com a consciência tranqüila, sem desembolsar nenhum tostão.

Nossa miséria não é a pior. Além dos cães, ratos e vacas que erram pela plataforma, a estação abriga homens ainda mais pobres que nós. Eles se

alimentam de restos e não é raro vê-los enxotar com o pé um animal, para poderem fuçar um monte de lixo. Na estação de Benares nada se perde. Se pegam uma guimba ainda acesa, fumam com um sorriso de prazer.

Esses homens são cobertos de placas pretas de sujeira; seus cabelos são embaraçados, viscosos e hirsutos. Nada possuem. Nem sacola, nem coberta, nem prato para esmola. Nada, a não ser um pano cobrindo o sexo e um trapo sobre as costas. Não sei por que esses mendigos não esmolam ao longo dos trens. É verdade que parecem um pouco loucos. Falam sozinhos e seu olhar é parado, inquietante. Percorrem as plataformas em busca de restos de comida e dormem no chão, sem oleado. Chafurdam na sujeira, seminus no meio das plataformas ou na passarela. Reparei em quatro desses selvagens, solitários, três rapazes e uma mulher de uns 40 anos. Ela era mirrada e o pano esfarrapado que a envolvia deixava entrever os pelos pubianos e os seios flácidos, como que ressecados por uma existência muito dura. Um dos homens não cobria nem o baixo-ventre; usava apenas uma camisa suja de terra e rasgada. Estava sentado ao pé da passarela e lambia cascas de banana. Sua pele era da cor do antracito, tão escura que não se distinguia o pênis entre as coxas.

Não gosto de olhar essas pessoas, me deixam pouco à vontade, pois em comparação a elas sinto-me rico e mimado pela vida. A possibilidade de cair ainda mais me aterroriza. Além de tudo, corremos o risco de ficar aleijados, cegos ou sem pernas, de perder uma parte de nossa carne. A miséria não tem fundo.

Sinto-me um mendigo indiano comum. Muito sujo e desprezado. Odeio a sociedade. Estou quebrado. Várias vezes por dia sou enxotado como um ser nocivo. E, como um cão faminto que aceita apanhar com um osso, nunca reajo. Na França, sociedade igualitária, os mendigos ousam se defender, pois continuam a ser cidadãos.

De todos os passageiros que me mandam passear, os que mais abomino, mais ainda que os que dão lição de moral, são os que me abençoam com a mão e me aconselham a esmolar adiante. São os mais hipócritas. Seu sorriso meloso me inspira total aversão. Não me dêem nada, mas não me venham

com bênçãos nem falem mais do País das Maravilhas que fica na parte da frente de cada trem. Parem de inventar coisas! Sou muito miserável e vocês são as piores coisas que a terra gerou, por isso não há como não serem francos comigo.

Também encontro viajantes agressivos. Principalmente nos trens que param em todas as estações. São menos caros que os mais rápidos e cheios de camponeses de feições cansadas. Em grupos de três ou quatro, levantam a mão e me ameaçam, fazendo chacota como hienas: "Vai cair fora ou terei de bater em você?"

Não insisto e vou embora, pois não passo de um mendigo sem defesa e sem direitos.

É fácil, e covarde, maltratar um pobre-diabo como eu. Mas eu não devia estar com tanta raiva. Antes era como eles. Marc Boulet gostava de gozar os mendigos, os mortos de fome, os miseráveis. Nunca lhes dava esmolas. Essas pessoas o importunavam, exasperavam. Pareciam merecer o desprezo com que os tratava. Também ele se divertia abençoando-os ou oferecendo-lhes um biscoito, se insistissem estar com fome. Também achava que os mendigos eram muito numerosos para que pudesse satisfazer a todos.

Besteira! Não dava a nenhum.

Mesmo na Índia, com cinco ou seis francos por dia, isto é, 30 rupias, Marc Boulet poderia ter dado esmolas a muitos mendigos e nem por isso se arruinaria. Percebo que se tratava de avareza misturada à falta de piedade. A miséria não comovia sua carteira. Lamento essa atitude e juro que se sair ileso desta aventura darei uma moeda a todo aquele que estender a mão diante de mim.

Como hoje posso ter raiva dos que me rejeitam?

É mais forte que eu; eu os odeio. Gostaria de cuspir na cara deles. Fazê-los engolir o desprezo que me dispensam. Sou sujo e pobre, certamente um jovem preguiçoso, e os aborreço. Mas continuo a ser um homem. Seu semelhante. Com dois braços, duas pernas, estômago e a cabeça que fala a sua língua. É um direito deles recusarem me dar alguma coisa e podem expressá-lo sem precisar me olhar agressivamente e dizer palavras

desagradáveis.

Sinto-me inútil e sujo. Tenho nojo de mim mesmo. Até mesmo o cheiro de meu suor me causa repugnância. E quando examino meus pés e mãos, as únicas partes do corpo visíveis para mim, não consigo acreditar que tenha chegado a este ponto. Principalmente meus pés. Placas escuras como breu os cobrem e entre os dedos cresce uma crosta mole, semelhante a um melado de transpiração.

Não lavo mais os pés. Não tenho vontade de lavá-los. Estou pouco ligando. Por que ficar limpo? Todos os dias mendigo da aurora ao crepúsculo e, à noite, adormeço no átrio de uma estação. Esta é a minha vida! Não é grandiosa. Pouco importa que me achem belo ou feio, limpo ou sujo. Isso não mudará meu dia a dia. Aliás, não tenho vontade de nada. Exceto comer pão, beber água, fumar biri e dormir o máximo possível, porque assim perco a consciência, esqueço que existo. Não quero principalmente me lavar nem procurar um trabalho melhor, mesmo que isso fosse possível. Seria extremamente cansativo, e peço esmolas porque se tornou um hábito e uma obrigação para que eu possa comprar comida e cigarro. Sou um mendigo jovem, sujo e sem nenhuma enfermidade particular, um produto normal da sociedade indiana. Um acessório de decoração da estação. Sinto náusea. De manhã, não ousei sequer me olhar no espelho. Tenho medo de descobrir minha cara imunda.

É perigoso deixar de verificar se a tintura resiste. Continua convincente? Não me preocupo, pois as pessoas não prestam nenhuma atenção em mim. Penso em minha mãe, em meu pai, em minha irmã, em meus amigos. Suas imagens são doces e lágrimas umedecem meus olhos. Se me virem mendigar diante de trens indianos, não me reconhecerão. Quando eu contar esta experiência, imaginarão, regredindo no tempo, que eu representava uma farsa na pele de Ram Munda, que eu participava de um baile de máscaras. Pensarão: "Marc se disfarçou de intocável e pediu esmolas em uma estação indiana. É interessante, é estranho, é divertido." Não sentirão o principal: meu sofrimento moral. Como é doloroso ser sujo, se rebaixar a mendigar, se tornar um objeto de desprezo, se sentir intocável. Neste momento, minha mãe deve estar inquieta com minha saúde e segurança, e talvez passe noites

em claro na angústia de perder o filho. Mas não pode imaginar minha aflição, minha solidão, minha vergonha.

Não tenho direitos nem poder. Eu me calo em todas as circunstâncias. No Ocidente, sociedade igualitária fundamentada nos direitos humanos, um mendigo pode se revoltar se o ameaçarmos ou zombarmos dele. Aliás, as pessoas têm medo de sua reação. Na Índia, na sociedade hierarquizada das castas, o indivíduo que pede ao outro lhe é inferior. O mendigo deve aceitar tudo, submisso, dócil.

Estou perdido.

Poderia interromper esta aventura. Voltar à Ravindrapuri. Voltar a ser Marc Boulet.

Vou resistir a esta tentação.

Minha metamorfose data de apenas poucos dias, não pode estar concluída. Devo insistir na experiência e ver como reajo.

3 de novembro

Esta manhã a vida se anuncia menos difícil. Um passageiro de 35 anos me deu esmola sem eu pedir. Formidável.

Conto como foi. Eu esmolava ao longo de meu primeiro trem. Atrapalhado por carregadores de malas, passava rápido por um vagão quando um homem vestido de modo elegante, com uma camisa pólo amarela, me chamou do interior de seu compartimento. Ele me fez sinal para esperar diante da janela, depois mexeu no bolso e me lançou uma moeda de meia rupia. Como para cada esmola que recebo, levei a moeda à testa em sinal de respeito e agradecimento. Então ele me disse para ir embora.

Sua generosidade me proporcionou um imenso prazer. Finalmente tive a impressão de ser considerado por alguém. Esse homem realmente se interessava pela minha sorte deplorável, pois foi ele mesmo que me chamou. Além disso, sem mostrar desprezo e sem permitir que eu me humilhasse pedindo.

Hoje me sinto melhor. Na metade da manhã já ganhei sete rupias e saio para comprar um chá na frente da estação.

Impossível. Todas as tabernas, todas as lojas estão fechadas e a circulação na auto-estrada Délhi-Calcutá está paralisada. Uns 20 homens bem-vestidos, de camisa e calça, estão sentados em bancos colocados de um lado a outro da calçada. Um deles carrega uma bandeira representando uma flor de lótus em um fundo laranja, com uma faixa verde à esquerda. É o emblema do BJP, partido hindu de extrema direita.

Esse grupelho tornou-se, em cerca de 10 anos, o segundo partido indiano, com mais de 20% de deputados no Parlamento federal. No entanto, não oferece nenhum programa revolucionário. Só propõe a velha fórmula do chauvinismo e do integrismo religioso, apresentado em um novo recipiente. A legenda anuncia: "Deus, pátria e justiça. Viva Rama!" Rama, o deus e o príncipe perfeito, símbolo do governo ideal. "Retomemos à idade de ouro de seu reino!" Isto é, ao passado distante. Como se antigamente o mundo fosse perfeito!

Marcha a ré com força total!

O BJP une a política à religião com uma camada insignificante de socialismo estatal. Na Índia isso seduz, assim como nos quatro cantos do mundo, com o ressurgimento dos nacionalismos neste final de século. A diferença é que o BJP já dirige os governos de quatro Estados da Índia, entre os quais o de Uttar Pradesh, onde está Benares e que conta com 140 milhões de habitantes. O BJP está às portas do poder central. Com as próximas eleições legislativas, o governo federal do segundo país mais povoado do mundo pode se tornar fascista.

O partido me lembra a Frente Nacional da França. Como esta, investe fundo na demagogia para conquistar eleitores que não estão ajustados à sociedade. A França cristã e gaulesa, a Índia hindu e ariana.

O BJP sugere que as cidades com nomes muçulmanos sejam rebatizadas com nomes hindus. Exige a demolição das mesquitas construídas em locais de templos hindus durante o reinado dos imperadores muçulmanos (o que remonta a vários séculos antes da colonização britânica!) e a reconstrução dos santuários originais. Exige que a "invasão" dos trabalhadores de

Bangladesh seja impedida e que os clandestinos sejam expulsos. Quer instituir uma teocracia hindu, uma nação pura, onde o álcool e a carne de vaca sejam proibidos. Propõe suprimir o ensino de inglês nas escolas primárias, para promover o hindi. Reivindica a superioridade étnica da raça ariana e pretende reescrever os compêndios de História, narrando que os arianos são originários da Índia e não invasores que se espalharam pelas estepes da Ásia Central. No Sul do subcontinente indiano, habitado por dravidianos, afirma que a diferença entre esta raça e a ariana - a dos habitantes do Norte - é um mito propagado pelos colonizadores britânicos para dividir o país. Etc., etc. Isso me causa um arrepio na espinha, principalmente como RAM Munda. Intocável, aborígine e não-ariano, minha posição social regredirá ainda mais na "nação hindu" sonhada pelo BJP. Serei oficialmente um "sub-homem".

Mas a propaganda do BJP também pode aparecer atraente a um hindu como eu, se for aceita sem reflexão. Até mesmo intelectuais, como meus vizinhos Agraval da Ravindrapuri, são enganados. Essa propaganda insiste em que somos os homens mais civilizados do mundo, e é agradável pensar assim. Vocês, os europeus, nos consideram um povo de mendigos, de mortos de fome. Estão enganados.

Ser um dos países mais miseráveis do mundo e afirmar a superioridade de sua civilização não é uma contradição. Se nos tornamos pobres, foi por causa dos muçulmanos e dos ingleses que nos colonizaram. Atualmente isso continua com as multinacionais estrangeiras que nos exploram. O RJP prega com força este velho refrão nacionalista e propõe uma espécie de socialismo protecionista como programa econômico.

Serei franco. Essa conversa chauvinista do BJP não me convence. Quando fui chinês, também pertenci ao povo mais antigo, mais inteligente, mais civilizado do planeta. Recomeça tudo outra vez, na pele de Ram Munda. Que absurdo! O BJP, assim como o Partido Comunista Chinês, fala o que for para lavar cérebros. Darei alguns exemplos.

O BJP quer rebatizar a famosa cidade de Allahabad. Diz que o nome é em homenagem a Alá, deus dos muçulmanos. Mantê-lo seria um insulto ao orgulho nacional em um país de maioria hindu. Na realidade, Allahabad é a

versão inglesa do hindi Hahabad, que todos usamos e que provém de Ila, antigo rei da região vizinha a Benares. Qual a relação com Alá?

Outra manipulação. O BJP quer expulsar os nativos de Bangladesh porque são estrangeiros e roubam o trabalho dos indianos. Por outro lado, quer a reintegração de Bangladesh e do Paquistão à mãe pátria indiana. Então?

Ou ainda. Em Uttar Pradesh, terra natal do hinduísmo, é proibido comer carne de vaca, mas Om Prakash Singh, político de Benares, ministro do governo do BJP neste Estado, protegia os chefões do lucrativo tráfico de vacas destinadas aos açougues do Oriente Médio. A imprensa comentou. Como o BJP pode se proclamar protetor das vacas e, conseqüentemente, do hinduísmo?

Esta manhã, o BJP organiza uma greve geral na Índia, para protestar contra a inflação galopante - explica o líder dos 20 membros do BJP que paralisam a estrada Délhi - Calcutá. Ele tem 35 anos. Usa a roupa branca tradicional, que não disfarça sua barriga, sinal de respeitabilidade. Ele fica em pé no meio da calçada e pronuncia um discurso:

"Os preços do pão, do leite, da gasolina, do butano aumentaram 20% nos últimos três meses. Significa um custo mensal de aproximadamente mais 300 rupias para cada família. Não se pode suportar isso... Para os camponeses, o preço do adubo também dispara. Mas o governo do Congresso se recusa a pagar decentemente o que produzem. Prefere importar três milhões de toneladas de trigo pelo dobro do preço pago aos camponeses. A política do Congresso subvenciona os agricultores estrangeiros, em vez de nossos próprios pequenos fazendeiros. É um escândalo. O primeiro-ministro Narasimha Rao oferece o controle de nossa economia ao capital estrangeiro. Vende parte de nossas empresas públicas às multinacionais. Deve se demitir, não representa os interesses do povo indiano. Os bancos estrangeiros estão se apossando de milhares de rupias..."

Tantas informações deturpadas ou falsificadas. Não há multidão para escutá-las. Somos uns 20 curiosos no passeio, mais uns 15 policiais que desviam os carrinhos e os caminhões da barreira, e só deixam passar pedestres. Os policiais apóiam os ativistas do BJP, o que não me surpreende. Na

Constituição indiana, a manutenção da ordem pública cabe ao governo de cada Estado. Assim, em Uttar Pradesh, o BJP comanda a polícia e seus agentes protegem a greve dirigida contra o poder central. Esta é a Índia.

Essas greves gerais se inscrevem na tradição do movimento gandhiano da desobediência civil e da não-violência. Todas as atividades econômicas cessam em sinal de protesto.

Hoje em dia, todo movimento político utiliza essa arma. As greves gerais se tornaram rotina. Em Benares, há quase uma por mês, decretada por uma organização qualquer. A população está cansada, e os comerciantes e os que operam os transportes param por medo da represália. Os militantes do partido que promove a greve destroem os bens e as mercadorias dos que ousam trabalhar.

Em geral, a parte da estrada diante da estação é repleta de gente, mas esta manhã parece deserta. Isso me choca. É como uma espécie de toque de recolher. O comércio todo está fechado. Até mesmo aqui na estação. E o líder continua a destilar seu veneno. Ao meu lado, um espectador de minha idade, também de lungi, suspira:

- Essas greves nos aborrecem. Não se pode trabalhar.
- Trabalha em quê? - pergunto.
- Vendo frutas. E você?
- Estou em peregrinação. Venho de Bihar.
- É estranho, você não tem sotaque.
- Sou aborígene - respondo, constrangido. - É por isso. Venho da selva.
- Ah! - ele diz, como se compreendesse. - Políticos safados! Com a greve é um dia perdido. Reclamam a subida dos preços, mas são eles que pioram nossa vida ao nos obrigarem a fechar. A inflação não é novidade. Tudo isso não passa de cena para dar destaque ao BJP. Estão pouco ligando para nós. Ele tem razão. O BJP poderia escolher outros tipos de ações para combater o governo do Congresso. Esta greve impede os condutores de pedalar, os vendedores ambulantes de vender, os taberneiros de alimentar seus clientes miseráveis. Só os cachorros conservam o direito de latir.

As greves dos outros partidos se desenvolvem da mesma maneira e tornam os pobres ainda mais pobres. Os políticos indianos insistem que nos

protegem, nós, os miseráveis, e eu digo que são todos uns canalhas. Menosprezam o direito de comer daqueles que ganham seu pão no dia a dia. São ricos e membros das castas superiores; nossos problemas só lhes interessam para arrecadar votos. Canalhas!

Descubro que tanto na pele de Ram Munda como na de Marc Boulet continuo com a mesma raiva da demagogia. Minha aversão a político não mudou. Não acredito nesse seu discurso, e o intocável que encarno sente ciúmes desses jovens militantes do BJP. Eles ocupam uma calçada e os policiais os protegem. Não é grande coisa, e talvez não passem de fanáticos, mas me impressiona. Eles ostentam uma certa posição social, vestem-se bem e devem possuir um lar, uma morada. Isso me causa inveja. Sinto falta de estar limpo, dormir em uma cama, comer uma refeição preparada por minha esposa ou por minha mãe. De fato, invejo a posição deles, mas me recusaria a ocupá-la, pois são empregos de trapaceiros, de safados.

Pessoalmente, a greve não atrapalhou esmolar. Os trens se atrasam, mas chegam. Espero que o tráfego ferroviário não seja afetado e que eu possa mendigar também à tarde. Ganhar minha vida.

De fato, essa agitação do BJP me diverte. Minha vida é tão monótona. Pelo menos, nem que seja uma vez só, um espetáculo! O tempo passa mais rápido. E talvez isso seja o mais importante para mim: matar o tempo.

Almoço de novo ao lado do antigo acampamento. Ali as tabernas ousaram abrir. Depois, esmolo e durmo a sesta até o crepúsculo. Nada de novo.

À noite, passeio diante da estação. O comércio reabriu. Passo diante de uma taberna e o cheiro de pão fresco me abre o apetite. Tenho vontade de um purê de lentilhas fumegante e pão. Isso me custará duas rupias. Merda! Posso pagar. Ganho cerca de 10 rupias por dia. Gasto três para almoçar, tenho como jantar. Está decidido: a partir de agora não me privarei de alimentação e farei duas refeições enquanto minhas finanças permitirem.

Saboreio o purê de lentilhas e, ao sair do restaurante, decido aproveitar o bom humor e me olhar no espelho. Eu me isolo em um canto do átrio. Tudo bem. A tintura talvez esteja um pouco clara, mas, com a poeira e a sujeira, não vejo muita diferença. Meu rosto continua perfeito. Exceto pela barba.

Ela data de oito dias, está um tanto comprida; raspo-a grosseiramente, com uma lâmina descartável que eu trouxe. Não uso água, nem sabão, para não modificar a tez. Eu me barbearei assim, ligeiramente, uma vez por semana. Isso conservará meu rosto de indiano, cinzento e cansado.

4 de novembro

Sim, matar o tempo é minha ocupação principal. Meus dias se estendem com uma lentidão exasperante. Não tenho o que fazer, a não ser mendigar e esperar.

Ao meio-dia, repouso na passarela, encostado à balaustrada. Frequentemente me instalo em estações para estudar a multidão. Fiz isso em Varsóvia, Belgrado, Bangcoc, Pequim, México etc. Conheço centenas, talvez milhares de estações. Todas são diferentes; seus trens e seus usuários são diferentes. As estações fronteiriças são as mais interessantes, claro, mas gosto de todas e nelas passei horas flanando, como outros visitam museus. Sempre se passa alguma coisa nas estações, mesmo nas menores. Nunca me deixam entediado.

Hoje é diferente. Minha vida está revirada e já não erro mais nesta estação por prazer. Preferia estar em outro lugar, mas não tenho escolha. Não sou mais um espectador do zoo humano que constitui a estação. Sou um de seus animais.

Esta estação se tornou minha prisão e tenho a impressão de que a vida material, palpável, não existe lá fora. Só penso em mim. Não imagino que homens se agitam em outros ambientes, a dezenas ou milhares de quilômetros. Não passam de seres virtuais, sem interesse. O mundo real sou eu, é a estação de Benares. Este também é o mundo normal e não gosto dele. Em meu universo, há trens, plataformas, tabernas, ferroviários, policiais, muitos passageiros, musahar, sapateiros e alguns outros mendigos. É isso! Não suporto mais este mundo. Sou desprezado como um cão, como pouco, durmo mal. Acho que perdi muito peso e me sinto exausto. Sempre que o sol se levanta no horizonte, o programa recomeça. Odeio a aurora. Pedir esmolas, ser humilhado, me alimentar, adormecer. Que vida! Nenhum

sonho, nenhuma esperança de melhorar. Giro em círculos. De que adianta viver assim? Queria tomar um trem e partir. Para onde? Para mendigar em outra estação? Qual o interesse? Estou condenado a morrer de "tédio.

No entanto, sou paciente. Vou contar um fato bizarro. Adoro pescar e, na França, passava horas imóvel diante de um caniço, sem me aborrecer. Mas a espera na estação de Benares não é como pescar. Para ajudar a passar o tempo, às vezes imagino um caniço diante de mim e que espero a mordida de um peixe enorme. Espero que o caniço vergue. Isso funciona por cinco minutos e depois percebo que aqui não há nem água, nem peixe, nem rio, nem nenúfares. Não existe nenhuma esperança, nenhum objetivo além de matar o tempo.

Tédio.

Então observo os que passam. Por quê? Porque não posso ficar dormindo a sesta sempre que não mendigo, e é menos cansativo ficar com os olhos abertos. É desesperador.

Uma família se instala à minha direita. Estendem um pano no chão e se sentam em cima, com os joelhos dobrados, na posição do Buda. Os passageiros acampam nos quatro cantos da estação, à espera do trem que freqüentemente está atrasado. A família é composta pelos pais, dois filhos e a avó. O marido, de uns 40 anos, é elegante com sua camisa cor de limão e sua calça preta. A mulher parece mais jovem. Tem minha idade e a tez sépia. Ela mede 1,50 m e usa um sári vermelho, drapeado com esmero.

Pertencem, sem dúvida, a uma casta superior. Eles me olham sem me ver, apenas para manter uma distância de 50 centímetros entre nós.

O homem está sentado ao meu lado, contra o parapeito, e a mulher, à nossa frente. Ela é pequena e tem as feições de bebê. É bonita, mas não a desejo. E não é por causa da penugem preta que cobre seus braços. Antes eu não gostava de mulheres peludas, mas seus pelos não me incomodam, eu os acho normais em uma mulher, na Índia. Esta é atraente, mas não a desejo. Acho que não desejo mulher nenhuma.

Isso não tem importância, pois ela não parece me desejar. Ela não me sorri e tampouco evita meu olhar. Sou-lhe indiferente, tenho certeza de que ainda

não viu meu rosto. É assim com todas as mulheres desde que sou indiano. Seu desprezo me torna assexuado, e estou pouco ligando. Não tenho vontade de fazer amor, sinto-me sujo e muito repugnante.

Pensando bem, notei imediatamente a tez chocolate-escura desta mulher. Adquiri o hábito indiano de definir as pessoas segundo a cor da pele. Isso se tornou um elemento fundamental para mim e admito que uma indiana branca como a neve me atrai mais que uma de pele escura como um búfalo. Agora, a tez, o tamanho e o sexo do indivíduo é o que vejo em primeiro lugar. Em seguida, tento adivinhar sua casta ou sua religião em função de suas roupas.

Escuto o que conversam. Vieram em peregrinação a Benares e voltam para casa, em Délhi. Esperam o expresso 4057, que une diariamente a capital à cidade santa. Uma viagem de 800 quilômetros, cuja duração é de 16 a 17 horas, no mínimo. O homem está inquieto, não reservou leitos. É normal; na Índia, os trens estão sempre cheios.

Foi esse trem que me trouxe a Benares, para me tornar um mendigo. Há três meses eu era um europeu e, na época, fui beneficiado por cotas de leitos reservadas aos estrangeiros.

Chegam estrangeiros para pegar o expresso Benares-Délhi. Passam por mim sem me ver e não lhes estendo o prato de esmolas. Fui um deles, sei o que pensam: a miséria da Índia é normal. Eu não passo de um indiano pobre em uma estação indiana. É muito banal para comovê-los. Viram indianos nus em Bombaim e esqueletos semimortos nas calçadas de Calcutá. Em Agra, monstros atacados de elefantíase se aproximaram deles, e meninos cegos, surdos e mudos - tudo ao mesmo tempo - prostraram-se diante deles nos trens. Conheci tudo isso em minha primeira viagem à Índia. Causava-me náusea e me blindava diante da miséria comum, ou o que eu concebia como tal, pois a miséria nunca é comum. Hoje eu sei disso. É por demais dolorosa, desumana e escandalosa. Também sei que o europeu dá esmolas apenas por piedade, e não como o hindu, para cumprir um dever religioso ou moral. Seria um esforço em vão pedir esmolas aos raros estrangeiros que transitam

na estação; não tenho chance com eles, não posso comovê-los.

Se os estrangeiros comparam a Índia e os indianos a um mosaico incompreensível, os estrangeiros me parecem, como indiano, ainda mais contrastados. Todo tipo de estrangeiro desfila em minha passarela. Brancos, amarelos, pretos, cabelos e olhos de todas as cores do arco-íris. É claro! Mas isso não é tudo. Os estrangeiros carregam eles mesmos as malas e valises. Alguns estão arriados como um burro de carga, com um enorme saco nas costas e outro preso à frente. Não estou brincando, são verdadeiros asnos. Se estivesse na situação deles, se fosse rico como eles, alugaria um transportador. Um momento! Neste instante, dois europeus altos usando túnicas marrons de monge budista passam na minha frente. Está escrito em suas costas: "Libertem o Tibete!" Para bancar o garoto-propaganda da causa tibetana com a veste budista, quando se é europeu, é preciso ser iluminado. Agrada-me saber que não sou o único imbecil desta estação.

Volto aos asnos. Contratar um carregador só custaria duas rupias. Que aborrecimento! Vejam esse casal de franceses. Eles cambaleiam sob o peso da bagagem. Suponho que sejam franceses, pois a garota segura o Guide du routard (Guia do viajante a pé ou de carona). Com a outra mão, segura uma garrafa de água mineral. Carrega nas costas 30 quilos de bagagem. O rapaz também carrega água mineral e 30 quilos nas costas. Juro que transportam a casa deles. Em todo caso, transpiram muito e, repito, são asnos. Economizam algumas rupias e gastam dezenas bebendo água mineral.

Para nós, indianos, a água não se compra, é gratuita, e os carregadores, como o nome indica, são feitos para carregar, os viajantes para viajar, os mendigos para mendigar, os cães para latir etc.

O ponto de vista desses franceses é diferente. Antes eu pensava como eles. Não é a avareza que os faz economizar o serviço de um carregador, mas sim o escrúpulo de contratar um escravo e correr o risco de serem enganados. Quanto à água da bica, temem contrair doenças ao bebê-la. Sendo assim, carregam seus bagulhos nas costas e garrafas de água nos braços. Suas férias na Índia transcorrem na pele de um estivador. Benfeito! São pessimistas. Não respeitam a ordem do mundo.

Escutem! Há seis dias durmo na rua, bebo água da bica e não tenho febre

nem dor de barriga. Os estrangeiros imaginam a Índia mais suja do que é realmente. No domingo de manhã, eu mesmo vi em uma plataforma duas japonesas que escovavam os dentes usando água mineral. Essas perderam o senso de realidade, deveriam visitar o país com uma máscara de gás, luvas e botas de borracha. Meia garrafa de água para lavar os dentes representa o preço de dois almoços para mim. Isso me revolta. A miséria não é banal, é injusta. Por que também não posso lavar os dentes com água mineral? Deixei de ser um homem?

Muitas vezes me questiono.

Não possuo nenhum amigo, nenhuma família. Sou um animal e só conto comigo mesmo.

5 de novembro

Há 10 dias sou indiano e a novidade dessa existência acabou. Totalmente. Nem mesmo reparo a dureza do macadame quando me deito. Nem os cagalhões nas "casas da urina", nem as crostas de sujeira sob meus pés.

Minha existência segue um ritmo monótono, exaustivo. Todas as noites, deito no átrio da estação sem encontrar o sono, e todos os dias me levanto um pouco mais cansado. Todos os dias mendigo e sou humilhado. Todos os dias como purê de lentilhas ou curry de batatas. Todos os dias, bebo água e fumo uma dúzia de hiri. Todos os dias sinto-me emagrecer e perder as forças. Minha rotina não deixa nada a dever à das vacas e cachorros que erram pela estação. A diferença é que eles têm as pulgas para lhes fazer companhia. O problema é deles. Continuo preferindo ficar só.

Esta manhã, não tenho vontade de nada. A não ser fumar e beber água. A comida não me atrai. Tenho de reagir, senão vou definhando.

Mendigo por duas a três horas e decido arejar a cabeça. Saio na direção do antigo acampamento. Subo uma estrada fresca, margeada de árvores, depois desço para a cidade, para a avenida poeirenta de Raja Bazar.

As lojas ainda estão fechadas. Sob uma arcada, um ser humano está estendido no chão. Um pano sujo o cobre, e não consigo adivinhar sua idade, sua tez, nem seu sexo. Eu me vejo nele e minha existência miserável

se impõe imediatamente à minha consciência. Na estação, aqui ou em outro lugar, é sempre igual. Como escapar ao destino? Como ser feliz?

Deito-me um pouco mais adiante, sob uma arcada. É o melhor remédio para meu desespero: tentar dormir para não pensar.

A luz me incomoda, oculto o rosto sob o fular. Percebo que imito o outro mendigo. Mas não consigo dormir. Impossível esvaziar a mente. Ouço os transeuntes na calçada. Conversam, riem, se interrogam. A vida parece leve, interessante para eles. Alguns me roçam e, através de meu fular, vigio suas silhuetas, que se viram na minha direção por um instante. Não consigo distinguir a natureza de seu olhar, e é melhor assim. Deitado, em pleno dia, sobre a calçada de uma rua importante de Benares, a cabeça mergulhada na noite de meu fular, prefiro não mais contemplar a aversão que inspiro aos outros.

Por que me impus esta experiência? Queria uma aventura. Descobrir uma sociedade exótica, ganhar dinheiro, escrever um livro, e sonhava com a fama. Achava que jogando uma grande partida tinha a chance de me tornar rico e conhecido.

Pouco importa saber se estava ou não enganado. Isso não tem mais propósito. Só existo no presente, lutando pela minha subvida cotidiana, e lamento esta metamorfose. A curiosidade, a esperança, a cobiça, a ambição são vínculos que me prenderam a esta louca aventura.

Em Paris, possuo um pequeno apartamento de dois cômodos, perto de Strasbourg-Saint-Denis. É confortável, equipado de geladeira, cama, quatro cadeiras, uma mesa, uma banheira, uma privada, e é limpo. Até tenho um forno de micro-ondas. Uma verdadeira fortuna para Ram Munda.

Pequei por cobiça e por curiosidade. Não soube desfrutar a vida como era. Melhor seria ter ficado em casa, na França, e achar um trabalho tranquilo. Por quê? Porque eu seria feliz.

Acreditava que nossa única passagem pela Terra teria de ser usada para empreender coisas extraordinárias. Para sobreviver à morte por atos meritórios. Eu me enganava. O que conta é viver feliz. O resto é vento.

Quando penso em minha fortuna na França, é doloroso. Tenho a impressão

de ter perdido tudo. Toda essa riqueza me parece fictícia e certamente não é propriedade de Ram Munda. Perdi tudo. E morro aos poucos em Benares.

Repentinamente, uma idéia terrível me atravessa a mente. Se eu morresse de verdade, agora, sobre esta calçada, o que aconteceria?

Esqueçamos os outros, eles não me interessam. O que acontecerá depois de minha morte?

Será assim: estarei livre de meus sofrimentos e das humilhações. Eu me livrarei do fardo da existência. É o fim da cobiça, das ambições e da curiosidade sempre insatisfeitas.

Não desejo morrer e nada farei para precipitar o fim; mas se a morte ocorrer agora para mim, tanto faz.

A vida não serve para nada. Neste mundo só tenho deveres, compromissos e sofrimento.

Penso em minha mulher, que adoro e que me adora. A vida é formidável em sua companhia. Eu a esqueci e devo ter ficado louco ao pensar que minha existência não vale mais a pena ser vivida.

Tenho vontade de chorar, mas me controlo. Não devo cair em pranto. Tenho de me dominar.

Quero viver e aproveitar os anos que me restam.

Economizei 10 rupias. Então me levanto e decido assistir a um filme na cidade. Isso me arejará as idéias e, além disso, o cinema é uma distração popular na Índia. Miseráveis como eu podem ir, minha presença não chocará.

Ando na direção de Godhulia, onde há vários cinemas. Tenho sorte, o cinema Sarasvati passa Sangit (Música). É o novo filme de Madhuri Dikshit, minha atriz indiana favorita.

Pago nove rupias e cinquenta por um lugar no térreo, para a sessão de meio-dia, e entro. Antes sempre comprava balcão, porém custa mais três rupias.

A sala está repleta embaixo. Uma fossa. Reina um calor abafado e úmido; fede a suor, todos os assentos estão rasgados e a mola arranha nosso traseiro.

De repente, a tela se ilumina e me esqueço de tudo o mais. De tudo que faz parte da existência de Ram Munda.

E digo imediatamente: este filme é mágico. Sinto-me como um menino vendo um desenho animado de Walt Disney.

Até mesmo muito melhor, pois Madhuri Dikshit ocupa toda a tela. Quando dança a canção Eu sou sua!, causa mais efeito que Cinderela e Branca de Neve juntas. Descubro que ainda sei reconhecer uma coisa boa quando a vejo.

Madhuri, com um pequeno corpete e uma saia vaporosa, dança, salta, gira o traseiro e mexe os seios enormes. Isso me proporciona uma sensação deliciosa de vertigem na cabeça e no baixo-ventre. Não sou o único a imaginar que Madhuri é minha. Na sala, os espectadores assoviam e gritam de prazer: "Madhuri! Madhuri!" Esta bestialidade me lembra o refrão de Ty Ty, o herói de Erskine Caldwell em seu romance *Le Petit Arpent du bon Dieu*: "Quando um homem vê uma bela mulher, sente vontade de se abaixar e lamber-lhe alguma coisa." Madhuri liga multidões de indianos, isto é, milhões de homens. Não é pouco.

Em Sangit, seus fãs se deliciam. Ela desempenha dois papéis e o super-herói, Jackie Shroof, é seu parceiro. É um filme de superstars, como se diz em hindi.

Madhuri interpreta uma jovem cega, dançarina em um show para voyeurs. Jackie Shroof, um cantor pobre de bom coração, tira-a desse trabalho humilhante e acolhe-a no depósito em que vive como mendigo. Eles se apaixonam e, depois de vários imprevistos, segundo o eterno esquema "perdido-achado" do cinema hindi, a bela cega reencontra, graças ao menestrel, sua mãe, que é milionária e também interpretada por Madhuri Dikshit caracterizada. No final, a dançarina se casará com Jackie Shroof e sua virtude e posição social serão recuperadas.

Sem dúvida, vocês consideram essa história fraca. Eu pensaria o mesmo há 10 dias, e só teria gostado das seqüências de dança. Há três meses zombei de Reta, outro filme de Madhuri. Eu me perguntava se na cabeça dos indianos não havia nada além de piolhos para verem e reverem um filme tão ruim.

Lamento minha maldade.

Hoje sou indiano e não me acho menos inteligente. O cinema hindi me comove. Profundamente. Mergulho na intriga e sonho. Deixei de reparar nas deficiências técnicas, na inverossimilhança e na ingenuidade do roteiro.

No universo maravilhoso de Sangit, os mendigos são civilizados e se vestem de modo aseado. Frequentam as pessoas ricas que moram em mansões dignas de Beverly Hills. Não há montes de lixo nas ruas, nem vacas famintas, nem poluição sonora, e os casebres, hospitais, escritórios e lojas são organizados. Cada coisa em seu lugar, limpa, aseada. Uma Índia feérica. E, na pele de Ram Munda, eu a confundo com o mundo real, pois o roteiro aborda problemas sociais verdadeiros, conhecidos de todos.

Por exemplo, na última parte do filme, Jackie Shroof quer implantar novos olhos em Madhuri. Ele mostra a um médico uma matéria na revista Índia Today, sobre o comércio dos implantes. Vemos um corpo humano com as etiquetas dos preços dos diversos órgãos negociáveis: um olho, 80.000 rupias; um rim, 27.000; um pedaço de pele, 1.000. Sei que na Índia os pobres vendem a pele, que servirá de enxerto para doentes ricos. A idéia de automutilação por motivo econômico me confunde, mas, como sempre, no cinema hindi, os problemas se sublimam a algo positivo. Por amor a Madhuri, Jackie Shroof propõe se suicidar e lhe legar os olhos. Claro que ela não permitirá...

Durante três horas, vivo no mundo de Madhuri e de Jackie Shroof. Um mundo de amor, de beleza e de justiça. Era exatamente o que eu precisava para escapar de minha existência miserável. Esqueço os 10 dias na pele de Ram Munda: todas as humilhações, a mendicância, o desprezo, a solidão, a sujeira, a falta de dormir, o macadame, o barulho, o purê de lentilhas, a água da bica, as lições de moral.

6-7 de novembro

Chega o inverno. A cada noite a temperatura é mais baixa. Neste momento deve estar próxima dos 10 graus.

Não é uma suposição vã da meteorologia. Faz frio e, à noite, me deito na

estação. Estou bem aqui e não aprenderei nada de novo ficando ao ar livre entre os musahar que me ignoram.

Estendo-me sobre a plataforma. São cobertas por telheiros e os quiosques e armazéns me abrigam do frescor noturno.

A estação se revela menos ruidosa que o átrio. Centenas de passageiros esperam com suas malas e trouxas, mas estão tranquilos e o estrépito dos trens que passam não me incomoda. É momentâneo e logo volto a dormir.

Não estou só, estendido sobre o macadame. Dezenas de outros pobres se instalam nas plataformas. Ao contrário dos habitantes do átrio, muitos não estão com a família. São homens como eu, solitários e na força da idade. Eles ignoram uns aos outros e não parecem pertencer a uma casta particular. Mais uma vez, ninguém me expulsa, ninguém fala comigo, ninguém me olha.

Faz exatamente uma semana que esmolo na estação. E continuo. E nada de novo. Exceto que começo a jogar na loteria. Uma multidão de pobres tenta a sorte para sair da miséria e eu também quero tentar essa solução. Se chegar a ganhar, nem que seja algumas centenas de rupias, não precisarei esmolar durante um mês. Seria bom. Digo a mim mesmo que terei sorte nessa aventura.

Em Benares, podem-se comprar bilhetes de loterias privadas e do Estado, nos quatro cantos da Índia. Isso representa cerca de 80 sorteios diários e existem bilhetes de todos os preços, de uma a 500 rupias. Em cada cruzamento, tendas e vendedores ambulantes os vendem, e alguns trabalham 24 horas por dia. Sempre têm clientes.

Compro meus bilhetes em um dos comerciantes diante da estação. Todo dia, escolho dois da loteria Raj Shree, duas rupias cada um. É um investimento razoável e o primeiro prêmio é de 100 mil rupias, isto é, quatro mil dólares. É claro que, se ganhasse, o curso de minha metamorfose seria alterado. Poderia viver na pele de um intocável rico. Deixaria de mendigar, alugaria um apartamento e, depois, investiria meu dinheiro. Principalmente, veria como tratam um intocável bem-sucedido.

Tudo isso é um sonho. A loteria Raj Shree emite quatro milhões de bilhetes por sorteio e tenho poucas chances de escolher o número vencedor. Mas

nunca se sabe, evidentemente. Atrevo-me a sonhar...

Diante de cada vencedor da loteria, um ajuntamento de dezenas de jogadores se forma permanentemente. Somente homens. Pobres, sujos e vestidos de lungi, como eu, outros de calça e camisa, pertencentes às classes médias. O vício do jogo os reúne. Comentam os resultados da véspera e discutem as probabilidades deste ou daquele número oferecer-lhes um futuro promissor. Como se a loteria obedecesse a regras científicas!

Enquanto esperam obter o primeiro prêmio, falam de receber somas menores. Calculam o último algarismo do próximo número vencedor. Oferece 16 rupias por um bilhete de duas rupias, isto é, 14 rupias de lucro. Nada mau se compramos vários bilhetes com o último algarismo certo: na falta de fazer fortuna, pode-se obter uma renda na loteria. Evidentemente, para repetir isso todos os dias, é preciso fazer bons cálculos. Senão, com uma chance em 10 de encontrar o último algarismo e o ganho de oito contra um, logo perdemos o que temos.

Os jogadores que calculam são como que "profissionais" da loteria. O que não quer dizer que vivam disso, mas que simplesmente tentam obter o máximo de renda com seu investimento. Quando compro meus bilhetes, eu os ouço dizer que aproveito alguma informação eventual e, a partir daí, escolho os bilhetes. Por exemplo, o sujeito alto e magro de calça e camisa. Ele estuda uma lista comprida de resultados e os bilhetes da loteria Raj Shree expostos, lado a lado, sobre a bancada. E diz:

- Há duas semanas o sete e o dois não saem.

- Sim, vão sair - responde um outro, mais baixo e de lungi sujo. - É óbvio. Se tivesse dinheiro, compraria dois bilhetes de dois e mais dois outros de sete. Metade. Metade.

- E se daria mal. Temos de jogar nas loterias do governo. A Raj Shree é particular. Se há duas semanas o sete e o dois não saem, é impossível que não tenha havido fraude.

- Ei, você, pare de falar bobagens! Você está mal da cabeça. Se manda! - diz o vendedor, um jovem elegante de cerca de 20 anos. É claro que não há fraude. Acontece a mesma coisa em todas as loterias. Os números saem periodicamente. Tem-se de jogar por muito tempo para se ganhar. Caso

contrário, seria fácil demais.

- Sim, mas assim é pior, gastamos todo nosso dinheiro. Depois, nos endividamos para recuperá-lo. Ficamos arruinados e alguns até mesmo se suicidam.

- Já disse para cair fora! Sua cabeça não pensa direito. Por que vem aqui, se só critica a loteria?

- Gosto de jogar, ora essa! É o meu vício, jogo qualquer coisa. Tenho um segredo...

- E qual é? - pergunta o magro alto.

- Não posso dizer.

- Por quê? Já ganhou muito?

- Não. Mas o que me interessa é uma soma grande, e sei que vou ganhá-la um dia.

A essa altura, todos riem, e o que conta vantagens acrescenta:

- Então, paro de jogar e recupero todo o meu dinheiro!

Fico sabendo que um jornal cotidiano especializado, que se chama Lakshmi, a deusa da fortuna, é publicado todas as noites em Benares para aconselhar os jogadores de loteria. É um panfleto de quatro páginas e garotos os vendem na rua, como se fossem pães. Eu o compro. Na primeira página publica a foto de uma atriz e notícias gerais picantes. As outras três páginas dão os resultados do dia, além das chances do dia seguinte para cada sorteio. Também recapitulam, em tabelas, os resultados das últimas semanas para poder estabelecer os prognósticos.

Evidentemente, não ganho nada. Pensava em pelo menos ter a chance de acertar o último algarismo e receber 16 rupias. Eu me enganei. Em dois dias, perdi oito, ou seja, uma diária de esmolas.

Não acho nada engraçado.

Além disso, os prognósticos do jornaleco eram ruins. Os dos jogadores profissionais também. O dois e o sete continuaram sem sair.

Como fui idiota arriscando meu dinheiro na loteria! Não há esperança. É só uma peça pregada nos pobres. Não vou jogar mais.

Com oito ou 10 rupias, eu vivia bem, de verdade.

Comia ao meio-dia e à noite. Ao querer ganhar um monte de dinheiro, acima da armadilha da fortuna, só me resta com que pagar uma refeição por dia. Que cretino! É como nos molharmos com a chuva, não tenho com quem lamentar. E ninguém para me consolar.

8 de novembro

Nunca gostei de contar vantagens, nem de lamentar minha sorte. Mas, no momento, minha aventura se torna muito penosa. Sinto-me mal! Tenho vontade de chorar, de bater a cabeça contra a parede. Como quando era garoto e alguma coisa me exasperava. Vontade de esquecer, de dormir para sempre. Quando? Um dia. Será a morte.

Minha morte.

De tanto repetir que morrerei um dia, a pouca energia que me resta se exaure. Só penso nisso desde ontem. Consegui mendigar de manhã, mas me sinto tão fraco, tão cansado.

Talvez isso também seja devido à carência de vitaminas na minha alimentação.

Não sei. Digo a mim mesmo que passo tempo demais na estação e saio para andar pela estrada nacional Délhi-Calcutá.

Tinha razão.

Ver os caminhões passarem, respirar o gás que lhes escapa, constatar que os táxis triciclos estão em greve, protestando contra a criação de um serviço de mini-ônibus na cidade, e formam barreiras para impedir os riquixás de trabalharem, tudo isso me areja a cabeça.

Caminho, saboreio a cidade e, quando descubro a presença, lado a lado, de três salsicharias, percebo que o curso do meu dia mudará. Volto a ter vontade de viver. Por quê? Porque sinto os aromas de comida, de temperos e de carne misturados, que me atingem direto o coração.

Quero me estender sobre este assunto.

Quando um homem está realmente reduzido ao desespero, só resta a

comida, a embriaguez ou o sexo para reconciliá-lo com a vida.

Elimino imediatamente a embriaguez e o sexo. E não porque estes dois prazeres sejam difíceis de se obter.

Em Benares, o álcool e, até mesmo, a droga são vendidos livremente em lojas do Estado - o que já comentei -, mas não me seduzem. Quanto ao sexo, sei onde encontrar uma mulher indiana. Uma jovem e bela, que sabe excitar e por apenas cinqüenta rupias, isto é, dois dólares.

Não conto lorotas.

Há em Maruadi. Muitas. Perto da grande usina de locomotivas, em uma viela lamacenta. A cada 200 metros, uma centena de garotas de tudo que é tipo se alinha diante de barracos de quatro metros quadrados, para onde atraem os clientes. Parecem os bordéis de Taipei ou Seul. Os fregueses se fecham com a mulher durante cinco a dez minutos, o tempo mínimo para se despir e se satisfazer, pois, sob ele, rígida como uma tábua, ela o incita a concluir.

Atenção, meu propósito não é denegrir os que pagam para fazer amor em cinco minutos, em um barraco. Um breve encontro pago pode proporcionar prazer, e não quero tampouco parecer moralista. Descrevo Maruadi para que saibam como é e que ali posso encontrar uma mulher que me agrada. Se eu quiser.

Em Maruadi, há realmente muitas escolhas. Brancas e negras. Impúberes e na menopausa. Impetuosas ou não. Algumas têm as feições arianas, outras sino-tibetanas, que chegam dos confins da Índia. Hindus e muçulmanas. Eu sei disso, fui até lá em agosto e falei com algumas. Queria dar uma olhada, estudava a sociedade indiana, preparava a minha metamorfose. Aliás, Gloire me acompanhou, pois essa viela vale ser vista pelo turista que está em Benares. Tanto quanto as margens do Ganges.

Ali verão adolescentes com um bebê no colo convidar passantes. Verão outras ainda mais jovens, com um sári como o das adultas e maquiadas exageradamente, tão jovens que o bico dos seios só ergue ligeiramente a seda sintética do corpete.

Uma puta que trabalha com o filho nos braços não me excita. Ainda assim, deve atrair outros homens, já que se oferecem dessa maneira. A propósito de

meninas prostituídas, uma crença indiana diz que a relação com uma jovem virgem aumenta a potência sexual e cura as doenças venéreas.

Essa é a riqueza de Maruadi. Há para todos os gostos. Mais que em todos os Pigalles, Sohos, Mabinis e Patpong do mundo. Uma diversidade à imagem da Índia. Estou certo de encontrar uma jovem graciosa, com a tez de trigo maduro e um peito firme e farto. Mas me sinto sujo e cansado demais para fazer amor. Além disso, ficaria constrangido de baixar as calças, pois sou bicolor, meu traseiro e meu sexo são brancos. Além do mais, e principalmente, não sinto vontade de trepar. Exceto com Gloire, minha mulher. Sou do tipo fiel. Falo de outras mulheres, mas a idéia de enganar Gloire me repugna. A sensação de trair nosso amor destrói meu apetite sexual. Não irei a Maruadi.

Esqueço o sexo. Só me resta a comida para me reconciliar com a vida.

Retorno às salsicharias. A exposição de mercadorias não se parece com a de Fauchon. Estão instaladas sob abrigos de tijolos, sem vitrina, sem porta, sem balcão. Apenas um telhado, duas paredes, uma de cada lado, e uma plataforma de cimento de cinco a seis metros quadrados. Uns dois açougueiros, de peitilho de camisa e lungi quadriculado, sujos de gordura, estão sentados no meio de dezenas de pedaços de porco fresco. Eles os cortam em cubos para cada cliente com um facão em forma de croissant, que seguram entre o polegar e o indicador do pé direito, trazendo a carne para perto, para cortá-la na lâmina. Sobre o estrado, também há uma panela cheia de curry de porco, e cheira bem. Ao lado, várias lingüiças cozidas estão enroladas. Toda essa carne atrai as moscas, mas ninguém as espanta. Os cachorros vadios, sarnentos, que se aventuram a permanecer perto do estrado, têm menos sorte e levam pontapés no traseiro.

Para mim, essas salsicharias são preciosas. Em Benares, cidade de 800.000 habitantes, os comerciantes de carne de porco se contam nos dedos. Não vi nenhum na estrada de Ram Nagar, e meus amigos varredores, da Ravindrapuri, disseram que havia em Maruadi, entre a usina de locos e as garotas. Isto é, nos bairros afastados do centro da cidade. O porco é destinado aos intocáveis, e seu comércio é ainda mais raro, mais desprezado

que o das outras carnes, já discreto nesta cidade hindu santa.

Passo diante das três salsicharias, depois volto atrás e entro na última, onde há mais fregueses, uma dezena, a maioria de lungi sujo.

Em frente ao estrado em que os dois açougueiros trabalham encontra-se uma mesa baixa onde se senta. Lá um velho come uma porção de lingüiças cortadas em rodela. E servidas em um pequeno prato de folhas, que segura com a mão esquerda. Com a outra mão, a pura, cata rodela por rodela. Saboreia com calma e peço a mesma coisa. Parece mais apetitoso que o curry na panela. O açougueiro, um jovem ossudo, de pele escura, conversa ao me servir:

- Não é daqui?

- Sou de Bihar.

- Ah! Achei que era do Rajastão. Não tem o sotaque do Bihar...

- É porque sou do Jharkhand, da selva. Sou um aborígine. - Certo - disse sorrindo. - Sabe, nós também somos aborígines.

- Ah? Qual é a sua casta? - Sou sonkar.

É a casta intocável dos comerciantes de legumes. Soube que também se chamava khattik e que a palavra significava "açougueiro" em sânscrito. O rapaz me explica que todos os salsicheiros do lugar são sonkar, mas que não é necessário sê-lo para vender porco.

- Come porco na selva?

- É claro... Diga-me, só os filhos de Deus compram carne de porco em Benares? - pergunto isso para ver se um salsicheiro o confirmaria.

- Sim, e os cristãos e os estrangeiros... Sabe, somos todos aborígines, somos todos iguais.

Ignoro por que ele me diz essa frase gentil, mas me comovo. Ele me estende a porção de 100 gramas de lingüiça quente, lhe dou quatro rupias, depois me sento à mesa. E degusto.

Sim. É requintado. É sublime.

É melhor que tudo que comi até agora. Melhor que o salsichão da montanha e o presunto de todos os países. Melhor que a lingüiça de Guémené e outras. Eu acho.

É uma lingüiça especial. O clássico recheio das tripas é adicionado de

sangue coagulado, pimentões verdes e folhas de coentro. Tudo picado e enfiado nas tripas, depois cozido. Ao lado da mesa, há um sujeito sentado no chão, com um gorro na cabeça. Ele recheia as tripas e, de vez em quando, se levanta para mexer as lingüiças que cozinham na água, sobre um fogão de barro.

Essa iguaria tem gosto de chouriço. Contudo apimentada, com sabor adocicado de morcela e o aroma anisado do coentro, que combina tão bem com as carnes. Isso me deixa um gosto novo e picante na boca. Ele se manterá até o final da tarde, com agradáveis arroto de carne de porco, que sobem do meu estômago saciado.

Agora me lembro. Raja Ram, meu irmão dom, havia me falado dessa lingüiça. Os intocáveis, em Benares, a preparam também em casa, e ele tinha acrescentado que quente ou fria, mas bebericando álcool, a lingüiça que fazia proporcionava a quem a consumisse um gosto antecipado do nirvana, uma espécie de orgasmo gustativo.

Mesmo sem beber, confirmo essa sensação de prazer total na boca.

Sinto-me bem. Como na França. Reencontro os sabores de minha existência anterior e isso me lembra o prazer de viver. Também me obriga a reconhecer que sempre pertenci ao povo dos intocáveis. Sempre gostei das coisas impuras: o vinho e o porco. Em francês, em chinês, em Ram Munda. E minha mulher é intocável, e meus pais, e meus sogros, e meus amigos. Eu já convivi com pessoas da minha casta. Todos estrangeiros, bárbaros. Não é nada surpreendente que compartilhem o mesmo gosto pela comida que as populações menos civilizadas da Índia.

Sempre fui intocável e, pela primeira vez desde o começo dessa metamorfose, não sinto vergonha.

Observem as castas elevadas; suas guloseimas são os doces, laticínios, bolos pastosos, viscosos, enfarinhados, repugnantes. Aí está o que é necessário para organizar uma festa segundo a ideologia dos brâmanes. Lamentável!

Na casa dos intocáveis, o prazer vem antes da pureza religiosa. Viva a carne! Viva o vinho!

Existem autênticas especialidades culinárias intocáveis. Assim foram os pratos do banquete na casa de Raja Ram, quando nasceu sua filha.

Assim é a lingüiça. Que delícia! Mas é possível imaginar um prato mais impuro? Como podemos comer a carne que continha os excrementos de um porco? É preciso ser tão sujo quanto esse animal para se rebaixar a comer isso. Por exemplo, ser francês, chinês ou indiano intocável. É repugnante para um hindu da casta alta. O que lhe responder?

Eu não sei.

Ou então: a lingüiça é gostosa e isso me basta.

Os hindus de casta elevada são anormais, eu acho. Sua busca da pureza é incoerente, assim como toda conduta orientada por religiões, pelo irracional. Seguem uma dieta vegetariana e sem álcool, mas consomem drogas à base de cannabis. Eles me fazem rir. Os mais ortodoxos não comem sequer cebola ou alho, pois estes dois legumes são considerados impuros.

Para eles, o açúcar e os laticínios constituem os alimentos mais saborosos. Entendo sua visão. Dizem isso porque não conhecem mais nada. Preferem o leite ao vinho, mas nunca beberam álcool. Idem para os doces. Como podem afirmar, sem nunca ter experimentado, que a carne não lhes faz falta, pois, afinal, seu sabor é ruim?

Evidentemente, não falo da multidão de hipócritas abençoados que comem carne de cabra ou de frango e se embriagam às escondidas. Não são uma minoria. Entre todos os indianos de casta superior que conheci desde julho, um em dois se revela um trapaceiro quando o conheço melhor.

Assim foi com meu professor Maurya.

Também com o rico R. S. Agraval, cunhado do meu vizinho, secretário do Lions Club desta cidade. Em 7 de outubro, passamos a noite em seu carro, rodando pelo subúrbio de Benares, esvaziando meia garrafa de Bigpiper Gold, uísque indiano, caro e bom. Dirigia com o copo em uma mão e a outra no volante, e contávamos o tipo de besteiras que dois caras de porre gostam. Comparávamos as formas e medidas das mulheres indianas e ocidentais, a consistência dos seios, o que fazem na cama etc. Na época, ele me pareceu mais humano. Hoje, quando penso em R. S. Agraval, revejo o homem que despreza e maltrata seus empregados de casta baixa. Detesto os que pisam nos outros. Por puro prazer. Apenas para obter vantagem de conforto. É

ignóbil.

A sociedade dos brâmanes, fechada e intolerante, incita as pessoas de casta alta a desempenhar um papel duplo. Vendem gato por lebre, assumem uma aparência honesta, civilizada e nos difamam, nós, os intocáveis. A única coisa que os difere de nós é a hipocrisia.

Não são mais puros. Descobri a que lado pertença e não me sinto inferior. Não tenho mais vergonha de minha intocabilidade, de minha barbárie.

9 de novembro

Exceto o alimento, não tenho mais desejo, e volto, ao meio-dia, para comprar outra porção de lingüiça.

Continua esplêndida.

Saindo da salsicharia, me deparo com meu amigo Harilal, o barbeiro do ghat Assi. Ele parece estar esperando um ônibus ou um triciclo coletivo. Senti medo que me reconhecesse. Mas, não, passo por ele, que não presta a menor atenção em mim. Escapei de boa.

Volto à estação e esmolo até o crepúsculo.

Desenvolvi um gosto especial por essa hora do dia. É a mais agradável. Uma recompensa. Eu a espero desde a manhã. É magnífica. Significa minha libertação.

Mais um dia na pele de Ram Munda se passou. Logo irei dormir. Depois, o tempo transcorrerá por si mesmo, até o amanhecer. Eu não me entediarei, não precisarei me alimentar, não mendigarei, não serei desprezado.

No Ocidente, o pôr do sol indicava o início da segunda parte de meus dias, uma vida noturna, social, palpitante, familiar, amorosa. Na Índia, o escurecer anuncia o repouso dos homens. A cidade vai se deitar. Sono e esquecimento. Um pouco de felicidade esperando as primeiras luzes que clarearão o horizonte a leste. Depois será o grande fogo da aurora e o momento de retomar minha existência de cachorro.

Odeio o sol.

10 de novembro

Na França, li que os indianos eram tolerantes e não violentos. Para saciar meus prejulgamentos sobre o país de Gandhi, aceitava esses clichês: correspondiam à minha visão da Índia. Ai de mim!

Minhas leituras me enganavam. Mentiam.

Eu era ingênuo.

A tolerância indiana de que os ocidentais falam não passa de uma profunda indiferença pela sorte do outro, e esta sociedade é, sem dúvida, a mais violenta do mundo. Os poderosos tratam os pobres como escravos. No outro extremo, a pior miséria e a submissão dos indivíduos explodem repentinamente em violência total, irracional. Por quê?

Não analisarei nem a violência dos textos sagrados, nem a intolerância do sistema de castas, nem o egoísmo hindu. Contarei o que vejo. Muitas vezes.

A noite.

O sol acaba de se pôr e erro pela plataforma número um. Um sujeito alto, na faixa dos 30 anos, usando camisa e calça limpas empurra um rapaz magricela e mais jovem. Ele tem a pele mais escura e sua camisa e calça estão muito sujas.

O de compleição mais forte dá murros no peito e na cabeça do outro, o empurra com as duas mãos e o derruba. O menor torna a se levantar; o maior recomeça a bater nele. Não estamos em um ringue de catch. Não é encenação. O maior bate com toda força. É impressionante e somos uns 20 espectadores à volta deles.

O jovem está com a cara arrebatada, a camisa rasgou-se nas costas. Tem sangue nas mãos, em torno da boca e dos olhos. Não é nada agradável olhá-lo. Mas ele não ousa reagir. Coloca os braços sobre o rosto para amortecer os golpes e o grandalhão o puxa pelo pescoço, gritando:

- Onde está a polícia?

Dois sujeitos saem do grupo dos espectadores e começam também a surrar o pequeno, que continua sem se defender e que está em péssimo estado. Cada vez que cai no chão, os dois chutam sua cara.

É muito interessante e o público vem assistir. A partir daí, somos, no mínimo, uns 50 espectadores.

É melhor que no cinema. Há tumulto, mas em três dimensões e com sangue de verdade. Além disso, não se conhece o epílogo da cena. Suspense. O maior vocífera sem parar de bater:

- É um ladrão! Eu estava comprando a passagem na sala de guichês e, de repente, senti uma mão puxando minha carteira da calça. Era a mão desse safado! Safado!

E desfere um murro que lança mais uma vez o safado no macadame. Todos os indianos sabem: o ladrão que é pego em flagrante é um desgraçado. Apanhará de sua vítima e talvez seja linchado pela multidão, frustrada e ávida de sensações.

É a mesma coisa para o motorista que provoca um acidente, danifica outro veículo ou atropela um pedestre. Tenha ou não razão, não foge, está acabado. Os passantes, ignorando totalmente a lei de trânsito, só vêem que há vítimas. Pouco confiantes na justiça oficial, querem representá-la imediatamente e surrar o suposto mau motorista.

Liberar-se.

Os dois espectadores saídos do grupo revezam com o grandalhão quando ele perde o ritmo para corrigir o infeliz ladrão.

- Safado! Queria roubar! Safado!

As pessoas de Benares gostam desse insulto. Entre um golpe e outro, o jovem ladrão choraminga, com as mãos juntas:

- Eu não queria. Eu também estava comprando uma passagem. Não tenta revidar os golpes, não se insurge contra os murros que recebe. Se fosse inocente, deveria reagir. Mas ele implora, espera que o grandalhão pare de surrá-lo e o deixe ir embora. Sabe que essa sova é apenas o antegozo da festa que o espera com os cães de cáqui.

É assim que chamamos os policiais em Benares. Cães porque são brutais, servis e corruptos. Cáqui porque esta é a cor de seu uniforme.

Em nenhum país as pessoas gostam dos policiais. Na França, são tidos como preguiçosos, acomodados, nunca estando onde se precisa deles. Na China, também são chamados de cachorros, são temidos e percebidos como uma

polícia política que se ocupa da vida particular das pessoas.

Na Índia, é pior. Não apenas não protegem como não respeitam a lei e lhe fazem mal. O cão de cáqui é quem lhe extorque dinheiro para registrar uma queixa, quem lhe bate com o cassete se dirige mal sua bicicleta, quem extorque o comerciante, quem lhe surra se você é detido, que estupra sua irmã se ela for pedir ajuda. Não estou exagerando. Todos os dias, os jornais relatam histórias de estupro e torturas nas delegacias. Todas impunes.

A imprensa também denuncia o descaso da polícia que protege criminosos em troca de gratificações. A rotina. Na Índia, policiais, bandidos e políticos ocupam empregos intercambiáveis, e os três são recrutados freqüentemente entre os brâmanes e os kshatriya, as castas superiores e privilegiadas dos sacerdotes e guerreiros.

Piadas circulam sobre os cães de cáqui. Exemplo:

- Por que são geralmente representados no cinema como personagens negativos, cobiçosos, alcoólatras e violentos?

- Porque não se pode fazê-los desempenhar sempre papéis ruins!

Não há nada de bom em um policial. Nenhuma proteção a esperar. Diante de nós, o jovem ladrão sabe que esses golpes são carícias perto do repertório que o espera se for parar no comissariado da estação. Implora perdão de joelhos, repetindo que não é ladrão. Ele tem realmente medo e sinto pena dele.

Aí está. Tarde demais. Um policial atravessa o grupo de pessoas com seu inseparável cassete, símbolo da justiça na Índia.

- O que está acontecendo?

- Este safado tentou roubar minha carteira - responde o grandalhão.

- Não, não é verdade. Eu apenas estava atrás dele na fila para comprar passagem.

- Este safado me roubava, inspetor.

- Não...

- Cala a boca, safado! - interrompe o policial, batendo em seu traseiro com o cassete.

Gostaria de revelar que diz a verdade, mas não sei. E, além do mais, a culpa ou não do jovem bastaria para justificar toda essa violência?

O tumulto recomeça. E pior. Outro policial se junta ao primeiro e os dois compadres pegam o jovem ladrão e lhe desferem golpes de cassetete nas costas e braços para que avance na direção do comissariado, na plataforma número dois.

Espetáculo atroz. Erguem alto os cassetetes para baterem mais forte e, a cada golpe, o ladrão se curva e avança meio metro. O público sobressalta-se. Eu também. Imagino o cassetete caindo sobre meus músculos. Também há os gritos e sangue do jovem ladrão. Sinto a sua dor.

Ninguém interfere. Ninguém detém os policiais. Amanhã, talvez seja a minha vez de ser a vítima de sua justiça sumária. Tentarão quebrar minhas costas de intocável com golpes de cassetete e ninguém os deterá.

Esta noite tenho medo. Não me sinto mais em segurança na Índia.

11 de novembro

Na minha vida, é difícil saber quem é quem, quem é o quê. Como reconhecê-los? Há, até mesmo, mulheres verdadeiras e falsas. Com vaginas verdadeiras e falsas. Sim.

Em Benares, cruzo freqüentemente com eunucos na rua e, hoje de manhã, pela segunda vez, um deles me mostra seu sexo.

Querem saber com que se parece o sexo de um eunuco? Muito bem, eu diria um sexo imberbe de menina.

Vou contar a cena.

Saboreava um chá à beira da estrada Délhi-Calcutá quando um eunuco passou. Alto, musculoso, na faixa dos 30 anos, cabelos compridos, exageradamente maquiado e usando um sári vermelho. Rebolava ao andar. Era ridículo.

Atrás de mim, um sujeito assoviou e lhe perguntou se tinha um bur, gíria que quer dizer vagina. Todo mundo riu e, então, o eunuco parou à nossa frente. Com um movimento decidido, levantou o sári e o saiote e nos disse:

- Vejam se não sou uma mulher!

Ele, ou melhor, ela não usava cueca. Imediatamente nossos olhos se depararam com dois lábios finos e vermelhos, de três a quatro centímetros

de comprimento, como que costurados sobre sua bacia. Uma bacia de homem, reta e chata. Sem pênis, sem testículos, sem pelos. Todos ficamos boquiabertos.

Sanjay, meu professor de hindi, havia me explicado que os eunucos andam sem cueca para poder exhibir seu sexo quando as pessoas os aborrecem. Isso acalma os outros, e o castrado pode seguir seu caminho em paz.

Há realmente todo tipo de tolo em Benares.

Visitei mais de 30 países e esta é a única cidade do mundo em que posso encontrar, a cada cruzamento, pelo menos um guru, um filósofo ou um santo. Um verdadeiro ou um impostor, como tudo o mais. Mas é menos fácil detectá-lo que falsas mulheres. Talvez porque a maioria dos sábios é uma fraude, ao contrário das mulheres.

Existem também os adivinhos, os curandeiros, os astrólogos. Hoje de manhã, exatamente um pouco depois do eunuco, juntei-me a uma centena de tolos que assistem ao espetáculo de um mago, à beira da estrada. Trabalhava com cobras e um mangusto. Eu os deixo livres para acreditar ou não nesses poderes sobrenaturais. Ouçam-no:

- Vejam este mangusto. Pode pegar as cobras sem perigo. Por quê?... Porque a Deusa Mãe o criou assim. Eu também não temo a cobra, pois uso este amuleto que me concede a proteção de Durga.

Ele exhibe o pendentif em volta do pescoço. Dois tubos finos de aço niquelado, de um e dois centímetros de comprimento, soldados um sobre o outro. E conta lorotas e mais lorotas. Na faixa dos 40, com calça e camisa esfarrapadas, com um bigode que cai em pontas e sotaque ríspido e autoritário. Sua tagarelice cativa os tolos. Decido ficar, pois não tenho nada melhor a fazer. Esmolarei um pouco mais tarde. Um trem a mais, um a menos, que diferença faz?

Ouçam-no:

- Uma única mordida de cobra é suficiente para matar um homem, mas, graças a este amuleto, não temerão mais nada. Não riam!... Evidentemente, ele não os imuniza contra o veneno da serpente. Só Deus tem este poder. Quando chove, por exemplo, somente ele pode parar a chuva. Sim. Mas vocês podem se abrigar sob um guarda-chuva. Pois bem, meu amuleto

funciona como um guarda-chuva, os defende contra o mau-olhado, colocando-os sob a proteção de Durga. Com este pendentif, as cobras não os atacam mais. E vou prová-lo. Agora mesmo. Mas, para isso, é preciso fazer uma oferenda a Durga para atrair sua boa vontade... Não pensem que o dinheiro de vocês me interessa. Não. Dêem-me 10 ou 20 centavos, isso basta, é apenas para fazer a oferenda a Durga. Depois, devolverei o dinheiro. O que me interessa, meus amigos, é beneficiá-los com este amuleto.

Ele parece sincero e uns 10 sujeitos dão as moedas. Dez centavos não é nada. Eu também contribuiria para me divertir, mas tenho medo de passar por uma situação desagradável e fico passivo, um pouco recuado.

- Agradeço a todos as moedas. Agora observem, imploro a Durga, nossa mãe divina, e abro esta cesta que contém uma cobra. Ponho a mão dentro.

A serpente, perturbada, levanta-se e ataca a mão do encantador, mas sem mordê-la. Impressionante.

- Agora acreditam no poder deste amuleto?

- Sim - o público responde em coro.

- Realmente?

- Sim!

- Aí está! Como prometi, devolvo o dinheiro.

E o devolve. Fico pasmo e os outros espectadores estão igualmente surpresos. Nunca tinha visto um saltibanco devolver o dinheiro. Talvez esse seja honesto.

Ouçam-no:

- Aqueles que estiverem interessados no meu amuleto formem um círculo à minha volta. - Quatorze sujeitos se aproximam. - Farei uma demonstração com um de vocês. Quem é voluntário para tocar a cobra?... Ninguém?...

Então, escolho o mais jovem de vocês. Sua vida é a mais preciosa. Você! -

Um rapaz de 18 a 20 anos, bem-vestido, de jeans e camisa pólo. Não parece um cúmplice. Sorri, pouco à vontade, como se controlasse o medo. - Tome, aperte o amuleto na mão. Acredita em seu poder?

- Sim.

- Então o prove, toque na cobra.

O jovem não se atreve e o mago pega sua mão e a coloca sobre a cabeça da serpente. O animal não se mexe. É espantoso.

- Agora todos acreditam no poder deste amuleto?

- Sim.

- Querem um?

- Sim.

- Não custa caro. Só uma rupia. Mas, se quiserem, podem dar mais.

Parece um preço justo e alguns espectadores de fora do círculo também pagam uma rupia.

- Juntei 26 rupias. Está bom. Mas respondam: acham que com 26 rupias poderei comer durante um mês? - Todos gracejam. - É claro que não. Então, há entre vocês quem acredite tanto no amuleto que possa comprá-lo por 10 rupias e me ajude a viver? Cinco homens levantam a mão sucessivamente. - Vocês cinco realmente têm fé. Eu lhes agradeço. Mas fiquem tranquilos, eu disse que o amuleto custava uma rupia e não mudarei de idéia...

Tira alguns amuletos de uma caixa de papelão. - Antes de distribuí-los, tenho de explicar que possuem mais duas qualidades além de proteger contra serpentes. Afastam o mau-olhado e nunca mais ficarão doentes. É valioso. Quando ficam doentes, o médico, além de esvaziar a carteira de vocês, consegue curá-los para sempre?

Risadas aprovadoras no público. Não há um sistema generalizado de seguro social na Índia e os tratamentos custam caro para a maioria das pessoas, que acredita que um mal rebelde ou incurável é devido a uma causa sobrenatural.

- A terceira utilidade do amuleto é suja. Os garotos se afastem, pois não é para vocês. (Três garotos maltrapilhos, sem dúvida de castas inferiores, que observavam na primeira fila, são afastados.) Este pendentif desenvolverá sua potência sexual. Usando-o, poderão trepar durante o tempo que quiserem. As mulheres de vocês vão gostar.

Emprega o verbo pelfa, que significa "trepar" na gíria, e faz o público sorrir. O que diz é cativante. Além do mais, se for verdade, uma rupia é pouco para tanta coisa. Lamento não ter comprado um amuleto. Só me resta observar. O mago começa a implorar à deusa Durga em uma língua incompreensível,

sem dúvida versículos em sânscrito. Stop! Ele se interrompe.

- Algo está errado. Sinto más vibrações na platéia.

Há alguém que deu uma rupia, mas que não acredita realmente no poder do amuleto... Pois bem, que ele se vá, não precisamos dele!

Ninguém se mexe. Suspense. Quem é o impostor?

O mago exige que todos aqueles que acreditam no poder do amuleto o provem oferecendo 10 rupias para obtê-lo. Um atrás do outro, uns 20 homens que pagaram uma rupia desembolsam 10 rupias. Alguns fazem cara feia, mas não ousam ir embora, confessar que não tinham sido sinceros. Por fim, o mago diz:

- Acho que é você o impostor. Demorou a dar as 10 rupias. Tem certeza que acredita?

- Sim.

- Pagaria 100 rupias? Não é nada, dadas as vantagens que lhe oferece. Hein? Dê 100 rupias!

- Bom... Está bem - murmura o homem tirando uma nota de 100, isto é, dois dias de salário médio.

- Está bem, acredito em você. Guarde a nota, só o estava testando.

Recusa a nota de 100, mas não devolve as 20 notas de 10 que recebeu.

Em seguida, age rapidamente. Torna a implorar a Durga, depois distribui os amuletos e dispersa a audiência.

Bravo!

Em meia hora, conseguiu mais de 200 rupias. Uma trapaça que começou com centavos e se concluiu com centenas de rupias. Bravo!

Joga com a credulidade dos indianos nas forças sobrenaturais. Quando o preço de um amuleto se elevou, ninguém se atreveu a desistir, pois ninguém queria se arriscar a atrair a fúria de Durga. A preocupação em não perder o prestígio diante do público vem de muito tempo. Eu sei. Na sociedade hindu, aprendi a ignorar meu amor-próprio. Só existem deveres de casta e relações hierárquicas entre os indivíduos.

Não há lugar para uma honra padrão.

Desse modo, os indianos mentem e contam vantagens sem timidez, mas não gostam de jurar. Se juram, têm de dizer a verdade e cumprir a palavra, com

medo de desagradar a Deus. O que é pior que todas as infâmias.

12 de novembro

Tanto na pele da Ram Munda quanto na de Marc Boulet não acredito em Deus. Tampouco gosto de jurar. É bobagem, mas tenho medo que isso me traga azar. Ainda assim, às vezes sou obrigado a fazê-lo para que acreditem em mim.

Foi assim nesta quinta-feira de manhã.

Juro que - e se estou mentindo que eu reencarne como cachorro - na entrada da estação há um cadáver humano e ninguém lhe presta atenção, a não ser uma vaca. Ela funga em seus pés.

Está estendido de costas, com os olhos fechados. É um homem pequeno, magro, de 30 a 50 anos, sem idade definida, como é freqüente na Índia. Tem a tez cinzenta, cabelos pretos, um pequeno bigode e uma barba grisalha, de uns dois ou três dias. Uma dezena de moscas grandes e azuladas cobrem seu rosto de traços finos. É repugnante. Há quanto tempo está aí, apodrecendo sob o sol?

Seu corpo imóvel parece rígido e ainda não exala mau cheiro. Deve ter morrido esta noite, enquanto dormia.

Um pano rosa desbotado cobre seu tronco e membros, que parecem ossudos sob o tecido gasto. Uma sacola vazia e rasgada, de plástico trançado, está dobrada sobre seu estômago. Um pouco abaixo, uma trouxa de pano rosa, que deve conter algumas roupas, está sob seu quadril e uma tigela de alumínio se assenta sobre as pernas. Um velho saco de juta esburacado, do tipo usado para batatas, esconde seus pés.

Eu o observo atentamente. É a segunda vez que vejo um cadáver na rua. A primeira vez foi também nesta estação, em 26 de agosto do ano passado, na plataforma número seis. Fazia dois dias que o morto apodrecia ali, na indiferença geral, sob um toldo de plástico e centenas de moscas.

O chá é muito caro na estação e no meio da manhã, ao sair para comprar um, imediatamente reparei naquele cadáver. Impossível não vê-lo. Está

deitado aos pés da escada que leva aos guichês, por onde o público passa. No meio do caminho. Ainda assim, ninguém se detém para olhá-lo.

Sua morte não interessa. Quando a polícia vai retirá-lo dali? Hoje? Amanhã? O que esperam todos aqueles policiais da estação para pedir a autópsia, investigar a causa da morte e cremá-lo?

Um arrepio de angústia atravessa minha espinha. Há alguns dias sentia-me melhor, mas a ideia da morte voltou a me dominar. Não passo de um indiano comum, como era este cadáver. Se me acontece um acidente fatal na pele de Ram Munda, se morro à noite, na estação, ninguém se ocupará de meus restos. Minha carne fermentará sob o sol durante horas, para prazer das moscas. Quando os policiais me pegarem, nem mesmo conseguirão saber que sou francês. Não carrego nenhum documento de identidade. Então pensarão que sou um hindu e queimarão meu corpo no anonimato, sem avisar minha mulher ou meus pais. Nunca saberão o que aconteceu comigo. Tudo confirma isso. Minha existência é inútil. Não sou nada. Sem valor, sem direitos.

Por cobiça e por curiosidade, rompi com a doce existência ocidental. Eu me detesto e mereço isso.

O dia todo repito isso. Sou um miserável e não posso escapar da minha condição. Estou condenado.

Nenhuma esperança. Exceto morrer, deixar de existir. A entrega.

Viver exige um esforço excessivo. E, além disso, de que adianta? De qualquer modo, devo morrer. Melhor ser fulminado logo. Infelizmente, não tenho a coragem suficiente para me matar e não quero afogar minha aflição nos prazeres da comida, do sexo ou da droga. Quero permanecer consciente. Nada me consola.

Nem mesmo após o pôr do sol. Durante o sono, a miséria de meu universo não me abandona. Por volta da meia-noite, na plataforma em que durmo, um homem bate em uma mulher e seus gritos estridentes me despertam.

Eu a reconheço. É a velha louca, do nariz como bico de águia. Ela mora nesta plataforma. Dia e noite, ela fala sozinha em voz alta e canta besteiras e obscenidades. Ela se alimenta dos restos que cata e veste apenas uma

musselina suja e transparente sobre a corcunda e as nádegas magras. Não é agressiva, apenas maluca, mas um passageiro a está esmurrando. Ele não sabe a diferença entre uma bola para treinar boxe e uma louca. A cena me revolta e tenho vontade de lhe sugerir que descarregue sua raiva num ringue de verdade. Mas não ousa e observo, passivo.

Esse cara tem uns 30 anos e a tez pálida. Sua pequena estatura acentua o porte impecável. Uma barba curta, aparada, sapatos de couro polidos, calça preta e uma suéter suntuosa de lã verde. Quando me deitei, há algumas horas, reparei nele, sentado à minha esquerda sobre um oleado, com sua mulher, um bebê e um jovem de 20 anos, pelo visto seu cunhado, por causa dos traços semelhantes aos de sua esposa. Ela é gorducha e usa óculos. Sem dúvida, uma intelectual. Quer dizer, uma mulher educada, que trabalha com a cabeça: funcionária de um escritório, professora, com instrução superior... Um sári vermelho-sangue, bordado de fios dourados, a envolve e cai com pregas regulares, graciosas. Sinal de que pertence a uma casta superior e abastada.

Um casal harmonioso. Chique e baixinho. Mas não se deve julgar um homem por seu tamanho. Os corpos pequenos podem ocultar grandes almas. Não é o caso desse casal.

A louca está dobrada no chão, a alguns metros de onde estão, e o homem confunde suas costas e cabeça com uma bola de futebol. Não estou exagerando. O homem a chuta com toda força.

Sua mulher o encoraja, e a velha para de gritar. Perdeu sua energia de maluca. Arrasta-se sobre os braços e choraminga. Como um golpe de caratê, o homem lança a sola dos pés em suas omoplatas. Isso parece doer muito e se passam três ou quatro minutos até que vários curiosos intervêm:

- O que houve? - Ela nos insultou.

- Não precisa bater nela. Ela é louca. Não sabe o que diz. Pare!

O carateca não escuta e, vlan!, aplica um golpe na cabeça da velha, prostrada no chão, em posição fetal. Depois, um golpe nas costas e nas nádegas ossudas. Ela volta a berrar. Reconheço esses gritos agudos; se parecem com os de um porco no abatedouro.

Quem sabe? Com a cabeça fora dos eixos, ela talvez ache que é uma porca

que vai ser degolada... Rio para tentar esquecer o quanto essa cena é lamentável.

Mais dois golpes. Então os curiosos conseguem intervir, e a velha escapa, se arrastando até a escada da passarela, onde cai em prantos, como um bebê. Muitas lágrimas e soluços.

Os curiosos discutem com o carateca:

- Não precisava bater nela! Não sabe o que diz.
 - Era preciso castigá-la. Ela nos insultou.
 - Sim - diz a mulher do carateca -, esta louca nos insultou. Mereceu apanhar.
 - Está bem, acabou - suspira um curioso. - É verdade, não podia insultá-los.
- Pior para ela!

Nesse momento, um cão de cáqui apareceu. O carateca, convencido de suas boas razões, se explica e o policial sorri.

- Agiu bem. Essa velha maluca aborrece todo mundo. É preciso dar uma surra nela. - (No meio da escada, ela percebe o policial e grita que o carateca quebrou sua coluna.) - Ouça bem: se ela descer, sou eu que vou lhe dar uma lição, e com meu cassetete. Agiu muito bem.

O policial e os curiosos vão embora, mas eu continuo a escutar a velha chorar, enquanto o casal volta para o seu lugar. Ele ajusta a gola da camisa e acende um cigarro. Ela lhe dá os parabéns. Então desejo que um dia ela o irrite e ele a surre com os punhos e os pés, já que aprova seus métodos.

Ainda devo sentir como francês, pois aquele casal me causa repugnância. A ordem indiana do mundo me revolta. Moer de pancadas uma mulher, idosa ou louca: como se felicitar por isso? Mesmo que os tenha insultado... Na Índia, parece que a violência é a resposta para tudo. "Quero bater em você!", os indianos estão sempre a repetir.

Egoísmo, desprezo, intolerância, hierarquia, beatice, brutalidade. Tantas qualificações para a Índia e ainda não consigo aceitá-las, mesmo depois de mais de 15 dias na pele de Ram Munda. Na Índia, o respeito e a piedade pelo mais fraco não existem. São oprimidos, esmagados.

Os indianos acham que os ocidentais não têm respeito pelas mulheres ao olharem direto em seus olhos e se sentarem perto delas. Eles não olham

diretamente para elas nem se sentam ao seu lado, mesmo que sejam membros da família. Por respeito, dizem. Besteira! Só o excesso de pudor motiva sua moral. Ela proíbe qualquer sinal que desperte a sensualidade e limita ao estritamente necessário as relações sociais entre pessoas de sexos diferentes.

Segundo a tradição hindu, a mulher é apenas vício concentrado sob o umbigo e um instrumento do diabo para tentar os homens honestos. É preciso estrangular esse vício, casando-a na puberdade. A mulher é comparada ao jogo e ao álcool.

As célebres Leis de Manu, que datam de aproximadamente 2.000 anos e governam a sociedade hindu, estipulam: "Deus atribuiu à mulher a cólera, a desonestidade, a malícia e a imoralidade... Do nascimento até a morte, ela depende de um homem: primeiro de seu pai, depois de seu marido e, após a morte deste, de seu filho... Não tem o direito de possuir bens." Atualmente, apesar da lei da sucessão hindu, de 1956, que proclama a igualdade entre filhos e filhas, estas nem sempre têm direito à herança e, submissas, raramente reclamam na justiça.

É esse o respeito hindu pelo "sexo frágil"! São oprimidas, esmagadas! Tradicionalmente, as viúvas deviam se sacrificar na pira funerária do marido; foram os bárbaros britânicos que aboliram esse costume civilizado no início do século passado.

Os hindus não se sentam ao lado de suas mulheres, mas, se só há uma cadeira, eles aí se sentam e as mulheres ficam no chão. Comem antes delas e as trancam em casa - menos entre os intocáveis, cujas mulheres gozam de uma posição mais elevada; podem sair e até mesmo fumar e beber. Se uma mulher comete uma falta - ou o que o marido considera como tal, ele bate nela. Nem ela nem seus pais podem se queixar, pois ela pertence ao marido, como se fosse uma casa ou uma bicicleta. Ele tem o direito de dispor dela como quiser e não pode ser criticado. As Leis de Manu são claras: "Um marido, mesmo bêbado, leproso, sádico ou violento, deve ser venerado como um deus."

Para um indiano, bater na mulher é mais moral, mais respeitoso que olhar diretamente nos olhos a mulher de outro. É asqueroso. Eu nunca conseguiria

aceitar essa visão indiana das mulheres. Dá vontade de vomitar. Choca-se com toda a educação ocidental, igualitária, que recebi.

Mesmo em uma grande cidade como Benares, a maior parte das mulheres "não intocáveis" não trabalha e é prisioneira de seu marido. Penso na mulher do proprietário de onde moro, na Ravindrapuri. Vive trancada em seu apartamento. Nunca a vi fazer compras. Isso é considerado normal, e nas lojas quase só vi homens e crianças, ou avós.

Certo dia, perguntei a seu irmão Sanjay, meu professor:

- Ela não sente vontade de sair?

- Não. Para quê? Tem de tudo em casa. De manhã, faz a lista das compras e, à noite, seu marido traz o que é preciso, ao voltar do trabalho. Não se incomoda que sua mulher vá ao mercado?

- Por quê?

- Pode voltar três horas depois. Pode ir ao cinema ou encontrar outros homens.

- E a confiança?

- Nunca se sabe... Por que deixa sua mulher beber e fumar? - Como proibir o que faço?

- Certo. Mas na Índia as mulheres não gostam nem de beber nem de fumar. É melhor.

Ele se esquecia dos 23% de intocáveis. As outras indianas não gostam de fumar, tanto como certamente devem detestar usar minissaia neste calor tropical. Nunca experimentaram. A pressão social é muito forte.

Penso em Ram Singh, meu outro professor. Ele também me perguntou por que sua mulher ia querer sair. Não ousei responder "Para ir ao cinema ou tomar chá". Apenas disse: "Para fazer compras."

- Ela é muito fraca para carregá-las - respondeu. - Além disso, há muitos carros na rua, é perigoso e, com essas jóias, se expõe aos ladrões. É melhor que eu faça as compras. Se há urgência e eu não estou, minha filha vai à loja de bicicleta.

- Você proíbe sua mulher de sair?

- Claro que não! Confio totalmente nela. No entanto, ela sai pouco, porque

não precisa. Já tem muito o que fazer em casa.

Sem comentários.

O casamento hindu não passa de uma cantina e um local para fazer filhos. Para o marido, sua mulher é uma cozinheira e a mãe de seus filhos. Não uma amante. As uniões são arranjadas e endógamas. O amor não os motiva e, no dia seguinte às núpcias, somente uma relação hierárquica, possessiva, liga o marido à mulher, como o patrão ao escravo. Em seguida, o amor, a paixão, a amizade podem nascer. Como entre um cachorro e seu dono.

A alusão ao cachorro vem a calhar. Na Índia, acasalam-se os seres humanos como os animais domésticos no Ocidente: segundo o pedigree, isto é, a casta. Assim como não se cruza uma vira-lata com um buldogue, uma brâmane não se une a um ferreiro. Caso contrário, nasce um bastardo, o chandal, seres que constituíram originalmente a classe dos intocáveis.

Assim, os indianos transam como os cães no Ocidente. Repito isto e não me envergonho, pois o próprio Ram Singh me respondeu que a endogamia preconizada pelo hinduísmo servia para melhorar a espécie humana, para impedir que degenerasse. Aí está a civilização contra a barbárie. "No Ocidente, as pessoas se unem porque se amam, porque gostam uma da outra. É como na selva", ele disse.

Nunca vou me esquecer de duas imagens: a Índia, um canil, e o Ocidente, uma selva. Fazer amor como um cãozinho com pedigree ou como um coiole. Hoje, na pele de Ram Munda, as duas imagens de uma humanidade bestial parecem ainda mais desagradáveis.

Na escada da passarela, a velha maluca continua a chorar. Penso na concepção hindu do mundo. Eu me pergunto se a estação de Benares não é um teatro, se a vida indiana não é uma tragicomédia. O título seria: "Misérias e esplendores da Idade Média."

Eu me vejo em plena Idade Média. Obscurantismo, bestialidade, intolerância. Mas com trens.

Penso em uma porção de coisas desagradáveis, e não é hora disso, se não quero passar a noite em claro. Lembro do artigo sobre o racismo anti-indiano na Inglaterra, publicado na revista India Today, em 15 de agosto. Ele me marcou. Conta a história de Malkanjitt Natt, imigrante em Londres

há 12 anos. Foi intimado cinco vezes pela polícia, por ter batido em sua mulher, mas declarado inocente em todas. Na última vez em que foi preso, tinha ocultado um gravador em sua roupa e registrou o comportamento racista dos policiais ingleses. Escutem:

- Sabe o que acontece em seu país? - um policial pergunta. Eles (os cães de cáqui) os levam para fora e atiram. É o que devíamos fazer.

- Eles não fazem isso - Natt disse.

- Por que não volta para seu país?... Para a Índia ou o Paquistão, ou seja lá de onde venha.

- Você não tem o direito de me mandar voltar para o meu país - responde Natt. - Por que está me batendo?

- Porque gosto.

Apesar dessa gravação, os carrascos de Natt foram punidos apenas com a suspensão de um dia de pagamento, e o correspondente da India Today, Nirupama Subramanian, disserta sobre o racismo dos bobbies ingleses. Ele protesta.

Tem razão. Razão. Razão.

Está bem.

Mas não foi por isso que o artigo me marcou. Sei muito bem que os policiais ingleses não gostam dos indianos, os policiais franceses não adoram os árabes e os policiais americanos não têm afeição pelos negros.

O artigo me chocou pelo fato de Natt ter sido detido cinco vezes por bater em sua mulher. Este é o nó da questão. Detido cinco vezes e sempre inocentado. Mas não há fumaça sem fogo. Quem sabe sua mulher retirava a queixa diante do juiz? Não sei.

Cinco vezes é muito para que não se dê atenção, e a análise do jornalista Subramanian não me satisfaz. Fico surpreso que não questione a conduta de Natt. Na Inglaterra, a moral não permite mais que se espanque a mulher. Não sou nem policial nem racista, agora sou um indiano, mas efetivamente talvez fosse melhor Natt voltar para a Índia, se quer continuar a dar surras em sua mulher. Assim deixará de ser maltratado pelos bobbies. Não é com ardis que se integrará na sociedade britânica.

É evidente que a missão dos bobbies não é violentar os estrangeiros, isso é

inadmissível, mas, na sociedade ocidental, o homem que bate em sua mulher continua a ser respeitado? Compreendo, sem com isso justificá-lo, que um policial, um honesto pai de família, sinta vontade de corrigir um canalha como Natt e lhe sugerir retornar a seu país. Se Natt quer usufruir as vantagens oferecidas pela sociedade inglesa, suas riquezas, tem de aceitar as regras e parar de bater em sua mulher, ou então arrumar sua trouxa. Tem de escolher.

Seria bom que o jornalista Subramanian não se esquecesse do principal. Fazer já uma faxina entre nós, os indianos. Denunciar nosso racismo em relação aos estrangeiros e a condição miserável de nossas mulheres. Ela incentiva o assassinato, e todos os dias a imprensa local publica o assassinato de uma jovem esposa pela família do marido. Em geral, é borrifada com gasolina e queimada viva, porque não levou um dote satisfatório. O divórcio é uma infâmia e só a morte da esposa dá uma liberdade honrosa ao marido. Raramente a polícia prende os assassinos.

Estou farto de tudo isso.

A humanidade é tão suja. Como posso dormir?

13 de novembro

Mendiguei pela manhã e fiz a sesta a tarde toda. Estava exausto. Estou melhor e sinto sede. É isso. Um desejo súbito de me embriagar. O álcool ao estilo ocidental - o uísque, o rum, a cerveja - é muito caro para mim, mas sei de uma lojinha que vende álcool sintético, perto da estação, e vou até lá por volta das 20 horas. É uma decisão importante; é a primeira vez que bebo para suportar minha metamorfose.

O bar se oculta no fundo de uma viela que dá para a avenida Raja Bazar. É uma construção retangular, sem decoração externa. Parece um galpão de fazenda com a calçada lamacenta. Mas ao lado um sujeito aperta um saquinho plástico de álcool sobre sua boca bem aberta. Um cartaz indica: "Loja do Estado de álcool nacional." Isto é, sintético. Eu entro.

Fede a vinho ruim. A adega e a vinagre. Se a intenção não é se embebedar, o melhor é ir embora.

O local mede cerca de 50 metros quadrados. As paredes lascadas estão pintadas de verde-claro; o chão cimentado está deteriorado e deixa entrever um piso mais antigo de cerâmica vermelha. Nenhum enfeite. Há sete mesas, ao comprido, de um metro e meio por meio metro e bancos onde uns caras bebem. Uma dezena deles, usando lungi ou calças esburacadas, maltrapilhos como eu. Estão sozinhos ou em grupos de dois ou três. À esquerda, há um barril de água e, à direita, a um metro do solo, atrás de uma grade, um sujeito de uns 40 anos vende os saquinhos de álcool. O preço está rabiscado em um papel preso na grade. O preço de sempre, loja do Estado. Treze rupias o saquinho de 20 centilitros de álcool branco, comum, e 15 rupias o de álcool perfumado. Nós o chamamos de "o colorido" por causa de sua cor âmbar.

Compro um saquinho do comum e peço um copo, o que me custa uma rupia a mais. Lavo o copo na torneira do barril e a água borrifava meus pés. Depois me sento à mesa. Ela é pegajosa e gruda nos dedos. A superfície do banco também, e reparo que o chão está coberto de cascas de amendoim e de papel gorduroso. Estou pouco ligando. Não vim aqui para lamber a mesa e o chão. Sobre o saquinho de álcool está impresso em hindi: "Álcool nacional comum, 25 graus, cheio em 1992-93." É isso que importa.

Na outra extremidade de meu banco, dois sujeitos de lungi bebem bastante. Um terceiro homem se junta a eles. É mais jovem, de uns 30 anos. Usa uma camiseta e uma calça branca suja de urina, duras de sujeira, como se tivessem sido engomadas. Não é um mendigo, fala com os amigos sobre o trabalho de condutor de carrinhos, dos clientes que discutiram com ele. O de sempre. Tem a tez clara, feições européias, rosto oval e cabelo castanho, raro na Índia. Ele me lembra meu amigo Roger, que conheço desde a escola primária, na praça d'Anvers, aos pés de Montmartre. É verdade, usa o mesmo penteado, curto e para trás, um pouco eriçado. Simpático. Além disso, tem conversa. O próprio malandro parisiense.

Exceto quando bebe. Aí deixa de se parecer com Roger. Rasga o saquinho com os dentes incisivos, depois abre a boca e derrama de uma vez só os 20 centilitros de aguardente. Suspende a respiração. Mergulha livre na embriaguez.

Depois joga o saquinho vazio no chão e expira aliviado, "Uau!", sacudindo a cabeça e estalando a língua. Como se acabasse de engolir uma poção infecta.

Os indianos estão sempre me surpreendendo ao beberem de um trago só. Inclusive o uísque e o rum. É apenas para se embriagarem. Eles não gostam do sabor do álcool, e alguns fecham os olhos e tampam o nariz para beber.

Esse cara não é Roger. Meu amigo bebe, mas nunca sem degustar. Bebe saboreando. Eu me pergunto se, como intocável, conseguirei fazer algum amigo, encontrar alguém simpático que possa se tornar meu irmão.

Tenho de tratar de mim mesmo. Rasgo o saquinho e encho o copo. Bebo em três vezes. O cheiro do álcool queimando persiste, esse odor repugnante que lembra o de benzina; mas esta bebida de 25 graus tem gosto de cortiça. Não sai.

Agora eu sei. Não é álcool queimando. Sim. É como o líquido que utilizamos na França para lavar os vidros dos carros. Água, um pouco de álcool e detergente. Tem o mesmo cheiro. É possível. Raja Ram me disse que os cristais no fundo do saquinho eram detergentes. Mas ignorava para que servia esse sedimento. Eu também. De qualquer modo, se quer saber o que estou bebendo, experimente o líquido de lavar vidraça.

Termino meu saquinho e saio. O anticongelante começa a me aquecer as orelhas e me sinto bem.

Na avenida Raja Bazar, tendas ambulantes preparam omeletes. O ovo frito cheira bem e, diante de cada uma delas, vários sujeitos se deliciam. Em Benares, no inverno, a noite é fresca. Isso abre o apetite e os homens gostam de sair para comer ovos. Em muitas famílias, as mulheres são vegetarianas e os produtos animais são proibidos em casa.

Nesta noite, faço a festa e compro uma omelete. Que delícia! Minha cabeça gira. Leve. A vida tem lados agradáveis. Estou feliz. Vou dormir como um anjo. No paraíso. Em casa, na estação.

14 de novembro

Nove horas da manhã. Um problema grave.

Esmolei ao longo de um trem na plataforma número três e dois cães de cáqui me detiveram. Um gordo, com um cassete, e um alto e magro com um fuzil a tiracolo.

- O que está fazendo? -, late o gordo.

O medo me deixa mudo. Ele vai pedir minha identidade. Tenho certeza. E se descobrir que sou um impostor?... Além disso, me lembro que a mendicância é proibida em 15 Estados indianos, inclusive em Uttar Pradesh. Até agora isso não tinha me preocupado. Muitos mendigos andam livremente por Benares. Sempre achei que essa lei não era aplicada. Como as contra os dotes, o privilégio de castas, a corrupção e muitas outras.

- O que está fazendo?

Paro de respirar e tenho a impressão de que a estação vai desabar na minha cabeça. Tenho de fugir. Eu me viro, como se não tivesse entendido nada, e ando. Logo o policial gordo barra meu caminho com o cassete.

- Pare. O que faz aqui?

- Eu... peço esmolas.

- O quê? (O medo me paralisa e fico mudo.) Fale!

- É um louco - suspira o cão magro.

- Ei, maluco, você tem língua? - insiste o gordo. – Então mendiga. Também brigou? Estas manchas na sua roupa são de sangue. É o seu?

Ele se refere às manchas de nitrato de prata que fiz para envelhecer o pano. Não sei como se diz "nitrato de prata" em hindi e, além disso, não posso contar a verdade. Parecem mesmo sangue seco. Preciso inventar logo alguma coisa, senão me levarão à delegacia para me interrogar:

- Não é sangue! É gordura.

- Gordura? De onde você é?

- De Ranchi.

- De onde? E seu nome?

- De Ranchi. Eu me chamo Ram Munda. Sou aborígene.

- Está bem. E por que veio mendigar em Benares?

- Vim em peregrinação e mendigo para comer.

- Veio em peregrinação? - diz o gordo com um ligeiro sorriso.

- Está certo. Pode esmolar. Vá!

Obedeço e esmolo ao longo de um vagão. Depois subo a passarela para avaliar a situação. Ainda tremo de medo. Não tenho coragem de estender meu prato.

Qual é o risco de mendigar? Não sei. Não me preocupava com isso, pois os policiais nunca reparavam em mim.

Lembro-me que em 28 de outubro, véspera de minha partida para a estação, li no jornal Patrika que o governo central decretara nova lei contra a mendicância. Ela prevê de seis meses a dois anos de prisão, com um programa de reintegração na sociedade para aqueles que mendigam. Sinto um calafrio, mesmo que seja mais uma lei sem aplicação. Como, em uma democracia, encarcerar um milhão e meio de mendigos?

Sinto um arrepio e medo de que a prisão seja para mim, se só houver uma chance em mil de cair sobre um mendigo.

Vivo na estação há mais de duas semanas e estou cheio. Cheio. Cheio. Cheio. Se, além de tudo, ainda me arrisco a ser preso como ladrão, não me resta mais nada além de esperar a morte por inanição.

Economizei umas 15 rupias. Dá para agüentar dois ou três dias. E depois? Verei.

Faço a sesta. Almoço. Faço a sesta.

Espero. Deitado na plataforma da estação. Fumo biri e deixo o tempo passar, como a água do Ganges. Nada a detém. Minha existência me faz pensar na de uma gota de água no rio. O rio e a sociedade, e sua corrente desce e sobe, acelera nas passagens estreitas e se torna mais lenta nas curvas. Sou levado contra a vontade. É inútil me debater. Nasci em uma geleira e meu destino me leva irresistivelmente ao oceano, onde me fundirei ao universo, onde serei libertado. Finalmente.

Por enquanto, uma centena de moscas gira em torno de mim. Eu me pergunto se Buda também atraía moscas há mais de 2.000 anos, quando pregava em Sarnath, pertinho, seis quilômetros ao norte, ao longo da via férrea que passa diante de mim.

As moscas da estação são carnívoras. Sugam meu suor e minha carne, mas não as afasto. Há séculos desisti de fazê-lo. Há demais no meu mundo. Enxotá-las é um esforço inútil. Viver é um esforço inútil.

Deixo as moscas me saquearem e de vez em quando acendo um biri. Mais para quebrar o ritmo que por vontade de fumar.

Sentado ao meu lado, um velho monge hindu. Veste-se com um pano cor de açafrão e abriga um ninho de piolhos no cabelo grisalho, despenteado e grudado de sujeira que emoldura seu rosto coberto de cinzas. Como o camembert. As cinzas, o ninho e a cor de açafrão constituem o uniforme desse monge. É um sadhu, um sábio, um santo, um asceta. Há muitos em Benares. A santidade da cidade os atrai aos milhares. Como as moscas sobre um monte de lixo. Penso assim, pois detesto a religião.

Teoricamente, todo hindu pode se tornar um sadhu, mas eles são recrutados quase sempre entre os brâmanes. Esses homens renunciaram à vida na sociedade, à sua casta, à sua família, aos prazeres da carne e da comida, às ambições e aos bens materiais. Alguns chegam a praticar penitências, como ficar sobre tábuas de pregos. Ignoro se elas existem realmente. Nunca vi nenhuma, e meu vizinho não carrega tal engenho com ele.

A ascese propiciaria a descoberta do objetivo da existência, se unir a Deus, ao cosmos, para ser libertado do ciclo de reencarnações. Não acredito nisso. Nem na metempsicose nem em Deus. Além do mais, a existência tem objetivo?

Meu vizinho sadhu pede um fósforo para acender seu biri. Conversamos. Ele veio em peregrinação a Benares e espera um trem para retornar a seu mosteiro, em Bihar. Nós dois somos de Bihar. Ele do Norte e eu do Sul. O que faz com que esse santo e eu, um intocável, tenhamos algo em comum. Ele me pergunta com um pouco de desdém:

- Vocês, os aborígenes, veneram que deuses?
- Shiva e Durga. Temos um templo para cada um em nossa aldeia.
- Muito bem.

Passei na prova de catecismo e ele começa a falar sobre o custo de vida em Benares, mais alto que em Bihar. Esse tipo de preocupação em um monge me surpreende. Depois ele comprou um chá e, meia hora mais tarde, duas maçãs. Tem dinheiro e fuma um biri atrás do outro. Se continuar assim, vai acabar com meus fósforos. Podia pelo menos me oferecer um chá ou um biri. Não, com ele sou obrigado a papear sem me sensibilizar.

Cretino! Avarento! Egoísta!

O hinduísmo torna a pessoa egoísta. É uma religião cruel, discriminadora e egocêntrica. Define os deveres de cada um diante de Deus, estabelece uma espécie de contrato pessoal de casta com uma pretensa ordem universal que ignora as relações com o próximo. Preconiza o desapego na ação e exacerba o individualismo. "Nada de agradar aos outros, e não importa o resultado de meus atos, contanto que eu cumpra meu dever. Faço o melhor possível, mas sem um esforço especial. O que tiver de acontecer acontecerá. Não posso evitar. Cada um por si e Deus por todos. Rama é nossa salvação!" Sei de tudo isso, mas esse primeiro encontro com um sadhu continua a me surpreender. Esperava encontrar nele um pouco de sabedoria, de fraternidade.

Eu era ingênuo. Ainda sou. Pensava em Gandhi.

O hinduísmo é uma fé centrada no ego, enquanto o cristianismo, religião revelada por um messias e mais moderna, é voltada para o próximo, para o homem na sociedade. A comiseração de Gandhi talvez traisse seu lado cristão, sua educação ocidental. Ao contrário dos santos cristãos, os sadhu não têm a missão de servir ao outro. Vivem fora do mundo, voltados para si mesmos, no interior de comunidades monásticas, e procuram salvar somente sua própria existência.

Fica a sabedoria, adquirida graças à ascese... Meu sadhu fala do custo de vida e compra frutas e chá. Santo pai! Em janeiro passado, em uma transmissão religiosa da BBC International, um pregador contou a história de um sadhu. Nunca me esqueci:

"Ramesh quer se tornar asceta e alcançar a redenção. Seu guru lhe diz que se retire para o Himalaia, só levando um único pedaço de pano para se vestir. Ramesh obedece, mas logo descobre o desconforto de ficar nu esperando que o pano seque depois que o lavou. Decide arranjar outro para ficar de reserva. A partir de então, vive confortavelmente, exceto que os ratos roem o pano que não está vestindo. Ele reflete e encontra uma solução...

O tempo passou e um dia o guru cruza com Ramesh descendo a montanha. O guru pergunta:

- Aonde vai?

- Trabalhar. Tenho problemas com minha vida de sadhu.
 - Como? Você trabalha?
 - Sim. Tenho uma mulher. Devo alimentá-la.
 - Está com uma mulher! - diz, intrigado, o guru, pois a vida de Ramesh não tem nada a ver com a de um asceta.
 - Sim. Para ordenhar minha vaca.
 - Também tem uma vaca! Afinal, que vida você leva?
 - Tenho uma vaca para dar leite para o gato.
 - E tem um gato!
 - Para pegar os ratos que roem meu pano de reserva... Este pano é porque...
- De repente, Ramesh compreende seu erro. O guru tinha razão. Ramesh devia se satisfazer com um só pano para conseguir se libertar dos vínculos com a terra."

Esta história me confunde. Meu vizinho sadhu é Ramesh, mas eu também sou Ramesh. Sei que devo renunciar a todas as ambições e desejos, se não quero mais sofrer, e sei que não quero viver na pele de um mendigo, muito menos com um pano apenas.

O que fazer?

Por enquanto, esperar. Como um legume. A chuva ou o sol. O dia e a noite. É duro.

15 de novembro

Não ousa mais mendigar na estação. Acabou.

Decidi voltar para casa. Voltarei a ter minha cor, anotarei tudo que vivi, descansarei por uns dois dias e me recomporei com umas boas refeições preparadas por minha mulher. Apalpando meu abdome, sinto as costelas; devo ter emagrecido vários quilos, o que talvez explique minha fraqueza física e moral.

Depois, sairei de novo. Tentarei esmolar à beira do Ganges, no ghat Dashashvamedh, com todos os outros mendigos.

Ando o dia todo em torno da estação. Espero a noite e, por volta das 22 horas, volto a pé para casa. Não quero que nenhum vizinho me veja.

Minha mulher fica muito feliz em me ver. Eu a abraço e beijo durante cinco minutos, depois tomo um banho. Enquanto isso ela me prepara um jantar. Eu me sirvo de Pepsi gelada. E é genial.

Falo mais da Pepsi que dos beijos de Gloire, pois esta bebida me deixa pasmo. Que luxo!

É formidável. Esqueci que existia algo tão refrescante. Um líquido fresco, doce e ácido, cheio de bolhas. Bolhas. Sim. Que estalam na minha boca e excitam as papilas de minha língua, como se tocassem uma sinfonia gustativa. Tal fausto me causa estupefação e a Pepsi parece ser Dom Pérignon.

Eu me pergunto se há muitas coisas similares que redescobrirei quando deixar de ser um mendigo intocável.

Não devo pensar nisso. Esta volta é provisória e me lembro de que a sociedade me considera um sub-homem há 20 dias, desde que encarno Ram Munda.

Sou um sub-homem?

18 de novembro

Ainda não tomei a sair.

Estou farto. Basta. Cansei de bancar o intocável e adio minha partida. Mas esta noite me obrigarei a partir. Prometo.

Anteontem, ao chegar em casa, sentia-me tão cansado que dormi a manhã toda. Eu me levantei para comer a metade do frango que Gloire tinha preparado e voltei a me deitar com ela. Quero deixar claro que não é nenhuma façanha se demorar na cama com a mulher depois de 18 dias de separação, nem devorar metade de um frango indiano, pois são tão magros, tão fraquinhos, que temos a impressão de que estão mortos de fome.

No final da tarde, comecei a recapitular, por escrito, estas primeiras semanas de Ram Munda e folhee os jornais. No Patrika de 29 de outubro, me deparei com um artigo espantoso. Preeti Singh, seu autor, relaciona o estupro ao sistema de castas, e tenho a impressão de voltar ao século passado, no Sul

dos Estados Unidos. Negro igual a intocável, branco igual a casta superior. O artigo:

“As vítimas de estupro pertencem geralmente às classes intocáveis ou aos sem-terra, e os estupradores são homens ricos ou proprietários de terra... No campo, a sociologia do estupro se fundamenta no sistema secular das castas. Este crime não é somente uma afirmação do poder feudal decadente (das castas superiores), mas também uma chamada (aos oprimidos) avisando que a revolta é proibida. Em Bihar, os exércitos privados dos proprietários responderam às sublevações dos intocáveis e dos sem-terra estuprando suas mulheres. Não atacaram os homens. Primeiro, é mais fácil humilhar uma mulher. Segundo, estuprando as mulheres, atingem os intocáveis onde machuca mais. Terceiro, 45 anos depois da partida dos britânicos, o estupro serve de ferramenta para governar a zona rural...

A sociedade indiana se preocupa com este problema?... Um oficial da polícia assinalou negligentemente que nenhuma mulher morre de estupro e que este fenômeno existe desde que o homem e a mulher vivem na Terra. Esta indiferença representa a opinião de vários compatriotas que acham o estupro um ato indesejável, mas inevitável... ”

Repugnante! Não é a primeira vez que leio essas informações sobre as condições de vida dos intocáveis no campo. São ainda mais infames que nas cidades, pois são mais tradicionais. Para testemunhar isso é preciso ir para o campo. Infelizmente é impossível. Preciso do anonimato propiciado pelas cidades grandes para realizar minha metamorfose. Em uma aldeia, não conseguiria me misturar à massa, ser um indiano comum; logo reparariam em mim.

Bem, foi assim que passei a segunda-feira.

Em compensação, ontem e hoje acordei ao amanhecer para tingir minha pele. Tomei dois metoxipsoralenos e me bronzeei durante a manhã toda, na varanda. Também untei o corpo com duas camadas de nitrato de prata. Tudo bem, estou caramelo. Não usei a tintura de cabelo na pele, pois não preciso escurecer demais para ser intocável. Além disso, quando fico muito preto, como nos primeiros dias de minha metamorfose, minha cor logo desbota;

prefiro sair com uma tez menos densa, que se fixará melhor e será substituída pela poeira das ruas. É mais seguro. Ninguém notará se minha pele clarear.

À tarde, continuei escrevendo minha aventura e li os jornais.

Barulho e fúria. Mais uma vez.

O país está em chamas desde ontem. Recomeça a "guerra das castas", como no outono de 1990. Os estudantes das castas mais altas protestavam então contra um decreto que reservava 27% dos empregos na administração central para as "classes atrasadas". Como sempre, nas manifestações na Índia, houve um excesso de violência, lojas destruídas, ônibus incendiados, bombas e até mesmo o horror do sacrifício pelo fogo de vários estudantes. A justiça tinha suspendido a aplicação desse decreto, mas na segunda-feira a Corte Suprema aprovou sua constitucionalidade, e os estudantes das castas altas tornaram a ir para as ruas. Manifestações públicas, bombas, ônibus incendiados...

Os 27% se somam nos 22,5% já reservados aos intocáveis. A metade das colocações do funcionalismo público será bloqueada para elevar a condição das classes desfavorecidas. Os estudantes das castas superiores estão furiosos. Sentem-se prejudicados por causa de seu "nascimento superior" e consideram o sistema de percentagem antinacional, levando à contratação do pessoal menos qualificado e atrasando o desenvolvimento da Índia. Grosso modo, um candidato intocável medíocre encontraria um emprego mais facilmente que um brâmane brilhante.

Blablablá... Digo isso porque os estudantes brâmanes não precisam se preocupar, nem queimar ônibus, nem se sacrificar. Os intocáveis representam cerca de 23% da população indiana. Isso corresponde aos postos que lhes estão reservados, mas, depois de mais de 40 anos de exercício das cotas, sua representação na administração pública não passa dos 10%. Em compensação, constituem 85% dos garis e 28% dos agentes técnicos. Suas cotas nos empregos interessantes muitas vezes não lhes são atribuídas por múltiplas razões, e os agentes recrutadores, que pertencem à máfia das castas altas, não param de alegar a ausência de candidatos capacitados.

Garanto que os brâmanes e os rajaputros podem dormir tranqüilos. Esse novo decreto destinado a privilegiar as "classes atrasadas" não será sentido antes de muitos anos. Para aplicá-lo, seria preciso definir agora o que são "classes atrasadas".

Este termo define somente os shudra, castas de criados que se situam acima dos intocáveis, como os barbeiros, os pescadores, os leiteiros? Também inclui as castas dos comerciantes vaishya, como os Agraval, isto é, todos os hindus, menos os brâmanes e os rajaputros? Inclui os muçulmanos e os cristãos? O que significa "atrasada"? Econômica ou socialmente? Levará anos para que todos os indianos entrem em um acordo.

Na realidade, a fúria dos estudantes das castas altas não é motivada pelo medo de ficar sem trabalho, mas de que seu poder tradicional se desfaça. São impotentes frente ao curso progressista da História e agem como homens desesperados, como os brancos extremistas na África do Sul que recusam o fim do apartheid.

Muito bem, se se queimam vivos para se manifestarem contra nós, em vez de nos agredir, confesso que não jogarei nem um balde de água sobre eles, já que tudo em que toco é impuro. Que morram, será um alívio! Querem manter nossa cabeça dentro d'água, perpetuar a sociedade escravagista, o zoo hindu com os homens puros e os sub-homens impuros.

É preciso privilegiar as camadas desfavorecidas. Pobres, mas igualmente humilhados. As bolsas de estudo não bastarão para introduzi-los na sociedade dos homens livres e iguais. A Corte Suprema compreendeu isso. Mesmo que os empregos reservados não sejam concedidos. Mesmo que a função pública só se aplique a uma minoria. Mesmo que as cotas, paradoxalmente fundadas nas castas para mais tarde aboli-las, perpetuem essa estrutura e criem privilégios e desvantagens de nascença. Mesmo que uma verdadeira reforma agrária seja mais útil para nivelar a sociedade indiana e romper com o sistema de castas.

A decisão da Corte Suprema está na direção certa; esta semana é importante. Percebo que não são mais os brâmanes que conduzem a dança.

Por volta das 20 horas, os vizinhos estão fechados em casa para assistir

Chitrahar, um programa de televisão muito popular que apresenta os novos filmes hindi. Aproveito para reaparecer, incógnito, em Benares, com minhas roupas de Ram Munda. Saio para a Dashashvamedh e sinto o coração leve. O mundo evolui.

De fato, é uma ilusão. Eu a alimentava lendo os jornais, encerrado em meu apartamento na Ravindrapuri. Atravessando a cidade, sinto que nada mudou desde o domingo.

Na Dashashvamedh, os mendigos permanecem fiéis ao posto. Sempre dignos de pena.

Diante dos banheiros públicos, no alto do ghat, dessa longa escada de pedra que mergulha no Ganges, uns 20 leprosos estão deitados na beira da calçada, no meio de suas tralhas. Caixas, trapos, papelão, plásticos. Aí estão as casas desses homens-tronco, de rostos e membros corroídos pela doença. Mais perto do rio, outros mendigos dormem ao longo da balaustrada que acompanha o ghat. São uns 15. Leprosos e saudáveis. Homens e mulheres. Jovens e velhos. Sob cobertas, sob toldos. Estendidos pelos degraus.

Embaixo, três velhas abraçadas umas às outras. Elas se aquecem, e sei que as invejarei daqui a pouco. Está fresco e, quando se é muito pobre e só, o calor humano parece um conforto, quase um luxo. Os outros mendigos estão isolados e não parecem viver em tribo, ao contrário dos leprosos que acampam perto dos banheiros. A propósito, aqui, à margem do rio sagrado, fede mais ainda a urina. Os indianos confundem seu membro com uma mangueira, e me pergunto se todos os homens do bairro não se reúnem depois do crepúsculo para borrifar o pedestal de dois reservatórios de água suspensos na margem.

De início o fedor choca, mas eu me acostumo em alguns minutos a este cheiro tão indiano e acho que voltarei a me habituar a fazer minhas necessidades ao ar livre. Também é preciso reaprender a não se melindrar com os cachorros, cabras e vacas que saltitam no cenário e cheiram os que dormem e os que passam. Droga de cachorros. Latem e correm uns atrás dos outros. Para trepar. Até mesmo à noite, só pensam nisso. E são tão feios, magros, pelos curtos, pardos ou pretos, sarnentos, poeirentos, quase sempre

cobertos de cascas úmidas ou de feridas manchadas de sangue. Quando chega uma fêmea, três ou quatro machos vão atrás. Grunhem, mordem e se perseguem uns aos outros.

Que ambiente! Mas compreendo que meu lugar é aqui, no ghat, entre os mendigos solitários. Estendo meu oleado sobre um degrau livre, sob a luz de um grande lampadário. Nesta primeira noite à margem do Ganges é mais prudente que na penumbra.

Ao lado, há um estrado onde um brâmane abençoa os peregrinos e espero que minha proximidade não o incomode. O sacerdote está sentado feito Buda e brinca com um passante. Está sem camisa e seu cordão sagrado pende sobre o ventre imponente de quarentão bem instalado na sociedade.

Ao me perceber, diz:

- Vai dormir aí?

- Bem... sim... Senhor Pandit - gaguejo, utilizando este título respeitoso, destinado aos brâmanes.

- Não pode dormir aí.

- Por quê?

Resmungo alguma coisa que não entendo direito, mas o sentido geral, adivinho, é que não posso dormir perto de onde abençoa. Ele prossegue, autoritário:

- De onde você é?

- Do Jharkhand. Vivo na selva.

- Bem, vá se deitar em um dos estrados mais embaixo.

Ele aponta os estrados vazios onde os brâmanes professam durante o dia. Não ousa ir até lá. Sinto medo de importuná-los e sujá-los com minha presença.

- Posso dormir com eles? - disse, me referindo aos outros mendigos que estavam um pouco mais acima.

- Não sei... Você é estranho. Vá dormir em um dos estrados embaixo. Não se queixe. Lá ficará mais à vontade.

Ele tem razão. Ficarei melhor nas tábuas limpas do altar de um brâmane do que sobre a pedra dura e suja de terra dos ghat. Eu me afastarei dos outros mendigos. Mas não vim até aqui para acampar como um marajá ou um

sacerdote.

Quero voltar a ser um mendigo e intocável.

Posso recusar sua sugestão sem provocar suspeitas?

- Embaixo é perigoso, é menos iluminado...

- Eh! Na selva você tem medo do escuro? - ele zomba.

Não respondo. Ele me pôs em meu devido lugar.

- Por que veio a Benares? - pergunta.

- Para fazer uma peregrinação. Mendigo para viver. Depois irei a Allahabad e a Ayodhya.

- Está bem. Amanhã poderá mendigar na escada. A propósito, qual é sua casta?

- Sou Munda... sou aborígine.

-Azar o seu! Vá se deitar lá embaixo.

Ignoro o que ele quer dizer com "azar o seu", mas obedeço sem pedir explicações. Nunca criar caso é o meu princípio. Isso tem dado certo há três semanas e, como sou prudente, não mudarei de método.

Estendo meu oleado sobre um estrado, me deito e me cubro. Dormir.

A noite, o ghat é deserto. É mais calmo que a estação. À esquerda, os sinos do templo dedicado à Mãe Ganges param de soar por volta das 23 horas e não à uma e meia, como as odes a Krishna na estação. Tampouco se ouve o barulho de trens, buzinas de caminhões, discussões de musahar, nem o ruído dos passageiros. Além disso, uma brisa fresca sopra do rio. Na estação, o ar é sufocante. Úmido, concentrado, excessivamente aspirado pela multidão.

Dormir.

Seria perfeito se as margens lamacentas não atraíssem tantos mosquitos. Eles devoram meu rosto e me cubro com meu fular. De repente deixo de aproveitar o frescor do Ganges. Também há pulgas sobre a tábua de madeira. Elas me mordem. Devem ser deixadas pelos cachorros que se deitam nesses estrados. Cães imundos. E eles vêm me cheirar a cabeça e os dedos dos pés. As cabras e as vacas também desfilam.

Como cair no sono? Penso no garoto de 10 anos que estudava sob a luz de um lampião no mercado de legumes, no alto da escada. Ao chegar, dei uma volta por ali e percebi que a maioria dos vendedores pertence à casta

intocável dos sonhar. A imagem desse menino mergulhado nos cadernos é doce e dá esperança na elevação da condição dos intocáveis. Ela me faz perder a consciência e sonho. Sou muito rico. Moro com Raja Ram em um palácio de mármore branco. Parecido com o Taj Mahal, com um grande domo, quatro minaretes e lagos resplandecentes. Bebemos Coca com rum, caminhando no parque. O sol brilha e Raja Ram me diz como é bom Coca com rum. Em seguida, os lagos se transformam em piscinas e garotas de biquíni se banham. Elas se parecem a Madhuri Dikshit. Os seios comprimidos nos sutiãs apontam para o alto e dão a impressão de servirem de bóias para nadar. É incrível. Então, fazemos amor com todas, acho. Mas, a partir daí, não me lembro direito. Meu espírito se confunde. Mergulho na piscina. A penumbra. O escuro.

19 de novembro

Três e meia da manhã. Sou despertado por vibrações sobre meu estrado. Depois, um grito de cachorro. Ele dormia aos meus pés quando um sujeito o chutou.

Um cordão sagrado, sob a camisa desse homem. Pequeno, magro, uns 40 anos. Um brâmane, pois desembrulha uns troços de sacerdote. Incenso, potes de óleo, pedaços de coco, algumas flores de cravo-da-Índia, desfalcados opúsculos, em sânscrito, e uma bandeja de couro com um pó vermelho para aplicar sobre o rosto dos devotos, sob a forma do terceiro olho, o do conhecimento, Ele me diz: "Ei, você, de pé."

Obedeço. Vai recomeçar. Não reajo, como sempre. Como os cachorros. O sacerdote me enche o saco. A noite foi feita para dormir, mas, sobre os outros estrados, é a mesma coisa, os sacerdotes também ali se instalam.

Subo alguns degraus e me deito. O frio que precede a alvorada me gela. Os sacerdotes conversam entre si, em voz alta, como se fossem os donos do lugar, e os sinos nas proximidades soam, mas consigo cochilar durante duas horas.

Um clarão róseo ilumina o horizonte, sobre a margem oposta do Ganges. Há três semanas assisto a auroras e já não me sensibilizo com o espetáculo. Ele

somente me anuncia que o sol vai explodir dentro de meia hora e que uma onda de peregrinos e de turistas afluirá. Os mendigos despertam. Aqui, não sei a que horas começa a jornada de um mendigo. Mas não quero me atrasar nem ficar em um lugar ruim. Devem estar lembrados de que já tentei trabalhar nessa escada e fui rejeitado. Esta manhã vou conseguir esmolar aqui. E me levanto. Não posso perder tempo.

Li que os mendigos de Bombaim ou de Calcutá se agruparam em gangues. Em Benares, ainda não tomei conhecimento de tais organizações, mas não pedirei esmolas na entrada do ghat, junto com os leprosos. Insisto que meu lugar não parece ser com eles e esmolarei na escada, com os mendigos que parecem solitários. Tampouco parece ser um local ruim. Já estão ali uns 20, alinhados no lado direito. Homens, mulheres, garotos. Velhos, jovens, leprosos, doentes, sadios, brancos, morenos. Passarei despercebido.

Apóio-me no corrimão, sobre um degrau livre, no meio da escada, e nem bem coloco a coberta sobre os ombros os primeiros raios de sol despontam. Um velho bem-vestido, com a barba grisalha, para na minha frente. Abre uma tenda de cantis de plástico. Os peregrinos os utilizam para levar um pouco de água santa do Ganges.

- Quem é você? - pergunta.
- Cheguei ontem à noite.
- O que faz aqui?
- Bem... mendigo.
- Não pode ficar aí. Este local é reservado. O mendigo vai chegar. Cai fora!
- Onde posso mendigar?
- Mais em cima. Vá!
- Lá? - Aponto o alto da escada.
- Vá embora!

Depois disso voltou para seus recipientes de água santa, e fico achando que ele deve saber o que diz, já que trabalha aqui. Um pouco mais acima não deve ser tão ruim e vou para lá, evitando criar problemas.

Tudo em vão. Outro sujeito logo vem me desalojar:

- Quem é você? Saia daí! O lugar está tomado. Os mendigos vão chegar em cinco minutos. Vão expulsar você.

- Onde posso mendigar?
- Onde quiser, menos aqui. De onde você é?
- De Bihar. Do Jharkhand.

Dá de ombros e desce para o Ganges. Eu me afasto e me sento no lado da escada, diante de um pequeno templo a Rama.- Acendo um biri e estudo a situação.

O dia nasce e a cidade desperta. Os devotos começam a descer na direção do rio, mas ninguém me lança sequer uma moeda. Em compensação, do interior do templo um balde de água voa sobre minha cabeça, depois um jato de cuspe vermelho de tabaco cai a dois metros de meus pés. Parece uma mancha de sangue sobre a pedra cinza; é a primeira vez que cospem em mim. Não é nada agradável, podem ter certeza. Mas fico calado, como sempre.

Um mendigo jovem se instala contra o corrimão, no patamar que eu ocupava antes. Tem a minha idade, a pele cor de carvão de pedra, com placas de sujeira, como se tivesse sido lambuzado de graxa. O branco brilhante de seus olhos, fixados em seu rosto escuro, faz com que tenha uma expressão inquietante. Não demora e o velho que me expulsou o aconselha a ir embora. Meu colega permanece no lugar, e o velho vai embora.

Talvez eu tenha obedecido muito rápido. Devia ter ficado. Não tive coragem, mas essa parece ser a técnica para se impor ao longo da escada, quando se é novato. Resta um metro e meio de corrimão livre ao lado do jovem mendigo. Vou até lá.

Um mendigo velho, instalado três degraus mais abaixo, me manda embora. Digo que não. Ele acrescenta:

- Vão chegar cinco mendigos. Vão bater em você.
- Não se preocupe - respondo calmamente. - Vou mendigar aqui e, quando os outros chegarem, a gente se aperta. Está bem?
- Não, não está.
- Paciência!

O velho não se mexe e eu fico. Tenho razão, pois, cinco minutos depois, chega apenas uma mendiga.

Exige meu lugar, dando a entender que é dela. Eu me afasto um pouco e ela se senta resmungando. Não dou importância. Percebi que se me deixo expulsar, nunca me integrarei.

A mendiga tem uns 60 anos e a tez caramelo. É elegante para uma mendiga. Veste um sari de algodão barato, mas limpo e sem estar rasgado, e usa pulseiras de metal que parecem de prata. Ela se acalmou e me pergunta quem sou. Respondo que de Bihar.

- Estranho, não fala como a gente de Bihar. Tem o sotaque da Caxemira.

- É porque vivo na selva. Temos nossa própria língua. Sou aborígine. Sou Munda.

- Munda... É muçulmano? - diz com desdém.

- Não, sou hindu. Não há Munda muçulmanos.

- Ah, bem!

- É verdade - diz o velho mendigo, no degrau de cima. – Os Munda não são muçulmanos, é uma casta hindu de varredores.

Isso significa casta de intocáveis, e não o contradigo. É perfeito. Só quero ser tomado por um mendigo intocável. O resto não me importa.

O velho que me toma por um varredor enrola uma faixa no pé esquerdo. O pé parece em perfeito estado, mas ele quer bancar o doente. Nada bobo. Estende, à vista dos passantes, o pé estropiado.

A bola vermelha do sol está a uns quatro metros acima do Ganges. Seus primeiros raios são agradáveis e tiro a cobertura dos ombros para aproveitá-los.

Somos cerca de 30 mendigos. O prato, à nossos pés. Alinhados do lado direito da escada. Não sei por que e não ousa perguntar a meus vizinhos.

Desde o nascer do dia, as pessoas descem para fazer suas abluções no Ganges, e alguns de nós ganham esmolas. Talvez um em 100. Imito os outros mendigos. Em geral, não estendemos o prato, esperamos que dêem espontaneamente. Mas um velho, no alto da escada, esmola com uma gamela, perto de cada pessoa bem arrumada que passa, à direita ou à esquerda. Esse lugar é muito bom e ele recebe mais esmolas que a média.

Dashashvamedh é a margem mais turística de Benares e dezenas de estrangeiros transitam diante de nós. Brancos e japoneses, andarilhos sujos e

grupos ricos em trajes coloniais. Pouco importa. Não dão esmolas. Ou então muito raramente, a um único de nós, uma moeda de 50 centavos ou uma rupia.

Um estrangeiro jamais me dará uma esmola.

São ricos, podiam dar uma nota de 10 a cada um de nós. O total seria de 300 rupias, ou seja, 12 dólares. Não ficariam sem dinheiro por causa disso.

E isso não é tudo. Quantos milhares de francos foram gastos para vir a Benares? Uma dezena; e, se não vissem mendigos neste cenário, ficariam decepcionados. Seria menos romântico. Então nos observam, fotografam em plano geral ou em um canto da paisagem. Depois vão embora, sem nos pagar. Ladrões de imagens! Para eles pertencemos a todos, como os templos, o Ganges, e podem nos contemplar de graça. Pulhas!

Como na estação, são os indianos que dão esmolas. Homens e mulheres de 40 a 60 anos. E quando fazem caridade dividem o que vão dar entre todos os mendigos. Não há ciúmes. Sobem ou descem a escada e jogam a esmola em cada prato. Uma moeda de 10 ou 20 centavos, ou um pouco de arroz, ou alguns amendoins, ou bolas de melaço.

O próximo!

O melaço só interessa às vacas e aos cachorros, e a mendiga chique o joga para eles, assim que a pessoa que o deu desaparece. Eu a compreendo. Está ali para ganhar um dinheiro com que viver, para sair da miséria. Além disso, experimentei as tais bolas. São pastosas, pouco doces e infectas. À noite, eu as jogarei no Ganges, junto com o arroz. Não ousa fazê-lo à luz do dia.

Mendigo assim até a metade da manhã e ganho pouco mais de duas rupias, isto é, um centavo de dólar. O justo para fazer uma refeição. A partir das nove horas, a multidão diminui no ghat. As esmolas se tornam ainda mais raras e os mendigos arrumam suas coisas.

Tenho fome e decido ver se hoje o templo de Baba Khichari distribui comida, como há três semanas, antes de visitar o templo dos intocáveis.

Não tive sorte. Nesta manhã a panela não fumeja e o cozinheiro e outro cara jogam cartas.

Este bairro é turístico; se entrar em um restaurante, só poderei comprar dois pães secos, pois o purê de lentilhas não é gratuito.

Custa de duas a três rupias. Resolvo me dirigir ao mercado das pulgas de Nai Sarak. Acho que ali há tabernas que não são caras.

Tenho de interromper a narrativa de meu almoço no cruzamento com a Godhaulia, porque me deparo com um espetáculo inacreditável.

Na quinta passada, de manhã, vi um cadáver na estação em que ninguém prestava atenção. Exceto uma vaca. Nesta quinta, 19, uma semana depois, na mesma hora encontro outro cadáver. Isso se torna um hábito na quinta-feira e digo a mim mesmo que muitos mortos se arrastam pela via pública, já que os vejo com regularidade. Hoje é mais interessante ainda. O cadáver está estendido na beira da calçada, as pernas e os braços abertos, dois colares de flores em volta do pescoço, e passantes jogam moedas e notas sobre ele. Ah, ia me esquecendo, é o cadáver de um macaco.

Um macaco! Um dos milhares dos macacos pardos de traseiro vermelho que moram nos telhados dos prédios de Benares.

Esta é a Índia. Se morro na rua, ninguém sequer me olhará, mas quando um espertinho exhibe o cadáver de um macaco, as pessoas param, fazem uma oferenda e uma oração, pois o macaco é o símbolo do deus Hanuman. O rei dos macacos é aliado de Rama. Filho do deus dos ventos, sua astúcia e força são invencíveis, voa pelos ares, é sábio, cura as doenças e é uma das divindades mais populares da Índia.

Sobre o macaco, cerca de 15 rupias. Neste país, exhibir um macaco morto é um bom trabalho.

Causa-me nojo, mas digo a mim mesmo que não devo ficar aflito. Devo conservar o bom humor. Não levar nada a sério. Prometi isso a mim mesmo, anteontem, antes de partir. Senão vou querer morrer, como na estação.

É preciso rir! Mesmo que faça mal. Lautréamont escrevia que Maldoror, aflito com a vilania dos homens, abriu a comissura dos lábios com um canivete, para esculpir um sorriso... Rir para se consolar.

Descobri uma taberna barata em Nai Sarak, a 300 metros do cruzamento com a grande igreja protestante. Sou eu que a chama assim, pois esse

estabelecimento não tem nome e, se passar por lá, encontrará à esquerda, na fachada, sob o forno de barro, ladrilhos brancos decorados com efígies dos deuses Hanuman, Shiva, Ganesh, Lakshmi, Durga e companhia. Em seu interior, um cômodo único, de quatro por quatro metros, abriga três mesas de fórmica amarela com três cadeiras em volta de cada uma. A mobília é velha, mas limpa. Ao tocá-la, sente-se que não está engordurada. Eflúvios de uma comida apetitosa emanam de uma panela sobre o fogão. As paredes, azuladas, estão mofadas, mas isso é normal e, além do mais, estou pouco ligando para o estado delas. Acho que aqui vou comer bem.

Sou o único cliente, além de um sujeito, nos fundos, que chupa os dedos após mergulhá-los em um purê de lentilhas. O dono tem uns 50 anos. Usa um lungi sujo, tem barba grisalha à Gainsburg e uma tonsura branca de velho pardal depenado. Sua voz rouca, quase muda, como se tivesse operado a garganta, lhe empresta uma aparência frágil. Quando pergunto o preço dos pãezinhos e do purê de lentilhas, quase não escuto a resposta. São 50 centavos por pão e a lentilha é gratuita. Ótimo. Peço quatro pãezinhos.

O dono cozinha e serve ao mesmo tempo. Enrola os pãezinhos, assa sobre a brasa do forno e os serve bem quentes, com a porção de purê de lentilhas.

Está excelente. É verdade que sinto muita fome, mas, assim mesmo, está delicioso. Como se tivesse trufa para perfumar o purê. Mas não tem. Não faz mal! O gosto natural das lentilhas me dá tanto prazer!

Tenho direito a mais uma colherada de purê para acabar os pãezinhos. Depois, pago duas rupias e volto a mendigar e a errar pelo ghat. Nada a assinalar.

Depois do crepúsculo, compro duas bananas para o jantar e me deito sobre um estrado, como ontem.

À tarde a mendicância rende pouco; hoje só ganhei três rupias e 20 centavos. Menos da metade de uma jornada de trabalho na estação.

Não conseguirei viver mendigando aqui.

20 de novembro

Na vida, há corrimãos nas escadas para ajudar a subir. Há rampas para

lançamento de foguetes. Há rampas para os carros descerem às garagens. Há rampas para brilhar sob as luzes do palco. Em Dashashvamedh, também há a rampa dos mendigos. Permite ao devoto exercer a caridade e aperfeiçoar seu carma.

Por isso as pessoas distribuem as oferendas entre todos os mendigos. Para dar o maior número possível de esmolas, multiplicar suas boas ações e, conseqüentemente, a chance de reencarnar melhor. Dão esmolas para beneficiar sua própria existência e não por piedade sincera, por generosidade.

Eu acho.

Quer dizer, tenho certeza.

Nós, os mendigos, gostamos de receber moedas e notas de dinheiro. Evidentemente. Mas metade dos devotos - em geral, mulheres - nos dá esmolas em alimentos. Um punhado de arroz ou amendoins... Descobri que as pessoas que oferecem alimentos vêm regularmente fazer caridade. Várias burguesas mais velhas e sem ter o que fazer distribuem entre nós dois a três quilos de arroz diariamente. Isso representa cerca de 10 rupias, isto é, uns 30 centavos por mendigo. Eu preferiria receber em espécie. Mesmo os colegas que possuem com o que cozinhar abrem um sorriso maior quando recebem o dinheiro para o arroz, do que quando recebem o arroz. Mas essas mulheres não ligam para isso. E desprezando nossos desejos, acho que reencarnam realmente melhores, por usarem todos os dias a nossa presença.

Pois elas nos usam. Aqui somos valiosos.

Esmolo como ontem, encostado no corrimão, e constato que as pessoas não nos lançam olhares de desprezo. Nem dão lições de moral. Dashashvamedh não é a estação.

Se estender meu prato ou deixá-lo a meus pés, não faz diferença; os passantes não demonstram que nós os incomodamos. Eles nos ignoram sem agressividade e uma em 100 vezes nos dão esmola. Não nos colocam no nosso devido lugar, pois já estamos nele. Pelo contrário. Hoje de manhã acabei cochilando um pouco e fui despertado pelo ruído metálico de uma moeda de 10 centavos que um devoto lançou, fazendo caridade na escada dos mendigos.

Não queria se esquecer de mim.

Aqui representamos um papel, e, como os colegas, grito "Viva Rama!" quando recebo uma esmola. É uma bênção, uma fórmula que valida o ato. O rosto do devoto sempre se ilumina ao ouvir o nome de Rama falado por 30 mendigos, um atrás do outro.

Também dizemos "Viva Rama!" quando os passantes afluem ao alto da escada. Este slogan chama a atenção para nossa função religiosa. Incita a nos darem esmolas e não me incomodo de repeti-lo. Mas não sou tão louco por Rama como certos mendigos que repetem mecanicamente "Viva Rama!", durante cinco minutos.

Cinco minutos é muito tempo e a repetição do nome de Rama parece embriagá-los. Sua histeria já não me choca, pois da manhã à noite com os dois alto-falantes instalados sobre um mastro, embaixo do ghat, e as orações nos templos vizinhos, uma cacofonia religiosa me embruteceu. Barulho dos sinos, dos búzios, a música da cítara, da percussão, vozes humanas cantando odes a Rama e à sua esposa, Sita.

A mendicância é normal em Dashashvamedh, uma atividade reconhecida, quase de utilidade pública. As tendas de suvenires vendem até moedas para que os devotos cumpram seu dever e dêem esmolas ao máximo de mendigos. Trocam uma rupia por 90 centavos em moedinhas. Os velhos comerciantes, no alto da escada, não param de interpelar os passantes: "Troquem o dinheiro, dêem aos pobres!..."

Em Dashashvamedh, mendigar não é humilhante.

21 de novembro

Sim, mendigar em Dashashvamedh não é humilhante.

Mas só ganho duas ou três rupias por dia, e isso não é o suficiente para comer e comprar biri. Graças a Deus, ontem e hoje o templo de Baba Khichari preparou a refeição gratuita. Almocei lá. A papa de arroz e lentilhas me acalmou o estômago durante o dia todo. Economizei três rupias, o que dá para comer, amanhã, no pequeno restaurante de Nai Sarak, se o khichari gratuito não for servido. Soube, por um outro mendigo, que

esse templo não recebe esmolas suficientes para alimentar os pobres todos os dias. Também ele me disse que amanhã, domingo, os sacerdotes de um templo vizinho, de Hanuman, oferecem arroz e legumes aos mendigos de Dashashvamedh. Não confio no futuro e, se não quero me preocupar, é melhor economizar.

Minha situação se resume da seguinte maneira: na estação, sou um sub-homem e como o suficiente; no ghat, sou respeitado e jejuo.

Além disso, esmolo sem me mexer e me aborreço ainda mais que na estação. Felizmente, posso trabalhar enquanto cochilo. Isso me ajuda a aguardar o crepúsculo.

O inverno chegou e a noite me liberta de meu calvário a partir das 17 horas. Ontem à noite me deitei cedo. As risadas dos que passavam me embalavam e os sinos do templo da Mãe Ganges soavam com toda força. Pouco importam todas essas energias. Quando não se tem o que fazer, nada mesmo, nunca é cedo demais para mergulhar no sono. Podem ter certeza. Esperava esse descanso desde o despontar do amanhecer.

Esperar. Esperar. Esperar. Dia. Noite. Dia. Noite.

23 de novembro

Quinto dia na escada. Mendigar em Dashashvamedh não é humilhante. Mas...

Mas a competição entre os mendigos é penosa e a atmosfera, execrável. No começo, pensava que tinha chegado em um mau momento. Mas não. Todos os dias eles se espancam por causa de lugar. Como se um mendigo a mais ou a menos afetasse seus ganhos.

Os velhos ao meu lado não param de repetir que eu não devo mendigar, que devia trabalhar. Ainda hoje a velha elegante me repete:

- Você é jovem, por que não conduz um carrinho? Deixa o lugar para nós, os velhos.

- Não tenho vontade de fazer isso. É cansativo.

- Você é preguiçoso. Trabalhe em vez de mendigar.

Aqui, não é o público que me dá lições de moral, mas meus colegas. É o

cúmulo. Não é da conta deles se sou preguiçoso. E se os devotos me dão esmolas, não é problema deles.

Mas é. Isso lhes interessa, pois a moeda e o arroz que recebo não serão divididos entre eles. Eu lhes tiro o pão da boca.

Eu os acho repugnantes. Somos tão miseráveis, tão pobres, e em lugar de nos unirmos como irmãos, desejamos a morte do outro para ficar com a parte dele. Vivemos da caridade, mas somos incapazes de ajudar, de amar o próximo. Sempre achei que a miséria aproximava os homens. Não sei onde busquei essa idéia. A verdadeira miséria torna os homens animais. Desenvolve o instinto da sobrevivência. A fraternidade e a piedade se tornam um luxo que já não se usa. Lembro-me das discussões permanentes nas favelas dos varredores da Ravindrapuri.

Não peça a um mendigo de Dashashvamedh para fazer caridade a alguém mais pobre que ele. Sua tarefa, seu papel sagrado, religioso, consiste em aceitar as esmolas. Seu dever não é dar esmolas.

Nem mesmo tolerar a presença dos concorrentes, o que seria uma generosidade. O Bhagavad-Gita, o evangelho hindu, explicita bem a conduta a seguir:

"Seu dever, mesmo que imperfeito, é preferível ao dever do outro, seja ele excepcional. Melhor é o fundamento em seu próprio dever, o dever do outro é fonte de perigo."

Não consigo aceitar essa divisão da sociedade. O Ocidente talvez seja uma selva bárbara, mas a civilização indiana transforma os homens em robôs. Em criados roídos por um egoísmo exacerbado.

Agora, é o falso doente, sentado embaixo da velha, que me dá uma lição de moral. E patati, patatá! Desde que cheguei, na semana passada, ele me importuna e ainda não respondi.

"Tire a atadura falsa e vá embora! Pedale puxando um carrinho." Depois, gostaria de acrescentar para a velha: "Você também pode trabalhar, em vez de ficar aconselhando os outros. Pode abrir uma tenda. Por que não faz isso?"

Na estação, jurei que depois que terminasse esta aventura daria esmolas a todos os mendigos que encontrasse. Pois bem, torno a engolir parte do que

cuspi. Paciência. Só darei esmolas aos mendigos jovens. Os velhos me enojam. Repetem os conselhos, as censuras, as ameaças: “Vá embora! Trabalhe! Preguiçoso!” Isso há cinco dias. É o único assunto de que falam. Não posso nem mesmo responder, pois evito discutir.

Que ambiente!

Além do mais, uma onda de frio assola Benares. Lufadas de vento varrem o ghat e eu gelo. Desde ontem, o sol mal consegue atravessar a massa de nuvens, e choveu hoje de manhã.

Durante uma ou duas horas é o bastante. Guardei minhas coisas e me abriguei sob um pórtico. Uns 10 colegas continuaram no mesmo lugar e se protegeram sob toldos de plástico. São malucos, perderam o senso da realidade, pois ninguém virá dar esmolas em um tempo como este. Aproveitei para fumar biri e admirar a paisagem. Contemplei o Ganges sob a chuva. A superfície do rio ondulava como um tecido de seda verde, que flutua ao vento, e eu me senti frágil, sensível aos menores contratemplos da existência. Gostaria de ser duro, um verdadeiro aventureiro. Não consigo. Sofro com a fome, com o tédio, com a hostilidade de meus colegas e com o frio. Eu me sinto emagrecer e muito cansado. Até mesmo coisas insignificantes, como uma suéter, me preocupam. Bem que queria uma para me aquecer, como as pessoas comuns, e não ter de me enrolar em uma coberta. Dezenas de tibetanos percorrem a rua Dashashvamedh com uma pilha de suéteres sobre os ombros, uma sobre o braço e outra presa por um cordão nos quadris, e vendem a quem passa. Não me interpelam. Não tenho cara de quem vai comprar. Mas a velha chique, que acha que lhe tiro o alimento da boca, usa uma bonita suéter rosa. Está aquecida.

Por que ela me aborrece? Sou um pobre coitado.

Estava melhor na estação. Era mais confortável e ninguém me censurava.

Enfim, não sei. Lá eu ficava refletindo se queria morrer. Aqui a morte não me preocupa. Talvez porque eu viva na defensiva.

Não existe um refúgio para Ram Munda?

24 de novembro

Meio da noite. Acabo de ser detido por um policial. Jantei em Nai Sarak, voltei tranqüilo para Dashashvamedh, quase feliz, o estômago acalmado por dois pãozinhos e uma porção de purê de lentilhas. Atravessei o cruzamento de Godhulia, e pronto!... Ali, no meio da calçada, estava um cão de cáqui que me chama com um gesto indolente. O que seria? Eu me aproximo.

Sem dizer boa-noite nem nada, vai direto ao assunto: "Que manchas são essas na sua roupa? Sangue?"

Porcaria de nitrato de prata! Parece tanto assim com sangue? Eu não sei, pois sou daltônico e as cores não são o meu forte.

- É gordura. Eu me sujei.

- E o que tem no saco? - prossegue. - Mostre.

Isso me aborrece, pois, dentro, escondi o dinheiro francês, nesses últimos dias de metamorfose. Tenta enfiar a mão no saco. Em vão. A coberta ocupa muito espaço nele e tem muita gente em volta para que eu possa esvaziá-lo. Manda que eu o acompanhe até a guarita, na esquina do cruzamento.

Obedeço. Estamos sozinhos dentro da guarita e eu tremo. Ele repara: "Está com medo? O que usa sob o lungi? Pijama, short ou cueca?"

Ele não parece um pederasta e me pergunto aonde quer chegar.

Respondo:

- Short.

- Mostre!

Levanto o lungi e aparece meu short marrom. Um short comum. Espero que não peça para baixá-lo, porque o alto de minhas coxas é branco. Este policial vai fazer um interrogatório se descobrir que sou bicolor. Ele suspira: "Tudo bem, não tem sangue. De onde você é?"

Digo a mesma coisa de sempre. Que sou de Bihar, um aborígine do Jharkhand, vindo em peregrinação a Benares. Quando? Bem, hoje. Como? De trem. Falo sem gaguejar, mas tenho medo. Ele acrescenta:

- Tem a passagem?

- Não. O fiscal ficou com ela, quando saí da estação.

- Veio em que trem?

Nisso ele não vai me pegar. Depois de 15 dias na estação, sei de cor os horários dos trens.

"Cheguei às sete horas da manhã pelo expresso de Dhanbad.

Ele me afasta e apalpa o saco. O que procura? Uma faca? Um revólver? Uma bomba? Passagens?... Não faço a menor idéia. Pareço um indiano transportando o quê? Gostaria de saber.

Fico sem saber. A inspeção no meu saco o satisfaz: não encontrou nada suspeito e me deixa ir embora.

"Vá fazer suas abluções no Ganges!"

Consegui escapar, mas esse encontro me inquietou. Impossível esquecê-lo ao dormir. Em 10 minutos, à meia-noite, ou amanhã, talvez um policial me pegue e descubra que sou um impostor. Quem sabe? Tenho medo da prisão. Medo de ser expulso. Medo dos golpes de cassetete. Medo de que toda essa aventura seja revelada, destruída, anulada.

25 de novembro

O sol voltou desde ontem. Ele nos aquece bem ao longo da escada, mas isso não muda nada. Nem a chuva nem o bom tempo refarão a humanidade.

O ambiente à minha volta continua abominável. Bela manhã à vista e um velho desdentado canta em coro com a velha chique o refrão dos mendigos: "Vá embora! Vá trabalhar!" Várias vezes. Hoje, além disso, falam dos policiais. E não gosto nada disso. Não mesmo.

- Não deve mendigar aqui... Hoje vai haver uma batida policial.

- Como sabe?

- Nós sabemos. De vez em quando há batidas e conhecemos os policiais há muito tempo. Não temos medo. Mas eles prendem todos os novatos.

- Não. Não acredito. Está dizendo isso para que eu vá embora.

- Claro. Mas, se quer, pode ficar. Não damos a mínima. Vão prender você por um ano. E só darão dois pãezinhos por dia para você comer... pequeninhos assim. - Mostra com um gesto da mão. - Não vale a pena arriscar. Se manda!

- Não é justo. - Não consigo deixar de dizer.

- O que não é justo?
- Que vocês possam mendigar.
- Você é jovem. Trabalhe!
- Tenho fome.
- Não precisa mendigar para comer. Todas as manhãs o templo de Baba Khichari oferece alimentação.
- Mentira. Há dias não preparam nada.
- Bem, um pouco mais distante, o templo Vishwanath do ghat Meer serve, sempre ao meio-dia, comida aos pobres. Tenho certeza. Não se preocupe, não vai morrer de fome em Benares. Vá embora.

Talvez seja verdade essa história de batida policial. Penso no policial de ontem à noite; não sou corajoso o suficiente para me arriscar a ser preso e me aborreço nesta escada. Estagnei, não aprendo nada de novo sobre a condição de mendigo intocável. Repito tudo e, de repente, a evidência se impõe. Devo partir.

Eu me levanto e vou embora. Em busca de um lugar para comer de graça. Estou furioso, pois os mendigos conseguiram me expulsar dali. Porcos! Tenho sorte. Nesta manhã o templo de Baba Khichari serve a refeição. Almoço. É mais seguro e não vou ao templo do ghat Meer. Depois passeio à margem do Ganges.

É bonito. Parece um cartão-postal. Devo falar um pouco desse local. Falar do Ganges que mede centenas de metros de largura e que, sob o sol inclemente, cintila como um colar de esmeraldas; dos templos barrocos e dos palácios dos marajás, de pedra vermelha, que pendem sobre ele; dos milhares de banhistas que fazem suas abluções murmurando palavras mágicas; dos homens que evacuam em um canto; dos alto-falantes que matraqueiam confusamente cânticos religiosos e músicas de filmes hindi, como se cantar Receba! Receba um beijo! exaltasse o divino; dos búfalos negros que se pavoneiam ao longo do rio nas águas lamacentas que batem à margem; das dezenas de meninos que fazem subir ao céu azul as pipas vermelhas ou verdes; dos cachorros que copulam e das cabras que se escornam nas escadas; dos macacos que saltam de árvore em árvore e a quem é preciso evitar olhar diretamente nos olhos, pois nos mostram as

presas, franzindo as sobrancelhas, e se preparam para atacar; dos pombos e dos papagaios de plumagem verde que se aninham nas seteiras dos palácios; dos abutres que giram bem alto no céu, acima de tudo isso, como se dominassem, controlassem esta cidade santa. Também é preciso falar do odor dos excrementos, dos golfinhos que saltam à vontade no rio, dos cadáveres de vacas e de búfalos que ali flutuam, dos lavadores de roupas, meus irmãos intocáveis, que as lavam neste esgoto a céu aberto e depois as estendem nas margens, compondo uma tapeçaria multicolorida. E também do vermelho, do verde, do amarelo, do branco, de todas as outras cores. É magnífico.

Sem dúvida.

Não me estenderei mais sobre isso. A paisagem não me fascina. Para mim deixou de ser um álbum de cartões-postais, tornou-se meu universo. Nem belo, nem feio, nem exótico: na minha cabeça, Benares substitui Paris.

Cresci ao pé de Montmartre. Uma das janelas se abria sobre o Sacre-Coeur, o Arco do Triunfo e a Torre Eiffel ao mesmo tempo, mas eu não reparava. Hoje, olho o Ganges sem vê-lo e me recuso a trapacear, a fomentar sonhos baratos, acrescentando a cor local, um pouco de bruma e pastel ao meu relato.

Faço uma sesta de duas ou três horas na margem protegida do sol e decido comprar um chá. Uso o que poupei. Estou farto de me privar e a partir de agora acho que vou me isolar no papel de um peregrino intocável. Chega de mendigar.

Eu me instalo em um botequim na orla do Ganges. A chaleira em ebulição exala um aroma suave de cardamomo. Adoro essa especiaria. Peço um chá, e o dono, um homem pequeno, na faixa dos 50, o serve em um pote de barro, mas não ligo. Não quero insistir em saber por que ele não me serviu em um copo, como fez com o outro cliente. Que está mais bem-vestido que eu. Usa camisa e calça limpas. Tem minha idade, talvez um pouco mais velho, a tez clara, o rosto bexigoso, o nariz adunco e cabelos untados de óleo, quase colados. Tem jeito de quem diz "merda" e "obrigado" ao mesmo tempo, uma cara de rato com diarreia e não me inspira nenhuma simpatia.

Mas talvez eu esteja enganado. Ele se vira para mim e sorri. Depois enceta uma conversa. De onde venho? Quem sou eu? Ele dirige uma farmácia perto de Godhaulia e pertence à casta dos comerciantes, como os Agravais. Ele se diz interessado nos costumes aborígenes. Quer que eu fale a respeito.

Desconfio de seu ar mexeriqueiro. Além do mais, não sou mais um mendigo e ele me trata com intimidade. Não somos camaradas e não criamos porcos juntos. Na verdade, a criação de porcos é exercida pelos intocáveis. Ele é um Agravail, e eu, um intocável. Exatamente!

"É casado?", pergunta. Respondo "sim" porque me parece mais simples.

- Sua mulher é bonita?

- Sim.

- Então há mulheres aborígenes bonitas?

- Por que não?... A minha me agrada.

- Mesmo?

- Sim.

- Tem filhos?

- Não.

Ele toma um gole do chá e, repentinamente, pergunta com os olhos cintilando: "Tropa com sua mulher?"

O que responder? Não quero criar caso e esboço um gesto evasivo com a mão para que entenda que a conversa me incomoda. Mas ele não dá importância.

- Olha, é uma sorte conhecer um aborígene. Queria perguntar uma coisa. - Ele se aproxima. - Vocês vivem como selvagens. É verdade que trocam as mulheres uns com os outros? Que trocam livremente? Um pouco como os animais? Ouvi dizer que só pensam nisso. Em trocar e beber.

- Não sei. Na nossa aldeia não é assim.

Respondi mantendo a calma e sorri ao pensar que ele realmente ignora tudo a respeito dos costumes animais, mesmo sendo farmacêutico. Ele insiste:

- Você tem muitas mulheres?

- Não.

- Gostaria de ter? Diga a verdade!

- ...Não necessariamente. E o senhor?
- Eu?... Gostaria, se a lei permitisse. E se fosse rico o bastante para mantê-las.
- Tem razão. Penso como o senhor. Exatamente assim. Nós, os Munda, somos homens iguais ao senhor.

Falei sem refletir, como expressamos uma evidência, mas Agraval faz cara feia. "Espere um pouco. Vocês não são civilizados. Vivem na selva, como animais. São sujos como os porcos, comem raízes e rãs, e suas mulheres não cobrem o torso. Vi fotos. Vocês têm menos respeito pelas mulheres que nós."

Ele se torna agressivo e tenho vontade de calar sua boca de rato. As estatísticas provam que a sociedade tribal indiana é mais igualitária, mais harmoniosa. Como nas castas intocáveis não-aborígenes, as mulheres desfrutam uma posição mais elevada. A mortalidade infantil indica uma relação entre os sexos menos desfavorável, e a participação delas na vida econômica é maior. Darei as cifras: a relação dos sexos se eleva a 98 mulheres para 100 homens nos aborígenes, 93,5 em outras castas intocáveis e 92,5 na população geral - excluindo os intocáveis. Estes números confirmam a idéia de que os bebês do sexo feminino sofrem uma discriminação, são menos alimentados e não tão bem cuidados nas castas superiores, onde as meninas custam caro, por causa do dote. Nos países desenvolvidos, as mulheres são mais numerosas que os homens. Por seus aspectos igualitários e humanos, a sociedade intocável, em que as mulheres freqüentemente exercem uma atividade profissional, aproxima-se mais de uma sociedade moderna, civilizada, no sentido do século 20, que o resto da sociedade hindu.

Não ousei falar essas verdades, pois provocaria uma discussão e ele se perguntaria como um intocável miserável como eu poderia saber dessas coisas.

Termino o chá.

- Vou embora...
- Está chateado porque critiquei os aborígenes? Mas é verdade o que eu disse, não é? Não é?

- Talvez... - Não quero irritá-lo, me levanto e pago o chá.
- Fique mais um pouco. - Volto a me sentar. - Não fique com raiva de mim.
Só repeti o que dizem. Certo? Está bem?

- Sim.

- Ouça... quando trepa, quanto tempo consegue levar? E sua mulher? Ela o chupa?

O quê?

Sei que os indianos adoram falar de sexo, mas não nos conhecemos e esse interrogatório me surpreende, vindo de um farmacêutico, de certa forma um comerciante intelectual. O sujeito se comporta como se não tivesse o menor respeito por mim, como se estivesse pouco se importando em expressar suas curiosidades íntimas na minha frente, um porco aos seus olhos de Agravall. Ele não se dá conta, mas não respeita nem a si mesmo. Revelando em público a obscenidade de sua natureza, age como um animal, sem senso de moral. Reflito e ignoro sua segunda pergunta, pois talvez depois queira saber se meu pênis tem a forma de um palito de dentes etc. Assim, nunca me livrarei dele. Escolhi responder à primeira pergunta dizendo pelo menos alguma coisa verossímil. Quero satisfazê-lo e encerrar a discussão sem confusão. Digo:

- Quarenta minutos.

- Quarenta minutos? Impossível! Se passar de cinco minutos, seu pênis começa a doer.

- Fico 40 minutos. Já vou...

Ele fica boquiaberto, e me levanto. Já tinha saído do botequim quando ele gritou com a cara preocupada: "Quarenta minutos é impossível! Não é anatômico! Está mentindo!"

Deixo-o choramingar, nunca fiz amor para ganhar uma competição contra ele e percebo que esse rato imundo deve sofrer de ejaculação precoce. Isso não me deixa feliz. Lembro-me dos artigos que li sobre a sexualidade miserável dos indianos. Impotência, frigidez, brutalidade nas relações, ausência de intimidade, casamentos de conveniência. Na verdade, como Ram Munda, não tenho desejos sexuais. Claro que é melhor viver assim. Não preciso satisfazer a onda de calor que descia de minha cabeça, pelo

menos uma vez por dia, e me importunava entre as coxas. Eu me pergunto qual o motivo de meu estado atual. Não tomo sedativo. Talvez seja o cansaço, a falta de dormir e a alimentação deficiente. Todos os dias, "purê de lentilhas e pão" ou "arroz e lentilhas"; nenhuma vitamina. Apalpando meu ventre, não sinto mais a inchação de gordura na altura do umbigo e me dou conta que devo ter emagrecido mais um ou dois quilos. Talvez mais. Sem dúvida isso sufoca minha libido.

Abandono as considerações sobre minha vida sexual e acendo um biri. O gosto é bom e o fumo andando na direção de Godhaulia. Passear. Arejar as idéias.

Não dá certo. É impossível esquecer o onipresente sistema de castas. O sol começa a descer, mas a multidão habitual da noite não ocupa Godhaulia e metade das lojas está fechada. Os estudantes das castas altas, que se opõem às cotas de empregos na administração para as classes atrasadas, decretaram a greve para hoje, e vários comerciantes, com medo de represálias, fecharam seus estabelecimentos a partir do meio-dia. Fico sabendo disso ao comprar bétele em uma barraca com as janelas entreabertas. Não me agrada constatar a força desses estudantes segregacionistas e volto para a orla do Ganges, para saborear meu pan. Esquecer a sociedade humana. A Índia nos torna misantropos.

O pan é um excelente mata-fome para os pobres. Faz salivar e entorpece o estômago. Este será meu jantar, por meia rupia. Sento-me acima de Dashashvamedh, no ghat de Raj. A escada desce de um imenso palácio de pedra vermelha até o rio esmeralda. O local é majestoso, tranqüilo e oferece uma vista panorâmica de Benares. Uma paisagem em technicolor, com palácios e templos a perder de vista, com os barcos compridos que os remadores profissionais fazem deslizar, de modo cadenciado, sobre as águas sagradas. Tenho a impressão de estar em um filme de Hollywood, na margem do Nilo, na época dos faraós.

Exatamente. O crepúsculo expulsa o dia e ao pé da escada sacerdotes preparam suas oferendas da noite à Mãe Ganges. O espetáculo me transporta para a Antiguidade. Ritos primitivos. São ridículos; tão complicados quanto

inúteis.

Resumo a cena, pois ela dura uma hora. Cinco fileiras de 20 pires de barro se alinham na orla. Estão cheios de manteiga derretida - substância purificadora, oriunda da vaca, e que não é fonte de colesterol- e um pavio é mergulhado nela. Um sacerdote, na faixa dos 30 anos, de tez clara e vestindo um pijama amarelo, os acende. É ajudado por dois garotos. É enfadonho. Ao lado, outro brâmane, 10 anos mais velho e vestido de branco, acende um candelabro cônico, constituído de uma centena de castiçais pequeninos de cobre. Os castiçais também estão cheios de manteiga derretida e ao queimarem exalam o aroma suave da cozinha normanda. Esse sacerdote segura o candelabro com a mão direita e descreve círculos luminosos na noite. Sua outra mão agita uma sineta, e perto dele um velho sopra uma concha, mas não o faz direito e só consegue extrair um som a cada duas tentativas. O candelabro dança no ar até que a manteiga seja totalmente consumida e a luz se apague. Isso leva cerca de 10 minutos, uma eternidade em se tratando de uma valsa de candelabro. Em seguida, os garotos colocam os pires acesos na água e o Ganges os leva. As luzes ondulam sobre o líquido escuro. É muito bonito. Ouço o sacerdote de branco explicar aos estrangeiros que essa cerimônia é dedicada ao Ganges. É isso. Dura uma hora, com as palavras mágicas e os gestos sagrados. Não me peçam para explicar. Não compreendi nada e não me interessa compreender.

26 de novembro

Ontem, realmente houve uma batida. Um cara que espera junto comigo, diante do templo Vishvanath, no ghat Meer, me confirmou.

Hoje de manhã, ao me afastar do Ganges, reparei que havia muito menos mendigos do que habitualmente e não vi os que trabalhavam perto de mim. Nem mesmo a velha chique e o velho que esmola no alto da escada estavam lá. Onde estão? Como eu não conhecia ninguém, não me informei e segui meu caminho para o templo de Baba Khichari. Mas hoje não serviam refeição gratuita, e então procurei o templo do ghat Meer. Fica na viela do

mesmo nome, três minutos a pé, no coração do labirinto da cidade antiga. Essa ruela mede 1,50 m de largura e desce na direção do Ganges, passando por um enorme pipal, inclinado de um lado a outro; a árvore é sagrada para os hindus - mais uma coisa sagrada! Só precisei perguntar uma vez o caminho, a um dos inúmeros comerciantes de iogurte de leite de búfala do bairro. Reconheci logo o templo por causa dos maltrapilhos sentados diante de sua fachada branca e reta, sem ornamentos. Juntei-me a eles.

O cara que me informa sobre a batida tem a minha idade, o rosto empoeirado e uma barba rala no queixo. Usa camisa e lungi verdes, em xadrez grande, rasgados. Perguntou quem eu era e respondi que Ram Munda, fazia uma peregrinação e não tinha recursos, já que tinha parado de mendigar. Ele disse:

- Fez bem, pois ontem a polícia levou uma porção de mendigos que ficavam em vários locais turísticos.

- Tem certeza?

- Sim. Hoje de manhã parece que saiu nos jornais.

- O que os policiais fazem com esses mendigos?

- Prendem por um ou dois dias em um abrigo para mendigos, depois os soltam. E eles voltam a mendigar.

Qual é o risco de mendigar? Um ano de prisão ou alguns dias no abrigo? Talvez dependa do caso, e, na minha situação, foi uma excelente idéia parar de pedir esmolas.

O sujeito a meu lado vem do centro de Uttar Pradesh, mas vagueia por esta cidade há 10 anos e parece conhecê-la na palma das mãos. É um vagabundo. Não mendiga. É cansativo demais. E humilhante.

"Além disso, não serve para nada", diz. "Em Benares, sempre se encontra um lugar que dá refeição aos pobres. Aqui ou em Godhulia, ou no albergue marvari de Assi, ou nos ghats de Assi, de Dashashvamedh e outros. Não precisa se preocupar. Não deve perder a confiança no futuro. Deus nos protege."

Eu o acho simpático e sinto vontade de fumar um biri com ele. Ofereço-lhe um. Ele fica contente. Eu também. Conta que a comida é servida por volta do meio-dia, na viela. Todos os dias, sem falta. Khichari, arroz e lentilhas.

Temos cerca de uma hora para esperar e noto um desfile de sujeitos sujos como nós, que penetram naturalmente no templo.

- Eles também vêm comer - meu camarada explica.

- Por que nós esperamos do lado de fora?

- Eles são brâmanes. Têm o direito de entrar. São cerca de 50 e são servidos na frente. Para nós, dão o que sobra.

- Verdade?

Continuo sem acreditar. Esta segregação significa que ainda hoje, nas cidades grandes, as organizações praticam abertamente o "castismo", apesar da lei. E, ainda por cima, organizações beneficentes!

- Sim - ele confirma com a voz triste e abafada. – Somos impuros demais para sermos tratados igualmente.

- Qual é sua casta?

- Não percebeu? Sou como você.

- Não é aborígine.

- Sou um filho de Deus. Sou sapateiro.

- Nunca tentou comer lá dentro, com os brâmanes?

- Claro que não. Não quero apanhar.

No templo, ressoa um sino e adivinho que a música anuncia que a comida está pronta, pois os rostos de meus companheiros são animados por sorrisos e suspiros.

- Já era hora! - digo a meu camarada. - Está com fome? - Não se anime muito, é a hora dos brâmanes. Tem onde comer? Um prato?

- Não. Não nos dão folhas?

- Não. Só para os brâmanes. Você usa o fular, como eu. Ele serve.

Sim, me alimentarei sem usar prato, nem talher, como os animais.

Quinze minutos depois, um homem vestindo camisa e calça sai do templo com um balde de lata, cheio de papa. Nós, os indigentes, nos precipitamos em volta dele e me sinto como uma ave no galinheiro, na hora da distribuição da ração. É exatamente igual. O sujeito distribui a papa e grita para que cheguemos mais perto. Dá a cada um uma porção, jogando no prato, no fular, em um velho saco plástico ou, para os mais miseráveis, na camisa, que esticam para a frente.

Pego minha parte e me afasto da confusão. Duas colheradas de papa é pouco. E está queimando, o líquido escorre pelo pano. Meu camarada diz: "Venha! Vamos comer em um local tranquilo."

Eu o sigo. Nós nos instalamos à beira do Ganges e almoçamos. A papa é infecta. Cozida demais e sem tempero. Além disso, a porção foi mínima, continuo com fome. Resolvo voltar à Dashashvamedh. Conheço uma fonte de água fresca, tão doce que parece com açúcar. É justamente do que preciso para me acalmar. Depois de um mês na pele de um indiano, saboreio as diversas águas da cidade. A água se tornou o líquido mais agradável em minha boca privada dos prazeres. O mais delicado. Como um néctar. Encherei o estômago por gulodice e farei a sesta em um canto do ghat.

Matar o tempo. Na sombra.

"Tudo bem", aprova meu camarada.

Não contava com sua presença, mas, já que se propõe a me acompanhar, por que não? Eu o chamo de camarada porque não sei seu nome. Não falamos sobre isso. É verdade que não muda nada que se chame Gopal ou Ravi. Aliás, conversamos pouco, apenas fazemos companhia um ao outro. Ser menos só, neste mundo hostil.

Fazemos uma boa sesta, fumando vez ou outra um biri, e, no final da tarde, fomos tirados do tédio por gritos vindos da delegacia, que fica sob um alpendre, no alto do ghat Dashashvamedh.

Vários curiosos se debruçam na balaustrada que se situa ao lado do posto. O espetáculo parece interessante, pois se empurram para ver melhor. Nós nos juntamos a eles sem pressa.

Uma surra, como sempre.

Na nossa frente, um policial esmurra um sujeito. Ele o chama de ladrão e de bosharivale, isto é, bicha. O ladrão é um jovem bem-vestido, com a camisa e a calça limpas. Não parece nem um vadio nem um indigente, mas o policial o surra e diz os insultos habituais. De repente o policial percebe seu cúmplice, que sai correndo pelo ghat. O policial manda que mostre sua "cara de bicha", não desce para ir atrás dele. Seguro de seu poder, apita como que chamando um cachorro, e o cachorro, curvado, sobe a escada e se junta a ele, para receber os bofetões e ser batizado com nomes divertidos.

Menos para ele.

Vou resumir. Os dois ladrões estão ajoelhados diante do malvado cão de cáqui que os espanca, e nós, os espectadores cabotinos, observamos. Pergunto ao meu camarada o que acha da cena, mas ele não tem tempo para responder. O cão de cáqui repara na presença do público. Pega o cassete e investe contra nós, gritando: "Bando de veados! Dispersem! Senão apanham!"

Todos se mandam sem pedir explicação. Sabemos que o policial está louco para nos espancar.

E nem somos criminosos. Em todos os países que visitei, os curiosos se agrupam sempre que a polícia arma barulho ou sempre que há um acidente. É normal. Sem dúvida, são movidos pela curiosidade e pelo prazer doentio de ver o sofrimento, a violência. Em geral, a polícia dispersa a multidão, dizendo: "Circulem, não há nada para ver!" O que evidentemente não é verdade, já que acontece uma porção de coisas emocionantes. Na Índia, os policiais não se atrapalham com essas mentiras educadas, latem: "Babacas! Babacas! Vão apanhar!"

Eu me pergunto o que resta de Gandhi, fora os nomes de ruas e retratos empoeirados nas escolas, nos comissariados e nos templos. Sua mensagem não está viva. Talvez porque os indianos são tão violentos, Gandhi tenha pregado a não-violência como sistema de vida e de luta. Os indianos não aceitaram esse ideal nem o desaparecimento da intocabilidade. Identificar Gandhi com a Índia gera uma imagem do avesso deste país. Meu camarada diz:

- Conheço os caras que apanharam da polícia. São filhos de Deus. Como nós. Se fossem brâmanes ou rajaputros, ele não ousaria. Canalha!

- O que se pode fazer?

- Nada. Absolutamente nada - responde. - No Estado de Haryana, um policial castrou um filho de Deus. Que sacana!... É melhor não pensar nisso, senão se perde a força para viver. Vem? Vamos para Assi?

- Não. Prefiro ficar por aqui.

- Como quiser.

E desaparece. Assim, sem insistir. Acabou nossa amizade. Fiquei só, não

queria andar dois quilômetros até Assi, não tinha vontade de nada. Sento-me em um degrau à beira do rio e penso no caso da castração. Li vários artigos sobre o caso. São de arrepiar.

Bishambar, 23 anos, e um intocável de Bhatsana, aldeia a uns 60 quilômetros de Délhi, foi castrado há um mês e meio, na delegacia local. Tinha sido acusado de roubo de cobre, no dia 7 de outubro, e ficado sob vigilância. Três dias depois, foi internado no hospital da capital, Rewari, com uma incisão de 17,5 centímetros de comprimento por 1,5 centímetro de profundidade, entre os testículos. Primeiro, Bishambar foi chicoteado na delegacia com uma câmara de ar. Depois, torturaram-no rolando um tronco sobre suas pernas. Como sua família se recusou a pagar 20.000 rupias de gratificação para sua libertação e exigiu que ele fosse levado ao juiz, Maghan Singh, o subinspetor responsável por Bishambar, com raiva lhe deu um chute nos testículos e ele desmaiou. Em seguida, os policiais, tomados pelo pânico, tentaram dissimular o erro, fazendo uma incisão em seus testículos para simular uma tentativa de suicídio, antes de levá-lo ao hospital. Os médicos refutaram imediatamente a tese da auto-castração. Explicaram que uma auto-incisão do escroto tão comprida seria impossível, pois provocaria o estado de choque imediato. Ainda assim o governo não reconheceu a responsabilidade da polícia, a não ser quando a imprensa e os políticos da casta inferior dos leiteiros tomaram conta do caso, por solidariedade a Bishambar.

Ele não poderia ter filhos com sua jovem esposa de 19 anos. Certamente alguns policiais serão punidos, mas todo mundo sabe que esse exemplo não conterà sua violência. O mal já se generalizou. Principalmente em relação aos intocáveis. Assassinatos, estupros, sodomia, torturas.

Tentem imaginar. É como na Antiguidade - um tronco rola sobre suas pernas e as esmaga. Pouco a pouco. Depois o carrasco o chicoteia e dá um corte sem o menor cuidado, usando uma lâmina, entre suas coxas. Estamos longe dos erros cometidos pela polícia ocidental, das balas perdidas.

Pela primeira vez em 14 anos, uma delegação da Anistia Internacional

viajou para a Índia. Isso vai mudar alguma coisa? O governo indiano aceitou retomar o diálogo com a organização da defesa dos direitos humanos. Ela quer investigar a tortura na Índia e as mortes ocorridas nas prisões. Bravo! Aplaudo, mas o problema dos direitos humanos não reside aí. Não será um pouco mais de democracia nem uma ética policial melhor que irá resolvê-lo. É preciso voltar à fonte. A ausência dos direitos humanos nasceu do sistema de castas, logo, do hinduísmo. Um sistema social de homens e sub-homens que envenena a Índia, sob a capa da religião, de Deus. Os ocidentais só vêem o espetáculo. Combatem o racismo e o antissemitismo no mundo, mas são indulgentes em relação ao sistema de castas, considerando-o um patrimônio cultural indiano, como o Taj Mahal. Não se escandalizam com ele, está distante, e acho que a indulgência também é fruto da admiração pela civilização dos brâmanes e da aversão que lhes inspiram os varredores e outros intocáveis, confundidos com os mendigos e leprosos, a quem só dedicam uma caridade desdenhosa. Esquecem que os próprios estrangeiros são intocáveis e que não têm nada em comum com os brâmanes ou com os rajaputros que os fascinam tanto.

Essa desculpa cultural para o "castismo" me arrepia. Desse modo, se poderia justificar o antissemitismo como parte do patrimônio europeu. Tudo pode ser justificado.

Basta!

Não tenho mais medo das palavras. O "castismo" é um sistema segregacionista, assim como o apartheid na África do Sul. Tão ignóbil e condenável quanto ele. O varredor e o leiteiro na Índia correspondem ao negro e ao mestiço na África do Sul. A marca é de nascença e fica colada na pele até a morte. Como o pigmento. Insisto: a casta é indelével. Sem esperança de ascensão social. Cada um em seu gueto, com deveres e direitos diferentes. A violência indiana tem relação com a discriminação das castas ou das religiões - o que dá no mesmo, na compartimentalização intolerante da sociedade - e os humanistas ocidentais devem condenar o hinduísmo e não este ou aquele abuso policial.

Na Índia, a expressão "direitos humanos" não tem sentido. É um conceito moral fundado no respeito mútuo entre os cidadãos, um conceito igualitário,

impossível de inserir na sociedade hierárquica hindu.

Minha vida de intocável é muito penosa. Podia estar instalado confortavelmente na França. Viver em um apartamento, ter um carro, comer carne e frutas, beber vinho, tomar banho quente. Podia ter isso todos os dias. Mas a orla do Ganges se tornou minha casa; a papa de arroz e lentilhas, minha dieta, e sou tratado como um cachorro. Esta existência não me satisfaz. Pensando bem, acho que não consegui me sentir 100% indiano. Esta vida continua a ser um sofrimento insuportável para mim. Mas o indiano comum a considera aceitável. Ao contrário, eu me pergunto se vale a pena viver uma vida assim.

Não me sinto um cidadão da Índia e não sei se os próprios indianos se definem em termos de cidadania, de nacionalidade. Ainda não percebi isso. Pertencem ou a uma casta ou a uma religião, ou a uma região; talvez isso seja a "indianidade". Na China, eu me considerava um cidadão da República Popular da China. Na Índia, é normal que um indiano não se veja como um membro da União indiana. Eu me sinto um intocável. Não sei se indiano. Mas intocável, sim. Experimento as mesmas frustrações e humilhações de Raja Ram, o varredor dom. Sinto a intocabilidade na pele. E mesmo que volte a ser Marc Boulet, sei que permanecerei um intocável, na medida em que for um estrangeiro. Não poderei esquecer esta metamorfose, nem como os indianos consideram os seres impuros.

Eu me entedio na beira do Ganges e meu desespero é extremo. O círculo parece que se fechou. Não posso mais mendigar e não tenho mais nada a fazer. A não ser contar as ondas na superfície do rio e observar os policiais surrarem um intocável. Acho que devo ir pra casa. Verei minha mulher, refletirei melhor sobre esta experiência, retocarei a tintura da pele e, amanhã à noite, voltarei com novas idéias.

Sim, e uma boa idéia. Farei isso.

27 de novembro

Em casa.

Bronzeamento, tintura de nitrato de prata e leitura dos jornais que saíram durante minha ausência.

Todos os dias, manchetes sobre Ayodhya.

Ayodhya é uma povoação em Uttar Pradesh, a 200 quilômetros de Benares. Onde o deus Ram nasceu. Em 1528, no local de seu nascimento, os invasores muçulmanos teriam construído uma mesquita depois de destruírem um templo hindu. Este é o ponto de partida do caso da mesquita Babri. Ela fascina a Índia toda. Em 1990, foi a causa de sublevações violentas e da queda do primeiro-ministro. Já vou avisando, é um caso muito confuso.

Sob os britânicos, a mesquita Babri já tinha sido reivindicada pelos hindus; depois da Independência, na noite de 22 para 23 de dezembro de 1949, as imagens de Rama e de seus apóstolos ali apareceram "milagrosamente". Ela foi fechada imediatamente para evitar conflitos entre os muçulmanos e os hindus, mas, em 1986, um juiz ordenou sua reabertura, para que os hindus pudessem venerar seus ídolos. Desde então os hindus só pensam em demoli-la para instalar as estatuetas de seus ídolos em um templo gigantesco de Rama, digno de seu local de nascimento. Os muçulmanos se opõem violentamente ao sacrilégio e constituíram um comitê de proteção da mesquita Babri. A Terra tem 510 milhões de quilômetros quadrados, mas o local de nascimento de Rama, por uma inoportuna coincidência, corresponde aos 300 m² ocupados pela sala de oração dessa pequena mesquita. Segundo o alto clero hindu, a construção do templo de Rama ao lado da mesquita é inconcebível, pois os ídolos não podem ser deslocados nem um milímetro de onde Rama tomou sua forma humana. Se não tivesse abalado tanto a Índia no outono de 1990, esse delírio de brâhmines me faria rir, pois Rama é um personagem mítico, que teve um nascimento mítico, supostamente ocorrido 3.000 anos antes de nossa era e, talvez, no território atual de Ayodhya. Talvez... Mas o futuro da mesquita Babri se tornou uma questão nacional mais importante que a edificação econômica do país. O

BJP, partido hinduísta de extrema direita, inclui em seu programa político a construção do templo de Rama. Seu progresso nas últimas eleições gerais, em 1991, demonstra até onde vai o interesse dos indianos.

Em uma primeira fase, os extremistas hindus decidiram nivelar o terreno em volta da mesquita e lançar os alicerces externos do futuro templo de Rama, cuja estrutura gigantesca ultrapassará o local da mesquita. Várias vezes começaram as obras, mas a justiça sempre as interrompeu, para proteger a mesquita e acalmar o antagonismo hindu-muçulmano.

A próxima investida está prevista para 6 de dezembro, daqui a uma semana, e desta vez as organizações hindus prometem ir até o fim. "Nenhuma força humana poderá nos deter", repetem os líderes. "A justiça dos homens deve obedecer à vontade de Deus, e não o contrário."

A situação política está muito tensa, pois essas organizações são mantidas pelo BJP, que dirige o governo local de Uttar Pradesh, logo, a polícia. O poder federal em Délhi - nas mãos do moderado Partido do Congresso - ameaça destituí-lo se não respeitar a lei e a Constituição em Ayodhya, em 6 de dezembro. Deve jurar à Corte Suprema que proibirá as obras de construção se os simpatizantes não renunciarem por livre e espontânea vontade.

Os jornais de ontem e de hoje falam de uma situação de guerra civil em Ayodhya, com o envio de 10.000 policiais federais, do tipo CRS (Companhia Republicana de Segurança), prontos para intervir, se o governo local não cumprir seu dever. Há o risco de uma grave crise constitucional e sublevações sangrentas ocorrerem neste fim de semana, por causa de Rama. Eu tenho seu nome e de repente penso que seria bom conhecer o local de seu nascimento em Ayodhya, como intocável, de sentir o sistema de castas nessa cidade santa, tão controlada pelos brâmanes como há 30 ou 40 anos. Meu professor de hindi, Ram Singh, contou que, quando ia visitar sua tia, o alho e a cebola, a carne e o álcool eram proibidos na cidade. Eu poderia me misturar com os milhares de fanáticos que acorrem dos quatro cantos da Índia, para edificar o templo de Rama. Cinquenta mil voluntários diferentes participarão, todos os dias, desse canteiro de obras sagrado, segundo a previsão dos organizadores.

Sim, será um canteiro sagrado. Minha mulher sugere que eu leve um frasco opaco de nitrato de prata para corrigir a tintura, se for necessário, e também roupas decentes de reserva, para o caso de estourarem sublevações durante minha estada em Ayodhya. Quando cheguei na Índia, comprei uma calça e uma camisa amarelo-esverdeada, ao gosto indiano. Enroladas em duas pequenas bolas, não ocuparão muito espaço no saco. Eu as vestirei se houver muito tumulto. Tenho mais chances de me salvar se estiver bem-vestido.

Pelo menos é o que Gloire pensa. Por causa das notícias nos jornais, ela teme por mim e, confesso, ela tem razão. Mas é estranho, eu não me preocupo tanto. A idéia de me mexer me excita.

Está decidido. Sairei de casa no meio da noite. Voltarei a pé a Dashashvamedh e dormirei sobre um estrado. Amanhã me informarei sobre os trens para Ayodhya e partirei.

28 de novembro

Hoje de manhã, o templo de Baba Khichari prepara a tradicional papa de arroz e lentilhas do sábado. Como e depois vou para a estação.

O expresso Calcutá-Jammu Tawi (na Caxemira) passa por Ayodhya durante seu trajeto de 2.000 quilômetros. Para em Benares às duas horas da manhã e chega por volta das cinco horas em Ayodhya. Para mim é perfeito, pois não gosto de desembarcar à noite em cidades que não conheço e prefiro esperar tranquilamente o trem em Benares.

Volto à Dashashvamedh. Ando à toa e durmo na orla do Ganges até às 23 horas. Nada de especial. Exceto que à noite uma orquestra de música popular instala seu palanque no meio da rua Dashashvamedh. Um pavilhão de tubos fluorescentes e lâmpadas verdes. É muito bonito e 200 curiosos escutam os oito músicos que nunca param para afinar seus instrumentos.

Chego na estação por volta da meia-noite e meia e compro a passagem para Ayodhya. Isso me toma uma meia hora, pois uns caras bem-vestidos duplicam, sem parar, a fila de umas 10 pessoas. Eles se conduzem como os ricos, como membros das castas altas, e não fazem fila, que é reservada

aos pobres. Sem dúvida esses fura-filas se acham superiores demais para esperar conosco. Na minha frente, um muçulmano com um pijama sujo de gordura, um barrete branco na cabeça e cavanhaque ousa protestar. Em vão. O bilheteiro atende o ricaço, que nos diz, como se estivéssemos exagerando: "Não se preocupem, estou comprando só uma passagem, depois será a vez de vocês!"

O muçulmano não insiste. Nós, os pobres, conhecemos nossos direitos: ficar na fila em silêncio. Caso contrário, poderia desencadear uma discussão, talvez um tumulto, e se um cão de cáqui aparece, apoiará o ricaço, que encontrará uma desculpa para sua própria atitude. Nós não teremos razão. É melhor deixar pra lá. Tento me convencer disso, pois bem que gostaria de fazê-los engolir esses anéis de ouro que exibem em seus dedos gordos.

Mas, abaixo a cabeça e com a passagem no bolso, vou para a plataforma número três. Eu me deito e espero o trem. A velha louca, que levou chutes no rosto há duas semanas, está agachada aos pés da escada da passarela. Diz coisas incompreensíveis e usa os mesmos trapos. Não mudou nada. Faz mais de um mês que me transformei em indiano, mas parece um ano e a presença da velha me dá a impressão de que este mundo é imutável, eterno, como se nada mais me surpreendesse, como se ele constituísse meu universo. Sinto-me em meu lugar e não me imagino no dos estrangeiros. Tento pensar em minha família, na França e na China. São estrangeiros, eu sei, vivem na Europa, além do Himalaia, e em minha memória não passam de seres virtuais, um pouco como os heróis romanos. Não os esqueci e meu amor não diminuiu, eu acho, mas seus personagens não se encaixam no cenário indiano. Sinto-me a anos-luz deles, totalmente separado, como se tivessem se tornado extraterrestres. Tento recordar, fazer uma imagem precisa de minha mãe e de meu pai e não consigo.

É assustador.

Neste momento devem estar passando o fim de semana no campo. Levam uma vida de ricos e são meus pais. Adormeço com essa verdade em mente e desperto às duas horas. Os alto-falantes da estação anunciam que meu trem está com uma hora de atraso.

Zut!

O atraso é comum e não tenho nenhum encontro marcado em Ayodhya, mas a demora significa que o começo de minha aventura será adiado. Isso me enerva. A viagem sempre sugere uma nova vida esperando em outro lugar, isso me excita, e a partida é o momento de que mais gosto.

Quando meu trem entra na estação, por volta das três horas, centenas de passageiros embarcam aos empurrões. Uma explosão brusca de energia em plena noite. O expresso está abarrotado e ninguém quer ser deixado para trás. Militares, com seus baús, descem do vagão à minha frente, e em sentido contrário, várias pessoas avançam para entrar. Sou uma delas, pois preciso pegar esse trem de qualquer maneira. E todos se empurram, se empurram. Na China aprendi que, no tumulto, quando começam os empurrões, não se deve hesitar em reagir. Deve-se utilizar a multidão para voar, ser levado pelo ar, por cima, e não ser esmagado sob essa massa humana. Finalmente, fui empurrado para dentro do vagão.

Já é alguma coisa.

Logo perco as ilusões. Os bancos estão todos ocupados além de sua capacidade. Há pessoas empoleiradas nos bagageiros suspensos e cada metro quadrado do chão está ocupado por bagagens e outras pessoas. A maioria é militar. Consigo me equilibrar sobre o pé direito, sem espaço onde apoiar o esquerdo. Não sei como vou agüentar as três horas do trajeto sobre um pé.

Eu me preocupo, não me queixo. Já foi uma sorte ter-conseguido entrar no trem. Vários passageiros continuam tentando. Um civil, alto e forte, de pé na minha frente, me diz com um olhar hostil: "Quem é você? O que faz aqui? VOCÊ!"

Insiste no "você", em tom de desprezo, e vejo que os passageiros deste compartimento ou vestem uniformes ou camisas e calças limpas. Sou o único de lungi. O grandalhão repete a pergunta e respondo, hesitante:

- Vou a Ayodhya...

- E o que tenho a ver com isso? Você não é militar. Este vagão é reservado aos militares. Desça!

Os outros passageiros me fuzilam com o olhar e saio sem fazer perguntas,

saltando por cima das cabeças e valises. Receio que o trem dê a partida. Corro sem pensar em mais nada, afobado como se estivesse com cólica. De sandálias de dedo e lungi não é nada fácil. Ufa! A porta do vagão seguinte está aberta e pulo para dentro.

Consegui.

Tem muita gente, mas menos que no vagão dos militares. Os vagões indianos de segunda classe são divididos em compartimentos não isolados do corredor por uma porta e oferecem uma visão do conjunto quando neles penetramos. Nenhuma privacidade durante milhares de quilômetros. Este vagão também cheira menos a homem, a pés, a suor. As pessoas viajam em pé, empoleiradas nos bagageiros ou sentadas no chão, mas posso me apoiar nos dois pés e circular pelo corredor. Parece ter menos gente nos fundos e me dirijo para lá. Percebo por que esse compartimento fica mais vazio. Serve de "casa" a cinco cães de cáqui.

Dois deles estão deitados sobre dois bancos, espaço supostamente destinado a três passageiros e em que se apertam cinco ou seis nos outros compartimentos. Dois outros cães espojam-se nos bagageiros, e outro coloca o tronco e os pés sobre os dois banquinhos no corredor, com um fuzil entre as pernas. Com as mãos sobre o cano, faz um apoio para a cabeça e ronca como seus colegas. Ninguém ousa incomodá-los e não vou ser eu quem lhes explicará que um lugar não é um leito, tem de ser dividido. Não quero levar uma coronhada e me instalo no compartimento anterior. Sou o 22º ocupante. Não tem mais lugar para uma valise, nem no bagageiro nem no chão. Sento-me no corredor, no chão imundo. A quina de um banco machuca minhas omoplatas a cada solavanco do trem.

Não é o TGV. O trem dança sobre os trilhos, ao máximo de 60 por hora, como se fosse descarrilar. Esta sensação talvez seja reforçada por eu estar no chão, e o esforço de minhas costas me faz pensar em um exercício de faquir. Não posso me deslocar nem mexer as pernas e o tronco. Imagino o sofrimento dos animais nos vagões de carga e digo a mim mesmo que só tenho de suportar três horas e que é melhor descontrair. Acendo um biri e observo os outros passageiros, casais e homens sozinhos, de camisa e calça e com traje indiano, alguns muito limpos e outros muito sujos, uma

reconstituição microscópica da Índia. Os homens discutem sobre Ayodhya e fico sabendo que o governo de Uttar Pradesh ainda não foi destituído. Ontem o governo desse estado afirmou à Corte Suprema que as obras de construção dos extremistas hindus seriam apenas simbólicas e que a lei e a Constituição seriam respeitadas. Os viajantes se perguntam qual o sentido da expressão "construção simbólica". Alguns acreditam que se trata de um artifício para ganhar tempo, outros, um compromisso, quem sabe até mesmo uma traição dos fiéis de Ram, para manter o BJP no poder. Resolvo sondar o terreno antes do amanhecer. Julgarei por mim mesmo.

Um rapaz de cerca de 25 anos, acorado atrás de mim, fala comigo. Tem a tez pálida e usa uma túnica creme, suja, cujos buracos denunciam sua pobreza. Viaja com um amigo, que está sentado no banco à minha frente, um pouco mais velho e com a túnica menos esburacada. Vão a Lucknow. Nós nos tratamos por "você", mas de modo fraternal, e não demonstram desprezo pelo aborígine que sou. No entanto, o jovem comenta: "Você parece ser do Rajastão. Não fala como a gente de Bihar... Sei porque acabamos de vir de Dhanbad."

Dhanbad é uma cidade de Bihar, na fronteira com o Jharkhand, e sinto medo que ele descubra minha impostura. Respondo, esperando convencê-lo: "Sou um Munda. Vivo no coração do Jharkhand, na selva, em Bandgav. Temos nossa própria língua, você não a compreenderia."

Ele balança a cabeça da direita para a esquerda, parece convencido e me espanta como os indianos arianos ignoram tudo a respeito dos aborígenes, mesmo quando vivem perto deles.

- Vocês, os aborígenes - pergunta o amigo, com um sorriso -, querem se separar de Bihar e fazer do Jharkhand um Estado, não é?

- Isso é problema dos políticos.

- Diga a verdade. Tem vontade de ser independente?... o que ganharão formando um Estado? Acha que serão mais felizes?

- Não sei. A política não me interessa.

Prefiro calar minha opinião sobre a independência do Jharkhand, não quero provocá-lo. Na semana passada, os movimentos separatistas organizaram mais uma vez 48 horas de greve geral no Jharkhand, e, como eles, acho que

os aborígenes são explorados e não desfrutam as extraordinárias riquezas geradas pelas minas de sua terra. Elas beneficiam os arianos, equilibram as finanças de Bihar e da Índia, sem compensação para os locais. Estes são abandonados em sua miséria, ao lado das minas. Pelo menos foi o que li nos jornais. Mas tenho dúvidas se o Jharkhand independente nas mãos de políticos suspeitos bastasse para modificar a condição econômica dos aborígenes.

Os dois amigos insistem em que o separatismo não nos levará a nada e concordo indiferente, esperando que entendam que o assunto me parece maçante.

- Aonde vai? - pergunta o jovem.

- A Ayodhya.

- É voluntário para a construção do templo?

- Não, sou um peregrino. Mas, se puder participar, por que não? - acrescento sem refletir. - Passei uma semana em Benares, e depois de Ayodhya vou visitar Allahabad.

- E depois?

- Não sei... volto para casa - disse, sem saber o que responder.

- Precisa ir a Mathura. E a Délhi. Vai se divertir. E é muito bonito. Tem prédios altos. Precisa só ver!

Lembro que há quatro meses, quando cheguei da França, minha impressão foi de uma cidade decrépita. Respondo: "Não tenho dinheiro suficiente para ir até Délhi, vou ter de voltar."

Ele dá uma gargalhada e depois sussurra:

- Não precisa se preocupar com o dinheiro. Em Ayodhya, há templos que oferecem comida aos pobres, e no trem pode viajar sem passagem. Se um fiscal pegar você e o detiver, passará só dois ou três dias na prisão e depois será solto. Grande coisa!

- É mesmo?

- Sim. É preciso ver Délhi, nem que seja uma vez na vida.

Não insisto. Talvez tenha razão em relação aos fiscais, pois, ao chegar em Ayodhya, às 6:10, o vagão não tinha sido verificado. Lembro que os musahar da estação de Benares viajavam de graça. Ocorre-me a idéia de, na

volta, não comprar a passagem.

O sol ainda não se ergueu no horizonte e resolvo fumar alguns biri, no átrio da estação. Não quero ficar andando por Ayodhya à noite, pode ser perigoso. Centenas de policiais acampam ao longo da via férrea e sua presença indica que a cidade está tensa.

Por volta das sete horas, uma luz suave atravessa a bruma azulada e saio da estação. Domos de templos e palácios surgem a perder de vista, entre as palmeiras. É esplêndido, mas não vim me deliciar com a paisagem. Interessam-me os policiais que tomaram as ruas. Um formigueiro cáqui. A presença da polícia se intensifica na medida em que me aproximo da mesquita Babri. Não me sinto à vontade.

Tive de perguntar três vezes qual era o caminho, pois as pessoas respondiam de má vontade, com grosseria - como se responde a alguém asqueroso de quem se quer ver livre. Depois de caminhar por uma hora, uma larga avenida de chão batido me conduz, atravessando terras desocupadas, à mesquita Babri. O local de nascimento de Rama.

O local não é bonito. Lembra o Muro de Berlim há 10 anos. Sem os cachorros. Centenas e centenas de policiais montam guarda e uma sebe desagradável de tubos metálicos e arame cerca o outeiro sobre o qual se ergue a mesquita. Uma construção retangular, coroada por três domos. Sem minarete, de tamanho modesto e em mau estado. O reboco, com manchas escuras de mofo, cai em placas, deixando à mostra a pedra e o tijolo das paredes. Aí está o monumento que faz a Índia vibrar!

Para completar o quadro, milhares de voluntários para a construção do templo vão e vêm sob os dois grandes toldos de pano, instalados à esquerda. Alguns caminham diante do outeiro e param sobre uma plataforma, dizendo, com veneração, que esses são os alicerces da parte anterior do templo de Rama. Foram colocados em julho passado.

Entre os voluntários há poucas mulheres. Em geral, eles estão bem arrumados, vestidos de camisa e calça. Muitos usam um fular açafraão, com o nome de Rama bordado, e se cumprimentam dizendo "Viva Rama!". Mas não prestam atenção em mim. Sem dúvida, estou sujo demais e sou muito

pobre. Não me importa. Tenho mais o que fazer para ficar sondando o que pensam.

Sim.

A mesquita acaba de abrir suas portas aos devotos, e decido fazer uma oferenda à imagem de Rama. Quero saber com que se parece. Por medida de segurança, as bagagens, os fósforos, as facas são proibidos no interior da construção, além dos calçados, como em todos os locais de culto hindu. Deixo meu saco e as sandálias de dedo do lado de fora, com um camelô, e em troca compro um colar de cravos-da-índia para oferecer a Rama.

Entro.

Para penetrar na mesquita, sou revistado quatro vezes, por mãos e por um detector de metais. Dois em dois, com um longo e sinuoso trajeto de barreiras metálicas entre esses postos de controle duplos. No interior, um policial vigia cada devoto durante todo o percurso assinalado por setas. A polícia realmente teme um atentado que possa desencadear massacres, como os que assolaram o país em 1990.

Ultrapasso a barreira e lá estou sob o domo central da mesquita, junto com uns 50 hindus. A sala é minúscula e nos empurramos para ver a imagem de Rama.

Um parapeito forma uma cerca em volta do santuário, onde dois sacerdotes cantam diante de duas vitrinas com um dossel. Os devotos dizem que a estatueta de Rama está na primeira, mas muitos se queixam de não ver nada. Eu também, e me levanto nas pontas dos pés. Não adianta. Consigo me aproximar do parapeito, mas, na primeira vitrina, só vejo toalhas bordadas com fios prateados e colares de cravos-da-índia. Ao lado, na outra vitrina, há diversos pôsteres de Rama. Nenhuma estátua. Queria dar mais uma olhada, mas a multidão me pressiona e tenho de avançar, fazer a oferenda e sair. Dou o colar de cravos-da-Índia a um sacerdote, ele o joga na segunda vitrina e verte, com um utensílio de cobre, um pouco de água turva na concha de minha mão direita. Molho meus lábios e depois jogo um pouco no alto da cabeça. Como fazem os outros fiéis. E vou embora. Bem, fui abençoado por Rama em seu local de nascimento, mas isso não me afetou em nada. Além do mais, continuo sem saber com que se parece a estatueta

que agita o segundo país mais povoado do mundo. Será que existe? Ou a olhei e não vi?

Fico confuso. Ando em volta da mesquita e tento pensar em outra coisa.

Fumo um biri atrás do outro e então me lembro de que a última vez que comi foi ontem de manhã em Godhauria. A fome faz meu estômago doer. Resolvo procurar um templo que sirva comida gratuita. Pego uma viela que parte da mesquita e desce até o centro da cidade, acompanhando magníficos palácios barrocos.

Rama me ouviu. Cem metros mais abaixo, à direita, várias pessoas com roupas esfarrapadas estão sentadas sobre uma plataforma que margeia um templo de Rama, cuja fachada de pedra branca é esculpida com ornamentos em tons de azul. O terraço é coberto por uma feia chapa de ferro corrugado. Ela mede 20 metros por três e está um metro acima do plano da viela. Percebo que as pessoas aguardam o almoço, pois a metade carrega uma tigela de alumínio. Um anão todo engomadinho, vestindo uma calça preta e uma camisa verde xadrez, organiza uma fila, de costas para a rua ou para o templo. Parece um chefe. Fico descalço como todo mundo, subo à varanda e pergunto: "Aqui vocês distribuem refeição aos pobres?"

Não responde, apenas diz, fazendo um gesto: "Vá se sentar lá embaixo!"

Eu vou, mas os lugares já estão todos ocupados. Exceto um. Um espaço de um metro entre dois caras, na beira da ruela. Os homens sentam-se nesse lado e as mulheres, de frente para o templo. Os homens são velhos sadhu, hindus sábios, que usam roupa cor de açafrão desbotada e rasgada, ou então jovens de 20 a 30 anos, esfarrapados. As mulheres são idosas, entre 40 e 60 anos, e exibem o rosto sereno das anciãs. Seus trajes são de algodão e estão gastos, mas estão limpas e não parecem nem mendigas nem vadias. Parecem mais freiras, ascetas mulheres que renunciaram, como seus colegas homens, à vida na sociedade, para libertar a alma do ciclo das reencarnações, se consagrando a Deus. Eu me abaixo, me acorando no espaço livre. Imediatamente, uns seis sadhu gritam em coro que eu saia, que o lugar está reservado. Respondo:

- O encarregado do templo disse para eu me sentar aqui.

- Não. Saia.

- Onde posso me sentar?

- Não sei - diz o sadhu que está ao lado do espaço vago.

Duas anciãs vêm em meu socorro e o repreendem: "Deixe que se sente. Ele tem o direito de comer." Depois, dirigindo-se a mim: "Coloque seu saco naquele canto e se sente."

Obedeço e o sadhu à minha esquerda resmunga entre dentes. Felizmente as velhas calaram a boca desses sadhu que, com tudo isso, usam a roupa cor de açafraão, símbolo da sabedoria. Se não fossem elas, eu teria dito adeus à comida. Estou decepcionado. Vejo neles o mesmo egoísmo que nos mendigos de Benares. Imaginava esses sábios desligados da materialidade mesquinha e ilusória deste mundo, sem desejos nem ambições, de caráter forte, gurus generosos. No entanto, criam brigas em refeições populares.

Aqui é realmente uma cantina?

À minha direita, um rapaz entre 15 e 20 anos, de pele escura e cabelo desgrenhado, plantado como grama. Usa uma tanga suja de cor creme e uma camisa em farrapos. Sem dúvida é um vagabundo, mas as mãos não parecem com as de quem exerce uma profissão que não exige um trabalho manual intenso. Suas mãos são grossas e calosas e os dedos também são muito grossos. Seu rosto é redondo como o de um bebê bochechudo e o acho bem mais simpático que o velho sábio rabugento à minha esquerda. Não sinto cheiro de comida e resolvo pedir informações a esse jovem. Digo: "Vão servir comida?"

Ele balança a cabeça ao modo indiano, da direita para a esquerda, confirmando.

"E a que horas?"

Ele agita a mão esquerda, de cima para baixo, me fazendo sinal para esperar.

"Servem comida todos os dias? De manhã e à noite?"

De novo, ele diz que eu espere com um gesto. Esquisito? Por que esse mutismo? Minha preocupação o irrita? Sou curioso demais? Não entendo o mundo de Ayodhya. Sinto-me deslocado nessa região agreste e nesse terraço. Mas tenho fome e decido esperar.

Um gigante de 25 anos, pele clara, nos distribui cartões amarelos. Usa um kurta e um dhoti brancos de algodão, impecáveis, e um cordão sagrado aparece em seu peito. Deve ser um brâmane, um sacerdote desse templo de Rama. Tem o rosto comprido e magro e parece que comeu bananas com casca, isto é, que comeu alguma coisa que ficou presa em sua garganta e imobiliza sua boca. No cartão amarelo está escrito duas rupias e o nome da associação desse templo de Rama. Não estou entendendo nada, mas todo mundo exhibe um sorriso e guarda o cartão no bolso. O jovem ao meu lado me faz sinal para eu guardar o meu e me mostra dois dedos. Duas rupias? Vou receber ou terei de pagar duas rupias pelo que comer? Duas rupias não é muito e as duas hipóteses são possíveis. O rapaz não diz nada, apenas brande o indicador e o dedo médio, e eu faço um sinal com a cabeça interrogando as duas anciãs na minha frente. Elas dizem: "Guarde seu tíquete. São duas rupias!"

Certo, mas para dar ou para receber? Posso perguntar?

Guardo o cartão no bolso da camisa. Mais um mistério. Isso me inquieta, pois gosto de entender as coisas. Reflito.

Se fosse preciso pagar duas rupias, o preço de uma refeição mesmo que medíocre - em uma taberna, as pessoas não disputariam lugar no terraço. Outros sadhu e outras anciãs continuam a chegar e são sempre rejeitados pela assembléia presente. Lotado! Agora, vão se queixar ao gigante que distribui os cartões e este grita conosco, mandando que nos apertemos mais. Os sadhu e as anciãs obedecem resmungando, e o recém-chegado se acocora, sem se esquecer de pedir seu cartão amarelo.

Todo mundo parece bem informado e eu não posso pedir uma explicação. Se devo receber duas rupias, seria estranho achar que pagaria uma refeição gratuita. Fico calado.

Passam-se 10 minutos. Uma reunião de ascetas e vagabundos no terraço e nada os distingue em termos de comportamento. Olhamos uns para os outros. Nós nos espiamos sem sorrir, nem falar. Ambiente porco.

Um homem franzino, muito pálido, na faixa dos 50 anos, sai do templo. Deve ser um sacerdote, pois também usa o cordão sagrado e distribui címbalos ao sadhu que está à minha esquerda e a dois outros. Ele diz:

"Vamos, cantem Sita Ram. E batam palmas."

Por que não? Sita é a esposa de Rama; o casal consagra-se a um amor total e simboliza uma humanidade ideal de justiça, fidelidade e serenidade. Os velhos sábios que possuem os címbalos dão o ritmo e começam a cantar. Nós os imitamos. E eu canto e bato palmas:

"Sita Ram!
Sita Ram!
Sita Ram!
Viva Sita Ram!"

Depois recomeça tudo outra vez: "Sita Ram! Sita Ram..." Não é difícil, basta seguir a cadência dos címbalos, batendo palmas. Perfeito. Eu me entrego totalmente, jogo o jogo.

Recém-chegados tentam se sentar entre nós, mas precisam pedir ajuda a um sacerdote, para conseguirem um lugar; nós cantamos, batemos palmas, cantamos. É quase divertido. Pelo menos de início. Continuamos a cantar por cinco minutos, 15, por meia hora. A litania só é interrompida para expulsar os intrusos ou quando os macacos correm sobre a chapa de ferro que serve de telhado, fazendo um barulho infernal, parecido com o do metrô parisiense. Levantamos a cabeça, divertidos.

A comida, nada de chegar. Nada. E tive de repetir umas mil vezes a fórmula "Sita Rama". Estou cheio e não sou o único. A metade de meus irmãos e irmãs parou de cantar e de bater palmas. Eu não ousa, pois à minha esquerda o sadhu que marca o ritmo com o címbalo não esmorece. Percebi que ele era perverso e egoísta quando se recusou a me ceder um lugar, mas agora vejo que é o mais animado da banda. E ele canta: "Sita Rama! Sita Rama!..." Eu o imito. Felizmente, o aroma de arroz cozido escapa pelas janelas do templo e volto a ter esperança de que a refeição logo será servida. Eu me pergunto se será khichari ou arroz com purê de lentilhas, ou ensopado de legumes. Qualquer coisa me agrada. Mas um terceiro sacerdote, na faixa dos 30 anos, baixinho e com um bigode como o de Hitler, acaba de atrapalhar meus sonhos. Pede o cartão amarelo do jovem ao lado, depois o meu e vai

embora.

Na hora não percebo, mas depois, observando bem a expressão perplexa do rapaz, compreendo que sem o cartão teremos problema. Qual? Ele me mostra de novo o indicador e o dedo médio, sem abrir a boca, e na frente uma anciã me diz, aflita: "Duas rupias!"

O que significa isso? Duas rupias para quem? Por quê? Além disso, o que eu e o rapaz temos em comum que justifica o tratamento particular? Estou tão malvestido e sujo como ele? Quem sou eu? Ele volta a bater palmas, mexe os lábios sem emitir nenhum som.

Coragem. E recomeço a cantar, principalmente porque o sábio ao meu lado me lança olhares furiosos porque me calei. As anciãs também fazem sinais para que eu bata palmas com mais força. Estou farto. Farto. Não paro de bater as mãos e me esforço para não esmorecer, pois os sacerdotes circulam pelo terraço, controlando se estamos cantando e batendo palmas. Com convicção. Talvez cantemos certo...

Os sacerdotes se plantam na porta do templo para nos observarem, mas não conseguem surpreender os três sadhu, no fundo do terraço, que cantam na frente deles, e assim que viram as costas se calam. Trapaceiros, muito espertos. O fundo do terraço não é visível da porta.

Os sacerdotes só pegam os sadhu e as anciãs que estão mortos de cansaço. Uma boa quantidade. Apagam no momento em que o queixo cai no peito; dormem.

Repetimos "Sita Ram" há uma hora. Cerca de 2.000 vezes. O sacerdote gigante, o que distribuiu os cartões, com a cara de quem come casca de banana, é o mais esperto para surpreender os preguiçosos, e também conta com a ajuda dos sábios, que lhe apontam os irmãos que dormem. Ele acaba de notar a velha adormecida na minha frente. Ele se aproxima, franze as sobrancelhas, inclina-se sobre ela e grita: "OH! OH!"

Ela se sobressalta. Espero que não seja cardíaca.

- Estava dormindo?

- Não! Não!

- Levante-se! Vá embora!

Ela toca em seus pés, implorando perdão.

- Tem de cantar, entendeu?
- Sim, sim. Está bem. Escute.

E canta. O gigante se afasta.

Cinco minutos depois, sua cabeça volta a tombar. Readormece.

O gigante pode despertá-la a toda hora e ela pode até massagear os pés dele que não vai adiantar. O cansaço a derruba logo depois. Acho que nem que ela chupasse os dedos puros dos pés do brâmane mudaria alguma coisa, pois não são barras de anfetaminas. Também imagino que, se Rama existe, deve partir seu coração ver um gigante martirizar uma anciã.

Já disse que os sacerdotes controlam se estamos cantando com convicção. É verdade. Cinco ou seis metros à minha esquerda, o sacerdote que se parece com Hitler berra com um velho sábio: "Não está cantando alto o bastante. Levante-se! Saia!"

O sábio logo apalpa seus pés, canta a plenos pulmões e bate palmas com toda força. O terraço é a cantina de um campo de reeducação ou de uma escola maternal? Brâmanes canalhas. Fascistas. Inquisidores. Tenho a impressão de que nos obrigam a louvar Sita e Rama para pagar a refeição que nos oferecem. Repugnante. De que serve rezar mecanicamente, sem desejo? Talvez isso enlouqueça e estimule a fé. Sacerdotes porcos! A doação da comida não é desinteressada. Que bela caridade a hindu!

A voz já está rouca e as palmas das mãos doem. Também os antebraços estão doloridos de tanto agitá-los. Uma hora é muito tempo. São 60 minutos, são 3.600 segundos. Calcule o que não dá um batimento de mão a cada segundo e meio! Bata palmas durante uma hora, repetindo "Sita Ram!... Viva Sita Ram!".

Isso me deixa maluco. Tenho vontade de me levantar e gritar que Sita e Rama não existem, que nosso sofrimento não serve para nada e que esses sacerdotes nos torturam. Todo mundo está de saco cheio e os sadhu, exaustos, colocaram o braço sobre os joelhos e já não batem as mãos. Eles as encostam uma na outra, como uma carícia. Também faço o mesmo; é melhor. Realmente meus braços e mãos estão doloridos, mas a fome me devora, não quero ir embora.

Um sadhu alto, de uns 40 anos, com uma barba longa e cabelo preto

comprido que bate nas costas, do tipo baba-cool, como dizemos no Ocidente, esta sentado na soleira da porta do templo e não para de me olhar. Não gosto nada disso. Ele me aponta para um velho sacerdote e este se aproxima. Ele diz:

- Tem o tíquete?

- Um sacerdote pegou.

- O quê? Não tem tíquete! Então levante-se. Saia!

É muito injusto. Bati palmas, cantei por mais de uma hora, sem enfraquecer, e ele quer me mandar embora. Eu só me ausentei um instante para beber na fonte perto do templo. Mas não fui o único. A metade do coro, que possui um recipiente, desceu para enchê-lo de água, se preparando para a refeição.

- Um outro sacerdote pegou meu tíquete - repito.

- Deixe de histórias. Não tem tíquete. Saia!

Tenho vontade de chorar. Estou com fome e cantei por nada.

Ele berra: "Levante-se!"

Junto as mãos para lhe suplicar e roço seus pés calosos de velho brâmane. Isso me dá nojo, mas não tenho escolha.

"Por favor, eu tinha o tíquete, mas o sacerdote o pegou, eu não sei por quê. Por favor!"

Nenhum sadhu me ajuda. Procuro sua ajuda com os olhos, mas continuam a cantar imperturbáveis. "Viva Sita Ram!" Rama, o deus que faz a luz triunfar sobre as trevas. Duas anciãs confirmam ao sacerdote que eu realmente tinha um tíquete e que um de seus colegas o pegou. Isso o satisfaz e ele se afasta.

Respiro aliviado, depois olho para o sábio hippie que me denunciou. Ele também me observa, relaxado, sem sentir vergonha. Não parece lamentar sua atitude. Que porco esse santo! Nesse terraço me deparo com o grupo mais virtuoso de sábios hindus. Lixo santo. Egoístas, trapaceiros, intolerantes e delatores. Bravo! Dá até vontade de fazer parte da confraria. Aprender ioga, meditação, os textos sagrados, cantar o nome de Rama, saber dominar a fome, os sentimentos, se livrar das ambições e dos desejos, atingir o nirvana.

Sim. Sim. Sim!

Nesta manhã, vejo o resultado e odeio ainda mais as coisas bentas, os

apóstolos, os santos e os padres, todos que usam sotaina, seja branca, preta, açafraão, marrom...

Continuamos a bater palmas e a repetir: "Sita Ram! Sita Ram!... Viva Sita Ram!" Mais meia hora e então, igual a Cristo se aproximando para dividir os peixes e os pães, o gigante comedor de casca de banana sai do terraço com uma pilha de folhas-pratos. Visão divina. Significa que nosso almoço é iminente. Em um último esforço, cantamos a plenos pulmões. A felicidade. Um duplo alívio. A comida será servida e não precisamos mais repetir "Sita Ram".

O sacerdote dá uma folha para cada um. Não se inclina, como os empregados do templo de Baba Khichari em Godhulia. Joga a folha da altura de seu peito e ela cai no chão ou na cabeça da gente. Ele trata da mesma maneira os homens e as mulheres, os velhos e os jovens, os sujos e os limpos. Sem discriminação, todos somos intocáveis para ele, esse brâmane puro, empregado de um templo situado a um passo do local de nascimento do deus Rama.

Fico admirado que ele não toque nos sadhu. Esses santos teoricamente perderam a impureza de sua casta de origem. Em Ayodhya é diferente em relação ao sadhu comum?

Esticamos a folha diante de nossos pés e os comensais se lavam com a água que coletaram em seus recipientes. Alguns tiram do bolso pimentões ou um rabanete, para enfeitar a refeição.

Os velhos sacerdotes aparecem com um balde de lata do qual tiram o arroz fumegante com uma caçarola. Servem uma grande porção a cada um. Aproximadamente três libras de arroz branco em papa. É bastante. Quando o balde esvazia, ele torna a enchê-lo no templo e continua a servir. E assim sucessivamente. Nada de especial. A não ser que a ração é jogada de uma altura de meio metro da folha. Para não se aproximar de nós, para evitar qualquer contato, ou simplesmente para não se curvar, se cansar. Talvez as duas coisas. De qualquer maneira, sua atitude demonstra a pouca estima em relação a nós. Ele se satisfaz em apontar e virar a caçarola em cima do centro da folha. Mas boa porção de arroz em queda livre se espatifa quando chega. Schplaf! E se espalha no chão e nos seus pés. Depois é preciso juntar

tudo e se limpar.

Eu tive sorte. O sacerdote calculou bem a trajetória e somente alguns grãos de arroz se colaram em meus pés. Não é grande coisa. Ainda assim, esse tratamento faz com que eu me sinta mal. É muito humilhante ser alimentado como os camponeses enchem as gamelas de seus animais. O que fazer? Tenho fome e deixo pra lá.

Ninguém come e manipulo o arroz que queima entre meus dedos. Despedaço os grumos, torno minha ração menos espessa e a moldo como um pequeno vulcão com uma espécie de funil em cima. Como os outros convivas, e entendo por quê. O sacerdote gigante chega com um balde de purê de lentilhas e nos lança três conchas dentro dessa cratera. Sempre segundo a mesma técnica: não se abaixa.

O purê parece mais um caldo. É líquido, mas cheira bem e estou contente por tê-lo para comer. Misturo-o bem com o arroz a partir do centro da cratera, para que não escorra para o chão, amasso, faço uma massa homogênea. Suspiro satisfeito. O velho sacerdote agora distribui uma colher de abóbora cozida, e depois o gigante joga para cada um, meia colher de manteiga clarificada.

Eu me admiraria se essa manteiga tivesse sido oferecida para tornar o prato mais suculento, como a usamos na França. Este gigante não se preocupa com a reputação gastronômica de sua cantina. Esse templo não é um restaurante popular cinco estrelas quanto ao sabor, e sim quanto à fé. A manteiga é simbólica. É para limpar a comida. Segundo a ideologia hindu, essa substância possui uma virtude purificadora, assim como os outros quatro produtos tradicionais da vaca (leite, iogurte, urina e bosta). Aliás, os hindus religiosos absorvem um coquetel purificador, composto dos cinco elementos. Que idiotice! Consideram-me intocável, mas a merda bovina é comestível!

Ninguém ainda começou a comer, mas já fomos todos servidos. Damos graças a Rama, como os beatos cristãos fazem com Jesus antes de almoçar, e então atacamos a comida.

Literalmente. Atacamos com a mão direita nosso montinho de arroz. Fazemos umas bolas, e hop! na boca. Uma atrás da outra, lambendo a mão,

pela qual o caldo escorre. A comida queima meus dedos. Não faz mal. Estou acostumado e morto de fome; o estômago sobe até a língua e aspira tudo que lhe envio. É delicioso. Não o gosto, mas a sensação de plenitude.

Na nossa precipitação, incomodamos uns aos outros. Estamos muito juntos e fica difícil levantar o cotovelo sem tocar no vizinho. É impossível levar corretamente as bolinhas à boca e grãos de arroz caem no chão.

O sadhu à minha direita me empurra um pouco. Ele separa os cotovelos e aí consegue comer direito. Isso não é tudo. Como ele me apertou, como com mais dificuldade ainda e ele me fuzila com os olhos. Resmunga: "Presta atenção, está deixando o arroz cair para tudo que é lado."

Está certo, deixo cair, mas não em seu prato.

"Se não me apertasse, eu comeria melhor", respondo.

Ele ergue a mão, em um gesto ameaçador. Não reajo. Se esse santo tão velho me bater, não ousarei reagir e acho mais sensato abaixar a cabeça em silêncio. Cada um de nós tinha um espaço de 50 centímetros onde se sentar. Ele me empurrou e ganhou 10 centímetros. Tento comer mais devagar, deixando cair menos arroz. Mas o sadhu briga comigo outra vez.

O que dizer? Dou de ombros. Uma anciã à nossa frente, que o escuta se lamentar, diz: "Você está tomando muito lugar! Deixe mais espaço para ele! Ele também tem o direito de comer. Afaste-se!"

O sadhu resmunga com a boca cheia e deve ter se afastado um pouco, pois sinto mais uns cinco centímetros livres à minha esquerda. Outra anciã lhe diz: "O rapaz está comendo direito. Deixe-o em paz!"

O sadhu para de reclamar e comemos em silêncio.

O sacerdote gigante serve o resto de arroz e lentilhas, mas não aceito. Estou na metade da minha ração e paro. Fico amassando o arroz para ganhar tempo e só levo bolinhas minúsculas à boca. Além do mais, é insípido. Eu me pergunto como os outros conseguem engolir esse arroz e ainda pedir mais. Estou cheio até o esôfago. A massa não desce mais. Uma anciã nota meu embaraço. Ela aponta o velho sacerdote na porta do templo.

- Precisa terminar. Senão não sairá daqui - ela diz.

- Coma com calma. Tem de terminar - acrescenta uma outra.

- Coma! - diz o velho sadhu à minha esquerda. Não tem o direito de

desperdiçar alimento.

Sei disso e faço um esforço. Só restam 200 ou 300 gramas para engolir. É um inferno. Um pesadelo. Tenho medo de forçar demais, de ter chegado ao limite de elasticidade de meu estômago e de que a pressão em meu tubo digestivo faça eu lançar tudo para fora se colocar mais alguma coisa na boca. Tenho medo de vomitar aqui, no terraço. Corro o risco, pois devo acabar o prato. Moldo uma bolinha, reparto e a levo à boca. Mastigo. É impossível engoli-la. Vou ter um ataque, vou explodir se continuar a comer. O velho sadhu à minha esquerda acabou, dobra sua folha e dá um grande arrote. Parece satisfeito. Eu também. É uma overdose de arroz papa. Piedade! Os outros convivas também dobram suas folhas vazias e pegam o tíquete amarelo. Para pagar? Estou pouco ligando, só me preocupo com a massa a meus pés. Uma anciã me diz com a voz baixa:

- Rápido, dobre a folha, ninguém está vendo.

- Não - corrige sua vizinha -, tem de comer mais.

E volto a me esforçar. Uma bolinha, duas bolinhas. É repugnante, me faz mal, força meu abdome, me sufoca.

O resto acontece rapidamente. Meu coração dispara, batimentos martelam minhas têmporas e placas de suor cobrem minhas costas. Sinto que perco a cor. Vou desmaiar. Já não posso lutar. Desisto e, nesse momento, o sacerdote gigante anda a passos largos pelo terraço, recolhendo os cartões amarelos. Um cara desconhecido, de calça e camisa, o segue e distribui uma nota de duas rupias a cada pessoa. As anciãs dizem para eu dobrar rápido minha folha de um modo que não notem que não comi tudo e esperar as duas rupias. Obedeço, semiconsciente, feliz, aliviado, mas logo sou despertado. Percebo em que mundo sujo eu vivo, quando o sacerdote passa diante do rapaz à minha direita e de mim, e diz a seu tesoureiro: "Estes dois não têm tíquetes. Não lhes dê dinheiro."

Meu vizinho se joga aos pés do gigante e agora entendo a origem de seu mutismo perpétuo. Ele é mudo. E está na miséria. Abre sua boca doente e emite ganidos surdos, semelhantes aos de uma carpa que vem à tona comer na superfície do lago. Mas ele é um homem e o espetáculo é de dar pena. O sacerdote afasta os pés e continua sua turnê. Meu vizinho fica arrasado, os

olhos úmidos. Observando seus trapos, vejo como ele precisava dessas duas rupias. Sinto pena dele. Esqueço minha própria miséria, a injustiça e a humilhação de ser punido sem saber por que não me importam mais, agora que a sentença foi decretada. Acabou tudo. Eu me levanto abatido, mas uma anciã me sussurra: "Jogue logo a folha no lixo e venha suplicar ao sacerdote. Pode ser que para você..."

Hesito e decido. Vão, corro para a lata de lixo instalada na viela, volto ao terraço, me ajoelho diante do gigante e acaricio seus pés. Nunca me rebaixei tanto na vida, mas quero tirar duas rupias desse porco, nem que seja para dar ao rapaz mudo.

"Por favor, me dê as duas rupias. Preciso delas. O que fiz? Por que me tiraram o tiquete?"

Ele responde somente: "Vá embora!"

Errei ao dar ouvidos à anciã, ao procurar saber a causa de meu castigo, como se o mundo devesse ser justo. Eu errei. Humilhado, desprezado, punido, o ventre dilatado, nauseado, eu me sinto como um animal. Pego meu saco e vou embora. Na viela, noto que o sol está quase no zênite. Sofri duas horas e meia nesse terraço. Cantei milhares de "Sita Ram". Lanço-lhe um último olhar. Nunca me esquecerei dessa experiência. De repente, percebo por que não recebi as duas rupias. No parapeito do terraço há um cartaz em que está escrito em letras vermelhas: "Depois da refeição, cada santo e cada sadhu recebem uma rupia." Hoje, foram duas rupias, e os sacerdotes não nos consideraram sadhu. No entanto, deram dinheiro a vários outros jovens vagabundos que ali estavam e que não tinham o aspecto de sadhu. Reflito por um instante e concluo que a punição foi um elogio. Eu não me parecia com aquela gente detestável do terraço.

Sou diferente. Rama seja louvado!

Essa conclusão me conforta o coração e dou uma volta por Ayodhya, para fazer a digestão. Avaliar a situação.

Lamento ter vindo. É uma cidade magnífica e ao mesmo tempo uma aldeiazinha remota e imunda. Como descrevê-la?

Há várias maneiras de descrever um lugar, uma mulher, de contar uma

história. Já falei de Délhi e da Ravindrapuri. Mas não quero mais me divertir assim. Estou cansado. Começarei dizendo que Ayodhya é a cidade natal do deus Rama.

Não! Não! Não!

Esta definição liminar é insatisfatória, já que inexata. Somente duas coisas saltam aos olhos do viajante, nesta Belém indiana, além da presença dos policiais e dos extremistas. Os macacos e os templos.

Ao diabo Rama e a mitologia.

Ayodhya é a cidade dos macacos ou dos templos e fica difícil escolher entre as duas designações.

Milhares de macacos invadem esta velha cidade, como os pombos em Veneza ou em Paris. Eles correm livremente pelas ruas, voam de casa em casa, travessos, sempre procurando algo para furtar. Os templos também são inúmeros, colados uns aos outros, e tentei contá-los em uma ruazinha ao acaso, depois em outra, e em mais outra. Desisti todas as vezes. Eu me perdia na conta e resolvi perguntar aos comerciantes de suvenires. Achava que essa gente estaria à par das informações turísticas. E estava. Interroguei três e, depois, um policial, para comparar os dados, de tão inacreditáveis que são. Todos repetiram a mesma cifra. Sou forçado a aceitá-la e entendo por que me confundia ao tentar contá-los. Ayodhya possui 7.000 ou 8.000 templos, grandes e pequenos, todos misturados.

Então, Ayodhya é a cidade dos macacos ou dos templos? Na verdade, os templos atraem os macacos. Eles procuram um refúgio calmo, com muito alimento, oriundo da passagem dos peregrinos. As oferendas dos hindus consistem quase sempre de flores e alimento.

Exatamente.

Neste burgo, a grande quantidade de doces e tortas não deve surpreender. As confeitarias são em menor número que os templos, mas assim mesmo deve haver umas 100. É o comércio mais frequente junto com o de suvenires e de objetos religiosos, sem importância em uma cidade santa. Não pensem que isso queira dizer que haja uma especialidade local, um tipo de doce, como bolinho de Ayodhya, caramelo de Ayodhya, o pão de Ayodhya... Não! Olhei as vitrinas dessas lojas e senti náusea. Só vendem os doces comuns.

Guloseimas indigestas, pastosas, engorduradas, doces demais, insípidas e geralmente rançosas, mas que encantam os palácios dos indianos, principalmente dos brâmanes e dos membros das castas mais altas, das quais constitui o único prazer - confessável – da boca, já que são vegetarianos e não tocam no álcool; em teoria. Os doceiros de Ayodhya exibem nas prateleiras pirâmides de laddu (farinha frita e açúcar em forma de bolinhas) e khurchan pera (discos endurecidos de leite concentrado e açúcar). Exibem montanhas dessas bolinhas brancas de açúcar, que são muito encontradas nos santuários hindus, como as velas em uma igreja católica. Esses doces são oferendas de qualidade. Os deuses adoram, acima de tudo, o açúcar e o leite. Aliás, a sílaba divina "Om", uma espécie de aleluia hindu, se baseia no khurchan pera. Doces divinos. A santidade de Ayodhya não é gastronômica, mas religiosa, e a abundância de doces e tortas só se justifica por permitir aos peregrinos ofertá-los aos deuses. Permite que cumpram seu dever de devoto. As confeitarias aqui correspondem à escada de mendigos de Dashashvamedh. Ayodhya, cidade dos doces.

A propósito, uma questão me intriga há muito tempo. Como os brâmanes sabem que seus deuses gostam de açúcar? Porque têm os mesmos gostos? Os deuses lhes disseram? Isso me assombraria. Os brâmanes sonharam com isso? Não. É difícil acreditar que milhares de homens aceitem esse embuste. A origem do conhecimento do gosto dos deuses permanece um mistério, mas nem por isso os sacerdotes hindus estão menos certos de estar dizendo a Verdade. Sim, com "V" maiúsculo. Ela atribui aos deuses o amor pelo açúcar, decreta que os alimentos fritos são os mais puros e classifica o intocável no nível do cachorro. Por isso esse mistério me interessa. O aroma de caramelo e de fritura que toma as vielas de Ayodhya me alerta para minha intocabilidade e me causa náusea.

Cheira a gordura rançosa queimando, como se um pneu estivesse sendo frito. A gordura é tão escura que deve datar da colonização britânica. Servia para lubrificar os caminhões ingleses. Depois da Independência, os caminhões foram depenados e jogaram o óleo nas marmitas das tabernas e das confeitarias. Precisavam de muita gordura, pois com a liberdade e a modernização do país, sob o governo dos Nehru-Gandhi, os peregrinos

afluíram a Ayodhya. Era preciso alimentar todos os fiéis e possibilitar que fizessem suas oferendas piedosas. O melhor possível. Com os pratos mais puros, dignos deste lugar santo. Isto é, alimentos fritos. Daí os laddu, a guloseima dos sadhu, essas bolas gordurosas e açucaradas.

Estou brincando. Talvez a fritura purifique a alma, mas com certeza engordura as artérias. Que sociedade obscurantista! Já sei, os devotos dirão: "Pouco importam as artérias e o corpo; a vida atual não passa de uma existência entre muitas outras no ciclo infinito de nascimentos e mortes ao qual cada um se sujeita. Além disso, o mundo material é só uma ilusão..."

Visito a cidade a pé e desde que cheguei, quando pergunto onde fica este ou aquele templo famoso, ou então o rio Saryu, que banha alguma parte dessa região e que gostaria de conhecer, as pessoas me tratam sem o menor respeito, com um desprezo flagrante. Isso quando respondem. Uma a cada duas vezes me lançam um olhar de desdém e viram as costas, em silêncio. Imagino como devem me ver. Um cara com a cabeleira hirsuta, rosto e pés pretos e imundos, a roupa em farrapos. Um miserável de casta baixa, repugnante, com quem se deve evitar o contato, sem a discrição e a atitude conveniente mantida em Benares. Começo as perguntas com "Por favor", o que é raro em hindi, e quase obsequioso. Mas isso não muda nada. Uma a cada duas vezes me ignoram ou mostram desprezo.

Ayodhya é o inferno e sinto falta de Benares. Aqui não tenho a impressão de ser um sub-homem, mas de ser um animal.

Ao longo da rua central, que leva à ponte do rio Saryu, reconheço um irmão intocável. Tenho certeza de que é um filho de Deus, pois exerce a profissão de sapateiro. Está sentado de lungi na beira empoeirada da calçada, no meio de suas ferramentas. Martelos, tenazes, trinchetes, sovelas, escovas, palmilhas, cera, cola, sapatos velhos e uma bigorna. É baixo, gordo, uns 40 anos, ar jovial. Estou esgotado, quero conversar com alguém da minha condição, animar meu estado de espírito. Também quero saber se a carne e o álcool continuam proibidos. Só posso perguntar isso a outro intocável. Teria vergonha de falar de carne e de álcool com o primeiro que encontrasse; é

como, na França, se pedisse informações sobre as putas.

Em relação ao alho e à cebola, a cidade mudou desde a infância de meu professor Ram Singh. Durante meu passeio, notei que as quitandas vendem esses bulbos impuros. Em compensação, não vi nenhum açougue nem casa de bebidas alcoólicas. Se esse tipo de comércio existe, deve ser clandestino. Queria saber onde acontece. Um trago cairia muito bem para lavar o espírito.

Do outro lado da rua, que o sapateiro fique desocupado. Então, me aproximo e falo em voz baixa, como se fosse algo íntimo: "Bom dia, estou de passagem por Ayodhya. Tenho um probleminha, talvez possa me dar uma informação."

Ele responde que tudo bem e eu me agacho e conto que sou um aborígene de Bihar, para que me sinta mais próximo dele e fale sem constrangimento. Aí eu pergunto direto:

- O senhor sabe se posso comprar carne aqui?
- Vou dar a informação ao senhor - respondeu, acentuando o "senhor", o que me indica que nós dois damos importância a esse tratamento, como dois escravos demonstrando, um ao outro, o respeito de que são privados. - Em Ayodhya se vende carne somente às terças e sábados. Mas pode encontrá-la todos os dias em Faizabad (capital do cantão, a menos de 10 quilômetros).
- Que tipo de carne?
- Aqui só a de cabra. Mas em Faizabad há todo tipo.
- De porco também?
- Tudo. Porco, búfalo, cabra, peixe, frango...
- O senhor... come carne de porco? - pergunto constrangido e querendo saber os costumes dos sapateiros da região.
- Sim.
- Eu também. É boa, não?
- Sim.

Ele aprova, lacônico, com um sorriso que significa: "Essa prática é suja e vergonhosa, mas o senhor e eu sabemos que é gostosa demais. "

Prossigo:

- Posso comprar bebida alcoólica em Ayodhya?

- Não. Tem de ir a Faizabad e trazer para cá.
- E beber às escondidas?
- Sim.
- O senhor é gentil, me informando sobre tudo isso - digo. É a primeira pessoa que fala comigo sem demonstrar desprezo. O sistema de castas aqui parece muito forte.
- Sim - diz suspirando. - Aqui os brâmanes são muitos e poderosos.
- Posso ficar um pouco com o senhor?
- Está bem.

Gosto de sua presença. Ao seu lado, eu me sinto um ser humano; não apenas porque ele me trata de "senhor", mas também porque fala de uma maneira comum, normal e muito agradável. Ofereço um biri, mas ele não fuma. Ele masca. Então fumo um sozinho e ele masca tabaco.

Passo meia hora com ele. Os clientes trazem sapatos para consertar ou para engraxar, e também sacolas. Dirigem-se a ele com desdém e o tratam de "você", se queixam que trabalha devagar ou que é muito caro. Mas o cliente é quem manda e meu irmão os trata com cerimônia e nunca os repele. Falamos pouco, mas ele chega a me contar que tem dois filhos e uma filha. Dou os parabéns. Digo que teve sorte de ter apenas uma filha; assim só precisa pagar um dote e, em compensação, recebe dois ao casar os garotos. Ele sorri. Conto que antes de Ayodhya estive em Benares. Que ali visitei um templo dedicado a Ravidas, nosso santo, dos filhos de Deus. O templo é magnífico e fica acima do Ganges. Ele diz: "Nós também, em Ayodhya, temos um templo de Ravidas. É pequeno, mas muito bonito. Devia conhecê-lo."

É uma idéia excelente. Ele me ensina o caminho e o deixa.

O templo de Ravidas não fica distante da estação; se situa no meio de casinhas de barro e hortas. O passeio é agradável. É um bairro calmo e fresco, com muito verde, mas me perco e, quando pergunto a direção do templo dos intocáveis, as pessoas me olham de modo mais estranho ainda. Como se eu tivesse a peste. Exceto algumas pessoas que, pelo contrário, sorriem ao ouvir o nome de Ravidas. Imagino que esses autóctones com

roupas pobres de camponeses devem ser intocáveis.

O templo de Ravidas mede aproximadamente 10 metros por 10. É uma construção cúbica, compacta, como as sinagogas na França, e a fachada branca só é ornamentada por duas varandas pequenas, como sacadas. Um velho, com o torso nu e uma tanga branca em, volta dos rins, está sentado na escadaria exterior do templo. Tem uma barba grisalha, a tez baça e a pele do ventre enrugada como um figo seco. Imagino que seja um sacerdote. Fico descalço e lhe digo que vim rezar. Ele faz sinal para que eu entre.

O interior do templo não desperta mais interesse que seu exterior. Uma peça única e escura, sem mobília, com tapetes e no fundo um pequeno santuário que abriga, por trás de uma grade, uma estátua de Ravidas, em mármore branco, de um metro de altura. Eu me ajoelho diante dela, lanço através da grade uma nota de duas rupias e me viro para sair do templo. Meus olhos se acostumaram à escuridão e reparo em um retrato do doutor Ambedkar, pendurado à direita do santuário.

O que faz Ambedkar em um templo hindu? Ambedkar, o líder intocável da metade do século 20, lutou durante toda a vida pela justiça social, contra o sistema de castas e o hinduísmo. Jurista eminente e ministro da Justiça depois da Independência, foi um dos pais da Constituição da Índia moderna e secular que abole a intocabilidade. Hindu de nascença, adotou, antes de morrer, em 1956, o budismo, religião igualitária que não admite as castas. Suscitou a conversão em massa de milhões de intocáveis ao budismo e se tornou, de certa forma, o inimigo do hinduísmo. Suas estátuas tornou-se um personagem histórico -, instaladas na via pública ou nas escolas, são destruídas por extremistas hindus das castas altas, como aconteceu há 10 dias em Ghazipur, cantão vizinho a Benares. Os intocáveis o consideram, acima de tudo, o defensor de seus direitos, um herói, um santo leigo.

Ambedkar pregava a igualdade de todos os cidadãos e a erradicação do sistema de castas. Isto é, do hinduísmo. O sistema de castas é tão necessário ao hinduísmo quanto a água ao peixe e o álcool ao bêbado. O cumprimento do dever pessoal de casta - e não de um dever universal - e o sistema de reencarnação em uma casta mais ou menos elevada, como recompensa pelas boas ou más ações, constituem os dois pilares fundamentais dessa religião,

até a libertação final e o paraíso. Sem o desejo de renascer como brâmane, e sem a ameaça de se tornar um intocável, o sistema moral hindu não funcionaria. Ambedkar compreendeu a impossibilidade de uma reforma do hinduísmo eliminar a intocabilidade e escolheu a via legal e a do crescimento econômico para tornar os homens iguais.

Na mesma época, Gandhi também militava contra a intocabilidade, mas defendia o sistema de castas, que julgava uma excelente divisão de trabalho pelo nascimento. Sonhava em purificar o hinduísmo. Para reabilitar os intocáveis, pedia que seguissem costumes mais higiênicos, e aos membros das castas altas solicitava que fizessem penitência e dessem provas de humildade.

O paralelo entre Gandhi e Ambedkar me fascina. Esses dois contemporâneos eram oriundos do Oeste da Índia, eram juristas e haviam estudado no Ocidente, fato raro na época. Mas esses dois combatentes ocidentalizados da intocabilidade eram adversários. Gandhi, o reformista, e Ambedkar o revolucionário, embora detestasse os comunistas. O evangelista e o leigo. Gandhi, pudicamente, batizou os intocáveis de "filhos de Deus", e Ambedkar fez a administração denominá-los, secularmente, "castas repertoriadas". Gandhi pedia aos hindus das castas altas que aceitassem os intocáveis, enquanto Ambedkar mobilizava os intocáveis para que libertassem a si mesmos. Gandhi idealizava a aldeia tradicional, seu artesanato e seu sistema social fundado na interdependência das castas; Ambedkar afirmava que as aldeias indianas não passavam de covis segregacionistas e obscurantistas, e que era preciso promover a indústria para desenvolver a economia e realizar a igualdade entre todos os homens.

Em 1932, Ambedkar obteve dos colonos ingleses direitos eleitorais particulares para os intocáveis, mas Gandhi empreendeu uma greve de fome para protestar contra esse favor que, segundo ele, afastava os intocáveis do hinduísmo. Gandhi, no âmbito do Partido do Congresso, temia a emergência de um movimento intocável independente que enfraquecesse os dirigentes do partido, e não acreditava na capacidade intelectual dos intocáveis, nem para a defesa de seus próprios interesses.

Em 1931, depois de seu primeiro encontro com Ambedkar, Gandhi se admirou de que ele fosse um filho de Deus e não um brâmane sensibilizado pela intocabilidade. Como se os intocáveis fossem incapazes de gerar um líder. Em 1936, Ambedkar flertou com o siquismo, aconselhando os intocáveis a se converterem a essa religião igualitária. Gandhi, preocupado com o fato de que o hinduísmo pudesse perder 20% de seus fiéis, teve dúvidas quanto a se os intocáveis eram mais capazes de distinguir os méritos entre as diferentes religiões "que uma vaca" (sic).

O combate desses dois defensores dos intocáveis é tão cativante que, no crepúsculo de suas vidas, seus papéis se misturaram. O santo Gandhi acabou se dando conta da necessidade de leis que protegessem os intocáveis e de que era preciso destruir o sistema de castas - mesmo que quisesse conservar o hinduísmo. O leigo Ambedkar se tomou religioso, se convertendo ao budismo.

Vejo Ambedkar nesse templo hindu de Ravidas e rio. Interiormente. Digo ao velho sacerdote dois slogans famosos de Ambedkar: "Considerem-nos iguais... Se seu espírito está curado, a água nessa tigela será igual à água do Ganges."

O sacerdote sorri e vou embora. Dirijo-me ao rio Saryu, uma caminhada de cinco quilômetros. Quando chego, o sol começa a descer.

O rio Saryu é largo, mas parece pouco profundo. Para lá da grande ponte que o transpõe estendem-se bancos de areia a perder de vista, do lado de Ayodhya, e que dominam metade de sua superfície, nesta estação seca. A outra margem parece deserta, como a margem maldita do Ganges, de frente para Benares.

A margem do lado de Ayodhya é constituída por escadas de pedra e uma escarpa de areia. Centenas de peregrinos para ali afluem. Os sacerdotes os abençoam em um banho purificador e lêem a sina de alguns ao mandarem que toquem o rabo de uma vaca. Acho isso ridículo e não consigo deixar de sorrir.

A água do rio é verde e límpida, mas, além dos devotos, toda espécie de

lixo, óleo e plásticos flutuam nele. Não me banharia nele nem que a tintura de meu corpo fosse indelével, e me pergunto como um esgoto desses pode purificar o corpo. Isso me faz lembrar que o Buda zombava do rito hindu da ablução:

"Se basta mergulhar no Ganges para lavar seus pecados, quantos peixes e rãs já não estão salvos?" Ele se referia ao Ganges, mas sua observação é válida para todos os rios. Todos possuem, em grau menor, virtudes purificadoras.

Quando se imagina um rio, pensa-se primeiro na água, depois em peixes que saltam na superfície, depois em pescadores com caniços ou redes, os quais vemos trabalhar, e isso faz passar o tempo. Aqui não há pescadores, só banhistas, e não tenho vontade de vê-los flutuar no esgoto. Eu me aborreço contemplando essas margens arenosas e áridas e imagino que nesta cidade santa, entregue à ditadura dos brâmanes vegetarianos, a pesca deve ser proibida.

Eu me levanto e vou para o reservatório de água atrás da margem e para seu terrapleno, uma espécie de dique. Este lago cimentado margeia as primeiras construções de Ayodhya. Parecia magnífico quando o vi, ao chegar do centro da cidade.

E é. O local me lembra Veneza. Porém barroca. Os domos orientais coroam os imensos palácios de cor creme e os templos de pedra vermelha que se debruçam sobre o rio a perder de vista, se refletindo na água cor de esmeralda. Escadas largas, com degraus de cerâmica rosa, descem em sua direção e alguns homens as lavam. O detergente faz muita espuma; peixes mortos flutuam com a barriga para cima, no meio do lixo, das manchas de óleo e dos velhos sacos de plástico. A água está repleta de poluentes e lixo. Há até mesmo o cadáver de um cachorro, com a barriga inchada, que bóia como um balão. Se este é o reservatório de decantação dos esgotos de Ayodhya, é a estação de depuração mais bonita que já vi. Mas acho que é apenas um reservatório comum.

A água é suja, mas clara. Cardumes de alevinos nadam na superfície e de vez em quando peixes grandes sobem à tona para comê-los. Pequenas tartarugas mergulham assim que vêem eu me aproximar. Mas não vejo

nenhum pescador.

Ayodhya! Proibido pescar. É um ato sanguinário, cruel, bárbaro, que vai contra a moral vegetariana hindu.

Em compensação, pode-se poluir a água em que os peixes vivem. Pode-se lavar roupa e esvaziar latas de lixo à vontade. Para os brâmanes, tudo bem. Essa é a natureza de seu amor pelos animais, de seu respeito por todas as formas de vida - que talvez sejam a reencarnação de seus avós. Um exemplo de sua alta civilização humana e de sua não-violência: a agonia lenta e inútil dos peixes por envenenamento e não a morte imediata nas mãos de um pescador, a fim de alimentar os homens.

Brâmanes cretinos! Quanto mais dura minha metamorfose, mais os detesto. Nunca pensei que viesse a sentir tanta raiva por outros homens, e compreendo como os negros se tornam racistas radicais.

Reflito sobre tudo isso até o crepúsculo, sentado em um degrau à beira da água, e depois subo para o passeio que rodeia o reservatório.

A noite caiu. De repente, sou dominado por um grande cansaço. Não durmo desde ontem. No meio do passeio, noto a soleira de cimento de uma casa que parece desabitada. Estendo o oleado e a coberta, e me deito. Penso nesse primeiro dia em Ayodhya, no almoço humilhante, nas litâneas absurdas de Rama, nos doces para satisfazer o gosto dos deuses, na mesquita Babri, em seus ídolos invisíveis, que fazem a Índia vibrar, nas vaquinhas do Saryu, no sistema de castas radical dos habitantes locais, no retrato de Ambedkar no templo de Ravidas...

Ambedkar, o profeta dos intocáveis, me lembra seu contemporâneo Periyar, outro revolucionário de sua ténpera, adversário de Gandhi e o "Sócrates" dos tâmeis, povo dravídico e não ariano que habita o Sul do subcontinente indiano. E. V. Ramaswami Naicker, chamado de Periyar, isto é, o Sábio, combateu com veemência o hinduísmo, o sistema de castas e, de maneira geral, toda a civilização dos brâmanes e do sânscrito. Inclusive os casamentos endogâmicos e a expansão do hindi (língua originada do sânscrito) como língua nacional da Federação indiana. O escritor V. S. Naipaul conta como Periyar, usando uma camisa preta - em contraste com a tez e as roupas brancas dos brâmanes, símbolos da pureza -, iniciou seu

discurso com: "Deus não existe. Quem inventou Deus é um louco. Quem propaga a existência de Deus é um crápula. Quem acredita em Deus é um bárbaro..."

Periyar comparava a miséria da sociedade indiana, nas mãos das altas castas, ao desenvolvimento da Europa graças à ciência. Seu espírito racionalista escarnecia do hinduísmo e explicava que os brâmanes tinham copiado seus deuses dos deuses do Egito e da Grécia antigos. Previa os avanços ilimitados que a ciência propiciaria à humanidade, destruindo as especulações obscurantistas sobre a existência de Deus. Quando o mundo fosse transformado em um paraíso com a ajuda da ciência, não haveria mais necessidade de um no céu. Quando não houvesse mais miséria, não haveria mais necessidade de Deus. Ao contrário de Gandhi, o santo campeão do jejum - como o herói do romance de Kafka -, Periyar era um glutão e comia carne de vaca propositalmente, para mostrar que não era nada de especial, nem doentio. Efetivamente, viveu 94 anos, um prodígio em um país onde a esperança de vida só passou de 32 para 59 anos, a partir da Independência.

Periyar e Ambedkar travavam um combate complementar e em 1943 chegaram a discutir a divisão da Índia com Jinnah, futuro fundador do Paquistão. Para escapar à dominação dos brâmanes, os muçulmanos queriam fundar o Paquistão, ou "país dos puros"; os intocáveis, um Dalistão, "país dos oprimidos"; os sulistas, um Dravistão, "país dos dravídicos", e os hindus se encontrariam em um Hindustão - Índia em hindi, ou "país dos hindus" - amputado, que tanto horror causava a Gandhi e que lhe custou a vida. Tudo isso é História. Nesta noite, o que me interessa em Periyar é sua comparação entre os deuses hindus e os deuses egípcios e gregos, e sua visão do hinduísmo como religião primitiva.

Ele tem razão.

Uma viagem à Índia não leva os ocidentais à Idade Média, como se costuma dizer, mas às trevas cruéis das primeiras civilizações. A sociedade indiana é um vestígio da Antiguidade, está próxima das sociedades gregas, romanas ou celtas, por seus costumes religiosos e segregacionistas em função do nascimento, que derivam, principalmente, do fundo comum indo-europeu.

Os brâmanes podem ser comparados aos druidas, não apenas pela maneira

como cultuam as divindades pagãs e por sua concepção de pureza, como também por seu poder judiciário e político. Em Roma, a sociedade classificava os homens segundo o nascimento em três graus imutáveis, como os varna (a ordem genérica das castas) na Índia: os patrícios, a plebe e os escravos. Não darei uma aula de etnologia romana, mas cada classe possuía direitos muito discordantes. A economia se desenvolveu e elas se subdividiram em várias guildas profissionais hereditárias, com seus santos padroeiros - como muitas castas hindus -, uma certa endogamia e uma hostilidade aos movimentos individuais entre os grupos. Mesmo a intocabilidade, uma característica típica do hinduísmo, pode ser encontrada na Grécia dos antigos filósofos, segundo o célebre antropólogo indiano G. S. Ghurye. Platão declarava que aquele que tocasse em uma pessoa expatriada, ou comesse em sua companhia, não poderia mais entrar em um templo ou na cidade sem ser purificado.

Hoje as sociedades indo-européias hierárquicas, pagãs, obscurantistas e escravagistas já não existem. Exceto na Índia. Muito ligado às suas origens remotas, este país se tornou um mundo fóssil.

30 de novembro

O frio me despertou várias vezes durante a noite e me sinto exausto. O ar está muito úmido e uma neblina espessa escurece o amanhecer. Impede a visão a 10 metros de distância. Não distingo a escada nem a água do reservatório. Porcaria de cidade! Estou de saco cheio do desprezo dos outros, de minha sujeira, do frio e do cansaço. De tanto procurar situações cada vez mais duras, vou acabar morrendo ou enlouquecendo. Estou esgotado. Não sei como descrever, mas sinto que não aguento mais e tenho vontade de desistir de tudo. Será a falta de sono que me confunde?

Estou pifando.

Pelo menos em parte. Resolvo continuar a ser um indiano, mas não um intocável ou um mendigo. Essa metamorfose é possível. A idéia de Gloire de eu trazer roupas limpas e tintura foi perfeita. No caso de ter confusão em Ayodhya... Quero parecer um hindu de casta alta e ver como as pessoas me

tratarão. Vai ser interessante e espero que seja mais fácil de viver.

Eu me limpo e lavo vigorosamente em uma fonte no final do passeio em torno do reservatório. Tem pouca gente e, com toda essa neblina, não notam o que estou fazendo. Eu me barbeio e esfrego bem o rosto, os braços e os pés, depois desço para a beira da água, tiro a camisa e o lungi esfarrapados e visto a calça e a camisa limpas. Eu me olho no pequeno espelho e descubro um terceiro homem. Nem Marc Boulet nem Ram Munda, mas um indiano bem-vestido, de tez clara e brilhante, ligeiramente café-com-leite. Não pareço mais um intocável. Meto minhas coisas dentro do saco e vejo que é muito sujo para minha nova identidade. Preciso comprar outro antes de mergulhar na cidade.

A neblina se desfaz com o calor do sol. Fico esperando ao longo do rio a abertura do comércio, às nove horas. Procuro um saco novo em uma loja na entrada da cidade.

Para romper com minha antiga existência de andarilho miserável, subo em um desses triciclos a motor que servem de táxi ao longo da rua principal. O motorista é um louco e tem três “Viva Rama!” pintados no veículo. Deve achar que não tem nada a temer para tirar um fino dos pedestres e outros veículos daquela forma, sem se preocupar. Ele tem a mão no guidom e nos faz andar, mas é Rama que nos conduz. Viva Rama! Saboreio o prazer de ser transportado e me sinto mais seguro que ontem, quando caminhava por essa rua atravancada.

Desço perto do grande templo de Hanuman, deus dos macacos, e paro em uma taberna. Hoje não sou pobre e pago seis rupias por uma refeição completa. Com a boca e o estômago satisfeitos, sigo a pé para a mesquita Babri. Quero visitá-la, refazer o percurso de ontem, como um indiano não-intocável.

Para construir o templo de Rama, há um grande número de voluntários que se espalham pelas ruas em um fluxo contínuo, inesgotável. Desembarcaram durante a noite, como nuvens de gafanhotos, e agora são milhares em Ayodhya. Dizem “Viva Rama!” bem alto uns para os outros e não se esquecem de mim. Acham que sou um deles, com minhas roupas novas, e eu respondo: “Viva Rama!” Acho agradável cumprimentar desconhecidos.

Diante da mesquita, o camelô que ontem guardou minhas sandálias e meu saco também muda de atitude comigo. Não me reconhece, mas me dirige um largo sorriso e pergunta se não sou um brâmane da Caxemira.

- Sim - respondo.

- Eu tinha certeza - ele diz.

De imediato não percebo o sentido do que diz, estou preocupado com minha visita à mesquita. Quero ver os famosos ídolos.

Dessa vez lá estão. Consegui. Eu os vi. Quatro estatuetas deitadas na primeira vitrina com dossel. Mas só suas cabeças minúsculas emergem das toalhas bordadas com fio prateado. Parecem escuras e vagamente brilhantes, mas não tenho certeza, pois são muito pequenas.

Estou contente por saber que existem. Saio da mesquita e caminho nas proximidades. Policiais e milhares de voluntários tornam a esplanada sombria. Ontem ninguém prestava atenção em mim, mas hoje, em meia hora de passeio, os policiais me interpelaram duas vezes. Tive medo, mas não me trataram como em Benares. Sorriram e me trataram de "senhor". Queriam saber se eu era um brâmane da Caxemira.

Não os contradisse.

Não sei como se parece um brâmane da Caxemira, mas deve ter minha cara pálida e vestir o tipo de roupa indiana que estou usando. É a terceira vez que me perguntam se sou um deles. Além do mais, ninguém me toma por um estrangeiro, o que é fácil de notar pelo tipo de olhar curioso que lhe lançam. Na minha precipitação, não pensei na identidade que adotaria. Só queria deixar de ser intocável, e eis que sou impulsionado ao cume das hierarquias das castas. Os brâmanes da Caxemira são muito respeitados e atraem a simpatia geral dos hindus, pois são martirizados pelos muçulmanos. Nunca pus os pés na Caxemira e não falo uma palavra de sua língua, mas se me pedirem detalhes, direi que me chamo Ram Pandey - um nome da casta dos brâmanes - e que venho de Lelh, capital do Ladakh. Eu me admiraria se encontrasse alguém que tenha visitado esse local distante da Caxemira. Vi fotos dessa parte do Himalaia, parece-se com a paisagem lunar tibetana, e o Tibete eu conheço. Eu o atravessei de carona há cinco anos e poderia

inventar uma descrição plausível do Ladakh a partir de minhas lembranças tibetanas. Direi que só falo o hindi e o ladakhi, um dialeto tibetano, e se me pedirem uma demonstração, falarei em chinês. Acho que dará certo.

O hábito realmente faz o monge, ou o brâmane, e as pessoas falam comigo e se mostram até mesmo solícitas. Tive dificuldade em me livrar de um sadhu que me abordou e queria que eu visitasse seu monastério perto do templo de Hanuman. Agora um grupo de voluntários se aproxima. Confirmo mais uma vez que sou um brâmane da Caxemira. Sim, vim sozinho para contribuir para a construção do templo de Rama. Eles me felicitam e me convidam para me juntar a eles. Não devo ficar só, sem amigos, pois essa reunião de milhares de voluntários, de irmãos hindus, é uma festa.

Segundo eles.

Tudo bem, eu os acompanho. Quero estudar de perto esses fanáticos. Usam camisa e calça ou o tradicional kurta-dhoti e têm de 30 a 40 anos. Vêm de Bihar e são brâmanes, o que não me surpreende, pois li que os voluntários do templo de Rama pertenciam, em geral, às castas das três ordens hindus superiores: os brâmanes, os kshatriya (os guerreiros) e os vaishya (os comerciantes).

No outono de 1990 eles participaram do tumulto da mesquita Babri, reprimido violentamente pela polícia. Eles me contam isso sem subterfúgios, à maneira dos ex-combatentes, orgulhosos de suas proezas. Acampam no primeiro portal, ao pé do outeiro em que Rama nasceu. O solo é coberto de palha, como em um estábulo, e centenas de voluntários aí descansam, sentados ou deitados. No fundo, há um estrado e três sacerdotes jovens lêem um texto sagrado diante de microfones que amplificam seu blablablá em altofalantes.

Meus novos irmãos chegaram na noite anterior, de trem. Seu chefe, um baixote gordo, tem o rosto redondo, com o focinho achatado. Com folhas de salsa nas narinas, ficaria mais apetitoso e bonito, parecido com a cabeça de um vitelo exposto em um açougue. Afinal, ser comparado a um bovino é um elogio para um brâmane e não sinto vergonha de imaginá-lo assim.

Ele é sociável. Convida-me a sentar em seu edredom, tira de uma valise de alumínio um saco plástico cheio de bolas brancas e me oferece uma. É um

doce superaçucarado que parece de gesso e tem cheiro de manteiga rançosa. Cola nos dentes. Ele diz:

- Coma! É bom. É manteiga pura. O cheiro é gostoso, não?
- Sim. Tem gosto de manteiga - respondo lacônico, como se a presença do sabor lácteo, sabor sagrado, bastasse para torná-lo delicioso.
- Foi minha mulher que fez.
- Parabéns. É delicioso.
- Tome!

Recuso com polidez, e ele serve um pouco de água em um copo comum do grupo. Bebo entornando o líquido sem tocá-lo nos lábios, segundo as boas maneiras hindus. Depois, ele diz para eu me deitar e fazer a sesta.

Fico admirado. As pessoas são tão gentis e me acham tão puro. Bebi no copo de um brâmane e nos deitamos juntos. Esse ambiente fraternal quase faz esquecer que Ayodhya é um antro de pessoas que se detestam e querem prejudicar umas às outras, a reunião mais repugnante de fanáticos religiosos de tendência fascista. Fecho os olhos e penso no absurdo do sistema de castas, nó tratamento desumano que me infligiram durante as cinco últimas semanas. E pronto! Esta manhã mudei de roupa, esfreguei a pele até apagar a tintura e me tornei um personagem venerável. Eles me tratam de "senhor", me alimentam, me oferecem uma cama de palha.

Devo ficar feliz ou chorar?

O chefe gorducho me conta que é um homem de negócios. E eu? Respondo que eu também. É mais simples. Ele fica satisfeito e diz que me acha simpático. Obrigado. Pergunto:

- Como sabe, o governo BJP de Uttar Pradesh prometeu à Corte Suprema que a construção de 6 de dezembro seria apenas simbólica. Viemos até aqui para nada?
- Não. A construção será de verdade. Não se preocupe.
- Então o BJP mentiu para a Corte Suprema?
- Sim - diz sem hesitar. - o Vishva Hindu Parishad desta vez decidiu que construiremos realmente o templo de Rama. Nada nos impedirá. Estamos fartos... A Índia é o país dos hindus e nem podemos construir um templo no local de nascimento de Rama. Basta. Essa promessa de construção simbólica

não passa de uma cortina de fumaça. O BJP confunde a Corte Suprema, entende? Para ganhar tempo e evitar que a polícia intervenha. É uma estratégia política. Só isso.

Eu me pergunto se o BJP está enganando a Corte Suprema ou os voluntários. Talvez os dois ao mesmo tempo, tentando não tomar partido. Mas uma coisa é certa: durante o dia todo, em volta da mesquita Babri, não param de desembarcar grupos de centenas de voluntários dos quatro cantos da Índia, a maior parte do distante Sul, dravídico. Se não é para participar de algum trabalho no dia 6 de dezembro, eu me pergunto por que o VHP continuaria a chamá-los e acolhê-los. O chefe me diz que o apelo do VHP é um sucesso, 30.000 voluntários já chegaram a Ayodhya. Acredito nele. Um cara leu no jornal que mais de 10.000 policiais nos vigiavam.

- Não tem medo que a polícia atire em nós, se começarmos as obras de construção? - pergunto. - Como em 1990?

- Não. Eu não tenho medo. Estamos aqui a serviço de Rama. Não precisamos ter medo. Todos os que se opuserem à flecha de Rama terão a morte de Ravana.

Ele faz alusão ao demônio Ravana, que raptou Sita e a levou ao Ceilão. Rama libertou sua mulher matando o invencível Ravana com uma flecha mágica. Eu digo:

- Sei, mas ainda assim estou inquieto.

- Não se preocupe. O que podem os fuzis dos policiais contra o poder de Deus?

Fingimento, loucura, inconsciência? Ele parece sincero e, ao ouvi-lo, observando a quantidade de voluntários em Ayodhya, não tenho dúvidas de que o 6 de dezembro vai explodir. Para os voluntários ou para a mesquita, talvez para os dois ao mesmo tempo, e também para os governos de Uttar Pradesh e Délhi. Eu me pergunto se o BJP e o VHP são capazes de controlar o que estão desencadeando, ao concentrarem um exército de fanáticos, ou se deixam a situação se agravar de propósito. Como conseguirão controlá-los se as obras de construção se confirmarem simbólicas? Alguns percorreram milhares de quilômetros para servir Rama; não é preciso ser adivinho para compreender que não se satisfarão em recitar algumas litanias.

Estou extenuado e essas reflexões me adormecem. Quando desperto, um pouco antes do crepúsculo, um sujeito com uma faixa cor de açafrão em torno da cabeça, com o slogan "Viva Rama!" impresso, se apresenta ao grupo como um oficial do VHP. Ele explica que devemos ir para um campo de voluntários, a quatro quilômetros dali, onde seremos acolhidos até 6 de dezembro. Percebo que os dois portais ao pé da mesquita Babri não passam de locais de trânsito para os recém-chegados. Em seguida são distribuídos, segundo a região de origem, para campos mais afastados. Nosso chefe diz Ok e manda que nos preparemos. Depois me diz à parte: "Vai nos acompanhar, não?"

Penso rápido. São gentis, mas o acampamento é muito longe do centro da ação. Recuso sua sugestão. Digo que prefiro ficar perto do local de nascimento de Rama. Ele não insiste e explica que o VHP serve, a 500 metros dali, refeição gratuita para os voluntários. Diz que eu devo comer lá e me abraça antes de partir.

Já é noite e acho que seria interessante jantar e ver como é uma cantina de voluntários.

É uma boa idéia.

A cozinha do VHP fica sob um hangar de ferro, na avenida de terra que conduz à estação. Milhares de voluntários, divididos em filas, esperam do lado de fora, diante de uma mesa comprida. Eu também. Eu me conto à parte, pois, embora minha aparência seja semelhante à deles, me sinto diferente desses integristas.

Esperamos que a comida fique pronta e os "Viva Rama!" que se ouvem de tudo que é lado expressam a alegria dos voluntários de estarem em Ayodhya. Escuto todas as línguas faladas na Índia, mas só compreendo a de dois agitadores profissionais que, trepados no muro que cerca a cantina, provocam as pessoas, em hindi, a cada cinco minutos. A multidão repete os slogans agressivos. Eu também, para não chamar a atenção:

"Construiremos o templo aqui mesmo! Viva Rama!" "Hindus! Hindus! Urra! Urra!"

"Os inimigos de Rama são inimigos da nação!" "Viva Rama! Viva Rama!"

Uma hora mais tarde, o jantar é servido à fila indiana diante da mesa. Na minha vez, recebo uma folha-prato cheia de comida e vou me acocorar na beira da estrada para comer como todo mundo. Eu me surpreendo, é delicioso. Dois pãezinhos fritos, dois punhados de arroz branco e uma concha de ensopado de batatas. Os pãezinhos fritos são um prato refinado na Índia e fico com a impressão de que o VHP quer agradar aos voluntários. Eu me delicio, depois bebo água em uma fonte e retorno ao portal. Deito-me sobre a palha e me cubro com um dos edredons deixados pelo VHP. Olho em volta. Trezentas pessoas escutam um sacerdote. Ele lê um texto sagrado mecanicamente. Fala da ordem do mundo, segundo Krishna, e do dever de cada casta. Não entendo sânscrito, mas sei algumas palavras-chave e acho que reconheci a seguinte passagem do Bhagavad-Gita:

"Brâmanes, kshatriya, vaishya, shudra, suas ações obedecem à sua natureza intrínseca.

Serenidade, domínio, esforço, glória, paciência, retidão, conhecimento, discriminação, confiança no ser são o que marca um brâmane.

Bravura, grandeza, firmeza, destreza e coragem no combate, magnanimidade, autoridade são o que marca um kshatriya.

Arar, cuidar dos rebanhos, fazer comércio são o que marca os vaishya, enquanto a natureza dos shudra os leva a servir. "

Isso me faz lembrar da vida miserável que levava como intocável. Mundo nojento. Um exaltado de meia-idade toma a palavra e começa a insultar o Paquistão e seu apoio aos separatistas muçulmanos na Caxemira. Denuncia a destruição de mais de 50 templos hindus na Caxemira e prossegue falando da pseudolaicidade do governo do Partido do Congresso, que aceitou a criação desse Paquistão onde os hindus são maltratados. Em compensação, na Índia, esse partido proíbe os hindus de serem os patrões em seu país, de venerarem livremente seus deuses, edificando um templo no local de nascimento de Rama. Inimigos de Rama são inimigos da nação, repete. Prossegue com a superioridade da raça ariana e a necessidade de fundar uma teocracia hindu. Para resolver a crise econômica e social, quer purificar o

país e tornar a mergulhá-lo em suas raízes. Deseja conformá-lo aos princípios bramânicos, em lugar de destruir a tirania do sistema de castas para construir uma sociedade moderna fundamentada na ciência. A razão não tem razão em Ayodhya e o público o aplaude e grita "Viva Rama!".

Chega! Basta! Este delírio puramente fascista - totalitário, segregacionista, retrógrado e nacionalista - me dá arrepios. O desejo de promover a pureza da raça e da cultura parece a propaganda nazista. Escondo a cabeça no edredom e tento dormir. Bem aquecido, pela primeira vez desde que sou indiano.

Desperto duas vezes durante a noite; quatro sacerdotes, sobre o estrado, prosseguem a leitura monótona dos textos religiosos. São muitos os que dormem, mas, quando acordo pela segunda vez, uma onda de voluntários que acaba de desembarcar de um trem noturno invade nosso abrigo e se estende na palha. São muitos. Nós nos apertamos, ficando costas contra costas, pés de encontro à cabeça do outro, como sardinhas em lata. Para piorar, um cara a meu lado põe as pernas sobre as minhas e outro usa meus pés como travesseiro. Posso reclamar? Acho que não. Só dispomos de um metro quadrado para cada um, e conto 12 filas de 50 e 70 dorminhocos sobre a palha. É muita gente. Reparo em um ancião que dorme murmurando "Viva Rama! Viva Rama...".

Confesso que isso está além da minha compreensão; uma imensa tristeza me invade. Se pelo menos o ardor desses milhares - serão 200.000 em 6 de dezembro - de voluntários vindos a Ayodhya para a construção de um templo fosse mobilizado para construir as moradias ou as estradas de que a Índia tanto precisa!

1º. de dezembro

Logo vai amanhecer. Impossível dormir com essa balbúrdia. Eu me levanto, desço até a cidade e sigo de jinriquixá na direção do rio Saryu. Refleti observando o velho que repetia dormindo "Viva Rama!" Não vim à Índia para investigar os integristas hindus. Nem para bancar um brâmane. Vim

para ser intocável e voltarei a sê-lo.

A bruma não envolve a manhã de hoje em Ayodhya. Procuro um lugar isolado para me metamorfosear. Caminho um quilômetro sobre os bancos de areia do Saryu.

Encontro um local perfeito. Um filete de água corre próximo o bastante para que eu possa me lavar e o mato me oculta dos raros camponeses que vêm mondar seus pepinos. O rio depositou aluvião nessa terra depois da cheia provocada pela monção e eles semearam campos inteiros desse legume.

Tiro a roupa e ponho a camisa esburacada e o lungi imundo. Depois me lavo e me barbeio. Rasgo o saco novo e uso as tiras de pano para passar nitrato de prata no rosto, braços e pés. Passo duas camadas, o que me toma toda a manhã. É difícil fazer isso sem a ajuda de minha mulher, principalmente tingir os dedos e as pálpebras; e em plena luz do dia, para evitar as listras, tenho de pincelar mais rápido cada zona da epiderme, pois a coloração fotossensível começa a aparecer depois de cinco minutos. Consigo me virar e o resultado me satisfaz. O espelho reflete de novo a cara morena de Ram Munda. Enterro na areia os restos de meu saco de brâmane, coloco minhas coisas no antigo saco e sigo a pé para a estação.

Vou voltar para Benares.

Estou farto de Ayodhya e não pretendo sofrer aqui como intocável até 6 de dezembro. Não sou masoquista e o destino da mesquita Babri não é a meta de minha aventura.

Tenho sorte. O Doon Express atrasou e chego na estação por volta das 13 horas, a tempo de pegá-lo. Ele atravessa o Norte da Índia, penetra a planície do Ganges, do pé do Himalaia ao golfo de Bengala, e liga Dehradun a Calcutá, via Benares. Legiões de voluntários do templo de Rama descem. "São 3.000", diz um policial na plataforma. Ocupavam os degraus, as ferragens nos espaços entre os vagões e até o telhado. Viajaram dessa maneira centenas de quilômetros. Que loucura coletiva! Estou contente de partir. Quando desembarcam, eu embarco.

Como tinha decidido, não comprei a passagem. Dentro do trem, que mesmo

sem os voluntários continua apinhado de gente, me convenço de ter agido certo. Nenhum fiscal se divertiria circulando no meio dessa confusão. Consigo, apesar de tudo, me sentar em um banco, junto de mais cinco pessoas.

Os passageiros falam de Ayodhya e dos voluntários.

E patati, patatá. Deve-se destruir a mesquita ou construir o templo de Rama ao lado? O BJP fomenta o antagonismo hindumuçulmano para ganhar as próximas eleições? Essa discussão repetitiva sobre o integrismo hindu me aborrece, mas um pai de família robusto e bem-vestido me desperta, citando Krushev. O líder comunista teria dito: "Os políticos são os mesmos em todo lugar. Prometem construir pontes onde não há rios." Interessante! Fora isso, nada a assinalar. Exceto meu vizinho, que não para de abanar as mãos quando eu fumo biri. Eu o incomodo. Mas este pai confunde seu cu com uma trombeta. De 15 em 15 minutos, ergue o traseiro na minha direção e emite uma nota. Seus intestinos estão podres, palavra de honra, e quando um vendedor ambulante passa pelo nosso vagão, vendendo ervilha cozida, ele compra um punhado para reforçar a munição. Mas sem cebola - legume impuro -, e percebo que é um hindu religioso e com certeza membro de uma casta alta. Não deve achar que o ar de suas tripas pode me poluir, um aborígene miserável, e peida na minha direção. Sem se constranger.

Chegamos em Benares depois do pôr do sol e saio logo da estação.

Estou morrendo de fome e ando rápido para satisfazer um desejo que tenho desde a noite passada. Convivendo em Ayodhya com todos esses hindus extremistas e vegetarianos, não sei bem porquê, mas senti uma vontade doida de comer o presunto defumado que meus pais trazem de Savoie todo inverno. Hoje à noite comerei carne. Vou me sentir um bárbaro. Jantarei no bairro muçulmano da Mandapur. Ali vendem-se nas ruas brochetes de cabra grelhadas.

Sei que será bom. E isso me basta.

A cidade está calma, esplêndida. Não ouço mais os gritos dos fanáticos de Rama e as luzes de centenas de lojas iluminam meu caminho.

2 e 3 de dezembro

Dois dias sem interesse. O ramerrão da miséria e do tédio se repete. Milhões de metros cúbicos de água correram no Ganges durante minha ausência, mas Benares não mudou nem um pouquinho.

Para mim.

À noite, durmo no ghat Dashashvamedh; de dia, vagueio pela orla do rio sagrado e como no templo de Vishvanath do ghat Meer. Do lado de fora, com os outros sub-homens.

Eu me entedio. Nada. Nada para fazer, a não ser observar o cortejo de voluntários a caminho de Ayodhya. Eles param em Benares e vêm ver o rio sagrado, gritando "Viva Rama!". Alguns fascistas, aliás, pintaram suas opiniões nas pedras do ghat Dashashvamedh:

Inimigos de Rama,
Inimigos da nação.

Eu acrescento:

Inimigos dos babacas.

4 de dezembro

Não esconderei nada de minha aventura: gosto de olhar as hindus se banharem no Ganges. Pudicas, se lavam completamente vestidas, mas os sáris molhados colam na pele e expõem os menores relevos de sua anatomia. Tornam-se transparentes, e o bico marrom de seus seios brota sob o tecido vaporoso, como uma musselina. Adoro esse espetáculo. É mais excitante que um miserável striptease, e esta manhã, comparando os espécimes femininos no rio sagrado, percebo que minha metamorfose é tão profunda que minha sexualidade e meus gostos mais íntimos mudaram. Agora prefiro as mulheres de pele mais alva. Isto é, mulheres que oferecem algo mais que ossos para serem apalpados e que, sem dúvida, pertencem às

castas altas. Mulheres puras. Gosto da pele leitosa, do rosto bochechudo, do traseiro gordinho e empinado, de braços da grossura de minhas coxas e de um peito volumoso e firme, apertado no minicolete tradicional, que deixa à mostra um magnífico ventre rechonchudo. Aham esta descrição pouco atraente? Para mim, pelo contrário, essas formas roliças revelam uma vida confortável e me parecem voluptuosas.

Quando cheguei em Benures, apreciei a beleza selvagem das intocáveis altas, magras e morenas. Agora as acho ressequidas, descoradas e tristes. Sentei-me na orla do rio, acima do ghat Dashashvamedh, e observo um grupo de anciãs se banhando. Parecem camponesas, por causa de suas roupas limpas, mas gastas, e, quando elas saem da água, trocam a roupa molhada em público; vejo seus seios murchos e traseiros ossudos. Não é excitante, mas acendo um biri e continuo a observá-las. Duas mulheres na faixa dos 20 anos as acompanham. Espero que saiam da água.

Pronto. Elas saem, se secam e me sinto no céu. Fiz bem em ficar. Elas tiram o corpete sem se cobrirem. Observo com prazer. Hummmmmmm! É muito agradável, com o rio esmeralda ao fundo e o sol que o torna sedutor. Com o calor, seus seios perfeitamente roliços e firmes me fazem pensar em grapefruit. Ainda mais refrescantes. Tocaria neles com prazer.

Pensando bem, vi uma quantidade enorme de seios na Índia. Os maiores foram os de Baby, na minha primeira viagem, em 1990. Uma obra-prima. Baby era a proprietária da casa em Trivandrum. Ela morava do lado e se lavava no poço, diante de minha varanda. Deixava cair seu sári, depois o corpete e, de saíote, jogava no corpo bacias de água gelada. Ficava de costas para mim, mas às vezes eu percebia suas tetas balançarem para a esquerda, para a direita e até para as costas. Quando parada, batiam no saíote. Eram enormes, gigantescas. As maiores que já vi, e estou convencido de que, se ela tentasse, conseguiria tocar o traseiro com elas. Gostaria de tê-la visto fazer isso, mas nunca tive coragem de sugerir e ela nunca tentou. Pelo menos na minha frente. Baby já estava na faixa dos 40, o que significa, na Índia, onde as pessoas envelhecem cedo, que estava na terceira idade. Ainda assim, seu peito era uma escultura de Rodin e nunca a esquecerei.

Faço os cálculos e acho engraçado: metade da população mundial gosta das gordas. A Índia, os países árabes, a América Latina, a África

A outra metade - Europa, América do Norte, Extremo Oriente - gosta das magras. Esta divisão, na verdade, não classifica as nações como países desenvolvidos e países do Terceiro Mundo. A China, por exemplo, com um quinto dos pobres da humanidade, pertence ao grupo que gosta das magras. Gostaria de encontrar um denominador comum aos povos que gostam das gordas. De repente, uma garotinha de três anos interrompe essas reflexões idiotas e me introduz de novo no mundo repugnante das castas hindus. Ela se aproxima de mim. É rica, veste uma bonita saia rodada. Seu pai, sentado mais distante, a chama. Está com raiva e me lança um olhar hostil. Compreendo que não quer que ela se aproxime de mim, não para não me incomodar, mas porque sou muito miserável. Eu poderia poluí-la.

Cinco minutos depois, minha hipótese se confirma. A garotinha corre para dois caras sentados na minha frente, que usam calça e camisa e estão limpos como seu pai. Ele a deixa brincar com esses desconhecidos.

Eu me imagino na França e digo a mim mesmo que se tivesse uma filha de três anos não gostaria que ela tocasse em mendigos. É verdade. Mas neste momento não estou mendigando, não estou bêbado, não tenho pulgas e não cheiro a urina.

Minha aparência é a de um indiano pobre, de casta baixa, um sujeito comum neste cenário. O equivalente a um operário na França.

Um intocável, um escravo na Índia.

5 de dezembro

É de manhã.

Desespero. Desespero. Desespero.

Mais um dia para resistir, mais um! Um! E amanhã outro. E depois de amanhã mais outro. Viver. Durar.

Morrer.

Além do mais, sinto câimbras no ventre e senti muito frio, à noite, no ghat. É como se toda a miséria do mundo pesasse sobre mim.

Como por volta das 10 horas no templo de Baba Khichari, depois vou ao famoso templo de Kala Bhairav, uma das representações do deus Shiva, simbolizando o Tempo que devora tudo, se não me engano. Ouvi dizer que aí há um comércio de exorcistas.

A maior parte dos indianos acha que os acasos da vida são devidos ao mau-olhado. O exorcismo é, portanto, em Benares, uma terapia comum para doenças, problemas profissionais, uma pane elétrica em sua casa etc. Mesmo os ricos ou os intelectuais, como meus proprietários na Ravindrapuri, ou Sanjay, meu professor de hindi, recorrem ao exorcismo sempre que têm um problema.

Não creio em Deus, nem no diabo, nem em poder sobrenatural. Mas estou exausto e penso que não há mal nenhum em me deixar exorcizar se porventura me lançaram esse tal de mau-olhado. Ao contrário dos indianos, não consigo aceitar a vida miserável. Será que a causa dessa minha depressão é algum mau-olhado? Se há a possibilidade de o exorcismo me confortar, por que não tentar?

Sem dúvida é bobagem, mas não mais que a má sorte lançada naquele que passa por baixo de uma escada na França. Eu não gosto de passar por baixo de escadas.

Os indianos também têm esse tipo de superstições. Por exemplo, a primeira pessoa que atravessar o lugar em que um asno tropeçou será vítima de mau-olhado e se sentirá muito cansada durante muitos dias, até que o exorcismo a liberte. Ao chegar na Índia, esta história me aborrecia. Hoje continuo sem acreditar, mas sei que evitarei andar no lugar em que um asno tropeçou. Por prudência. Estou na miséria absoluta e não quero correr nenhum risco inútil, nem perder a menor chance que seja de melhorar minha situação.

Por isso vou me submeter ao exorcismo. Isso não me sai da cabeça e acabo achando que é uma boa ideia.

O templo de Kala Bhairav se situa do outro lado da cidade velha, em uma viela atrás de Kotwali, o comissariado central. É uma construção modesta, a céu aberto, cujo interior é ladrilhado de preto e branco. Uma espécie de pátio de uns 100 metros quadrados. Um santuário se eleva no centro e

arcadas pintadas na cor laranja se sustentam ao longo do muro que o cerca. Sob essas galerias, alguns homens idosos vendem ganda, cordõezinhos pretos que os indianos carregam como amuleto. Pergunto um pouco constrangido a um deles: "Sinto-me perturbado (palavra comum em hindi, que significa angústia, mágoa, depressão, cólera...) e tenho dor na barriga. Acho que me lançaram mau-olhado. Pode me livrar dele?"

A rotina. Ele se levanta em silêncio, pega uma vassoura de cordinhas pretas que parece um chicote e açoita o ar à minha volta, recitando rapidamente fórmulas incompreensíveis de exorcismo. Seu rosto não demonstra a menor emoção. Realiza o ato mágico como um médico ausculta seu décimo paciente do dia. Sua frieza me intimida. Sou um brinquedo em suas mãos. Ele diz: "Incline-se!" Depois, força minha espinha até que eu me dobre em dois e recomeça a dizer as palavras mágicas. Sinto, então, a vassoura bater em minhas costas para expulsar o mau-olhado que aí se esconde.

Pronto, acabou. Não me fez bem nem mal e a extração do demônio se revela mais agradável que a extração de um dente. A comparação entre o exorcista e um médico continua. Ele amarra um ganda em torno de meu pescoço e prescreve uma receita:

- Agora tudo vai se ajeitar. Precisa apenas girar uma fruta em torno de sua cabeça, cinco vezes. Uma banana, uma maçã, não importa. Compre a que quiser e a gire em torno da cabeça. Assim - imita o sentido dos ponteiros de um relógio.

- Cinco vezes?

- Sim. Cinco. Depois a jogue fora. E estará curado.

- Mas sinto muita dor na barriga - digo cético.

- Mas já disse. Cinco vezes uma fruta em torno da cabeça e estará curado. Não se preocupe! Seus problemas estão resolvidos.

Não acredito, mas, se está dizendo a verdade, ele é genial. Estou louco para ver o resultado. Pergunto quanto devo, e ele responde que quanto eu achar que devo. Pago duas rupias, acrescentando uma moeda de 25 centavos, para completar uma cifra de bom augúrio e não deixar a conta redonda. Ele fica contente.

Saio do templo e compro uma banana no primeiro vendedor de frutas que

encontro. Eu me instalo recuado da rua e giro a banana em volta da cabeça. Cinco vezes. Não dói nem é agradável. Só espero que não me vejam, pois tenho vergonha.

Meu pudor é inútil, ninguém me observou. Como sempre. Sou invisível. Sujo e miserável demais para interessar a alguém. Jogo a banana fora e decido flunar pela cidade velha, aguardando os resultados do exorcismo.

A cidade velha se agarra à colina que sobe do Ganges. É um labirinto de vielas de dois metros de largura, onde não cabem automóveis. É uma colméia separada do resto de Benares, um ninho de abelhas que zunem do amanhecer até a meia-noite. Homens, vacas, cachorros, macacos, ratos aí vivem em liberdade e em comunidade. O sol não desce nessa cloaca superpovoada, onde milhares de tendas imundas, de tudo quanto é tipo, se alinham como um rosário de hemorróidas ao pé de prédios de dois ou três andares e fachadas corroídas pela umidade. Esse mundo fervilha permanentemente e é preciso enxotar homens e vacas, chutar cachorros e se afastar cautelosamente dos macacos, para circular por ali e avançar entre odores de excremento, de temperos, de leite, de fritura e a cacofonia dos alto-falantes públicos que competem com as litanias hindus e as canções de filmes hindi. É uma Cafarnaum na orla do Ganges, no século 20. A reconstituição de uma cidade da Antiguidade. Uma Disneylândia sem Mickey, onde é preciso usar botas de cano longo e se abrigar sob um bom guarda-chuva para caminhar à vontade. Pois é um paraíso para quem gosta de patinar em bosta de vaca e receber lixo na cabeça. As pessoas esvaziam as latas nas janelas, sem avisar, e as centenas de vacas que fuçam as vielas em busca dessas dádivas de Deus defecam e urinam em todo lugar, tomando o chão escorregadio.

Essa viagem à Antiguidade não me interessa, só faz me incomodar.

E bum! Duas vacas enormes disputam o saco de lixo que uma mulher acaba de jogar de sua varanda. E bum! O choque é violento. Eu me afasto. Em Benares é comum as vacas brigarem, e sei que seus movimentos são perigosos. Sorrio. O hindu considera a vaca sua mãe, ele a venera como um ser divino. Os mais religiosos tocam em cada uma com que cruzam, em

sinal de reverência. "A vaca representa a mãe do universo e é um ideal para todos aqueles que são doces, puros, desinteressados e inocentes." Esta frase do santo Swami Ramdas ficou gravada em minha memória e me diverte quando vejo as duas vacas brigando. Primo: os hindus deviam ter escolhido o coelho para simbolizar a doçura e a fecundidade, se era isso que queriam realmente. Secundo: alimentar as vacas com lixo é uma dieta muito esquisita para se oferecer à mãe ou a um deus. Esses bovinos errantes não são selvagens. Não mesmo. Seus proprietários acham que a rua é um pasto. Eles as soltam de propósito, para que se alimentem por si mesmas dos restos da cidade secreta; à noite, elas voltam para serem ordenhadas no estábulo. Esta é a concepção hindu do amor pelos animais. Não matam a vaca, mas batem nela, exploram e a alimentam com lixo. Sanjay, meu professor de hindi, cujos pais possuem uma pequena fazenda, me contou que deixavam búfalos bebês morrerem de fome, pois mamam demais, e as búfalas continuam a ter leite depois que os bebês morrem. Os criadores poderiam suprimir os búfalos novos excedentes assim que nascessem, evitando um sofrimento inútil. Impossível. Matar é um ato bárbaro.

O respeito hindu pela vida é de uma sofisticação extraordinária. Não matam os animais e não os comem. Mas os subalimentam. Não pescam. Mas esvaziam as latas de lixo nos rios.

Tiram a vida aos poucos, sem nunca matar direto. Tenho vergonha de ser indiano.

Reflito sobre tudo isso e percebo que o exorcismo não surtiu efeito sobre meu mau humor e que continuo com câimbra na barriga. O que fazer?

O que fazer de minha vida?

Chego à Dashashvamedh, faço a sesta e no final da tarde torno a andar ao longo do Ganges. Paro no ghat de Harishchandra, uma das duas margens de Benares onde os mortos são incinerados.

O ar cheira a carne queimada e a sândalo. Dois cadáveres estão sendo queimados diante do rio sagrado, e cachorros erram em volta, na esperança de furtar um pedaço de carne humana assada. As famílias dos mortos - somente os homens - sentam-se no ghat. Esperam a combustão do defunto para jogar os resíduos no Ganges.

Podia contar esse espetáculo detalhadamente e causar arrepios de terror em vocês. Mas não quero. Já estou deprimido demais.

Eu me agacho ao lado de uma família e fumo biri. Não quero ficar só. Uma cremação dura duas horas e fico olhando o corpo que é devorado pelas chamas para desta forma obter a fórmula mágica de Shiva, que o libertará do ciclo de reencarnações.

Há seis semanas sou indiano. Seis semanas apenas. E, no entanto, tenho a impressão de ter vivido anos, até mesmo toda uma vida, como intocável. Toda, porque me sinto um velho. Não espero mais nada e não admito mais lutar nem sofrer. Estou pronto para morrer. Quero morrer, ser libertado do fardo da existência de Ram Munda.

Duas turistas japonesas passam diante da fogueira. Param para olhar, são graciosas e me lembram Gloire, minha mulher chinesa. Seu corpo, seus beijos, seu amor sincero, sua dedicação absoluta. Ela me espera e deve estar preocupada. A imagem de Gloire desperta meu desejo de viver. Eu a amo mais que tudo.

Não estará na hora de voltar a ser Marc Boulet? Morrer como indiano para renascer europeu? Acho que me tornei muito agressivo e parcial para continuar o estudo da sociedade indiana.

Neste ponto de minha reflexão, o homem de camisa e calça ao meu lado me pede fósforos. Depois enceta uma conversa e eu aceito, isso me distrai. Tem uns 30 anos e usa um bigode espesso, que lhe dá um ar bonachão. Veio ver seu tio queimar. Conto minha história de sempre e ele me diz que também é um filho de Deus. Nada de extraordinário. Um em quatro indianos é intocável. Falamos da reencarnação; acredita que a alma de seu tio está subindo ao paraíso agora, diante de nós, porque a cremação acontece em Benares. Pergunto, mesmo sabendo a resposta:

- É válida também para nós, filhos de Deus?

- Por que não? Somos filhos de Deus, mas somos homens. São as outras castas que nos desprezam, que nos tratam como cachorros e nos exploram. Deus não quis que nossa posição fosse tão baixa.

- Acha?

- Claro... Mas é verdade que praticamos costumes sujos. E precisamos abandoná-los para ocupar um lugar decente.

- Quais são? - pergunto, intrigado.

- Eu, por exemplo, deixei de comer carne, não bebo álcool e rezo de manhã e à noite no templo.

- E então?

- Bem, assim, quando reencarnar, não virei como um filho de Deus. Eu me calo. Ele faz o jogo infame dos brâmanes. "Abaixe a cabeça hoje e será rico e puro em outra vida!" Que estupidez! Não entendo como se pode cair nesse tipo de conversa. Além do mais, a rejeição de sua identidade de intocável é a pior das colaborações com o inimigo escravagista, e tenho certeza de que ele nem se dá conta. Sua ingenuidade, sua beatice me desesperam. Eu faço uma cara meio indefinida e penso: "Irmão, você tem tantas chances de reencarnar como brâmane quanto eu de me tornar rei da França."

Termino o biri em silêncio, despeço-me dele e volto a Dashashvamedh.

6 de dezembro

Hesito em deixar a pele de Ram Munda. Sei que se o fizer nunca mais voltarei a ser indiano. Não terei forças. Meu retorno será definitivo e quero estar certo de ter cumprido minha missão antes de me decidir.

Passo o dia todo pensando nisso. Almoço no templo de Baba Khichari, depois ando na orla do Ganges e faço a sesta em uma margem tranqüila, acima de Dashashvamedh. Exausto, durmo a sono solto, como se nunca tivesse dormido antes. Quando acordo, no fim da tarde, a decisão se impõe por si mesma.

Durante o sono, foi decretado o toque de recolher em Benares, por tempo indeterminado. Nos ghat, curiosamente vazios, os raros passantes só falam disso. Estão contentes, pois os hindus acabam de destruir a mesquita Babri, em Ayodhya. Um dia histórico, segundo eles, que mostra aos muçulmanos quem manda na Índia. O toque de recolher foi decretado para evitar as

represálias dos muçulmanos.

Há exatamente uma semana visitei a mesquita Babri. Hoje ela não passa de um monte de cascalhos. Além disso, dizem que a polícia não defendeu o edifício e que os extremistas hindus conseguiram demoli-lo em poucas horas. Inacreditável. Uma atmosfera de guerra civil domina o país. Vou para Godhulia para saber mais. A cidade está deserta e todas as lojas estão fechadas. Mesmo as tendas de cigarros. Um bando de cães de cáqui monta guarda na via pública e expulsa os civis que por ali se aventuram. Um deles me ameaça com um cassetete, no começo da rua Dashashvamedh, e corro para um recanto na orla do Ganges. Percebo que minha aventura terminou. Onde vou comer, se o toque de recolher durar um mês, como disseram? Além do mais, se é proibido sair de casa, como os vagabundos como eu vão viver? A situação me parece perigosa. Tenho medo e sei que minha mulher deve estar muito preocupada com minha segurança nesta cidade em estado de guerra civil. Devo voltar para casa, pelo menos por ela. Encerrar esta metamorfose que a atormenta e lhe tira o sono há seis semanas.

Espero que a noite envolva Benares. Depois, ao luar, percorro a margem escura do Ganges, para evitar as patrulhas de policiais, e volto para a Ravindrapuri. Para casa.

Acabou.

Estou em casa. Ao abrir a porta, Gloire me abraça e chora. Que felicidade apertá-la em meus braços depois de tanta provação! Digo-lhe que terminou tudo. Ela suspira aliviada e me abraça de novo. Ela me olha como se eu fosse um fantasma. Louca de inquietação, chegou a me escrever durante minha ausência, imaginando que falava comigo. Ela me mostra a carta e eu leio:

“Meu querido!

Onde está? Está me ouvindo? Volte, querido!

Só temos uma vida e você a arrisca por um livro. Não vale a pena. Perco a cabeça de tanta preocupação e não durmo. É um inferno viver sem sua companhia. Não quero mais esse tipo de aventura.

Rico ou pobre, famoso ou desconhecido, só quero ficar perto de você. Nossas ambições vão nos perder.

Não devemos mais cair na armadilha, pois nunca estaremos satisfeitos. A febre do sucesso é assim: nunca temos o bastante e, além disso, ela é cada vez mais intensa. Nosso amor nos basta para sermos felizes.

Sem você não consigo dormir. Estou ficando maluca. Você é minha única razão de viver. E se você desaparecer... Tenho tanto medo. Eu sou sua!

Eu o amo! Eu o amo! Eu o amo!"

Essas linhas me confundem. Ela me ama tanto. Fico com os olhos úmidos. Não me arrependo de nada, mas esta noite recuso-me a pensar em minha aventura no mundo desumano das castas. Quero apagar o mais rápido possível todos os vestígios da metamorfose em intocável. Representa muito sofrimento, inspira náusea. Tiro a roupa e Gloire corta meu cabelo. Depois me barbeio, tomo um banho e me esfrego com uma luva de crina. Limpo a tintura, raspo todo o nitrato de prata da pele. Isso me machuca, mas uma doce beatitude me invade aos poucos. Tenho a impressão de estar lavando todas as humilhações das seis últimas semanas.

Voltar a ser Marc Boulet. Renascer como um homem.

6 de janeiro de 1993

Passou um mês desde o fim de minha metamorfose, e nesta manhã um Boeing 747, da Air France, me leva a Paris.

Durante a semana seguinte à demolição da mesquita de Ayodhya, os conflitos hindu-muçulmanos foram os mais violentos desde a divisão da Índia, em 1947. Foram mais de 1.000 mortos, dos quais 20 em Benares. Quanto a mim, de novo branco e estrangeiro, fui tratado como tal. Na rua me disseram umas mil vezes "Olá!", ficaram atrás de mim para vender suas bugigangas, me chamaram de tudo que é nome, me extorquiram, se mostraram de um servilismo exagerado.

Na realidade, nada de especial.

6 de janeiro de 1993, oito horas, retorno a casa.

Retorno ao apartamento de Strasbourg-Saint-Denis, com que eu sonhava, deprimido, ao atravessar a passarela da estação de Benares.

Amanhece e o frio me gela o sangue. Moramos no quarto andar e subo os degraus de quatro em quatro. Mas... uma surpresa. Vejo em meu patamar dois vagabundos que se refugiaram sob uma coberta; estão aquecidos. Eles me olham inquietos, os olhos suplicantes, e de repente o filme de minha metamorfose desfila na minha cabeça. Revejo os sofrimentos e as humilhações que suportei. Peço a eles licença para passar com as malas, não os enxoto, nem resmungo, e entro em casa.

É a primeira vez que vagabundos acampam à minha porta. Estranho, há um ano, antes desta aventura, acho que os teria mandado embora.

Percebo que Ram Munda ainda está vivo em mim.